

MESTRADO EM HISTÓRIA E PATRIMÓNIO
RAMO MEDIAÇÃO PATRIMONIAL

***Sair da Sombra...* nos passos de Ana Augusta Plácido (1831-1895)**

Mariana Raquel Faria da Silva

M

2022



Mariana Raquel Faria da Silva

***Sair da Sombra...* nos passos de Ana Augusta
Plácido (1831-1895)**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Património, orientada pela
Professora Doutora Inês Amorim

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2022

Mariana Raquel Faria da Silva

***Sair da Sombra...* nos passos de Ana Augusta Plácido (1831-1895), uma Mulher de Letras**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Património orientada pela Professora Doutora Inês Amorim

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

Aos meus pais.

Às minhas avós.

E à memória dos meus avôs.

Sumário

Declaração de honra.....	11
Agradecimentos	12
Resumo	13
Abstract	13
Lista de abreviaturas e siglas	15
Índice de figuras	16
Introdução	21
1. Justificação e objetivos	21
2. Revisão crítica de fontes de informação	24
2.1. Pesquisa bibliográfica	24
2.2. Fontes documentais	29
3. Metodologia de tratamento da informação.....	32
Capítulo 1: Os Primeiros Anos (1831-1850)	35
1.1. As origens, o núcleo familiar e as redes de convivialidade	35
1.2. Primeiras moradas.....	37
1.3. Educação.....	39
1.4. Para lá do círculo familiar	41
Capítulo 2: O Primeiro Casamento (1850-1858) – um casamento de conveniência ...	43
2.1. O património do casal	46
2.2. Desastres na família Plácido ou como um casamento foi bem (in) conveniente	48
2.2.1. Morte de uma irmã - Maria Amália Plácido	49
2.2.2. O naufrágio do vapor <i>Porto</i> - entrar na família da “Ferreirinha” e a morte do pai	49
2.2.3. A morte da mãe - 1855.....	50
2.2.4. Os irmãos a cargo de Ana Augusta Plácido	51

2.2.5. A morte da irmã, Jerónima Adelaide Plácido, 1856.....	52
2.3. O nascimento do filho Manuel Augusto e a perda de uma irmã, 1858	53
2.4. Os circuitos de sociabilidade depois do casamento.....	55
Capítulo 3: Um “novo” ciclo – (de) encontros com Camilo Castelo Branco (1858-1859)	
.....	57
3.1. Ana conhece Camilo	57
3.2. Da discrição ao escândalo	60
3.3. Vida em conjunto – roturas e (in)decisões.....	63
3.3.1. Lisboa/Braga/Porto/Lisboa	63
3.4. A primeira publicação de Ana Augusta	70
Capítulo 4: <i>Nas Trevas de um Cárcere: A Cadeia da Relação</i> (1860-1861)	72
4.1. Prisão de Ana, fuga e prisão de Camilo	72
4.2. A força dos escritos e das publicações de Ana	75
4.3. Um julgamento (público) de acusações e o benefício das visitas de D. Pedro V	79
Capítulo 5: Em liberdade... (re) conquistar a vida (1861-1863)	83
5.1. Acusada em liberdade – novamente recolhida – novamente entregue a si própria	83
5.2. Produzir (literatura) para viver	85
5.3. Novamente mãe – o filho Jorge Camilo – viúva e refém de ciúmes	86
5.4. Reivindicar uma identidade – rever uma vida por escrito	90
Capítulo 6: Criar raízes em S. Miguel de Seide – as segundas gerações.....	92
6.1. O terceiro filho, Nuno Plácido – uma família completa	93
6.2. Fortalecimento da rede de relações – visitas memoráveis: António Feliciano de Castilho e o Imperador	95
6.3. Uma família como as outras – a formação dos filhos	95

6.4 A morte de entes queridos.....	96
6.5. Os amores e a tragédia do filho Nuno – o rapto, o casamento e a morte.....	99
6.6. Escrever sempre, mesmo que sob diferentes formas.....	102
Capítulo 7: Os últimos anos de vida (1884-1895)	105
7.1. “Finalmente ...” Viscondessa de Correia Botelho.....	105
7.2. Os “seus” doentes e dependentes – os filhos e netos	107
7.3. Cuidar de Camilo – “sinistra saudade”	111
7.6. Esquecer-se de si própria – a doença física e a perda de Camilo.....	118
7.7. Viuvez e morte ou a “trituração da alma”	120
Capítulo 8 – Seguir e (re) viver os passos.....	126
8.1. Estruturação do projeto	126
8.2. O(s) local(ais) e os recursos patrimoniais.....	128
8.2.1. S. Miguel de Seide: Casa Museu.....	128
8.1.2. Cadeia da Relação e Centro Português de Fotografia.....	130
8.3. Narrativa	132
8.3.1. Primeiro módulo - Os Primeiros Anos (1831-1850)	132
8.3.2. Segundo módulo - “ <i>Vejo-me vestida de branco, envolvida no véu da desposada</i> ”: um casamento de conveniência (1850-1858).....	134
8.3.3. Terceiro módulo – <i>A felicidade não é uma só palavra</i> : Camilo Castelo Branco (1858-1859).....	136
8.3.4. Quarto módulo: Mudam-se estas paredes, mudam-se os ferros: a Cadeia da Relação	137
8.3.5. Quinto módulo: Em liberdade... (re) conquistar a vida (1861-1863)... ..	138
8.3.6. Sexto módulo – Criar raízes em S. Miguel de Seide	139
8.3.7. Sétimo módulo: Últimos Anos.....	140
8.3.8. Oitavo módulo: <i>Imensa saudade</i>	141
8.3.9. Nono módulo: epílogo ou fim de uma exposição	143
Considerações Finais	145
Referências Bibliográficas.....	149
Anexos	158

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Ermesinde, setembro de 2022

Mariana Raquel Faria da Silva

Agradecimentos

Aos meus pais, António e Filomena, pelo apoio e amor incondicional e por me demonstrarem, todos os dias, que serão sempre o meu porto seguro.

Às minhas avós, Adelaide e Conceição, pelo amor e carinho que sempre me dedicaram e pelos ensinamentos que me transmitiram.

Aos meus amigos, António, Bruno e Rui, pela amizade, pela presença constante, pela compreensão e paciência.

À Professora Doutora Inês Amorim, pela dedicação, pelo cuidado e pelo apoio sempre demonstrados ao longo deste percurso.

Aos professores da Licenciatura e Mestrado, pelos ensinamentos e pelo exemplo.

À Casa de Camilo, por tão bem me ter recebido e por preservar a memória de Ana Augusta Plácido.

A todos aqueles que tornaram possível a concretização desta dissertação.

Resumo

Este estudo pretende seguir o percurso de vida de uma mulher. Seguimos-lhe os passos, literalmente, do nascimento à sua morte, casa a casa, rua a rua. Não se trata de uma mulher qualquer, embora possa representar a vida de muitas outras, na sombra da clandestinidade. Pretende-se dar a conhecer a História de vida de Ana Augusta Vieira Plácido, senhora portuense do século XIX, cuja figura ficou ligada à história de amor que partilhou com Camilo Castelo Branco. Por isso, surge, frequentemente, à sombra do escritor. Sair dessa sombra foi o percurso que exigiu a reconstituição factual e interpretativa de uma relação com muitos. Observa-se que Ana Augusta Plácido foi mais do que apenas a amante, a esposa do romancista. Foi escritora, mãe, cuidadora, filha, mulher e senhora da sua própria vida. Escreveu, publicou, provocatoriamente editou temas que a projetaram para lá das grades da prisão e de uma vida formatada que lhe destinaram. Foi precisamente para a tirar da sombra, onde há tantos anos se encontra, dando uma nova luz sobre as muitas facetas em que se distinguiu, que realizamos este trabalho. Toda esta reconstituição conduziu a um processo de mediação organizado em eixos temáticos e cronológicos que expõem os lugares, os momentos e as pessoas com quem lidou. Foi para a compreender melhor que idealizamos uma exposição que conte a sua história e partilhe o seu legado, percorrendo os grandes momentos da sua vida até a conduzir a S. Miguel de Seide, o lugar que dela fez a verdadeira Senhora da Casa de Camilo.

Palavras-chave: Ana Plácido, Família, Literatura, Mulher, S. Miguel de Seide

Abstract

This study aims to follow a woman's life path. We follow in her footsteps, literally, from birth to death, house to house, street to street. She is not just any woman, though she can represent the lives of many others in the shadow of underground. It is intended to make known the life story of Ana Augusta Vieira Plácido, a portuguese lady of the nineteenth century, whose figure was linked to the love story she shared with Camilo Castelo Branco. Therefore, she often appears in the shadow of the writer. Coming out of this shadow was the path that required the factual and interpretative reconstitution of a relationship with many. It is observed that Ana Augusta Plácido was more than just the lover, the wife of the novelist. She was a writer, mother, caretaker, daughter, wife and lady of her own life. She wrote, published, provocatively edited themes that designed her beyond the prison bars and a formatted life that was intended for her. It was precisely to remove her from the shadow, where she has been for so many years, shedding a new light on the many facets in which she distinguished herself, that we have done this work. All this reconstitution led to a mediation process organized in thematic and chronological axes that expose the places, moments and people with whom he dealt. We created an exhibition that tells her story and shares her legacy, covering the great moments of her life until leading her to S. Miguel de Seide, the place that made her the true Lady of Casa de Camilo.

Key-words: Ana Plácido, Family, Literature, Woman, S. Miguel de Seide

Lista de abreviaturas e siglas

FLUP FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
ADPRT ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO
AMP (CI) ARQUIVO MUNICIPAL DO PORTO (CASA DO INFANTE)
UM – ADB UNIVERSIDADE DO MINHO – ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA

Índice de figuras

Figura 1 – Ana Augusta Plácido, sem data; retrato existente na Casa de Camilo.....	163
Figura 2 – Registo de batismo de Ana Augusta Plácido	164
Figura 3 – Igreja de Santo Ildefonso	164
Figura 4 – Interior da Igreja de Santo Ildefonso	165
Figura 5 – Praça Nova; sem data	165
Figura 6 – Rua do Almada, Porto (atualmente).....	166
Figura 7 – Manuel Pinheiro Alves	167
Figura 8 – Quinta de Villar d’ Allen.....	167
Figura 9 – Registo de casamento de Ana Augusta Plácido e Manuel Pinheiro Alves ..	168
Figura 10 – Escritura de dote.....	169
Figura 11 – Registo de batismo de Manuel Augusto.....	170
Figura 12 – Jazigo da família Plácido, no cemitério da Lapa	171
Figura 13 – Camilo Castelo Branco	172
Figura 14 – Bom Jesus do Monte	172
Figura 15 – Cadeia da Relação.....	173
Figura 16 – Interior do Centro Português de Fotografia (antiga Cadeia da Relação) ..	173
Figura 17 – Cella de Camilo Castelo Branco, na Cadeia da Relação.....	174
Figura 18 – Antigo Tribunal da Relação, atualmente	176
Figura 19 – Processo.....	177
Figura 20 – Ana Plácido, Camilo Castelo Branco e o filho, Manuel Augusto Plácido...	178
Figura 21 – Recolhimento de S. Cristóvão, Lisboa.....	179
Figura 22 – Sepultura de Manuel Pinheiro Alves	179
Figura 23 – Registos de batismo de Jorge e Nuno.....	180
Figura 24 – Igreja da Vitória	181
Figura 25 – Interior da Igreja da Vitória	182
Figura 26 – Manuel Augusto Plácido	183
Figura 27 — Hotel Mary & Castro	183

Figura 28 – Jorge Camilo Castelo Branco, retrato existente na Casa Museu de Camilo	184
Figura 29 – Nuno Plácido Castelo Branco, retrato existente na Casa Museu de Camilo	184
Figura 30 – Ana Augusta e os três filhos.....	185
Figura 31 – Registo de casamento de Ana Augusta Plácido e Camilo Castelo Branco.	186
Figura 32 – Casa onde Ana Augusta Plácido e Camilo casaram	188
Figura 33 – Jorge Castelo Branco.....	189
Figura 34 – Hospital de Conde Ferreira	190
Figura 35 – Nuno Plácido Castelo Branco.....	191
Figura 36 – Maria Isabel da Costa Macedo, retrato existnde na Casa Museu de S. Miguel de Seide	192
Figura 37 – Ana Rosa Correia.....	193
Figura 38 – Flora Augusta Castelo Branco	193
Figura 39 – Raquel Castelo Branco	194
Figura 40 – Manuel Correia Botelho Castelo Branco, neto de Ana Plácido e Camilo..	194
Figura 41 – Nuno Castelo Branco, neto de Ana Plácido e Camilo Castelo Branco.....	195
Figura 42 – Sepultura de Camilo Castelo Branco, no Cemitério da Lapa	195
Figura 43 – Bernardina Amélia	196
Figura 44 – Ana Augusta Plácido	197
Figura 45 – Ana Augusta Plácido	198
Figura 46 – Camilo e Ana Augusta Plácido	199
Figura 47 – Jazigo de família de Ana Augusta Plácido, no cemitério de S. Miguel de Seide	200
Figura 48 – Casa-Museu de Camilo, em S. Miguel de Seide.....	201
Figura 49 – Obelisco em homenagem à visita de António Feliciano de Castilho, S. Miguel de Seide.....	202
Figura 50 – Sala de trabalho de Ana Plácido, na Casa de S. Miguel de Seide	203
Figura 51 – Sala de trabalho de Ana Plácido, na Casa de S. Miguel de Seide	204
Figura 52 – Estante na sala de trabalho de Ana Plácido, S. Miguel de Seide.....	205

Figura 53 – Retrato de George Sand, na sala de trabalho de Ana Plácido.....	206
Figura 54 – Quarto de Ana Plácido e Camilo; cama de Ana Plácido, em S. Miguel de Seide	207
Figura 55 – Quarto de Ana Plácido, em S. Miguel de Seide	208
Figura 56 – Quarto de Ana Plácido, em S. Miguel de Seide	209
Figura 57 – Quarto de Ana Plácido, em S. Miguel de Seide	210
Figura 58 – Retratos no quarto de Ana Plácido (seriam os pais?).....	211
Figura 59 – Escritório em S. Miguel de Seide. A secretária é dupla, permitindo que duas pessoas (Camilo e Ana Plácido) trabalhem em simultâneo).....	212
Figura 60 – Quarto de Ana Plácido e Camilo; cama de Camilo, em S. Miguel de Seide	213
Figura 61 – Sala de visitas onde Camilo se suicidou, em S. Miguel de Seide; nas paredes, os retratos dos três filhos Manuel, Jorge e Nuno	214
Figura 62 – Piano de Ana Plácido, na sala de visitas. Retrato de Manuel Augusto Plácido	215
Figura 63 – Quarto de Jorge, em S. Miguel de Seide.....	216
Figura 64 – Flauta e desenhos do Jorge	217
Figura 65 – Quarto do Nuno	218
Figura 66 – Cozinha na Casa de S. Miguel de Seide	219
Figura 67 – Sala de jantar na Casa de S. Miguel de Seide	220
Figura 68 – Sala de banho, em S. Miguel de Seide.....	221
Figura 69 – Mirante de Ana Plácido, em S. Miguel de Seide.....	222
Figura 70 – Mirante de Ana Plácido, em S. Miguel de Seide.....	223
Figura 71 – Acácia do Jorge	224
Figura 72 – Tinteiro de Ana Plácido.....	225
Figura 73 – Retrato dos filhos na sala de trabalho de Ana Plácido	226
Figura 74 – Luvas que pertenceram a Ana Plácido.....	227
Figura 75 – Botinas e sombrinha de Ana Plácido	227
Figura 76 – Reprodução do álbum de família de Ana Plácido.....	228
Figura 77 – Nuno Plácido Castelo Branco com um dos filhos	229

Figura 78 – Retratos de Manuel Plácido e Jorge Castelo Branco	230
Figura 79 – Retratos de Manuel Plácido e Jorge Castelo Branco	231
Figura 80 – Retratos de Manuel Augusto Plácido, Jorge Castelo Branco, Ana Augusta Plácido e Camilo Castelo Branco	232
Figura 81 – Jorge Castelo Branco	233
Figura 82 – Camilo Castelo Branco	234
Figura 83 – Retratos dos três filhos de Ana Plácido, em crianças	235
Figura 84 – Camilo Castelo Branco	236
Figura 85 – Manuel Augusto com amigos da família, cuja identidade não conseguimos definir	237
Figura 86 – José Cardoso Vieira de Castro e a esposa	238
Figura 87 – Retratos de Ana Plácido na Casa de Camilo	239
Figura 88 – Paisagem da janela do quarto de Ana Plácido	240
Figura 89 – Entrada da Casa de S. Miguel de Seide	241
Figura 90 – Traseiras da casa de S. Miguel de Seide	242
Figura 91 – Jardim da Casa de S. Miguel de Seide	243
Figura 92 – António Bernardo Ferreira	244
Figura 93 – António Azevedo Castelo Branco, sobrinho de Camilo Castelo Branco	244
Figura 94 – António Feliciano de Castilho	244
Figura 95 – António Ferreira de Macedo Pinto, amigo de Pinheiro Alves	245
Figura 96 – Custódio José Vieira, padrinho de Nuno Plácido Castelo Branco	245
Figura 97 – Evaristo Basto, amigo de Camilo Castelo Branco	245
Figura 98 – Francisco de Paula da Silva Pereira, intermediário entre Pinheiro Alves, Ana Plácido e Camilo	246
Figura 99 – Freitas Fortuna, amigo de Camilo e Ana Plácido	246
Figura 100 – José Barbosa e Silva, amigo de Camilo e Ana Plácido	246
Figura 101 – José Luciano de Castro, testemunha no processo de Camilo e Ana Plácido	247
Figura 102 – José Pereira Reis, amigo de Pinheiro Alves	247

Figura 103 – Júlio César Machado, amigo de Camilo e autor do prefácio de Luz Coadá por Ferros, de Ana Plácido	247
Figura 104 – Luís António Pereira da Silva, amigo de Pinheiro Alves	248
Figura 105 – Ricardo Jorge	248
Figura 106 – Tomás Ribeiro	249
Figura 107 – Retratos que fazem parte do álbum, mas cuja identidade não conseguimos definir	250

Introdução

Numa visita à “Casa de Camilo” (Camilo Castelo Branco), em S. Miguel de Seide, e ao seu Centro de Estudos, empenhada na preservação e valorização do património cultural relacionado com o romancista e escritor, a figura de Ana Augusta Plácido surge como a amante, esposa, companheira, não esquecida mas na sua penumbra. E, no entanto, a casa era de Ana, herdou-a do seu marido, nela viveu e a administrou, nela morreu.

Esta é a pedra de toque para um percurso de investigação que pretende reunir conteúdos, informação aprofundada acerca de Ana Plácido, seguir os seus passos e etapas de vida, do nascimento à sua morte. Depois divulgá-los através de um processo de mediação patrimonial, ou seja – comunicar com o (s) público (s), propondo percursos e paragens em torno de pontos chave da vida e da obra de Ana Augusta Plácido. *Sair da Sombra* de Camilo e de muitos outros silêncios que ignoram a mulher nas suas diferentes dimensões, é o objetivo final. Procuraremos seguir e dá-la a conhecer, reunindo e diversificando a informação, dando-lhe forma e entendimento, reconstituindo o seu rasto, mesmo que saibamos que poderá estar incompleto, estará sempre incompleto... Vale (valeu) a pena esta viagem. Fica o convite para seguirem connosco...

1. Justificação e objetivos

A presente dissertação de mestrado em História e Património, ramo Mediação Patrimonial, tem como objetivo reconstituir o percurso de vida de Ana Augusta Vieira Plácido (1831-1895), menos observada como escritora portuguesa do século XIX do que como a mulher do romancista Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco (1825-1891) e encontrar estratégias de divulgação e aproximação às diferentes facetas de uma figura que nos parece central como chave interpretativa de uma época, ou por a representar no seu todo ou por se ter tornado uma exceção ao seu tempo.

O título atribuído a este estudo e projeto de mediação, “*Sair da Sombra...* nos passos de Ana Augusta Plácido, (1831-1895)”, traduz o propósito - queremos resgatar a figura apagada, tantas vezes esquecida, colocada à sombra de Camilo Castelo Branco. Escritora, mãe, cuidadora, companheira, esposa, ... Ana Augusta Plácido teve todas estas

facetas, as quais pretendemos reconstituir para as dar a conhecer, através, fundamentalmente, de uma proposta de exposição itinerante. Mas o retrato é muito mais dinâmico, porque pode ter sido tudo isto e muito mais, à vez ou em simultâneo naquela mulher.

“Sair da sombra” é também uma referência ao próprio património literário legado por Ana Augusta Plácido, uma vez que os títulos de algumas das suas obras, como *Horas de Luz nas Trevas de um Cárcere*, *Martírios Obscuros* e *Luz Coada por Ferros* remetem para os conceitos de “luz” por oposição a “escuridão” e “sombra” (trevas, obscuridade, são palavras chave nos títulos apontados).

“Nos passos de Ana Augusta Plácido” indica que pretendemos recriar a sua História de vida, seguindo os seus passos e conhecendo o seu percurso de vida e dando-lhe luz.

A escolha deste tema prendeu-se com um interesse pessoal. Ao ler várias obras de Camilo Castelo Branco, procurou-se saber mais sobre a vida do autor de *Amor de Perdição*. E, assim, cruzei-me com a figura de Ana Augusta Plácido, pois foi-me impossível separar um nome do outro. As questões surgiram: quem foi esta mulher que teve a coragem de contrariar os cânones matrimoniais, ao abandonar o lar conjugal e viver longos anos fora da legitimidade? E já viúva do casamento legítimo recusar ou adiar o casamento com Camilo? Contingências? Afetos? Amor? Paixão? Lutou contra a sociedade da época em que viveu? Seria Ana Augusta uma mulher fora do seu tempo? Qual o papel que desempenhou na vida de Camilo? Que vida teve para lá da relação com Camilo? Como escritora, a multiplicidade de publicações e colaborações editoriais colocam novas questões: qual foi a sua formação académica? Ou círculos culturais? Que obras literárias produziu e quais publicou?

Tornou-se óbvio, através de dados compulsados, que as respostas não seriam fáceis, sobretudo porque o valor que ela e outros atribuíram à sua produção literária sugere, frequentemente, associada a uma certa proteção de Camilo, como veremos. Que património legou? Ou quis legar? Ela própria teve a vontade clara de deixar memória(s) que passassem do seu domínio privado para o público?

Responder a estas questões é uma forma de conhecermos e darmos a conhecer a sua vida. Por isso, estas e outras são as questões a que procuramos responder, pelo que o presente trabalho procura reunir elementos que suportem um processo de mediação, no sentido de valorização de uma figura que consideramos desconhecida ou na sombra. Dar luz, projetar luz, significa transpor para o espaço público “um conjunto de símbolos”, não pela sua autenticidade, embora nos aproximemos, o mais possível, de dados criticamente recolhidos, nem tanto pela sua antiguidade, “ancestralidade, não pela sua genialidade, mas antes pelo facto de pertencerem a uma «externalidade cultural» que se radica, não [apenas] no passado, mas [também] no presente e que se projecta para o futuro” (Peralta e Anico, 2006: 6). Ou seja, porque hoje, o estudo da presença das mulheres, das suas funções, ativa a procura de visibilidades, e/ou dar-lhes presença e significado, sendo Ana Plácido o centro desta abordagem e perspetiva.

Consideramos que seguir o percurso de Ana Plácido não se pode resumir ao conjunto de bens que lhe estão associados na Casa-Museu de Camilo, que, diríamos, numa conceção museológica, são bens patrimoniais, valorizados e exibidos. Nesta exibição, estão reunidos objetos pessoais, como as luvas, botinas e sombrinha, correspondência, manuscritos e fotografias, até às suas obras publicadas. Mas ela era a Senhora, era dela a casa, e, no entanto, o local é conhecido por ter sido a morada de Camilo Castelo Branco, não obstante Ana Plácido ter sido, verdadeiramente, a sua administradora, nela morrer e se encontrar sepultada no cemitério local.

Não temos dúvidas que S. Miguel de Seide beneficiaria com a ampliação da figura, da vida, dos gestos de Ana Plácido. Assim, investir na divulgação da Casa de Seide contaria com a influência de dois escritores portugueses, um casal que partilha uma história comum. Mas consideramos que o acompanhamento da vida de Ana em vários espaços, saindo de Seide, numa georeferenciação do seu percurso, permitirá contar uma história que suporta o que, verdadeiramente, deve ser uma exposição – contar uma história, criar pontes com os que a visitam e querem compreender, no tempo e no espaço de cada tempo.

Numa primeira parte, dedicada à História (contextos) e à pessoa (percurso orgânico, geracional), fizemos a investigação que nos permitiu apresentar a biografia de

Ana Augusta Plácido. Os objetivos são: dar a conhecer a figura de Ana enquanto mulher e enquanto escritora na centúria de Oitocentos, compreender o seu papel enquanto companheira, mãe e profissional, perceber a sua formação, conhecer a sua produção literária, avaliar a sua influência na obra de Camilo Castelo Branco e mapear espaços físicos, familiares, de amizade e culturais por onde Ana Augusta Plácido se movia.

Além disto, procura-se documentar, encontrar provas, recolher os traços materiais e imateriais da sua passagem e construir conteúdos que alimentarão uma exposição e/ou roteiros sobre o percurso de Ana Augusta Plácido, essenciais para a segunda parte da nossa dissertação, potenciar os recursos encontrados, dar sentido ao termo Património, ou seja, o valor que se atribui a alguém que representa não mais e apenas um percurso pessoal, privado, mas social e coletivo.

Depois, será elaborada uma proposta de exposição itinerante, duplamente considerada. Por um lado, porque assume vários pólos expositivos, de acordo com os locais que fizeram parte da sua vida, como o Porto, de onde Ana Plácido era natural e porque obedece à escrita de um guião que poderá servir de base a painéis que circulem por escolas (público escolar) e estimulem a observação de uma vida que existiu para lá da palavra “forte”, tantas vezes a que atrai e capta, ainda hoje, o único foco que a tem projetado e, afinal, reduzido a uma única imagem, a de um amor-paixão (de Camilo).

2. Revisão crítica de fontes de informação

Para a realização desta dissertação de mestrado, foi necessário consultar referências bibliográficas e fontes documentais, fundamentais para compreender o percurso de Ana Augusta Plácido. A consulta de fontes, primárias e secundárias, traduziu-se num percurso de investigação de releitura de títulos dedicados a Ana Augusta Plácido, que permitiram localizar correspondência e outra documentação produzida pela própria ou referida por outros, obras produzidas e publicadas pela própria ou de Camilo sobre ela e dados biográficos e sua validação.

2.1. Pesquisa bibliográfica

A procura de publicações que nos permitissem fazer um ponto da situação, além das que já possíamos, iniciou-se com uma pesquisa realizada na própria Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, detentora de um extenso espólio, dado o interesse pelos estudos literários portugueses em vários níveis de graduação.

O percurso seguido foi o de procurar bibliografia de carácter geral, obras gerais sobre o ambiente cultural da vida quotidiana em Portugal e da cidade do Porto, e títulos dedicados à vida e à obra literária de Ana Augusta Plácido.

Entre a bibliografia geral destacamos o *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, da autoria de Alexandre Cabral (1992), compilação da recolha exaustiva e rigorosa de dados sobre Camilo e sobre nomes ligados à vida e obra do romancista, e o *Dicionário do Romantismo Literário Português*, organizado por Helena Carvalhão Buescu (1997), com a colaboração de vários investigadores, e que reúne conceitos ligados ao Romantismo literário português, época em que Ana Augusta Plácido viveu.

Naturalmente as Histórias de Portugal disponíveis são incontornáveis, para compreendermos a conjuntura política, social e económica da época tratada. Mas de grande importância foi a consulta do terceiro volume, de *História da Vida Privada*, dedicado à época contemporânea, por Irene Vaquinhas (obra geral, com destaque para os capítulos de Rui Casão, “Modos de Habitar” (2011: 22-55) e “Em casa: o quotidiano familiar” (2011: 222-252); Maria Antónia Lopes, “As grandes datas da existência: momentos privados e rituais públicos” (2011: 152-193); Susana Serpa Silva, “Sonhos privados/sonhos globais” (2011: 382-426); de Maria Helena Santana e António Apolinário Lourenço, “No leito. Comportamentos sexuais e erotismo” (2011: 254-289); de Irene Vaquinhas, “A família, essa «pátria em miniatura»” (2011: 118-151), “Paixões funestas e prazeres proibidos” (2011) e, em parceria com Maria Alice Pinto Guimarães, “Economia doméstica e governo do lar. Os saberes domésticos e as funções da dona da casa” (2011: 194-221). Além do mais, sobre a vida da mulher na centúria de Oitocentos, consultámos a monografia de Irene Vaquinhas, *Senhoras e Mulheres na sociedade portuguesa do século XIX* (2000).

Recorremos também ao capítulo de Maria Antónia Lopes, “Dominando corpos e consciências em recolhimentos portugueses (séculos XVIII-XIX)”, na obra coordenada

por Laureano Rubio Pérez, Instituciones y centros de reclusión colectiva. Formas y claves de una respuesta social (siglos XVI-XX) (2012).

Ao procurar obras gerais sobre o ambiente cultural e a vida quotidiana no Porto, a obra *Camilo, o Porto e o Douro*, de Gaspar Martins Pereira (2017), apresenta, na primeira parte, “No Porto Romântico, com Camilo”(Pereira, 2017: 15-94), um retrato da cidade portuense da época de Oitocentos. Sobre o Porto, sem referência específica a Ana Plácido, mas ao ambiente em que se movia, a vida da burguesia da Cidade Invicta na época de Oitocentos, sublinhe-se a monografia de Maria Antonieta Cruz, *Os burgueses no Porto na segunda metade do século XIX* (1999), com destaque para o capítulo “Casamento e morte: momentos privilegiados de afirmação e diferença” (Cruz, 1999: 437-468) . Também a obra *Na Rota de Camilo no Porto*, de César Santos Silva (2017), que inclui um roteiro camiliano na cidade, um dicionário camiliano e uma cronologia, fundamentais para conhecer os locais, as redes de sociabilidade e acontecimentos marcantes da vida de Ana Augusta Plácido.

Como viveu, igualmente, em Braga, o artigo *Ana Plácido e Braga*, por Maria Nadalete Faria (1995: 89-104), refere a presença atribulada da nossa biografada na cidade e noutros locais do distrito bracarense.

Sobre a vida da nossa biografada, consultamos a monografia *Camilo e Ana Plácido: episódios ignorados da célebre paixão romântica*, de Manuel Tavares Teles (2008), na qual o autor apresenta os resultados da investigação exaustiva e da análise rigorosa de documentação que desenvolveu e que lhe permitiram divulgar episódios desconhecidos da relação do casal de escritores.

Também a monografia *Ana Plácido: estudo, cronologia e antologia. A autobiografia como processo genealógico de escrita (narrativa)*, de Fernanda Damas Cabral (1991) , não só estuda e analisa a obra literária da biografada como inclui também uma cronologia, que permite mapear, temporalmente, momentos chave da vida de Ana Augusta Plácido.

Recorremos ainda às atas do colóquio “A mulher na vida e obra de Camilo” (1995), das quais destacamos *Ana Plácido, a “heroína” de Camilo*, por Aníbal Pinto de Castro (1995: 9-34), que reflete sobre a sua personalidade, obra literária e a sua

presença na obra do romancista; *Entre Almas*, de Vítor Wladimiro Ferreira (1995: 53-71), onde, respondendo a várias questões, o autor procura refletir sobre a vida de Ana Augusta Plácido, a sua relação com a família e com Camilo, a formação que recebeu e a sua presença em S. Miguel de Seide; *Sedução e poder argumentativo (A propósito de algumas cartas de Ana Plácido)*, de Maria do Carmo Castelo Branco (1995: 101-112), fundamental para o estudo da sua correspondência; e, finalmente, *Ana Plácido – A Escritora*, por Teresa Ferrer Passos (1995: 193-208), dedicado à sua faceta literária e ao seu papel enquanto escritora. Para percebermos a presença e influência de Ana Augusta Plácido na obra de Camilo Castelo Branco, recorremos, ainda, ao *Dicionário de Personagens da Novela Camiliana*, de Maria de Lourdes A. Ferraz (2002).

A perspetiva apresentada por Conceição Flores, no seu artigo, *Ana Plácido: uma mulher à frente do seu tempo* (2015: 26-32) é uma reflexão sobre a nossa biografada que tece considerações acerca de uma mulher fora do seu tempo, como o título indica. Na linha de uma visão bem focada na vida agitada de Ana, junta-se o capítulo “Uma Ana pouco plácida”, de Paulo Motta Oliveira (2018: 45-55), presente na obra *Narrativas de Mulheres em Língua Portuguesa*, coordenada por Moizeis Sobreira, Fabio Mario da Silva e Ezilda Maciel da Silva (2018).

Embora pareça secundário, a verdade é que a separata das Atas do I Congresso *O Porto Romântico*, “O vapor «Porto» desde a sua entrada festiva na barra do Douro no ano de 1836 até ao seu dramático naufrágio em 1852”, de Lívio Correia (2012), acrescenta pormenores acerca da vida e morte do pai de Ana Augusta.

Usamos também o artigo “Camilo e a crónica de costumes: o caso específico da rubrica de moda na «Gazeta Litterária do Porto»”, de Daniela Esperança Monteiro da Fonseca (Fonseca, 2016:189-198), em *Camilo: o Homem, o Génio e o Tempo* (2016), que fala sobre a perspetiva editorial do casal, responsáveis por um jornal que Ana e Camilo criaram na cidade do Porto.

Pelo facto de ser uma testemunha do tempo em que viveu o casal, a obra *Memórias do Tempo de Camilo. A. A.*, da autoria de Alberto Pimentel (1913), amigo devotado de Camilo, com quem conviveu (Cabral, 1992: 488), dedicada a Ana Augusta

Plácido, tornou-se fundamental, tanto mais que transcreve alguns documentos para conhecer o percurso da escritora.

Contudo, destacamos a obra *Trinta Anos em Seide*, escrita por Raquel Castelo Branco (1925), neta de Ana Augusta Plácido e Camilo Castelo Branco, que publicou inéditos e rascunhos da avó paterna, por os considerar fundamentais para o estudo da sua vida e obra (CASTELO BRANCO, 1925: 44). Neste livro, a neta dos escritores recorda episódios familiares, dedicando um capítulo a cada um dos seus avós e falando sobre o seu tio Jorge, o segundo filho de Ana Augusta Plácido, que sofria de problemas mentais. Inclui a transcrição de diversos documentos, como cartas escritas e recebidas por Ana Augusta e Camilo, textos incompletos da autoria da nossa biografada e a transcrição de *Folhas de um álbum*, uma compilação de reflexões e confissões escritas por Ana Augusta Plácido, nas quais fala sobre momentos chave da sua vida.

Consideramos fundamental ler textos escritos pela própria Ana Plácido, como *Luz Coada por Ferros* (1863), que tem um carácter autobiográfico, e de Camilo Castelo Branco, como *No Bom Jesus do Monte* (1864), *Memórias do Cárcere* (1864), *Ao Anoitecer da Vida* (1874) e “O Tormento da Memória”, em *Cenas Inocentes da Comédia Humana* (1873: 183-194), visto que os escritores parecem relatar, embora de forma romanceada, episódios das suas vidas.

Vimos ainda a obra de Veloso d’Araújo, *Camilo em S. Miguel de Seide* (), que fala da Casa de S. Miguel de Seide, onde hoje se situa a Casa-Museu de Camilo, com um capítulo dedicado a Ana Plácido, e que descreve a presença do romancista nesta localidade, inclui imagens e reproduções e transcrições de cartas de Ana Plácido e dos demais personagens que a envolviam.

Sobre património móvel e imóvel legado por Ana Augusta Plácido e por Camilo Castelo Branco a S. Miguel de Seide, consultamos “A Casa de S. Miguel de Ceide ou Os Limites do Camilianismo” (1979: 67-70), da obra *Camilo: a obra e o homem*, de João Bigotte Chorão (1979).

Finalmente, porque a reflexão sobre os processos de mediação patrimonial exigiam leituras teóricas acerca das teorias e das políticas associadas ao património e a definição de conceitos, recorremos à obra *Patrimónios e Identidades: Ficções*

Contemporâneas (2006), em parceria com Marta Anico, de cuja obra destacamos o artigo “Ativações Turístico-patrimoniais de caráter local”, de Lloranç Prats (2006: 189-199). Ainda, de Josep Ballart, *El Patrimonio Histórico y Arqueológico* (1997); o fundamental livro de Laurajane Smith, *Uses of Heritage* (2006) acerca da ligação entre património institucionalizado e património vivido, entre o material e o imaterial, e o artigo de Michael Pollak, “Memória, Esquecimento, Silêncio” (1989). Para a elaboração de uma exposição vimos, recorremos ao guia de Katia Bordinhão, Lúcia Simão e Maristela dos Santos, intitulado “Caminhos da memória: para fazer uma exposição / pesquisa e elaboração” (2017), embora existam outros documentos que orientam o sentido da proposta de valorização da figura de Ana Plácido, no quadro das exigências atuais de conceder uma maior atenção à diversidade cultural, nomeadamente às formas complementares de saberes entre homens e mulheres¹.

2.2. Fontes documentais

O acesso a fontes primárias permitiu aceder aos rastros de Ana Plácido e da família, da história da sua vida. Por isso, foi fundamental a consulta e estudo de fontes de informação em vários suportes e com diferentes características. A correspondência epistolar que se encontra transcrita e reproduzida em diversas obras foi fundamental.

Assim, consultamos a obra *Via Dolorosa (1859-1860)* (1979), que junta cento e trinta e cinco telegramas trocados entre Camilo Castelo Branco e Ana Augusta Plácido, nos anos de 1859 e 1860, ou seja, desde a entrada desta no Convento da Conceição em Braga até à prisão do romancista, como se irá ver.

Também *Escritos diversos de Camilo* (1979), transcrevem as cartas que o romancista enviou a Ana Augusta Plácido, em 1881 e, também, a Eufrásia Carlota de Sá, em 1859; ao Visconde de Castilho, em 1865 e 1870; Alberto Braga, em 1878; a Silva Pinto, em 1881, a Eduardo da Costa Santos, em 1887 e ao Dr. Edmundo Machado, em 1890, personagens que iremos identificar mais adiante.

¹ Cultural diversity: common heritage, plural identities. Unesco, 2002. Disponível <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127161>. Acesso 12/05/2021.

A *Via Dolorosa* (1979) e *Escritos diversos de Camilo* (1979), de Alberto Pimentel, devotado amigo de Camilo, com quem conviveu (Cabral, 1992: 488), como se verá, têm uma introdução onde são apresentados dados biográficos fundamentais para a elaboração desta dissertação, que nos serviram de base para avançar em novas direções.

A leitura das *Cartas Inéditas de Camilo e de D. Ana Plácido* (Marco, 1933), foi também fundamental, uma vez que inclui cartas que o casal trocou com Adolfo Soares Cardoso, Duarte Gustavo Nogueira Soares, Francisco de Paula da Silva Pereira e Francisco Xavier de Novais, que mais à frente se identificarão, entre 1859 e 1890. As cartas foram publicadas em 1933 pelo Visconde do Marco, filho de Adolfo Soares Cardoso² (Cabral, 1992: 130), de quem as herdou, e sobrinho de Duarte Gustavo Nogueira Soares³ (Cabral, 1992: 615), amigos de Camilo Castelo Branco (Cabral, 1992: 615), e neto de Francisco de Paula da Silva Pereira⁴ (Cabral, 1992: 484-485), amigo de Manuel Pinheiro Alves. A correspondência fala e descreve diferentes momentos e episódios das vidas de Camilo Castelo Branco e de Ana Augusta Plácido, e mostram diferentes pontos de vista das mesmas situações por parte dos diversos intervenientes, cujo cruzamento nos permitiu confirmar episódios ou completar informação.

Recorremos também a *Cartas Inéditas da Segunda Mulher de Camilo Castelo Branco*, com comentários de Afonso de Azevedo Nunes Branco (1916) e cujo produto líquido de venda reverteu para a reconstrução da casa de S. Miguel de Seide (1916: 7). Inclui retratos e cartas que pertenciam ao seu editor, Manuel de Ascensão Espinho, amigo e protegido de Ana Augusta Plácido e Camilo Castelo Branco (Cabral, 1992: 254-255).

² Proprietário, mantinha desde a juventude uma fraternal amizade com Camilo Castelo Branco, que a ele se refere em *Cousas Leves e Pesadas* (Cabral, 1992: 130).

³ Dedidou-se à vida política e colaborou na imprensa, em “O Nacional”, “O Comércio do Porto” e “A Revolução de Setembro”. Amigo de longa data do romancista, que auxiliou nos momentos difíceis, como veremos.

⁴ Com ligações a pessoas influentes do Porto de Oitocentos, foi guarda-livros, negociante, diretor da Companhia de Seguros Garantia e secretário da Associação Comercial do Porto. Foi intermediário entre Manuel Pinheiro Alves, Ana Augusta Plácido, Camilo Castelo Branco e António Bernardo Ferreira. A sua filha Adelaide Augusta da Silva Pereira casou com Adolfo Soares Cardoso, amigo de Camilo, e desse casamento nasceu o Visconde do Marco (Cabral, 1992: 484-485).

Ainda as *Cartas de Camilo a Vieira de Castro (anteriores às publicadas na «Correspondência Epistolar»)*, com prefácio e notas de Júlio Dias da Costa (1931), que publicou cinquenta e cinco cartas, datadas de 1859 a 1866, trocadas entre o romancista e o amigo, descrevendo vários momentos das suas vidas e que eram propriedade do Dr. Luís Vieira de Castro, sobrinho-neto de José Cardoso Vieira de Castro (Cabral, 1992: 165-166), amigo de Ana Augusta e Camilo.

Júlio Dias da Costa prefaciou também *Dois Anos de Agonia. Cartas de Camilo e de Ana Plácido a Freitas Fortuna* (1930) onde foram editadas cento e sessenta e cinco cartas trocadas entre o casal de escritores e o amigo Freitas Fortuna (Cabral, 1992: 281). A maioria das cartas publicadas foi escrita por Ana Augusta Plácido, incluindo duas escritas após a morte de Camilo. Júlio Dias da Costa alerta que reproduziu todas as cartas que lhe foram confiadas e outras que já tinham sido publicadas, no entanto, por terem sido extraviadas ou “propositadamente retiradas”, faltam ainda algumas missivas e por isso, esta obra ficou incompleta (Costa, 1930: 6).

Em *Camilo de Perfil*, de António Cabral (Cabral, 1992: 105), no sétimo capítulo, intitulado “Cartas Inéditas de Camilo”, correspondência publicada com autorização dos netos do romancista (Cabral, 1922: 125-157), há uma carta de 1867 na qual o romancista se refere, de forma breve, a Ana Augusta Plácido e à sua produção literária e que consideramos importante destacar.

As *Cartas Inéditas de Camilo Castelo Branco à filha Bernardina Amélia, ao genro e à neta*, publicadas por Paulo de Passos Figueiras (2002) são fulcrais. Algumas das cartas que aí se publicaram, pertenciam ao espólio da Biblioteca Nacional de Lisboa, e tinham sido adquiridas pelo Ministério da Educação aos herdeiros de Bernardina Amélia Castelo Branco, filha do romancista e primeira proprietária deste acervo. As restantes cartas pertenciam à tetraneta de Camilo, Maria Belém Cerdeiras de Campos Paiva, que as colocou à disposição, pertencendo, por isso, à família Campos Paiva. São quinhentas e duas cartas, escritas entre 1876 e 1888, que abordam episódios íntimos da vida familiar de Ana Augusta Plácido e Camilo Castelo Branco partilhados com a filha e o genro. Inclui também uma carta de Ana Plácido à neta do romancista, que tem sido considerada, erradamente, como uma carta escrita, entre outras, por Camilo.

Vimos também a correspondência publicada em *Cartas de Camilo Castelo Branco*, por Silva Pinto (1895), escritor, jornalista e panfletário que desenvolveu uma relação de amizade com o romancista; em *Camilo e Castilho: Correspondência trocada entre os dois escritores*, com prefácio e notas de João Costa (1924), encarregue de organizar o arquivo do romancista António Feliciano de Castilho, amigo de Camilo Castelo Branco que lhe chamava o seu “mestre” (Cabral, 1992: 160), legado por seu filho à Torre do Tombo (Cabral, 1992: 106), e os dois volumes da *Correspondência epistolar entre José Cardoso Vieira de Castro e Camilo Castelo Branco* (1874), que junta as cartas trocadas entre o romancista e o amigo. A estes juntam-se as *Cem Cartas de Camilo*, com coordenação e anotações de Luís Xavier Barbosa, colecionador de obras literárias do romancista, entre as quais se encontram as cartas que publicou (Barbosa, 1919); as *Cartas de Camilo Castelo Branco*, compiladas e prefaciadas por Cardoso Marta (1918-1923), colecionador de correspondência, inédita ou publicada em jornais, revistas e livros, do romancista (Cardoso, 1918-1923: XVII) e as *Cartas de Camilo Castelo Branco a Tomás Ribeiro*, amigo do romancista, publicadas pela filha do segundo, Branca Gonta Colaço, com autorização da família de Camilo (1922). Todas estas cartas forneceram-nos importantes informações sobre a vida de Ana Augusta Plácido e de Camilo Castelo Branco, sobre o quotidiano, saúde, sentimentos e momentos relevantes na vida do casal de escritores.

Finalmente, a consulta em arquivos públicos foi essencial, nomeadamente, registos paroquiais, como assentos de batismo, casamento e óbito, e registos notariais, como dotes de casamento de modo a confirmar, corrigir e reconstituir a vida de Ana e da família⁵.

3. Metodologia de tratamento da informação

A quantidade de fontes de informação consultadas, de acordo com um método de revisão crítica de fontes publicadas e outras, primárias, depositadas em arquivos ou

⁵ A pesquisa documental realizou-se no Arquivo Distrital do Porto, no Arquivo Municipal do Porto (Casa do Infante), no Arquivo Distrital de Braga e no Arquivo e Biblioteca da Madeira. Os registos paroquiais encontram-se digitalizados e disponíveis *on-line*, enquanto a consulta de registos notariais foi efetuada presencialmente.

que foram impressas (sobretudo correspondência) exigiu que seguissemos uma metodologia adequada, que nos permitisse organizar e filtrar as informações extraídas..

Ao lermos as monografias, artigos, entradas de dicionários, catálogos, etc. procurámos cruzar a informação, certificá-la, ou seja, verificar se os autores se basearam em fontes credíveis, se as referenciavam e localizavam. Confirmamos, depois, as fontes de informação utilizadas comparando-as, verificando como os autores construíram os respetivos textos e sustentaram as suas afirmações.

Na impossibilidade de consultarmos alguns documentos, por não se encontrarem digitalizados ou por nos ser impossível deslocar presencialmente ao arquivo onde se encontravam, tivemos em consideração transcrições presentes na bibliografia atrás indicada, mas comparando outras transcrições com as fontes originais que pudemos estudar, observando o rigor do texto publicado.

Quanto às cartas, tivemos em atenção as datas e o facto de muitos dos episódios nelas descritos terem sido produzidas pelos intervenientes na relação de Ana com Camilo, ou seja, os próprios, amigos, membros do círculo familiar e seus descendentes. Para se tornar eficiente esta consulta, ou seja, para organizar a correspondência emitida por vários, construímos uma tabela *Excel* para recolha e tratamento de informação, tendo como objetivo a sintetização, melhoria e ordenação, facilitando a redação do trabalho final. Assim, as oitocentas e dezassete cartas e telegramas que analisamos foram organizados de forma cronológica, em tabelas, onde constam os seguintes campos: data, remetente (produtor), local (de onde foi remetida), destinatário, local (de destino), assuntos abordados (várias palavras-chave que facilitassem a pesquisa), notas e fonte donde foi tirada (que obra publicada, arquivo, etc.).

Com as informações recolhidas da bibliografia, da correspondência e dos documentos consultados, elaboramos uma cronologia com os momentos chave da vida de Ana Augusta Plácido, apresentada numa tabela *Excel*, com os campos: data, acontecimento (tipo, lugar de ocorrência, envolvidos), idade (da nossa biografada nesse ano) e a fonte de informação. Isto ajudar-nos-á a reconstituir o seu percurso de vida, entre a vida pessoal e biológica (nascimento à morte), redes de sociabilidade, produção literária, elementos base para “descobrir” Ana Augusta Plácido e permitir arquitetar um

guião estruturador de uma exposição e de percursos diacrónicos e sincrónicos. Uma outra tabela *Excel* compilou o património literário legado por Ana Augusta Plácido. Os campos abordados foram: a data de publicação da obra, o título da mesma, a idade que Ana Augusta tinha aquando da publicação, a colaboração (publicações com as quais trabalhou), notas e o editor das suas obras.

Confirmámos ou descobrimos, nos arquivos paroquiais e notariais as datas corretas de nascimento, apadrinhamento, formação de famílias fundamentais para a elaboração de esquemas genealógicos dedicados à família Plácido e à família que Ana Augusta construiu através dos seus casamentos. Foi de extrema importância a leitura dos registos de baptismo, uma vez que nos permitiu não só conhecer datas de nascimento, e conhecer ligações familiares e sociais (apadrinhamentos e testemunhas), mas também para conhecer os lugares, ruas e até casas onde viveu.

Capítulo 1: Os Primeiros Anos (1831-1850)

Este é o primeiro dos sucessivos capítulos que procuram seguir os marcos da vida de Ana Plácido na linha do tempo. Comparam-se a uma viagem, passível de ser mapeada, da infância, adolescência, idade adulta e velhice, a produção literária e editorial. Seguimos um percurso pessoal e familiar, assim como profissional, uma linha de vida. Por isso se reconstituíram os diferentes círculos neste e nos próximos capítulos.

1.1. As origens, o núcleo familiar e as redes de convivialidade

Ana Augusta Vieira Plácido nasceu a 27 de setembro de 1831, uma terça-feira, na Praça Nova, freguesia de Santo Ildefonso, cidade do Porto. Era filha de António José Plácido Braga (? -1852), natural da cidade de Braga, e de Ana Augusta Vieira (1809-1855), natural da freguesia de Nevogilde, da cidade do Porto.

Os seus avós paternos, ambos naturais da freguesia de S. Vitor, em Braga, eram Lourenço António Plácido e Antónia Teresa. Os avós maternos, Manuel Pinto Vieira e Maria Jacinta, eram naturais do Porto, sendo o primeiro originário da freguesia de Ramalde e a segunda de Nevogilde, como se verá mais à frente.

Batizada a 8 de outubro de 1831, na Igreja de Santo Ildefonso, Porto, foi afilhada do seu avô materno e de Jerónima Preciosa Vieira, que seria sua tia materna⁶.

Nasceu no seio de uma família burguesa, de acordo com os cânones de classificação socioprofissional (Cruz, 1999 :38). O seu pai, António José Plácido Braga, era comerciante da praça portuense e um armador de renome (Silva, 2017: 161), proprietário de um barco de nome *Linda* (Silva, 2017: 161) e estando o seu nome ligado à empresa do vapor *Porto* (Correia, 2012: 436).

Ana Augusta seria a segunda de doze irmãos. Com efeito, o casal Plácido Braga teve, ao longo de dezanove anos, uma vasta prole, como nos foi possível reconstituir a partir dos registos paroquiais. A 12 de novembro de 1830, nasceu a primeira filha, Maria Amália⁷, logo seguida, dez meses depois, por Ana Augusta. A estas juntou-se Emília

⁶ Arquivo Distrital do Porto PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040, fl. 139.

⁷ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040, fls. 55.

Antónia, a 22 de junho de 1833⁸ e o primeiro varão, António José, que nasceu a 12 de outubro de 1834⁹. No ano seguinte, 1835, a família cresceu com o nascimento de Antónia Cândida, a 20 de novembro¹⁰ e em 1837, no dia 29 de março, Jerónima Adelaide¹¹ juntou-se aos irmãos. Plácido José nasceu a 25 de novembro de 1839¹², seguindo-se Cândida, dez meses depois, a 17 de setembro de 1840¹³. A família aumentou de novo em 1841, com o nascimento, no dia 14 de novembro, de Eduardo Augusto, de quem Ana Augusta foi madrinha¹⁴. Dois anos depois, a 19 de março de 1843, nasceu Maria José¹⁵, seguida de Alberto, a 5 de fevereiro de 1847¹⁶. Finalmente, a 7 de julho de 1849, nasceu o benjamim da família, Alberto Augusto¹⁷. Ou seja, foram conceções muito próximas que permitiram uma fertilidade com sucesso.

No século XIX, generalizou-se a família nuclear, limitada aos pais e filhos solteiros (Cascão, 2011: 22). Neste caso, era bem numerosa. No entanto, o convívio com outros parentes alargava o círculo. Teria, pelo menos, duas tias maternas: Jerónima Preciosa Vieira, sua madrinha¹⁸, e dos irmãos de Ana Augusta, António José¹⁹ e Jerónima Adelaide²⁰; e Maria Amália Vieira (madrinha das irmãs Antónia Cândida²¹ e Cândida²²). Estas senhoras não morariam com os Plácido Braga, como veremos adiante.

Podemos também supor que o padrinho do seu irmão Plácido José, chamado Bernardo José Plácido, natural da cidade de Braga, seria seu familiar, dado o apelido comum ao lado paterno²³.

⁸ Universidade do Minho – Arquivo Distrital de Braga PT/UM-ADB/PRQ/PBRG52/001/0015, fl. 116.

⁹ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040 fls. 354v.

¹⁰ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040 fls. 435v.

¹¹ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0041, f. 105 v./106.

¹² ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0041, f. 268

¹³ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0041, fl. 464.

¹⁴ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0042, fl. 65.

¹⁵ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0016, fl. 50v.

¹⁶ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0017, fl. 25v.

¹⁷ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0017, fl. 88v.

¹⁸ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040, fl. 139.

¹⁹ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040 fls. 354v.

²⁰ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0041, fls. 105 v./106.

²¹ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040 fls. 436v.

²² ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0041, fl. 464.

²³ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0041, fls. 268.

Ana Augusta e os irmãos eram ainda sobrinhos de Luís da Serra Pinto que seria casado com uma irmã do pai (Silva, 2017: 152), cujo nome não conseguimos, até à data, identificar, conferindo alguma invisibilidade a algumas mulheres do círculo familiar.

1.2. Primeiras moradas

A habitação funcionava como sede da vida íntima, o espaço de conforto e de proteção frente à vida exterior. Espaço de convivência e de relação social, era aí que se desenrolava a vida familiar, “em todas as suas manifestações, desde as mais harmónicas e belas, até às mais violentas e degradantes” (Cascão, 2011: 22). Por esse motivo, consideramos fundamental procurar os locais a que Ana Augusta chamou “lar”.

Seguindo os locais indicados nos registos de batismo dos sucessivos irmãos de Ana, e cruzando com outras informações, sabemos que, em 1830²⁴ e 1831²⁵, os Plácido viviam na Praça Nova, um local central no Porto de Oitocentos, espaço de circulação da burguesia portuense (Silva, 2017: 54-55), que corresponde à atual Praça da Liberdade. Aí nasceram Ana Augusta²⁶ e a irmã mais velha, Maria Amália²⁷.

Em 1833, a família Plácido estava a viver na cidade de Braga, na Rua dos Soqueteiros, localizada na freguesia da Sé²⁸, e aí nasceu a filha Emília Antónia²⁹.

No ano seguinte, estavam de novo no Porto, e moravam na Calçada dos Clérigos, que corresponderá atualmente à Rua dos Clérigos, freguesia de Santo Ildefonso, onde terão vivido entre 1834 e 1839. Foi aí que nasceram António José³⁰; Antónia Cândida³¹; Jerónima Adelaide³² e Plácido José³³.

²⁴ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0017, fl. 25v.

²⁵ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0017, fl. 88v.

²⁶ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040, fl. 139.

²⁷ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040, fls. 55.

²⁸ Não sabemos as razões para esta mudança de cidade, no entanto, entre julho de 1832 e agosto de 1833, deu-se o cerco do Porto (RAMOS, 2009: 858). Assim, podemos supor que esse poderá ter sido uma das razões.

²⁹ UM-ADB PT/UM-ADB/PRQ/PBRG52/001/0015, fl. 116.

³⁰ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040 fls. 354v.

³¹ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040 fls. 436v.

³² ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0041, f. 105 v./106.

³³ ADPRTPT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0041, f. 268.

Em 1840, na cidade do Porto, os Plácido viviam na Rua das Hortas, freguesia da Vitória, onde António José Plácido Braga mandou fazer casa³⁴, na qual nasceu Cândida³⁵. Era próxima da anterior, correspondendo ao atual troço inferior da Rua do Almada, que ligava o cruzamento à calçada dos Clérigos (Teles, 2008: 136).

A partir de 1841, a família vivia já na Rua do Almada, na mesma freguesia da Vitória³⁶, tendo pedido licença para realizar obras na sua casa, números 27-30 da mesma rua³⁷. Aí habitou até à morte da matriarca Ana Augusta Vieira, em 1855. Aí nasceram Eduardo Augusto³⁸; Maria José³⁹; Alberto⁴⁰, e Alberto Augusto⁴¹. Segundo César Santos Silva (2017: 60), Fernanda Damas Cabral (1991: 42) e Alberto Pimentel (1913: 55), a família Plácido Braga habitava o prédio (Pimentel, 1913: 55) que correspondia, outrora, ao número 28 e que se localizava no início da Rua do Almada.

Foi nesta rua que Ana Augusta viveu momentos marcantes na sua vida. Além do nascimento dos quatro irmãos mais novos, fez o luto pela morte da sua irmã Cândida, que faleceu com cinco anos em 1845⁴² e pela morte do seu irmão Alberto, falecido aos vinte e cinco meses, em 1849⁴³.

A rua do Almada, na época, correspondia apenas ao troço do cruzamento com a rua dos Lavadouros e a travessa da Picaria, onde hoje se situa a face norte da Praça D. Filipa de Lencastre, até ao campo de Santo Ovídio, que se chamou depois campo da Regeneração e que atualmente é a praça da República. Como vimos, o troço inferior, que ligava o cruzamento à calçada dos Clérigos, era a Rua das Hortas (Teles, 2008: 136).

Esta rua, marcada pelas lojas de ferragens, teria um ar profundamente comercial e, devido à sua localização, próximo da Praça Nova, o ponto fulcral da cidade do Porto, era habitada por grande parte da burguesia portuense (Silva, 2017: 60).

³⁴ Arquivo Municipal do Porto-Casa do Infante (AMP-CI) 1839/02/20 Licença de obra nº 221/1839.

³⁵ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0041, fl. 464.

³⁶ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0042, fl. 65.

³⁷ Arquivo Municipal do Porto – Casa do Infante (AMP-CI) 1850/07/25 Licença de obra n.º: 178/1850.

³⁸ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0042, fl. 65.

³⁹ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0016, fl. 50v.

⁴⁰ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0017, fl. 25v.

⁴¹ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0017, fl. 88v.

⁴² ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/003/0081, fl. 43.

⁴³ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/003/0081, fl. 90v.

Alberto Pimentel, seu contemporâneo, diz que, desde que os Plácido se instalaram na Rua do Almada, esta “(...) ganhou ainda maior direito à gloriosa alcunha de «rua das meninas bonitas»” (Pimentel, 1913: 55).

Presumimos que circulasse entre as casas de familiares também próximos. Á Rua da Fábrica iria visitar o seu avô materno e a sua tia Jerónima Preciosa Vieira, que aí viviam em 1831⁴⁴, mais tarde, em 1835, a viverem na Rua do Bonjardim⁴⁵ e, já em 1840, a Rua das Hortas, visitar a sua tia Maria Amália Vieira⁴⁶.

Em conclusão, a infância e juventude de Ana Augusta foi passada na cidade do Porto, onde nasceu, com uma breve passagem pela cidade de Braga, alternando as suas moradas desde a Praça Nova, passando pela Calçada dos Clérigos e pela Rua das Hortas, e terminando na Rua do Almada, onde viveu durante muitos mais anos.

1.3. Educação

Ana Augusta terá recebido uma educação condizente àquela que era comum às meninas da sua condição, embora tenhamos muita dificuldade em seguir, passo a passo, a educação formal e informal. Os dados são posteriores à sua fase de aprendizagem espetável.

Alberto Pimentel defende que, desde a infância, Ana pretendia ter uma educação literária (Pimentel, 1913: 39). Poderá ser um exagero, dado que a conheceu já na idade adulta. Escrevia correntemente em português, conhecia o francês, escrevia versos e lia poesia (Pimentel, 1913: 39). Como era comum às meninas do seu estatuto social, aprendeu música, cantando e tocando piano. Com efeito, quando foi presa, Ana Augusta teria um piano na sua cela (Pimentel, 1913: 41) e, na sua Casa de S. Miguel de Seide, existe ainda o piano que lhe pertencia. Escreveu o mesmo autor, que não lhe foi permitido expandir os seus dotes literários, o que, para Alberto Pimentel, originou um sentimento de revolta no espírito de Ana Augusta (Pimentel, 1913: 40-41). E considera que só Camilo Castelo Branco Ana conheceu um período de maior liberdade para

⁴⁴ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040, fl. 139.

⁴⁵ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040 fls. 436v.

⁴⁶ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0041, fl. 464.

aperfeiçoar a sua literatura (Pimentel, 1913: 43) e poderá ter sido com ele que conheceu vários autores (Castro, 1995: 17).

Não sabemos que fontes Alberto Pimentel consultou para justificar, com segurança, as suas afirmações. Sabemos, no entanto, que Ana teria conhecimentos de outras línguas, além do português, uma vez que traduziu obras estrangeiras, mas não sabemos como aprendeu. Com efeito, teria uma considerável cultura literária, incomum nas meninas da sua condição, leituras que são reveladas nas suas próprias obras e que cita (Castro, 1995: 14-17): Almeida Garrett, Bernardim Ribeiro, D. Francisco Manuel de Melo, Padre Manuel Bernardes, Madame de Staël, George Sand, Balzac, Chateaubriand, Lamartine, Racine e Tasso (Passos, 2002: 201), são autores que Ana Augusta citou na sua *Luz Coada por Ferros*. Usando o mesmo raciocínio e argumentação, parece-nos que leu também obras do Padre Francisco de Sousa (Plácido, 1863: 69), de Filinto Elísio (Plácido, 1863: 85), de Silvio Pellico (Plácido, 1863: 98), André Chénier (Plácido, 1863: 103), Xavier de Maistre (Plácido, 1863: 111), Frei Luís de Sousa (Plácido, 1863: 77), Roselly de Lorgues (Plácido, 1863: 80), Alexandre Herculano, Mendes Leal e Castilho (Plácido, 1863: 86) e das portuguesas Marquesa de Alorna e Catarina de Balsemão (Plácido, 1863: 92). Tinha também conhecimentos hagiográficos de S. Francisco Xavier (Plácido, 1863: 71) e Vicente de Paula (Plácido, 1863: 77).

A estes juntavam-se os romances de Camilo Castelo Branco, Alfredo de Musset, Dumas pai e Dumas filho, D. José d'Almada, Feuillet, Méry, Merimée e Lord Byron (Plácido, 1863: X-XI).

Com efeito, a leitura enquanto forma de distração e de aperfeiçoamento cultural, era uma prática comum (Cascão, 2011: 229), mas neste caso usou materiais nos seus próprios escritos, o que ultrapassa o simples deleite.

Ana terá aprendido a costurar, visto que “para uma mulher cristã, «cozer e remendar» era uma extensão das suas actividades caritativas e sinónimo da sua dedicação aos mais desfavorecidos” (Vaquinhas, 2000: 124). Além da instrução intelectual, “os labores e os trabalhos manuais, elementos essenciais na educação feminina do século XIX” (Vaquinhas, 2000: 129), formação que era feita em casa, junto da mãe (Vaquinhas, 2011: 147).

As jovens eram preparadas para a vida matrimonial desde cedo, através da elaboração de dote, aprendizagem das lides domésticas e pelo sentimento de obediência ao esposo, que substituíra o pai (Silva, 2011: 385). Para a burguesia oitocentista, gerir afetos, recursos do lar e modelar os futuros cidadãos eram qualidades femininas e a mulher estava associada à casa, devendo ser humilde e recolhida (Vaquinhas e Guimarães, 2011: 148).

É, contudo, estranho, não existir qualquer sinal de um ensino formal, embora seja certo que as discussões acerca do papel do ensino estivessem em debate, como se percebe a propósito das funções dos colégios para mulheres (Barrigas, 2017: 40-41), que nunca terá frequentado.

1.4. Para lá do círculo familiar

Sendo uma família burguesa portuense, os Plácido Braga conviveriam com famílias que seriam seus pares do ponto de vista das atividades socioprofissionais. Presumimos que os apadrinhamentos dos filhos da extensa família seriam recrutados entre esse círculo de amizades. Noutros casos, a informação é retirada de estudos que indicam espaços de convivialidade.

Assim, quando viviam na Rua do Almada, seriam vizinhos do conselheiro Francisco Fortunato Leite, sua mulher Quitéria Cândida Monteiro e dos filhos Francisco Germano Leite, Ana Fortunata, Teresa Bernardina e Maria Isabel Leite⁴⁷. Esta última, Maria Leite⁴⁸, tornou-se amiga íntima de Antónia Cândida, irmã de Ana Augusta (Teles, 2008: 139-140).

Conviveriam também com D. Efigénia Cândida Soares Braga, esposa de Jerónimo José de Araújo Braga⁴⁹, rico negociante e proprietário da Quinta do Mosteiro, em Grijó. Esta família habitava o número 24 da Rua da Conceição, na cidade do Porto, vivendo,

⁴⁷ Ver registo de testamento de Francisco Fortunato Leite, em ADM (CI) PT-CMP-AM/PUB/ABOR/8/RT02488.

⁴⁸ Casada com o administrador de António Bernardo Ferreira, Francisco José da Costa Veiga (Teles, 2008: p. 139-140).

⁴⁹ Ver registo de testamento de José Jerónimo de Araújo Braga, filha legitimado do homónimo José Jerónimo de Araújo Braga PT-CMP-AM/PUB/ABOR/8/RT11706.

por isso, perto dos Plácido Braga. Manuel Tavares Teles refere que esta senhora seria amiga de infância da mãe de Ana Augusta, tendo crescido juntas na Travessa da Fábrica. Jerónimo José de Araújo Braga e Efigénia Cândida Soares Braga tinham uma única filha, Emília Cândida, falecida em 1852 (Teles, 2008: 29) que, podemos supor, poderia ser amiga de Ana Augusta e suas irmãs, como as suas mães teriam sido.

Se olharmos para os padrinhos dos irmãos de Ana Augusta, encontramos alguns nomes que seriam de pessoas com as quais os Plácido Braga conviviam. Destacamos assim o padrinho de Maria Amália, Domingos Rodrigues de Sousa, morador na Rua dos Reis Magos, da cidade do Porto⁵⁰; o padrinho de Emília Antónia, o Padre Manuel António da Rosa⁵¹; João Baptista de Oliveira, que tocou a cabeça do baptizado António José com Santo António⁵²; Josefa Maria da Graça, madrinha de Plácido José⁵³ e o padrinho de Cândida, Custódio José Ferreira Braga, morador na Rua das Hortas⁵⁴. Com efeito, o batismo criava novos laços sociais, estabelecendo o parentesco entre afilhados, padrinhos e compadres (Lopes, 2011: 157).

Os Plácido Braga eram uma família de renome na sociedade portuense, sendo famosos pela beleza das suas mulheres (Pimentel, 1913: 55). A confirmação surge em notícias de jornais. Com efeito, em “O Nacional” de 7 de janeiro de 1852, António Coelho Lousada escreveu sobre a elegância das Plácido no baile dado pelo conde do Casal no ano anterior, fazendo uma especial referência ao rico vestido de Antónia Cândida, que na altura teria 15 anos (nascida em 1837, como se viu atrás). Refere-se às Plácidas como as “P.” e a Antónia Cândida como a “A. C.” (Teles, 2008: 31).

⁵⁰ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040, fls. 55.

⁵¹ UM-ADB PT/UM-ADB/PRQ/PBRG52/001/0015, fl. 116.

⁵² ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040 fls. 354v.

⁵³ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0041, fl. 268.

⁵⁴ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0041, fl. 464.

Capítulo 2: O Primeiro Casamento (1850-1858) – um casamento de conveniência

Ana Augusta Plácido casou, a 28 de setembro de 1850, um dia depois de ter completado dezanove anos, com Manuel Pinheiro Alves, de quarenta e três anos – vinte e quatro anos os separava. A cerimónia realizou-se na capela da Quinta de Villar d’Allen, na freguesia de Campanhã, pelas cinco horas e meia da tarde⁵⁵. Esta quinta situava-se no extremo oriental da freguesia de Campanhã, no início do caminho que ia para Valbom, concelho de Gondomar⁵⁶ e, em 1850, pertenceria a Maria José Valente Állen (Pimentel, 1913: 57) e a Alberto Rebelo Valente Állen⁵⁷.

O matrimónio realizou-se, segundo alguns, no primeiro andar da habitação, numa sala transformada em oratório, por não existir capela (Teles, 2008: 152). No entanto, o assento de casamento indica que foi na capela da quinta⁵⁸.

No dia anterior ao casamento, a 27 de setembro, em Campanhã, foi lavrada a escritura de dote para este matrimónio⁵⁹. De acordo com o que ocorria entre os burgueses mais abastados do Porto, era habitual recorrerem à escritura pública de dote para estabelecerem rigorosamente o regime de bens do casal (Cruz, 1999: 441).

Os pais da noiva, de acordo com a escritura, a viverem na freguesia de Campanhã, certamente associado ao lugar do casamento e ao notário, dotaram-na com “(...) a quantia de três contos e duzentos mil réis em metal sonante, por conta de suas legítimas paterna e materna (...)” e o noivo, “(...) atendendo ao seu actual estado de fortuna e ao muito gosto que fazia em enlaçar-se com (...) D. Ana Augusta Plácido, pelas suas virtudes e boas qualidades (...)” dotava a “(...) sua futura esposa, com a quantia de oito contos de réis, em dinheiro de metal sonante (...)”⁶⁰. Independentemente do valor

⁵⁵ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT03/002/0013, fls. 5-5v.

⁵⁶ Disponível em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5474 (consultado em 28/08/2022).

⁵⁷ AMP (CI) PT-CMP-AM/PUB/ABOC/7/RT07199.

⁵⁸ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT03/002/0013, fls. 5-5v.

⁵⁹ ADPRT PT/ADPRT/NOT/CNPRT01/001/0467, fls. 27v-28.

⁶⁰ ADPRT PT/ADPRT/NOT/CNPRT01/001/0467, fls. 27v-28. Ao casamento e à assinatura da escritura do dote assistiram o negociante Fortunato Alves de Sousa, morador na Rua do Almada, e António Joaquim Teixeira, morador na Rua do Moinho de Vento, ambos da cidade do Porto.

real da quantia (poder de compra) note-se que o noivo entregaria mais do dobro da importância dotada pelos pais.

Apesar de o dia do casamento ser um dos mais desejados na lógica de uma mulher do seu círculo (Silva, 2011: 385), Ana Augusta viu-o como um sacrifício, se tivermos em consideração o registo de pendor autobiográfico que escreveu posteriormente: “Vejo-me vestida de branco, envolvida no véu da desposada, a grinalda de laranjeiras adornando-me a fronte acurvada ao peso destes atavios e estremecendo horrorizada como Ifigénia [a heroína do romance] caminhava conduzida por seu pai ao sacrifício. Preferível era por certo o dela ao que me estava destinado!” (Plácido, 1863: 93).

Na interpretação de Alberto Pimentel, o casamento realizou-se em Campanhã, e não na freguesia da Vitória, como seria expectável, por morarem, ambos os noivos, na Rua do Almada. A razão seria a de Ana Augusta não querer chamar a atenção para o seu enlace com um homem mais velho, pelo que os Plácido Braga se instalaram na Quinta de Vilar d’Allen, uns dias antes do casamento (Pimentel, 2013: 58). Contudo, tais razões podem ser uma hipótese pouco credível, dado que a irmã mais velha de Ana, Maria Amália, também casou na Quinta de Villar d’Allen e, nessa data, a noiva estaria na mesma Quinta para efeitos de casamento⁶¹.

Com efeito, cinco meses antes do casamento de Ana Augusta, a sua irmã mais velha desposara Claudino Pereira de Faria, filho do cônsul do Brasil no Porto. A esse casamento, ocorrido a 22 de abril de 1850, assistiu já o futuro marido de Ana Augusta, Manuel Pinheiro Alves, morador na Rua do Almada⁶², também testemunha na escritura de dote da irmã Maria Amália Plácido⁶³. Podemos aceitar, por isso, que a relação com a família se fizera antes do casamento, eventualmente pelo facto do pai da Ana ter negócios relacionados com o comércio naval a que também Pinheiro Alves se dedicava, já em 1850 (Teles, 2008: 181).

O enlace de Pinheiro Alves e Ana Augusta tem os ingredientes suficientes para se aparentar a um casamento arranjado. Vários estudos o indicam, mas a documentação

⁶¹ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT03/002/0013, fl. 1v.

⁶² ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT03/002/0013, fl. 1v.

⁶³ ADPRT PT/ADPRT/NOT/CNPRT01/001/0467, fl. 9v-10v.

paroquial e notarial evidencia a sua presença nos círculos próximos, em atos de família. António José Plácido Braga, era um pai preocupado e, lembremos, com uma prole de 12 filhos. Como um homem trabalhador, relacionado com o comércio e negócios, queria deixar os filhos socialmente bem posicionados, seguindo o padrão dos pais de família da sua categoria social e a existência de filhas a casar exigia estratégia. Pinheiro Alves era um homem rico que, devido às suas posses, podia garantir à esposa uma vida financeiramente desafogada e, mais do que tudo, a aliança e suporte patrimonial necessários em momentos de dificuldades do núcleo familiar – era o garante de estabilidade.

Os casamentos combinados eram uma prática corrente entre a burguesia, pois as alianças matrimoniais dos filhos funcionavam como estratégia de conservação de posicionamento social. Preocupavam-se com estabilidade material (como mostram as convenções antenupciais, comuns nas classes comerciais abastadas, de que são exemplo as escrituras de dote) e o cuidado na escolha dos noivos (deviam pertencer ao mesmo estrato social ou mais elevado e devia conhecer-se os seus antecedentes), o que fazia com que os enlaces resultassem de expectativas familiares e não tanto de afinidades pessoais e sentimentais. Funcionando como uma instituição, o matrimónio era objeto de estratégias patrimoniais complexas e marcava o início da vida conjugal e familiar que se desejava estável (Vaquinhas, 2011; 136-138). Lembremos, contudo, que um casamento pressupunha a vontade expressa de ambos, um ato irreversível, que atribuía um caráter igualitário à futura tutela de bens.

O processo de aproximação de Manuel Pinheiro Alves à família Plácido fez-se, de forma evidente, como vimos atrás, como testemunha do casamento e da escritura de dote de uma futura cunhada, Maria Amália Plácido, em fevereiro de 1850. Mas as afinidades comerciais com o pai Plácido foram-se construindo no seu percurso pessoal.

O matrimónio era regulado por leis civis e canónicas e representava, para a mulher, a transferência de tutela e, para o marido, a sua aquisição, pois passava a deter poder marital que obrigava à obediência por parte da esposa (Vaquinhas, 2013: 162-163). Além disso, é de sublinhar, o casamento conferia também poder e prestígio à mulher (Vaquinhas e Guimarães, 2011: 203).

Não sabemos, exatamente, como Manuel Pinheiro Alves se tornou próximo da família Plácido mas, como vimos, surge já como testemunha do casamento⁶⁴ e da escritura de dote⁶⁵ de uma futura cunhada, Maria Amália Plácido, em fevereiro de 1850.

Acrescentando informação à que algumas publicações já indicaram, sabemos que Manuel Pinheiro Alves era natural do lugar de Souto, freguesia de S. Miguel de Seide, concelho de Famalicão, onde nasceu em abril de 1807, era o mais novo dos sete filhos de António Pinheiro Alves e de Ana Maria Machado⁶⁶. Emigrou muito jovem para o Brasil, onde trabalhou e enriqueceu, tendo regressado ao país natal com “largas dezenas de contos de réis” (Ferreira, 1995: 59). “Brasileiro de torna-viagem”, instalou-se no Porto e em 1850 vivia na Rua do Almada, a mesma rua dos Plácidos, mas no antigo número 378, segundo Alberto Pimentel (1913: 56) e Fernanda Damas Cabral (1991: 42). Estava ligado a vários empreendimentos, pertencendo a conselhos de administração de bancos e tendo fundado e feito parte da administração de várias empresas (Teles, 2008: 181). Seria colega de António José Plácido Braga no negócio de fretes marítimos e era proprietário de navios que faziam a carreira do Brasil, transportando mercadorias e passageiros. Tinha, pelo menos, três embarcações e servia de intermediário na negociação de fretes e na reserva de viagens de passageiros para outros navios, como foi o caso da barca *Linda*, que pertencia ao sogro (Teles, 2008: 181).

2.1. O património do casal

O casamento terá sido um sacrifício para Ana mas, conformada com o destino expectável para as filhas das famílias burguesas do Porto, aceitou-o. Esta seria uma das únicas alternativas para o seu futuro, aos quais se juntavam o recolhimento num convento ou a dependência de viver sempre na casa dos pais ou na casa de irmãos mais velhos (Ferreira, 1995: 56). Na opinião de alguns, o suporte financeiro granjeado por Ana Augusta, através do casamento, poderia ter facilitado e valorizado o estudo e a aquisição de novos conhecimentos, dando-lhe tempo para observar a sociedade em seu

⁶⁴ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT03/002/0013, fl. 1v.

⁶⁵ ADPRT PT/ADPRT/NOT/CNPRT01/001/0467, fl. 9v-10v.

⁶⁶ UM-ADB PT/UM-ADB/PRQ/PVNF43/001/0002, fl. 57.

redor, ganhando coragem para a enfrentar (Ferreira, 1995: 57-58). Mas não fica provado que assim tenha acontecido.

O património do casal, inclui bens de diferente natureza, avaliado a partir de um inventário. Possuía imóveis na cidade do Porto. Dois eram arrendados, situados no Bairro Alto, no extremo superior da Rua do Bonjardim⁶⁷. Um era um prédio de um andar, com o número 862 e o outro de dois andares, com quintal, com os números 856, 858 e 860, prédios foreiros a João Correia Pacheco Pereira de Magalhães e localizadas na freguesia de Santo Ildefonso⁶⁸. Possuíam também o prédio número 114, na rua Arménia, localizado na freguesia de Miragaia, com o número 7 para a viela da Baleia que Ana Augusta herdara dos seus pais (Pimentel, 1913: 258). Na cidade de Braga, na Praça do Rossio, eram proprietários das casas do número 4, foreiras a Estêvão Falcão (Pimentel, 1913: 258).

Teremos uma noção do recheio das casas (não sabemos de quais), bens móveis, entre os quais, mobília : móveis de cerejeira e de mogno, de “pau de fora”, cadeiras e canapés com assento de palhinha; loiça da copa azul, inglesa ou branca, nacional; roupas de cama em linho ou em algodão; um paliteiro de prata e algumas facas e garfos com cabo em marfim (Pimentel, 1913: 262-263).

As joias que pertenciam a Ana Augusta na época de casamento eram, entre outras: um par de brincos com cento e quarenta e quatro brilhantes (avaliado em 150\$000 réis); um broche com 58 brilhantes (avaliados em 90\$000 réis); um alfinete de ouro de lei com cento e vinte e cinco diamantes cravados a prata (avaliado em 76\$000 réis); uma pulseira de ouro com esmalte verde e ornada de treze brilhantes e duas pedras (avaliado em 44\$000 réis); uma pulseira de ouro esmaltada com oito brilhantes e com quatro pérolas (avaliada em 30\$000 réis); outra pulseira de ouro com balão pendente e circundada de granadas (avaliada em 19\$670 réis) e uma cadeia de ouro com dois passadores e chave com estrelas esmaltadas a preto (avaliada em 12\$140 réis).

⁶⁷Temos conhecimento do património móvel e imóvel através do inventário de Manuel Pinheiro Alves, cujos excertos estão publicados (Pimentel, 1911: 259-261).

⁶⁸Ana Augusta Plácido viverá, mais tarde, neste último prédio com Camilo Castelo Branco (Pimentel, 1911: 258).

Neste inventário, todas as joias do casal foram avaliadas em 645\$331 réis (Pimentel, 1913: 263).

A natureza da relação matrimonial baseada na estratégia de famílias, à procura de um bom casamento que acautelasse património é muita bem descrita pelo advogado, quando da elaboração do inventário de bens, logo após a morte de Pinheiro Alves, em 1863: “E' sempre fatal o resultado quando a perspectiva de grandes riquezas fascina o espirito dos paes, que só vêem no oiro a felicidade de seus filhos. Esses paes, sacrificando ao bezerro de metal, teem o matrimonio na conta de uma especulação mercantil, não lhes repugnando adjudicar para sempre uma filha no verdor dos annos ao argentario velho na idade (...) O inventariado Manuel Pinheiro Alves era um capitalista que (...) pezava uns oitenta contos de reis, e assim recommendado por tão valiosa cifra, não hesitou pedir a mão da inventariante. Se os paes (...) folgaram com a proposta, antevendo a fortuna da filha, bem será de suppor outra ordem de sentimentos da parta d ´esta. (...) A posição social dos paes da inventariante, a abundância de seus meios, a idade e mais qualidades pessoaes da filha, tudo conspirava para que seus naturaes protectores negassem o placito a um consorcio (...) inconveniente e arriscado. Foi um erro (...). Não maravilha pois que um matrimónio em tão deseguaes condições se dissolvesse de facto durante a vida dos conjuges. Nascem espontâneos os sentimentos do coração humano (...)” (Pimentel, 1913: 259-260).

2.2. Desastres na família Plácido ou como um casamento foi bem (in) conveniente

“Todo esse inferno que atribula dois infelizes a quem atara o nó do casamento em vez da reciproca afleição...” (Pimentel, 1913: 261).

É assim que o advogado de Ana Augusta Plácido explica a infelicidade mútua, aquando da realização do inventário orfanológico do filho menor (de que falará mais à frente) aquando da morte de Manuel Pinheiro Alves “porque o Juizo tem de alguma forma o direito de ser informado ácerca das causas de um phenomeno, cuja apreciação menos reflectida ou apaixonada pode ser desfavorável á Inventariante.” (Pimentel, 1913: 261).

Os anos após o casamento foram, certamente, difíceis. A década de 1850 marca uma época de eventos malogrados no seio da família Plácido, episódios que deixaram a sua marca na vida de Ana Augusta mas em que o suporte do marido terá sido essencial e, eventualmente, a amarra que a impediu de dar outro rumo à sua vida. Para Manuel Pinheiro Alves, por sua vez, os filhos tardam a vir.

2.2.1. Morte de uma irmã - Maria Amália Plácido

No início de 1851, o casal Plácido tinha duas filhas casadas e dava as boas-vindas à primeira neta, Maria Claudina, a única filha da primogénita Maria Amália Plácido e de Claudino Pereira de Faria⁶⁹. Este era um dos elementos do grupo de quase vinte rapazes que produziam prosa poética na revista *Lyra da Mocidade*, revista publicada no Porto, gente com muito pouco dinheiro (Cruz e Castro, 2020: 248-555). O ambiente cultural poderia estar presente num convívio cujos contornos se ignora com pormenor.

No entanto, Maria Amália, a irmã mais velha de Ana Augusta, faleceu em dezembro de 1851, com apenas vinte e um anos⁷⁰, deixando uma filha de dez meses. Foi sepultada no cemitério da Lapa, no jazigo de família do marido⁷¹.

2.2.2. O naufrágio do vapor *Porto* - entrar na família da “Ferreirinha” e a morte do pai

No ano seguinte, em março de 1852, na Igreja de Nossa Senhora da Vitória, Antónia Cândida Plácido, de dezasseis anos, irmã de Ana Augusta, casou com António Bernardo Ferreira, filho de Antónia Adelaide Ferreira, a célebre Ferreirinha, da Régua⁷². Apesar de o noivo ter, segundo o registo, apresentado consentimento materno⁷³, Antónia Adelaide Ferreira contestou o casamento, alegando que os noivos eram

⁶⁹ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0017, fl. 134 v.

⁷⁰ PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/003/0081, fl. 129 v.

⁷¹ Sobre a morte desta irmã, António Frutuoso Aires Gouveia Osório, professor, político, padre (https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=docentes%20e%20estudantes%20da%20rec/emc%20-%20jos%c3%a9%20frutuoso%20aires%20de%20gouveia%20os%c3%b3rio) terá escrito uma elegia fúnebre, intitulada *A M. Plácida*, dedicada “Ao meu amigo C. P. de Faria” e publicada em *A Harpa do Mondego* AYRES, A. – *A M. Plácida*. In *Harpa do Mondego: collecção de poesias contemporâneas redigida por uma sociedade d’académicos*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1855, p. 19-22.

⁷² ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/002/0029 fls. 67/67 v.

⁷³ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/002/0029 fls. 67/67 v.

menores e que não dera autorização para a realização do enlace, tentando anular o matrimónio e denunciar o padre que realizara a cerimónia (Cabral, 1992: 90).

Apesar da oposição da mãe do noivo, a família da noiva defendia o casamento. Com efeito, uma das testemunhas presentes na cerimónia era António Joaquim Pereira de Faria, o cônsul brasileiro, pai de Claudino Pereira de Faria, seu cunhado⁷⁴. Para defender os interesses da filha, António José Plácido Braga embarcou no vapor *Porto*, com o objetivo de ir a Lisboa impedir a anulação do casamento.

O navio saiu da barra do Douro a 28 de março de 1852 e, estando já no mar, um forte temporal assustou os passageiros, obrigando o piloto a regressar ao Porto. Chegaram à barra da Foz ao fim da tarde do dia 29 de março mas, devido ao mau tempo, não conseguiram aportar e o navio acabou por naufragar. Apesar das tentativas de salvamento, grande parte da tripulação e dos passageiros acabou por falecer (Correia, 2012: 436), entre os quais António José Plácido Braga, cujo corpo terá aparecido dias depois, tendo sido sepultado no cemitério da Ordem Terceira do Carmo, da qual era irmão, sendo, mais tarde, transladado para o cemitério da Lapa (Cabral, 1992: 90).

O dia 29 de março de 1852, que prometia ser feliz, uma vez que a irmã de Ana Augusta, Jerónima Adelaide, completava quinze anos⁷⁵, tornou-se num dia de luto, imortalizado por Camilo Castelo Branco na sua obra *No Bom Jesus do Monte*: “Quando te havias de enfeitar com as flores da oitava primavera, envolveste os cabelos louros na escomilha negra da orphandade. Teu pae morreu então, Maria⁷⁶, tragado pelas vagas, espedaçado nos dentes das rochas” (Castelo Branco, 1864: 181-183).

2.2.3. A morte da mãe - 1855

Três anos depois de perder o pai, Ana Augusta chorava a morte da mãe. Ana Augusta Vieira faleceu a 28 de novembro de 1855, na freguesia da Vitória. Tinha quarenta e seis anos. O registo de óbito apresenta-a como “proprietária”, como herdeira do património familiar. Foi sepultada no cemitério da Lapa, no dia seguinte⁷⁷. Seguiu

⁷⁴ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/002/0029 fls. 67/67 v.

⁷⁵ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0041, f. 105 v./106.

⁷⁶ Maria José Plácido, irmã de Ana Augusta Plácido.

⁷⁷ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/003/0082, f. 10.

para mausoléu próprio em carro fúnebre, puxado a duas parelhas e acompanhado por oito criados de farda que trabalhavam para António Bernardo Ferreira, genro da finada, em grande pompa e cerimonial (Cabral, 1992: 656). Foi nesta altura que os despojos de António José Plácido Braga e do filho António José Plácido, falecido em data que desconhecemos, foram trasladados para o cemitério da Lapa (Cabral, 1992: 90).

A morte de Ana Augusta Vieira deixou órfãos Ana Augusta, de vinte e quatro anos e Antónia Cândida, de vinte anos, já casadas, e Emília Antónia, de vinte e dois anos; Jerónima Adelaide, de dezoito anos; Plácido José, de dezasseis anos; Eduardo Augusto, de catorze anos; Maria José, de doze anos e Alberto Augusto, de seis anos. O irmão António José, teria já falecido (Teles, 2008: 30), em data que desconhecemos. É sugestivo o texto de Camilo Castelo Branco dirigido a Maria José Plácido a propósito da morte de Ana Augusta Vieira em *No Bom Jesus do Monte*: “Ao decimo-segundo anno, quando despias os luctos d’alma e a vida te desdobrava a primeira dobra de sua perspectiva alegre, e o coração te segredava a alegria d’um baile e o instintivo contentamento de ser linda e querida, morreu tua mãe, a virtuosa, a viúva que, durante quatro annoos, agonisara ante o retrato de seu marido” (Castelo Branco, 1864: 181-183).

2.2.4. Os irmãos a cargo de Ana Augusta Plácido

Com o desaparecimento do casal Plácido Braga, havendo menores, como era o caso, Manuel Pinheiro Alves passou a desempenhar o papel de representante da família e tutor dos cunhados órfãos, sendo auxiliado por Claudino Pereira de Faria, viúvo de Maria Amália e António Bernardo Ferreira, marido de Antónia Cândida. Esta responsabilidade terá recaído sobre o brasileiro devido ao facto de ser o mais velho (Cabral, 1992: 24). Além disto, Ana Augusta era também a mais velha das irmãs sobreviventes, e por isso, ter ficado responsável pelos irmãos mais novos. Com efeito, a morte de um progenitor fazia recair sobre as filhas mais velhas a responsabilidade de cuidar da família, num prolongamento do papel atribuído à mulher (Vaquinhas, 2011: 148).

A irmã Emília Antónia terá tido alguma relação com o Recolhimento de Nossa Senhora das Dores e S. José, da cidade do Porto, que desconhecemos, uma vez que, por

ocasião do seu casamento, foi paga esmola a essa instituição⁷⁸. Quando, em 1856, aos vinte e três anos, celebrou o seu casamento com o espanhol D. Martin de Torres Velasques, natural da cidade de Vigo⁷⁹, Pinheiro Alves aprovou a escritura de dote para o seu casamento, surgindo mencionado como seu tutor, o que comprova a responsabilidade que tinha para com os cunhados e o facto de esta irmã estar a cargo de Ana Augusta e do seu marido⁸⁰.

Maria José ingressou no Recolhimento de Nossa Senhora da Esperança, em S. Lázaro, na cidade do Porto (Teles, 2008: 164), provavelmente como porcionista, ou seja, pagando um montante (Barrigas, 2017: 69).

Com efeito, as meninas que perdiam, pelo menos, um progenitor, ingressavam em colégios próprios que recolhiam órfãs (Vaquinhas, 2011: 147),

Alberto, o mais novo do clã, estava sob responsabilidade Ana Augusta, conforme a própria afirmou: “Da m^a fam^a apenas me resta meu irmão Alberto, essa criança que criei e por quem sinto uma afeição de mãe” (Marco, 1933: 103). Tinham dezoito anos de diferença.

Quanto a Jerónima Adelaide e Plácido José, não sabemos se estavam junto da irmã ou recolhidos em algum colégio. No entanto, o registo de óbito de Jerónima Adelaide, que faleceu em 1856, indica que vivia, nessa época, na Rua do Almada, morada de Ana Augusta⁸¹. Já Plácido José, que será padrinho do sobrinho Manuel Augusto, filho de Ana Augusta, seria morador na cidade do Porto e representado pelo seu procurador António Bernardo Ferreira, o que nos leva a supor que estaria ausente ou teria ficado a cargo da sua irmã Antónia Cândida e do marido (o filho da Ferreirinha)⁸².

2.2.5. A morte da irmã, Jerónima Adelaide Plácido, 1856

Em 1856, Ana foi a Viana do Castelo, acompanhar uma irmã, que ia “a ares”. A irmã seria Maria José Plácido, mas é também plausível que fosse Jerónima Adelaide (Teles,

⁷⁸ ADPRT PT/ADPRT/NOT/CNPRT04/001/4688.

⁷⁹ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT04/002/0027.

⁸⁰ ADPRT PT/ADPRT/NOT/CNPRT04/001/4688

⁸¹ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/003/0082, f. 21 v.

⁸² ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0018, fl. 86v.

2008: 180). Com efeito, Jerónima faleceu solteira a 28 de novembro de 1856, com apenas dezanove anos. Viviam, nesta época, na rua do Almada, pelo que, como atrás escrito, podemos supor que estaria a viver com a irmã Ana Augusta e com o cunhado Manuel Pinheiro Alves. Foi sepultada no dia seguinte, no cemitério da Lapa⁸³. Terá sido vitimada pela tuberculose (Teles, 2008: 165).

2.3. O nascimento do filho Manuel Augusto e a perda de uma irmã, 1858

Oito anos depois do casamento de Ana, aos 27 anos, em 1858, está grávida. Também a irmã Antónia Cândida se encontrava de esperanças. Nesse ano, a 10 de julho, Antónia Cândida deu à luz a sua quarta filha, Antónia⁸⁴, que se seguia aos irmãos António Bernardo (nascido em 1853⁸⁵), José Bernardo (nascido em 1854⁸⁶) e Jorge (nascido em 1855⁸⁷). Um mês depois, a 11 de agosto, nasceu o primeiro filho de Ana Augusta, Manuel Augusto⁸⁸.

Os primos foram baptizados com apenas um dia de diferença. Manuel Augusto foi baptizado no dia 6 de outubro de 1858, na igreja da Vitória, visto que os seus pais viviam na Rua do Almada. Os seus padrinhos foram os seus tios maternos Plácido José Vieira (representado por António Bernardo Ferreira, seu procurador) e Maria José Plácido⁸⁹.

Ana Augusta e o marido, Manuel Pinheiro Alves, foram os padrinhos da sobrinha Antónia, que recebeu o sacramento do baptismo no dia seguinte, 7 de outubro, na igreja de Cedofeita, uma vez que os seus pais viviam nesta freguesia, na Rua da Boavista⁹⁰.

Como era comum (Vaquinhas, 2011: 156-158), Ana Augusta não terá estado presente no baptizado do filho, mas terá, em conjunto com o marido, participado na escolha do nome de Manuel Augusto. Ou talvez não, tendo em consideração algumas tensões, como se verá.

⁸³ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/003/0082, f. 21 v.

⁸⁴ PT/ADPRT/PRQ/PPRT04/001/0019, fl. 334.

⁸⁵ PT/ADPRT/PRQ/PPRT04/004/0019 fls. 71.

⁸⁶ PT/ADPRT/PRQ/PPRT04/004/0019, fl. 129 v.

⁸⁷ PT/ADPRT/PRQ/PPRT04/004/0019, fl. 183.

⁸⁸ PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0018, fl. 86v.

⁸⁹ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0018, fl. 86v.

⁹⁰ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT04/001/009, fl. 334.

Poucos meses depois de Ana Augusta dar à luz o seu primeiro filho, voltou a vestir o luto, desta vez, para chorar a morte da sua irmã “mais querida”, aquela a que chamava “filha do meu coração”.

Maria José poderá ter saído do Recolhimento de Nossa Senhora da Esperança, onde foi declarada a tuberculose pulmonar (Cabral, 1992: 504), em 1857 ou em 1858 (Teles, 2008: 180), passando a viver com a irmã Ana Augusta e com Manuel Pinheiro Alves, em casa do casal (Cabral, 1992: 504).

Diagnosticada com tuberculose (a doença da família Plácido, que vitimara outros irmãos), Maria José teve de deixar o Recolhimento onde estava a ser educada, tendo Ana Plácido, com a concordância de Pinheiro Alves, recebido a irmã. Esta doença terá levado os médicos a aconselharem a mudança de ares, tendo as sucessivas deslocações passado por Viana, Barcelos, Braga e o Bom Jesus do Monte (Teles, 2008: 177), na procura de melhorias para a doença. Nestas viagens, Maria José era acompanhada pela irmã ou pelo cunhado (Cabral, 1992: 504).

Em junho ou julho de 1858, Maria José já se encontrava no Bom Jesus, em Braga, na *Mãe de Água*, acompanhada por Ana Plácido (Teles, 2008: 166). As irmãs terão chegado a Braga antes de 14 de junho. Por coincidência ou não, neste dia terá também chegado Camilo Castelo Branco, de quem falaremos e, três semanas depois, no início de julho, ainda lá estariam (Teles, 2008: 166).

Maria José Plácido acabou por falecer, vítima de tuberculose pulmonar (Faria, 1995: 92), com quinze anos, a 23 outubro 1858, na freguesia de S. João do Couto, em Braga. Residia, nessa altura, na Rua de S. Marcos, na cidade de Braga, na mesma freguesia, para onde se dirigira, a fim de tomar ares. Faleceu de repente, e por isso, não houve tempo para receber sacramentos. O seu corpo foi envolto no hábito de Nossa Senhora da Conceição e conduzido para a Igreja de Nossa Senhora da Lapa, na cidade do Porto, tendo sido sepultada no cemitério da mesma igreja⁹¹.

O jornal “O Independente” informou o sucedido “(...) D. Maria José Plácido, (...), do Porto (...) faleceu na rua de S. Marcos, para onde há poucos dias tinha vindo da dicta cidade a ares. (...) D. Ana Plácido, e seu (...) marido, receberam verdadeiros pezames, da visinhança

⁹¹ UM-ADB PT/UM-ADB/PRQ/PBRG41/003/0100, fl. 22v.

de tam estimável família”⁹². Em outubro de 1858, Ana Plácido estava, portanto, em Braga, na companhia de Manuel Pinheiro Alves, com a doente Maria José Plácido.

2.4. Os circuitos de sociabilidade depois do casamento

Depois de casar, Ana continuou a viver na rua do Almada, mudando-se, no entanto, para o número 378, onde Manuel Pinheiro Alves vivia, como se viu. Certamente que continuaria a visitar os pais e os irmãos, bem como a irmã Maria Amália, visto que todos moravam na rua do Almada.

Podemos supor que visitaria os pais e os irmãos, bem como a irmã Maria Amália, visto que todos moravam na rua do Almada.

A nova residência passou a ser o lugar de acolhimento. Onde nasceu o seu primeiro filho, Manuel Augusto e onde acolheu os seus irmãos mais novos, depois de ficarem órfãos, entre eles, Jerónima Adelaide, que aí faleceu e Maria José como se viu. Deslocar-se-ia também à Rua da Boavista, na freguesia de Cedofeita, na cidade do Porto, para visitar a irmã Antónia Cândida, que aí vivia.

As saídas para fora da cidade fizeram-se em 1856, quando passou uma temporada em Viana do Castelo, acompanhando uma das irmãs, para que fossem “a ares” Depois do nascimento do filho, passou também algum tempo em Braga, e residia, a 23 de outubro de 1858, na rua de S. Marcos, na freguesia de S. João do Couto, acompanhando a irmã Maria José, que aí faleceu⁹³.

Depois de casar, o círculo social de Ana não terá sofrido alterações significativas, uma vez que o marido pertencia, tal como o seu pai, à sociedade burguesa portuense.

Continuava a conviver com a sua própria família, que cresceu com os casamentos das suas irmãs, fazendo com que as redes de sociabilidade com as quais Ana Augusta conviveu depois do casamento também aumentassem ou, então, já existiriam e foram confirmadas e reforçadas pelas alianças realizadas. Além dos cunhados e da família dos

⁹² Disponível em <https://www.csarmento.uminho.pt/site/s/hemeroteca-bpb/item/163591#?c=0&m=0&s=0&cv=0> (consultado em 20/05/2022).

⁹³ Disponível em <https://www.csarmento.uminho.pt/site/s/hemeroteca-bpb/item/163591#?c=0&m=0&s=0&cv=0> (consultado em 20/08/2022).

mesmos, destaca-se o marido de Antónia Cândida, António Bernardo Ferreira. Como vimos, depois da morte dos sogros, Pinheiro Alves e o Ferreirinha passaram a desempenhar um papel de relevo na família Plácido. Ambos pertencentes ao mesmo círculo social, unia-os uma relação familiar, profissional e, quiçá, de amizade.

Ana Augusta conviveria também com os amigos de Manuel Pinheiro Alves, como António Ferreira de Macedo Pinto, ligado às mais opulentas famílias portuenses, lente na Escola Médico-Cirúrgica do Porto e diretor da Companhia Viação Portuense (Cabral, 1992: 493); Agostinho Francisco Velho, negociante abastado que gozava de prestígio na sociedade portuense (Cabral, 1992: 651); Luís António Pereira da Silva, que se relacionava com as mais reputadas famílias do Porto e docente na Escola Médico-Cirúrgica (Cabral, 1992: 607); José Pereira Reis, médico assistente da própria Ana Augusta, com ligações às famílias nortenhas mais abastadas e ligado às Letras (Cabral, 1992: 555); e o médico Jerónimo António de Faria (Cabral, 1992: 264). A estes juntava-se o tio de Ana Augusta, Luís da Serra Pinto.

Como era comum numa senhora casada, o quotidiano de Ana Augusta seria dividido entre a orientação da vida doméstica, o cuidado do filho, a ociosidade e o convívio das visitas, serões, bailes, teatro, ópera e clubes, dentro de círculos de sociabilidade condizentes com o seu estatuto social conjugal e familiar (Silva, 2011: 391). Também cultivaria o exercício dos labores e o aperfeiçoamento de dotes musicais e linguísticas, além de práticas religiosas e caritativas. Poderia viver resignada, de acordo com os padrões impostos pelas convenções ou ansiar por liberdade, enfrentando a crítica social (Silva, 2011: 391). Teria criados, mas que se saiba era a criada, Jacinta Cândida de Jesus, ama do seu filho, Manuel Augusto (Cabral, 1992: 334), que a acompanhará sempre, como a sua sombra.

Seja como for, estes anos foram de dura realidade, em que a morte impôs-lhe assumir muitos encargos, e trabalhar no apoio à família.

Capítulo 3: Um “novo” ciclo – (de) encontros com Camilo Castelo Branco (1858-1859)

Neste capítulo, observam-se as condições em que se deu o encontro com Camilo Castelo Branco (1825-1890). Nascido em Lisboa, foi o segundo e último filho de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco e de Jacinta Rosa. Depois da morte dos pais, foi entregue aos cuidados de uma tia, em Vila Real (Cabral, 1992: 115). Casou em 1841 com Joaquina Pereira de França (1826-1847), com quem teve uma filha, Rosa (1843-1848) (Silva, 2017: 113-114). Em 1843 foi viver para o Porto, onde se inscreveu na Escola Médico-Cirúrgica (Silva, 2017: 26). Por ter fugido com Patrícia Emília de Barros (1826-1885), de cuja relação nasceu a segunda filha, Bernardina Amélia (1848-1931), foi preso na Cadeia da Relação entre 12 e 23 de outubro de 1846 (Silva, 2017: 27).

Colaborou com mais de trinta gazetas e jornais e deixou uma vasta obra literária. A primeira publicação ocorreu em 1845, com *Os Pundonores Desagravados*, a que se seguiram mais títulos. O primeiro romance, *Anátema*, foi publicado em 1850. Da sua extensa obra, destacamos, pela clara ligação ao tempo de convívio com Ana Plácido, *Amor de Perdição* e *Memórias do Cárcere*, ambos escritos na época da segunda detenção na Cadeia da Relação (1860-1862) e publicados em 1862 (Silva, 2017: 292).

Como veremos, a sua entrada na vida de Ana Augusta Plácido vai mudar o rumo da vida de ambos.

3.1. Ana conhece Camilo

A 18 de setembro de 1854, António Bernardo Ferreira, cunhado de Ana Augusta promoveu, na sua casa da rua da Boavista, uma festa de homenagem ao poeta António Feliciano de Castilho que estava, nesta época, no Porto (Teles, 2008: 79). Ana Augusta Plácido, na altura já casada, com 24 anos de idade, enquanto irmã de Antónia Cândida, a senhora da casa, e enquanto admiradora de Castilho, como a própria afirmará, na sua obra *Luz Coada por Ferros*: “Compenetro-me sedenta e faminta de cada nova criação de (...) Castilho (...)” (Plácido, 1863: 86-87), poderia estar presente.

O romancista Camilo Castelo Branco foi convidado deste evento, onde leu trechos do seu poema *Um Livro* (Teles, 2008: 79).

Se Ana e Camilo estiveram ambos presentes, poderiam ter-se conhecido e sido apresentados nesta ocasião, mas não temos confirmação.

No entanto, ao lermos a “Quarta Meditação”, em *Luz Coada por Ferros*, de Ana Augusta Plácido, publicada em 1863 (Plácido, 1863: 88) e ao lermos o texto *O Tormento da memória*, incluído na miscelânea *Cenas inocentes da comédia humana*, escrito em 1860 (Castelo Branco, 1873: 183), podemos considerar que o primeiro encontro entre o casal aconteceu num baile, ocorrido anteriormente, em 1848. Apesar de nunca mencionarem o nome um do outro, os escritores parecem descrever o mesmo evento.

Ana Augusta diz que, à data do baile, tinha dezassete anos (Plácido, 1863: 88), pelo que terá sido realizado em 1848. No seu texto, datado de 1860, Camilo fala de um baile ocorrido doze anos antes, ou seja, em 1848 e diz ter, nessa época, vinte e dois anos, enquanto a mulher que nesse dia conheceu, tinha dezasseis, sendo mais nova seis anos. Com efeito, a diferença de idades entre Camilo Castelo Branco, nascido em 1825, e Ana Augusta Plácido, nascida em 1831, era de seis anos.

O romancista diz ainda que a mulher se encontrava acompanhada por duas senhoras que, em 1860, já tinham falecido. Uma delas, era sua irmã (Castelo Branco, 1873: 188-189): com efeito, em 1860, Maria Amália já tinha falecido e Emília Antónia perdera a vida nesse mesmo ano. Acrescenta mais pormenores comprovativos do conhecimento da família.

A mulher sobre quem o romancista escreve perdera vários parentes, que repousavam num jazigo de família (Castelo Branco, 1873: 188-189) e, como se viu atrás, também Ana Augusta chorara a morte de vários familiares, que estavam sepultados num jazigo de família no cemitério da Lapa.

Camilo fala depois de uma criança que falecera dois anos antes da escrita do seu texto (Castelo Branco, 1873: 188-189). Recordamos que a obra data de 1860, pelo que essa criança teria falecido em 1858. Maria José Plácido, a irmã de Ana Augusta, falecera, como vimos, em 1858, com apenas quinze anos. Assim, podemos supor que seria a irmã de Ana Augusta. Doze anos antes, Maria José teria apenas três anos.

Camilo fala ainda sobre a sociedade que cuspi na face da mulher sobre quem escrevia (Castelo Branco, 1873: 188-189) e que despenhara duas vidas num abismo (Castelo Branco, 1873: 188-189). Sabemos, e confirmaremos mais à frente, que a relação entre Ana, uma senhora casada, da burguesia, e Camilo, um escritor, foi condenada pela sociedade.

Assim, pensamos ter argumentos suficientes que sustentam a hipótese de estes textos serem dedicado à primeira vez que Camilo e Ana se viram e, segundo datas referidas e as informações que dele podemos retirar, apresentamos a hipótese de o primeiro encontro entre o casal ter sido em 1848, ou seja, antes do casamento de Ana Plácido.

Podemos também arriscar o mês. Camilo diz ter vinte e dois anos em 1848, e afirma que a mulher em causa (a possível Ana Augusta) tem dezasseis anos nesse mesmo ano. No entanto, tendo em atenção as datas de nascimento de ambos, em 1848, Camilo teria vinte e três anos e Ana dezassete. Porém, se este baile tiver ocorrido entre janeiro e fevereiro de 1848, Camilo teria, de facto, vinte e dois anos, uma vez que nasceu no mês de março, enquanto Ana teria dezasseis anos, visto que nasceu no mês de setembro.

Consideramos ser verosímil a hipótese de Ana ter visto Camilo, pela primeira vez, num baile, em janeiro ou fevereiro de 1848, ano em que completaria dezassete anos, antes do seu casamento com Manuel Pinheiro Alves.

Outras hipóteses foram apresentadas por vários autores, alguns contemporâneos como Alberto Pimentel que, em *Os Amores de Camilo*, defende que o casal se conheceu em setembro de 1850, na Assembleia Portuense⁹⁴, baseando-se nos textos a cima referidos (Teles, 2008: 14); António Cabral, em *Camilo desconhecido*, indica o mesmo local e ano, embora em fevereiro, data da publicação da poesia de Camilo, “Verdades (Impressões d’um baile)” (Teles, 2008: 19-20); Alexandre Cabral defende o mesmo ano, considerando que a referida poesia não falava de Ana Augusta (Teles, 2008: 25) e Manuel Tavares Teles argumenta que o casal se conheceu num baile de Carnaval

⁹⁴ Fazia esquina com a Praça da Trindade e a atual Rua do Dr. Ricardo Jorge (antiga Travessa da Rua do Almada). O edifício foi demolido para a abertura da Avenida dos Aliados, construção dos Paços do Concelho e construção do edifício do Clube Fenianos Portuenses. Ver <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/302043/>

em casa de D. Efigénia Cândida Soares Braga, esposa de Jerónimo José de Araújo Braga, o rico negociante e proprietário da Quinta do Mosteiro, em Grijó, como já vimos, baseando-se num folhetim de Camilo em *A Aurora do Lima* de 11 de dezembro de 1856, que dava conta de um baile em casa dessa senhora e nos textos de Ana Augusta e Camilo, que também analisamos (Teles, 2008: 27).

3.2. Da discrição ao escândalo

O relacionamento entre Ana Augusta e Camilo terá começado antes de agosto de 1858 (Teles, 2008: 161), antecipado pela troca de correspondência iniciada em maio desse ano (Teles, 2008: 139). No início de setembro, houve um desentendimento entre os dois, mas, reconciliaram-se pouco depois (Teles, 2008: 141-142). Com efeito, por ocasião do aniversário de Ana Augusta, nesse mês, Camilo ofereceu-lhe um vestido, para que ela usasse no dia de anos (antes, Ana já oferecera um anel ao romancista). A irmã de Ana Augusta, Maria José, desaprovou este gesto de Camilo. Após este episódio, Ana bateu à porta da casa do romancista, de madrugada, dizendo que Pinheiro Alves partira para Barcelos com a cunhada e pedindo-lhe que passasse as noites seguintes com ela, convite que Camilo aceitou (Teles, 2008: 143-144).

Antónia Cândida e Maria José Plácido tinham conhecimento da relação da irmã com Camilo Castelo Branco. A primeira, estava presente quando o romancista se dirigiu a casa de Ana Augusta, em sequência do desentendimento entre ambos (Teles, 2008: 141-142) e, além disso, ela própria teria um relacionamento com José Barbosa e Silva⁹⁵, amigo do romancista (Cabral, 1992: 52). A segunda estava com Ana Augusta quando, no Bom Jesus do Monte, Camilo se lhes juntou, em junho ou julho de 1858 (Teles, 2008: 246-247).

Em setembro de 1858, Francisco de Paula da Silva Pereira, amigo de Pinheiro Alves, preveniu o casal de que o marido de Ana tinha conhecimento da sua relação extraconjugal. Num primeiro momento, o romancista recusou deixar Ana. Quando, porém, Camilo lhe escreveu, dizendo-lhe que iria deixar a sua casa, Ana Augusta

⁹⁵ Político, poeta, romancista e jornalista (Cabral, 1992: 52).

considerou que a separação de ambos seria o melhor a fazer (Teles, 2008: 145-146). No dia 14 desse mês, apareceram cartas anónimas sobre a relação extraconjugal e Claudino Pereira de Faria, o viúvo de Maria Amália Plácido, confirmou que tudo se sabia. O tio de Ana Augusta, Luís da Serra Pinto, foi indagar a verdade junto da sobrinha. Ana Augusta confessou a sua relação com Camilo, argumentando que a denúncia a Pinheiro Alves não iria melhorar a situação e que não iria deixar Camilo, prometendo fugir de casa assim que a perseguição comesse (Teles, 2008: 148).

A 22 de setembro, a situação parecia ter acalmado e Camilo continuava a passar dias com Ana Augusta, apesar de António Bernardo Ferreira, marido de Antónia Cândida, a ameaçar com denúncias a Pinheiro Alves. O romancista terá aconselhado a amada a sair do Porto durante algum tempo, sob pretexto de levar a irmã Maria José a ares, planeando juntar-se-lhes. Contudo, Antónia Cândida tentava separar a irmã de Camilo (Teles, 2008: 144-145).

No início de 1859, Manuel Pinheiro Alves enfrentava a realidade, porque um parente, provavelmente Luís da Serra Pinto, denunciou a Manuel Pinheiro Alves a relação extraconjugal da esposa (Cabral, 1992: 496). Não se falou de divórcio, até porque a dissolução dos laços conjugais contrariava a origem divina do matrimónio e era vista como causa de desorganização social, colocando em causa a família e a sociedade (Vaquinhas, 2011: 118). Em casos de adultério, as famílias tentavam evitar o escândalo, pois os processos judiciais eram morosos e socialmente penalizadores visto que eram revelados segredos íntimos e testemunhos comprometedores, que vexavam os envolvidos, sobretudo a mulher (Santana e Lourenço, 2011: 271).

Entende-se pois, a tentativa de abafar o escândalo. No mesmo ano, Pinheiro Alves colocou a esposa em casa do amigo Agostinho Francisco Velho, morador na Rua de D. Maria II, no Porto⁹⁶ (Cabral, 1992: 651). Nesta casa, reuniram-se os amigos do brasileiro, a fim de discutirem e decidirem o futuro de Ana Augusta. Não sabemos se Pinheiro Alves estava presente, mas sabe-se que o grupo seria composto pelo médico

⁹⁶ Negociante, tinha prestígio no meio social do Porto e era amigo de Manuel Pinheiro Alves (Cabral, 1992: 651).

Luís António Pereira da Silva (1808-1862)⁹⁷ (Cabral, 1992: 607); o médico assistente de Ana Augusta, José Pereira Reis (1808-1887)⁹⁸ (Cabral, 1992: 555); e António Ferreira de Macedo Pinto (1810-1879)⁹⁹ (Cabral, 1992: 493). Presente estaria também o dono da casa, Agostinho Francisco Velho (Cabral, 1992: 651), e podemos supor que António Bernardo Ferreira, seu cunhado, e Luís da Serra Pinto, seu tio, e possível denunciador do caso (Cabral, 1992: 496), fizessem também parte do grupo.

As soluções apontadas inserem-se no quadro da discrição e do apagamento de rastros de adultério. Luís António Pereira da Silva terá sido da opinião de que Ana Augusta deveria recolher-se a um convento e aí discutiria convenientemente o que convinha aos seus interesses e aos da sua família (Cabral, 1992: 607). Assim, o grupo sugeriu a Ana Augusta a sua reclusão num convento e pressionaram-na a romper relações com o romancista (Cabral, 1992: 651). Perante esta proposta, que recusou, Ana saiu de casa do amigo do marido, dirigindo-se para a Rua de Cedofeita, onde Camilo Castelo Branco vivia, e foi morar com ele (Silva, 2017: 66). Consigo levou o filho, Manuel Augusto e a ama deste. Ou então foi viver com Camilo porque não teve alternativa, uma vez que Agostinho Francisco Velho terá afirmado que foi ele quem expulsou Ana Augusta da sua residência, ao descobrir que esta continuava a corresponder-se com Camilo através de Eufrásia Carlota de Sá (proprietária da casa de hóspedes onde Camilo se hospedava), que a visitava em sua casa sob falsa identidade (Cabral, 1992: 651). Dizia ser prima de Ana, chamar-se Cândida e morar na Rua do Almada (Cabral, 1992: 577-578).

Entre 1859 e 1860, Ana Augusta arrendou uma casa na Rua de Cedofeita, e aí vivia com o filho. O mobiliário resumia-se a duas cadeiras e dois enxergões no chão e, perante as dificuldades, Ana terá considerado a hipótese de começar a trabalhar como costureira ou engomadeira (Teles, 2008: 32). Na verdade, a costura “era uma das poucas

⁹⁷Médico prestigiado, relacionava-se com as famílias portuenses de renome. Docente da Escola Médico-Cirúrgica, redator da *Gazeta Médica do Porto* e do *Jardim Portuense*. Camilo refere-se-lhe em *Óbolo às Crianças* (Cabral, 1992: 607).

⁹⁸Lente da Escola Médico-Cirúrgica, tinha ligações às Letras e boa reputação junto das mais abastadas famílias do Norte. Fez parte de um teatro privativo dos Ferreirinhas (Cabral, 1992: 555).

⁹⁹Fundou o periódico “O Farol Transmontano”, em 1845. Foi lente da Escola Médico-Cirúrgica do Porto e diretor da Companhia Viação Portuense e da Companhia de Utilidade Pública. Em 1874, foi nobilitado como 1º Visconde de Macedo Pinto. Tinha ligações às famílias de renome do Porto (Cabral, 1992: 651).

actividades a que se poderia dedicar uma mulher honesta, em situação económica difícil, sem ser condenada pela opinião pública” (Vaquinhas, 2000: 124).

3.3. Vida em conjunto – roturas e (in)decisões

A relação com Camilo obrigou Ana Augusta a sair do Porto, refugiando-se em diferentes cidades, numa rota que incluiu Lisboa e Braga, onde se recolheu num convento. Foi também nessa época de instabilidade que Ana Augusta publicou as suas primeiras obras literárias.

3.3.1. Lisboa/Braga/Porto/Lisboa

No início de fevereiro de 1859, Camilo e Ana retiraram-se do Porto, indo viver para Lisboa, cidade onde o romancista nascera. Regressaram à Invicta em junho do mesmo ano, dispostos a negociar com os representantes de Pinheiro Alves, que se afastara, viajando pela Europa (Cabral, 1992: 619). Este regresso obedeceu a várias circunstâncias. Devido a dificuldades económicas, ao processo de adultério e, talvez, a problemas no relacionamento, decidiram, de mútuo acordo, separar-se temporariamente, fingindo aceitar as imposições de Manuel Pinheiro Alves, que exigia que a esposa se recolhesse num convento e se afastasse do romancista (Teles, 2008: 76).

Assim, Ana escreveu a Francisco de Paula da Silva Pereira, amigo do marido e o grande intermediário no diálogo entre os dois, pedindo-lhe que tratasse do seu recolhimento, na companhia do filho e de duas criadas, no Convento de Santa Clara, na cidade do Porto (Cabral, 1992: 199). Foi em carta escrita a 5 de maio de 1859, que o informa da sua intenção. Nesta época, a residir em Lisboa, de acordo com o local de emissão da carta, estaria no número 26, na Travessa dos Carros, pelo que supomos que viveria nessa morada. Ana aceitava entrar num convento, mas a sua entrada “só pode dar-se levando meu filho, de quem não me separo mesmo temporariamente (...)” (Marco, 1933: 95). Desejava permanecer na cidade do Porto, onde se recolheria ao convento de Santa Clara, acompanhada por duas criadas. Pediu a Silva Pereira que não

comunicasse a sua vontade aos amigos de Pinheiro Alves, que considerava seus inimigos (Marco, 1933: 95).

Não sendo possível ingressar em Santa Clara, por razões que se desconhecem, Silva Pereira sugeriu um convento em Viana ou em Braga e aconselhou Ana a deixar o filho fora da reclusão, pois poderia vê-lo sempre que quisesse e, mais tarde, poderiam conseguir que o menino fosse definitivamente para junto dela (Marco, 1933: 96). Ana, no entanto, reafirmou que “privar-me da companhia de meu filho é dar um golpe nos meus desígnios; não me separo, não me suicido assim, porque é por amor d’elle que todos os sacrifícios se me afiguram toleráveis” (Marco, 1933: 96). Agradeceu a Silva Pereira a sua oferta para interceder junto de Pinheiro Alves para que este lhe desse os meios de subsistência a que tinha direito, ameaçando recorrer à justiça se o marido se recusasse a fazê-lo. A questão da indissociabilidade do casamento justificava a obrigação de partilha de património, razão para a reivindicação de sustento. Na impossibilidade de se recolher em Santa Clara, aceitava Viana, mas “quizera que fosse no Porto, por que não sei que sentimentos de coração me ligam áquella terra onde fui feliz, onde me prendem recordações de infância” (Marco, 1933: 96).

Apesar de não querer prejudicar a sua amizade com Pinheiro Alves, Silva Pereira garantiu que a ajudaria, continuando a tratar da sua entrada em Santa Clara. Pediu-lhe que não recorresse à justiça e que confiasse no bom carácter do marido e disponibilizou-se para prestar auxílio financeiro assim Ana que entrasse no convento (Marco, 1933: 97-99).

Além de Silva Pereira, Evaristo Basto, amigo de Camilo, também estava a tratar do recolhimento de Ana Augusta que se conformou com Viana, ao ver que era impossível ingressar em Santa Clara. Aceitou a ajuda monetária de Silva Pereira, mas apenas a receberia “como um emprestimo de cujo pagamento seja eu responsavel, quando meu marido hesitasse um momento em pagar-lhe” (Marco, 1933: 100), pois “considero hoje meo marido como administrador do que me pertence, é a elle que eu tenho a pedir o que me é devido e eu não me invergonho de pedir alimentos de empréstimo. Se elle (...) mos negasse, já disse (...) que recorreria ao (...) recurso da justiça (Marco, 1933: 99-100). A 22 de maio, começaram as tentativas de a colocar em Viana (Marco, 1933: 100-101).

Ana Augusta teve sempre o filho junto de si e recebia um valor monetário, apesar de ser comum as mulheres adúlteras serem privadas dos filhos e do sustento económico (Santana e Lourenço, 2011: 271).

As dificuldades económicas seriam grandes sem o suporte do marido, como parece confirmar a carta de Camilo a Sebastião Maria de Andrade e Sousa, redator de *A Aurora do Lima*, a pedir que lhe emprestasse duzentos mil réis, pois Ana fora uma “senhora de duzentos contos” (Cabral, 1992: 619). Ana e Camilo passaram por problemas económicos, comprovados pela carta a Adolfo Soares Cardoso¹⁰⁰ (Cabral, 1992: 131), de 1859, na qual o romancista pediu seis libras emprestadas e auxílio para a situação de Ana Augusta, frente ao processo de adultério e os entraves sucessivos (talvez os atrasos na entrega de dinheiro) colocados por Pinheiro Alves (Cabral, 1992: 131).

Antes de seguir para Braga, regressada de Lisboa, a 5 de junho de 1859, Ana Augusta já se encontrava no Porto, estando hospedada no Hotel do Cisne, no gaveto da Praça de D. Pedro com a então Rua do Sá da Bandeira (atualmente, Rua de Sampaio Bruno) (Silva, 2017: 66). Com ela estaria também Camilo (Silva, 2017: 66).

A 8 de junho, foi Camilo Castelo Branco quem escreveu a Silva Pereira, contando que acompanhara Ana Augusta ao Porto e confidenciando que ela “julgou ser-lhe airoso e honesto entrarm em casa de seus pais, para d’ali se recolher ao convento”. Não conseguiu dissuadir dessa ideia, apesar do que antevira, “porque eu conhecia (...) menos do q ella os seus proprios parentes”. Assim, a 7 de junho, Ana dirigiu-se à casa da família mas os familiares “arrastaram-na (...) até á rua, cobriram-na de affrontas, e consentiram que um homem estranho a ferisse a ella, e sovasse de pancadas a ama de seu filho” (Marco, 1933: 83), Jacinta Cândida de Jesus (Cabral, 1992: 334). Depois disto, Ana foi para casa de Camilo e daí, terá sido conduzida pelo amigo deste, Evaristo Basto, ao Hotel Luzitania, onde ficou hospedada (Marco, 1933: 84).

Camilo pediu também a Silva Pereira que protegesse Ana Augusta, como ele próprio tinha feito até a acompanhar ao Porto e explicou que o seu regresso à cidade portuense foi uma condescendência com a vontade da própria que, se regressasse

¹⁰⁰ Amigo de Camilo desde a juventude (Cabral, 1992: 131).

sozinha, sentir-se-ia desprezada. Informou também que iria voltar para Lisboa, uma vez que considerava que a sua presença entristecia Ana (Marco, 1933: 83-84).

Silva Pereira disse desconhecer a agressão sofrida por Ana Augusta, e considerou a resolução de Camilo a ter acompanhado ao Porto imprudente, porque deveria ser ele próprio a acompanhá-la, evitando o conflito que se seguiu (Marco, 1933: 94-95). Com efeito, em carta de 9 de junho, Ana Augusta, sem referir que a agressão sofrida, lamentava restar-lhe apenas “meu irmão Alberto, essa criança que eu criei e por quem sinto uma afeição de mãe” (Marco, 1933: 103), razão que a levava a despedir-se dele antes de entrar no convento e, por isso, dirigir-se a casa dos pais (Marco, 1933: 103). É bem provável que os restantes irmãos se tivessem afastado depois do escândalo. Por isso, pediu a Silva Pereira que a ajudasse a ver e a abraçar o irmão mais novo antes de se recolher mas, “se houver dificuldade paciência, eu de modo algum o quero suplicar àquelles que me arrastaram da casa de meus pais” (Marco, 1933: 103).

Depois deste episódio, Ana Augusta adoeceu. Preocupado, Camilo pediu a Silva Pereira que a fizesse ser vista por um médico (Marco, 1933: 86) e, temendo que a amada morresse sozinha, avisou que, se ninguém a ajudasse, ele próprio a iria buscar, levando-a para sua casa, “afim de ministrar-lhe os socorros que ninguém quer dar-lhe” (Marco, 1933: 86-87).

Uma semana mais tarde sobre a agressão, a 15 de junho, Ana aceitou um convento em Braga, para onde partiria no sábado seguinte (Marco, 1933: 104), onde já se encontrava a 22 de junho de 1859. Aceitou recolher-se no Convento da Conceição¹⁰¹, exigindo cómodos e regalias de acordo com a sua posição social e esperou, fora do convento, que os operários reformassem a cela que iria ocupar (Cabral, 1991: 43). Nesse dia, em carta para Silva Pereira, assegurou ser “(...) tractada com uma distincção particular (...) pelas religiosas (...)” (Marco, 1933: 104) de várias instituições.

Para evitar atrasos, Ana Augusta combinou com a abadessa recolher-se na segunda-feira seguinte, aguardando numa cela a conclusão das obras naquela que lhe

¹⁰¹ Convento de Nossa Senhora da Conceição de Braga, extinto em 1883. Ver ANTT - INVENTÁRIO DE EXTINÇÃO DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE BRAGA PT/TT/MF-DGFP/E/002/00014.

estava destinada. Não queria recolher-se sem ter o envio dos seus pertences (loiça e roupa) “convenientemente arranjadas” (Marco, 1933: 104-105).

Em Braga, foi protegida por D. Manuel da Prelada (? -1870)¹⁰², personalidade distinta da sociedade nortenha. Terá sido ele quem se disponibilizou para pedir ao arcebispo a licença que permitiria a entrada do seu filho, no convento, três dias por semana. A protecção e amizade que unia Ana a Manuel da Prelada suscitaram os ciúmes de Camilo que, a 4 de julho de 1859, terá escrito uma carta do Porto a um amigo, pedindo-lhe que indagasse sobre os passos dela nos dias que antecederam a sua entrada no convento (Cabral, 1992: 522).

A 27 de junho de 1859, “às 7 horas da tarde”, Ana Augusta recolheu-se no convento da Conceição (Marco, 1933: 105-106) e o marido forneceu-lhe meios e dinheiro no valor de 9000\$000 réis (Cabral, 1991: 42). Em “Martírios Obscuros”, Ana parece descrever como a separaram do pequeno Manuel Augusto, que chorava, estendendo os braços para si, enquanto ela se deixava cair em braços desconhecidos, sendo depois levada à sua cela, quase desfalecida (Plácido, 1863: 162-163).

Instalou-se comodamente no convento, de acordo com as suas próprias exigências, colocando vasos de flores na janela da cela e passando os primeiros dias de reclusão de forma tranquila (Faria, 1995: 99).

No entanto, a 30 de junho, enviou nova carta a Silva Pereira, contando que, “depois de muitos impenhos consegui do Snr. Arcebispo licença p^a a entrada do meu filho n’esta caza três vezes por semana. A senhora Abadessa recusou obedecer a esta ordem e continuou a exigir o breve do núncio (...)”. Além disto, “(...) soube que se me nega fallar ás pessoas que me procuram (...) Na primeira noite que aqui passei disse-me uma freira que não fallava mais com o Camillo (...) julguei que seria só para elle a proihibição. Enganei-me (...). O Dr. Manoel da Prelada (...) veio (...) duas vezes procurar-me e duas vezes o despediram (Marco, 1933: 106-107). Assim, Ana exigiu ser transferida para outro

¹⁰² Fidalgo abastado da sociedade nortenha, a sua família tinha ligações à Santa Casa da Misericórdia. A Quinta da Prelada, em Ramalde, fazia parte da herança que D. Manuel deixou ao filho. Possuía propriedades em Braga, Porto, Monção e Guimarães (D. Francisco de Noronha e Menezes. Disponível em <https://www.mmipo.pt/pt-pt/obras/retrato-de-d.-francisco-de-noronha-e-menezes> (consultado em 29/08/2022).

convento e, “se não me consentem inteira liberdade e o meu filho saio imeditamente daqui. Se me não arranjam a licença procuro ocasião em que esteja a porta aberta – o que (...) acontece muitas vezes – e fujo”.Relembrando que era uma mulher de carácter firme, prometeu que, caso não a ajudassem, pediria o auxílio de “um irmão que não chamarei debalde” e que poderia ser o próprio Camilo (Marco, 1933: 106-107).

Seguiu-se uma troca de cartas entre Silva Pereira e Ana Augusta que, entretanto, conseguiu que o pequeno Manuel Augusto entrasse no convento. Queixou-se, no entanto, da demora em receber o dinheiro que lhe pertencia (Marco, 1933: 110-111). Silva Pereira sugeria que ficasse calma e que aconselhasse Camilo a regressar a Lisboa (Marco, 1933: 107-110), a que Ana Augusta garantindo que não tinha razões para abandonar o recolhimento, defendeu a presença do romancista no Porto. Sublinhou que não pediria nenhuma esmola ao marido ou aos amigos deste, relembrando que apenas exigia o que era seu por direito (Marco, 1933: 114-115), sem ser claro se se referia ao dote dos pais e ao que lhe fora estipulado pelo marido no dote de casamento, como visto atrás. Ana Augusta recebia no convento uma mesada de trinta mil réis, sendo esta quantia temporária, até que o marido providenciasse o valor que entendesse (Cabral, 1992: 199).

Apesar de Ana e Camilo estarem proibidos de comunicar, o romancista assinava a correspondência que lhe enviava com o criptónimo Ermelinda Pereira da Costa, fazendo-se passar por uma senhora portuense que ninguém conhecia (Cabral, 1992: 199). Entre 6 de julho e 3 de agosto de 1859, os trinta e oito dias que Ana Augusta permaneceu no Convento da Conceição, o casal trocou quarenta e oito telegramas, que correspondem ao primeiro período da coletânea *Via Dolorosa* (Cabral, 1991: 44-45).

No convento, Ana Augusta adoeceu (Marco, 1933: 110-111) e a sua doença é tema recorrente nos telegramas trocados com o romancista: “Diz-me se sentes algumas melhoras” (Cabral, 1979b: 82). Neste período, foi visitada por Luís António Pereira da Silva, amigo de Pinheiro Alves, a quem assegurou estar muito satisfeita no Convento da Conceição, onde era muito bem tratada. No entanto, a sua saúde não lhe permitiria que aí residisse por muito tempo (Cabral, 1992: 607).

Nos telegramas, Ana e Camilo manifestavam esperanças no futuro a dois: “A esperança sustenta e dá-me força (...). Não receies, o sol da felicidade alumia a tua Ana Augusta Plácido” (Cabral, 1979b: 97), planeando partirem para Viana: “Viana torna a ser o Destino de ambas” (Cabral, 1979b: 84); “(...) vejo já o mar de Viana, com o arrebatamento, com que admirei ao teu lado o Tejo” (Cabral, 1979b: 91) e preparando a saída de Ana do convento: “A nina vem para o Bonjardim, e sem receio (...)” (Cabral, 1979b: 101); “Às 7 horas da manhã tens a carruagem. Espero-te onde te disse. Vens para a tua casa na Picaria” (Cabral, 1979b: 103); “Amanhã (...) começará para nós uma nova vida” (Cabral, 1979b: 104). Também falavam sobre os passos de Manuel Pinheiro Alves: “O Sr. de Ceide está em Paris” (Cabral, 1979b: 88); “(...) o sr. de Ceide dissera que no caso de reincidência intentaria uma acção não de divórcio mas de cousa mais feia” (Cabral, 1979b: 102). Além disto, manifestavam as saudades que sentiam um do outro: “A qualquer hora que queiras sair, chama (...) Não posso consolar-me nem dar-te alívio de outro modo” (Cabral, 1979b: 82); “Receio que a tua visita, sem poder abraçar-te, altere o meu estado, ânimo e coragem por mais alguns dias” (Cabral, 1979b: 86); “Aflige-me saber que sofrer, e que estou longe de ti” (Cabral, 1979b: 93). Carinhosamente, usavam trato “nino” (Cabral, 1979b: 80) e “nina” (Cabral, 1979b: 100-101).

Finalmente, a 3 de agosto de 1859, Ana saiu do seu recolhimento, numa caleche que Camilo lhe enviou e que a levou de regresso ao Porto (Cabral, 1992: 199), tendo-se instalado em S. João da Foz (Cabral, 1991: 44), sendo que em setembro, a 27 desse mês, celebraram o aniversário de Ana Augusta (Cabral, 1992: 282). Ali permaneceram entre agosto e novembro de 1859 (Silva, 2017: 40).

A 24 de dezembro de 1859, Camilo estava em Lisboa, enquanto Ana Augusta permanecia no Porto, vivendo no número 605 da Rua do Bonjardim, a casa de hóspedes de Eufrásia Carlota de Sá, onde o romancista já antes se instalara (Cabral, 1979b: 64).

À semelhança do que aconteceu no início de 1859, no final desse ano, o casal voltou a refugiar-se na capital portuguesa. Viajaram separados, tendo partido em datas diferentes e recorrido a meios de transporte distintos. Camilo saiu primeiro e viajou por mar, tendo chegado a Lisboa a 12 de dezembro (Cabral, 1992: 207), enquanto Ana Augusta seguiu por terra (Cabral, 1991: 44), levando consigo o filho, Manuel Augusto,

chegando a Coimbra a 27 de dezembro, onde foi recebida por José Cardoso Vieira de Castro, amigo de Camilo (Cabral, 1992: 162-167), que lhe prestou auxílio moral e económico (Cabral, 1979b: 105) pois viajava com pouco dinheiro. Saiu de Coimbra no dia 29 do mesmo mês (Cabral, 1979b: 110) e o romancista foi esperá-los ao Carregado (Cabral, 1979b: 110).

Entre 12 e 29 de dezembro de 1859, período que corresponde ao espaço de tempo entre a saída de Camilo do Porto para Lisboa e a viagem de Ana Augusta, com passagem por Coimbra, para se reunir ao romancista, na capital, o casal trocou sete telegramas, disponíveis na *Via Dolorosa* (Cabral, 1979b: 45). A 23 de dezembro, Ana Augusta, ainda no Porto, informou Camilo que “distribuiu-se hoje a Querela contra nós. Acautela-te (...) eu quero, e tenho esperanças em abafar este negócio” (Cabral, 1979b: 108). Voltou a escrever-lhe no dia seguinte, véspera de Natal, dizendo que o juiz a pronunciara e que fora aconselhada a partir antes de ser dada ordem de prisão. Pediu-lhe que não fizesse a “ (...) asneira de ir ao Porto, porque o caso é mais sério que julgas” (Cabral, 1979b: 108). Camilo garantiu-lhe que lhe seriam dadas providências para a sua segurança e para a partida no próximo vapor (Cabral, 1979b: 109).

3.4. A primeira publicação de Ana Augusta

A passagem por Coimbra poderia ser a confirmação de uma oportunidade de negócio para Ana Augusta Plácido. Com efeito, terá sido neste período que iniciou a publicação dos seus escritos. Depois meses antes, a 19 de outubro de 1859, Camilo Castelo Branco escreveu a Vieira de Castro, pedindo: “No correio de amanhã ou depois hei-de mandar-lhe uma prosa da minha A. A. e veremos se lhe posso arrancar uma poesia. Se forem a tempo, publique-as no primeiro número” (Cabral, 1979b: 64). Este excerto pode ser sinal de que o romancista encaminhou os escritos de Ana.

Com efeito, em outubro de 1859, “O Ateneu”, revista académica de Coimbra, publicou a primeira *Meditação*, assinada por A. A (Cabral, 1991: 44), iniciais do seu nome próprio. Este texto foi mais tarde incluído em *Luz Coada por Ferros*. Em tom autobiográfico, na sua primeira *Meditação*, aborda a condição social da mulher (Passos, 1995: 202) e recorda o casamento que lhe foi imposto por vontade paterna,

considerando-o um sacrifício¹⁰³ (Plácido, 1863: 66) e a enfadonha vida de casada ao lado de Pinheiro Alves¹⁰⁴ (Plácido, 1863: 63).

“Nessa idade feliz, a primeira das virtudes é a obediência. Trespagam-te a um homem repulsivo, quando mal conheces a magnitude do sacrifício e o valor da mercancia. Quando te é dado compreender a melancólica existência, a que te condena a cobiça previdente de um pai cuidadoso em demasia no porvir de seus filhos, é já tarde...” (PLÁCIDO, 1863: 66).

¹⁰³ “Nessa idade feliz, a primeira das virtudes é a obediência. Trespagam-te a um homem repulsivo, quando mal conheces a magnitude do sacrifício e o valor da mercancia. Quando te é dado compreender a melancólica existência, a que te condena a cobiça previdente de um pai cuidadoso em demasia no porvir de seus filhos, é já tarde...” (Plácido, 1863: 66).

¹⁰⁴ “(...) enfadoso viver de oito anos, de oito séculos de escravidão forçada, aceita, e acatada pelo mundo (...)” (Plácido, 1863: 63).

Capítulo 4: *Nas Trevas de um Cárcere: A Cadeia da Relação (1860-1861)*

Apesar das deslocações consecutivas, a prisão de Ana Augusta Plácido na Cadeia da Relação do Porto concretizou-se, e aí permaneceu durante cerca de um ano, até ser absolvida e libertada. Durante a época de detenção, Ana Augusta Plácido escreveu grande parte da sua obra, dedicando-se à escrita intimista. A prisão, o tempo de isolamento e a reflexão sobre a sua condição contribuíram, muito provavelmente, para o desenvolvimento da sua obra literária (Cabral, 1991: 24).

4.1. Prisão de Ana, fuga e prisão de Camilo

No início de janeiro de 1860, Camilo Castelo Branco pediu ao amigo Adolfo Soares Cardoso, genro de Francisco de Paula da Silva Pereira, que indagasse o andamento do processo de adultério (Marco, 1933: 14). No mesmo mês, Ana pretendia voltar a recolher-se num convento, desta vez em Lisboa, pedindo cem mil réis mensais para a sua alimentação, do filho e de duas criadas que iriam com ela. Este pedido foi expresso numa carta enviada a Custódio José Vieira, amigo de Camilo que, no entanto, a dissuadiu desse propósito, informando que corria a querela por adultério. Foi essa querela que terá levado Ana e Camilo a abandonarem a cidade do Porto, dirigindo-se a Lisboa, pensando que, assim, terminariam as perseguições levadas a cabo por Manuel Pinheiro Alves e pelos seus amigos e representantes. A pronúncia pelo crime de adultério, no entanto, foi entendida pelo casal como uma ato de vingança e Ana viu-se obrigada a escolher entre recolher-se num convento, submetendo-se às condições que lhe fossem impostas, ou a prisão, onde poderia ser julgada, opção que preferiu, entregando-se na cadeia assim que a ordem de captura chegasse à capital, onde se encontrava. Camilo alimentava a esperança de que, ao ser julgada, Ana Augusta fosse absolvida e a perseguição do marido e seus amigos terminaria. Convencia-se também que o desfecho da pronúncia pelo crime de adultério seria a reclusão de Ana num convento (Marco, 1933: 14-16).

A 26 de março de 1860, o Dr. José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, juiz do 1º Distrito Criminal do Porto, concedeu o despacho de pronúncia pelo crime de adultério a Ana Plácido, sem fiança (Marco, 1933: 16). Três dias depois, um desgosto para Ana Augusta: faleceu a sua irmã Emília Antónia Plácido, na freguesia de S. Pedro, no Funchal, na ilha da Madeira, para onde teria viajado com o propósito de se curar de doença¹⁰⁵. Terá sido sepultada no cemitério da Lapa, na cidade do Porto, junto do marido (Teles, 2008: 32). Num curto espaço de tempo, Ana Augusta foi pronunciada pelo crime de adultério e recebeu a notícia da morte de uma irmã.

Nessa época, Ana Augusta estava “escondida para fugir à perseguição” (Cabral, 1979b: 115). Aflito, Camilo pedia informações sobre o paradeiro de Ana e do filho a Eufrásia Carlota de Sá (Cabral, 1979b: 116), enquanto suspeitava que estivesse sob proteção do cunhado, o que ela desmentiu (Cabral, 1979b: 116). Ana Augusta terá estado junto de um dos seus irmãos (Cabral, 1979b: 120), mas esteve também alojada no Hotel do Cirne (Cabral, 1979b: 120).

A 25 de abril de 1860, Ana Augusta encontrava-se no Porto, de onde enviou uma carta a Duarte Gustavo Nogueira Soares, lamentando o sofrimento em que vivia, “que não se exprime na linguagem humana”, além disso, queixava-se que “a saúde tem se me alterado muito, apesar da força de vontade que imprego para não satisfazer a sanha d’estas perseguidoras e brutas feras” (Marco, 1933: 121-122).

A 5 de maio de 1860, escreveu para o jornal “O Nacional”: “O primeiro grito contra a Relação pertencia-me por direito” (Cabral, 1979b: 128). Um mês depois, a 6 de junho, foi conduzida à Cadeia da Relação, no Porto, levando consigo o filho, Manuel Augusto, de quem nunca se separava. Ficou instalada no segundo andar do edifício, na fachada voltada para a Cordoaria (Cabral, 1991: 45).

No registo de entrada na cadeia, foi escrito: “D. Anna Augusta Plácido, casada com Manoel Pinheiro Alves, de 28 annos d'edade, filha de António José Plácido Braga e de D. Anna Augusta Vieira, fallecidos, natural da freguezia de Santo Ildefonso, d'esta cidade, de estatura regular, rosto redondo, cabellos pretos, olhos castanhos, vestida

¹⁰⁵ ABM PT/ABM/PFUN10/003/00025.

com vestido de seda preta e mantilete do mesmo. Declarou que nunca aqui estivera presa e agora vem arguida de adultério. (...)” (Pimentel, 1913: 53).

A prisão de Ana Augusta e de uma outra “senhora de distinção”, cujo nome, até à data, não conseguimos localizar, levou a que, num pequeno corredor escuro e frio, no último piso, fosse criado um espaço para a detenção de ambas¹⁰⁶.

A cela que ocupava, era um “quarto mobilado com piano, mesa de pinho com muitos livros, entre os quais uma Bíblia, papel, tinteiro e algumas cadeiras. Tocava piano e cantava na sua cela. E não se coibia de aparecer à janela fumando charuto o que parecia causar mais escândalo que o adultério” (Cabral, 1991: 45). Com efeito, considerava-se que fumar era um ato masculino, enquanto o tabagismo feminino era inadmissível (Vaquinhas, 2011: 348). Aí, estudava (Cabral, 1979b: 130), lia e escrevia.

Além de ter consigo o filho, Ana Augusta contava com a presença da sua criada de servir e ama do pequeno Manuel Augusto, a sempre leal Jacinta Cândida de Jesus, sua confidente que a acompanhava desde que saíra de casa do marido (Cabral, 1979b: 334).

Na cadeia¹⁰⁷, Ana Augusta queixava-se que “o inverno frigidissimo, quasi incomportável aqui, tem-me causado grave mal; e ultimamente a doença de Camillo exasperou-me o soffrimento, crescendo o desejo de sahir d’esta situação tormentosa” (Marco, 1933: 122). Por isso, pedia ao amigo Nogueira Soares que os ajudasse no recurso (Marco, 1933: 122).

Nos meses que se seguiram à pronúncia de Ana Augusta e que antecederam a detenção do romancista, o casal continuou a corresponder-se, trocando oitenta telegramas, entre 29 de março e 11 de setembro de 1860, publicados na *Via Dolorosa* (Cabral, 1979b: 45).

No primeiro telegrama, Camilo trata Ana Augusta por “você”. Este tom cerimonioso demonstra que, receando que a correspondência fosse interceptada, o casal

¹⁰⁶ CPF. História do Edifício Disponível em <https://cpf.pt/visitar/edificio/historia-do-edificio/> (consultado a 05/08/2022).

¹⁰⁷ Pouco depois de ser presa, Ana “foi ameaçada pelo chicote d’um tal Simão, genro d’uma moedeira falsa q está com ella”, tendo-se queixado disto ao procurador régio (MARCO, 1933: 43). Em fevereiro de 1861, Ana foi, de novo, “ameaçada por um chicote; o procurador regio teve conhecimento disso, e nenhuma satisfação deu àquella martyr” (CABRAL, 1992: 60-63).

recorreu a uma forma de tratamento menos íntimas, evitando a existência de provas de acusação no processo (Cabral, 1979b: 115).

Nesses telegramas, falavam sobre o marido de Ana, Manuel Pinheiro Alves, que estava em Lisboa (Cabral, 1979b: 117), assim como manifestavam as saudades que sentiam um do outro: “Diz-me se ouves ainda chamar-te. Sim ou não, depressa, salva-me” (Cabral, 1979b: 121); “Ouço-te todos os instantes. Chama-me e eu partirei imediatamente. A tua carta de hoje fez-me bem” (Cabral, 1979b: 121). Camilo também atualizava Ana Augusta sobre o estado da sua fuga (Cabral, 1979b: 126-127).

A 5 de maio de 1860, Camilo foi pronunciado pelo crime de adultério e decidiu fugir, acreditando que a sua pena seria o degredo, vagueando por terras nortenhas. Acreditava que Pinheiro Alves não sentia ódio pela esposa, querendo obrigar o romancista a emigrar e recolher Ana Augusta, impondo-lhe o convento como prisão e obrigando à separação de ambos. Ficou em casa de Custódio José Vieira, tendo daí partido com o cunhado, o médico Francisco José de Azevedo, marido de sua irmã Carolina Castelo Branco (Cabral, 1979b: 45-47). No dia em que Ana Augusta foi presa, em junho, já o romancista estava escondido em Guimarães, pois a perseguição era cerrada (Cabral, 1979b: 47).

A 11 de setembro de 1860, Camilo já decidira que se iria entregar, tendo escrito a Ana: “Vou dar um passo de que depende tudo. Amanhã o saberás. Se o reprovares, eu te convencerei. Não temas o que hoje leste. Não respondas” (Cabral, 1979b: 153). Finalmente, a 1 de outubro de 1860, depois de cerca de cinco meses em fuga, Camilo entregou-se na Cadeia da Relação (Marco, 1933: 49).

A 27 de setembro de 1860, dia do 29º aniversário de Ana Augusta, o romancista ter-lhe-á dedicado uma poesia (Cabral, 1979b: 180).

4.2. A força dos escritos e das publicações de Ana

Quando Ana começou a escrever, fê-lo na esperança de que José Joaquim Gonçalves Basto, proprietário de “O Nacional”, lhe pagasse algo por cada folhetim (Marco, 1933: 53-54). Empenhava-se no seu sustento, ao contrário do que, habitualmente, apenas se atribui a Camilo.

Entre 5 e 11 de outubro 1860, o jornal “O Nacional” publicou *Horas de Luz nas Trevas de Um Cárcere*, que Ana Augusta assinou com as iniciais A. A. Este texto, foi mais tarde publicado em *Luz Coada por Ferros* como a quarta *Meditação* (Marco, 1933: 46).

Em *Horas de Luz nas Trevas de Um Cárcere*, ou a quarta *Meditação*, Ana Augusta ataca os preconceitos e injustiças sociais (Cruz e Castro, 2020: 51). Exalta a literatura e demonstra o seu gosto pelas Letras, condenando Portugal por desprezar os seus escritores e literatos¹⁰⁸ (Plácido, 1863: 86-87). Neste texto, como vimos, parece também recordar a primeira vez que viu Camilo Castelo Branco (Plácido, 1863: 88) e relembra o seu casamento com Manuel Pinheiro Alves (Plácido, 1863: 93-94), as consequências deste enlace e o papel social que lhe fora imposto. Destaca-se também a reflexão que faz sobre a condição social da mulher, defendendo o seu acesso ao estudo, a valorização da escrita feminina e o seu reconhecimento enquanto escritora (Plácido, 1863: 93-94), mostrando ser a favor da emancipação da mulher através do trabalho literário (Cabral, 1991: 25): “É esta febre que as mulheres de Portugal apagam no regelo do coração, rebatendo assim o estímulo mais atraente da ambição da glória, a única que eu invejo e aprecio. Fecha-se-lhes esse santuário esplêndido, ei-las sem prestígio, sem outro brilho nos fastos contemporâneos senão o de boas governantes de casa, e boas mães de família. A sua missão mais nobre é por certo esta (...). Folgo (...) que me extremem no meio delas. Mas essa essência preciosa absorve todas as faculdades grandiosas da mulher? Não. É preciso que esta inatividade tenha fim (...). Não dêmos ao homem a fácil vitória da nossa inércia (...). É, afagando esta ideia, que me arrojo primeira no exemplo, e com a esperança de ser imitada e seguida (...)” (Plácido, 1863: 91-92).

Poucos dias depois, a 23 e 29 de outubro, o “Amigo do Povo”, publicou o seu texto *Impressões Indeléveis*, também incluído na obra *Luz Coada por Ferros* (Marco, 1933: 46).

¹⁰⁸ “Sinto-me endoidecer de amores, pelo autor de *Os Lusíadas*, por Garrett e por tantos outros nomes ilustres (...). Arrebata-me e fascina-me tudo o que o meu espírito abriga enlevado, saído dessas (...) imaginações imortais (...). Compenetro-me sedenta e faminta de cada nova criação de (...) Herculano, Mendes Leal e Castilho. (...) esses vultos grandiosos, essa plêiade distinta (...) que engrandece este Portugal que busca esmagar-lhes o talento, e tão mal os preza como filhos (Plácido, 1863: 86-87).

No dia 3 de novembro, “O Nacional” publicou o seu romance, *O Mundo do Doutor Pangloss*, também assinado com as iniciais A. A., e que mais tarde iniciará *Luz Coada por Ferros*, sob o título *Adelina* (Marco, 1933: 46). Com este título, *O Mundo do Doutor Pangloss*, Ana Augusta criou uma ligação entre a sua heroína, Adelina, e o personagem Cândido, de Voltaire, uma vez que ambos perdem a capacidade de manter o seu otimismo. Imprimindo um tom sarcástico neste romance, Ana Augusta aborda alguns temas autobiográficos (Cruz e Castro, 2020: 54).

A 26 de novembro de 1860, em carta para o amigo Duarte Gustavo Nogueira Soares (Cabral, 1992: 615), Camilo Castelo Branco conta que Ana Augusta publicara quatro capítulos de um romance em “O Nacional”, e que tencionava escrever mais de vinte capítulos, como um livro. Perguntou também ao amigo se seria possível mover os empresários do jornal a comprarem o romance de Ana, *O Mundo do Doutor Pangloss*, de vinte e cinco capítulos. Se a empresa o quisesse comprar, Ana ficaria feliz por receber doze libras, por tê-las merecido com o seu trabalho, o que seria um estímulo para não desanimar (Marco, 1933: 53-54).

A publicação dos textos de Ana Augusta aumentava as vendas do jornal “O Nacional” que, a 27 de novembro de 1860, divulgou uma carta aberta da autoria da escritora, intitulada *A opinião pública* (Cruz e Castro, 2020: 53). Nesta carta, Ana Augusta afirmava que “procurando eu saber com que intenção meu marido me fez pronunciar, alcancei a certeza de que seu fim era affugentar-me de Portugal pelo terror da prisão, mas afugentar-me pobre para que a minha presença não lhe perturbasse o goso tranquilo e honrado do meu dote, pequeno sim, mas suficiente para sustentação minha e do filho de meu marido, também possuidor do que minha defunta irmã, Maria José, legou à criancinha”¹⁰⁹.

Os textos de Ana teriam impacto e em 1861, Camilo perguntava ao amigo Duarte Gustavo Nogueira Soares se este lia os folhetins de Ana Augusta (Marco, 1933: 68-70).

Com efeito, foi na prisão que Ana Augusta Plácido escreveu grande parte da sua obra, dedicando-se à escrita intimista da sua autobiografia. A prisão, o tempo e a reflexão contribuíram para o desenvolvimento da sua obra literária (Cabral, 1991: 24).

¹⁰⁹ “O Nacional”, 20 outubro 1860, p. 2, nº 305.

Nos textos que publicava em “O Nacional”, Ana Augusta Plácido atacava os preconceitos, as injustiças sociais e, até, a figura de Manuel Pinheiro Alves. O seu folhetim *Horas de luz nas trevas de um cárcere* foi exemplo disso.

Entretanto, a “Revista Contemporânea de Portugal e Brasil” publicou a quinta, sexta e sétima *Meditação* e o texto *Martírios Obscuros*, assinados com as iniciais A. A. e publicados em *Luz Coada por Ferros* (Cabral, 1991: 46).

Na quinta *Meditação*, Ana Augusta descreve-se na prisão¹¹⁰ (Plácido, 1863: 98) e dirige-se ao pai, à mãe e à irmã Maria José, já falecidos, como vimos, recordando os seus entes queridos¹¹¹ (Plácido, 1893: 98-99). Relembra o passado¹¹² (Plácido, 1863: 97-98) e os amigos que a abandonaram¹¹³ (Plácido, 1863: 99). Fala também da sociedade¹¹⁴ (Plácido, 1863: 97-98). A sexta *Meditação* é dirigida à sua irmã, Maria José¹¹⁵ (Plácido, 1863: 161-164), a quem Ana Augusta chama de “filha adotiva do meu coração” (Plácido, 1863: 161-164). Na sétima *Meditação*, a escritora condena a sociedade¹¹⁶ (Plácido, 1863: 115-116). Finalmente, em *Martírios Obscuros*, Ana Augusta começa, como vimos,

¹¹⁰ “Mudas são estas paredes, mudos os ferros que me represam aqui. No silêncio da noite só harmonizam com os meus gemidos estas gotas de água filtradas das abóbadas que me vêm molhar a face, já lenta do suor febril” (Plácido, 1863: 98).

¹¹¹ “Deixa, pois, de chorar aqueles que, mais venturosos, dormem o sono eterno (...) Meu pai! Minha mãe! E tu, minha filha do coração, Maria, vem tu responder aos meus prantos!” (Plácido, 1863: 98-99).

¹¹² “(...) sinto a dor, na recordação turbada e saudosa do passado, daqueles primeiros anos tão cheios de do contentamento singelo da inocência! (...) Como é horrível este plauto solitário por onde espalha a vista, e onde outrora folgavam imagens queridas, tão ledas e formosas! (...) não procures mais o reflexo dos dias primitivos não toldados por nuvem escura! Flor murcha pelo tufão assolador que desbastou uma família, vergonteia débil de tronco eivado de serpes, cujos frutos são extintos ou malditos, não olhes mais o passado aí; curva a fronte empalidecida pelo gemer da orfandade, pobre noviça na atmosfera viciosa em que te puseram as violências do destino!” (Plácido, 1863: 97-98).

¹¹³ “Deixem-me estas reminiscências azedadas com o fel que me chegam aos lábios os amigos de passadas eras!” (Plácido, 1863: 99).

¹¹⁴ “Se não podes amesquinhar-te adorando os dogmas de uma sociedade que tu palpastes com mão inexperiente (...)” (Plácido, 1863: 97-98).

¹¹⁵ “Ai! O passado, Maria, o passado! (...) Feliz de ti que não conheceste as paixões mundanas (...). Vês, além aquela mulher de trinta anos? Foi uma mártir da obediência filial. (...) Feliz de ti que não conheceste este agonizar de espírito (...). Escuta-me tu, filha adotiva do meu coração, sombra querida do meu éden, anjo que eu busco sempre nas horas aflitivas (...) Ó Maria! Voltemos ao passado, queres? Conversemos daqui. Tu no teu leito de mármore, eu no pedestal da minha cruz (...) Eras há três anos o que és hoje na essência: um anjo. Adorar, adoravam-te todos (...)” (Plácido, 1863: 161-164).

¹¹⁶ “A sociedade é tão irônica, tão impiedosa e vingativa, que eu mesmo, quando a defino, tenho medo que caia sobre mim um anátema não menos implacável e amargo que o meu cálice de peçonha. Afronta sem generosidade os pesares dos desgraçados com o ruído dos seus festins; calca aos pés os oprimidos, eleva altares às grandezas da terra por mais conspurcadas que estejam. (...) Ó sociedade, porque te assombras e ofendes, quando o desgraçado te despreza? Como eu te vejo asqueroso e repugnante, mundo! (...)” (Plácido, 1863: 115-116).

por recordar a sua entrada no Convento da Conceição e, a partir daí, introduz a história que uma personagem lhe conta (Plácido, 1863: 115-116).

A eclosão do ímpeto literário de Ana Augusta coincidiu com a época da sua prisão, o que levou a que refletisse sobre si própria, nascendo, assim, os seus primeiros textos, de natureza intimista e autobiográfica (Cabral, 1991: 422).

4.3. Um julgamento (público) de acusações e o benefício das visitas de D. Pedro V

Em novembro de 1860, Ana e Camilo foram visitados pelo rei D. Pedro V, que conversou com o casal durante algum tempo, o que teria causado algum escândalo entre a burguesia portuense (Silva, 2017: 242-243). No ano seguinte, o monarca regressou à Cadeia da Relação, prestando uma nova visita ao casal (Marco, 1933: 68-70). Mesmo sem grandes informações substanciais, tais visitas funcionariam como um atestado de confiança público e “apagamento” de qualquer ilegalidade/ilegitimidade.

Na verdade, o processo e o julgamento mostram a fragilidade das acusações e das provas. O andamento do processo de adultério imposto por Manuel Pinheiro Alves contra Ana Augusta Plácido e Camilo Castelo Branco é relatado diversas vezes pelo romancista nas cartas que escreveu aos amigos. Receava o desterro para África e a reclusão de Ana Augusta num convento e temia a influência do dinheiro de Pinheiro Alves.

Depois de várias vezes adiado, o julgamento de Ana e Camilo realizou-se a 16 de outubro de 1861, mais de um ano depois de terem sido presos. Iniciou-se no dia 15 de outubro e teve lugar no Tribunal Criminal do Porto, que se situava na Praça D. Filipa de Lencastre, na esquina com a Rua da Picaria (na extinta Travessa da Picaria, um arruamento que já não existe e que atualmente corresponde ao lado norte da Praça de Filipa de Lencastre, no gaveto com a Rua da Picaria) (Silva, 2017: 62-63). O processo esteve entregue ao juiz José Maria de Almeida Teixeira de Queirós¹¹⁷.

¹¹⁷ Pai de Eça de Queirós (Cabral, 1992: 538-540).

Ana Augusta e Camilo foram acusados do crime de adultério, de acordo com o artigo 401 do Código Penal da época¹¹⁸. O processo de querela foi instaurado por queixa de Manuel Pinheiro Alves. O advogado Alexandre Couto Pinto assinou a queixa.

O casal contou com a defesa de Joaquim Marcelino de Matos (1824-1865)¹¹⁹ (Cabral, 1992b: 396). Ana foi pronunciada por adultério, enquanto Camilo foi pronunciado por ter tido relações com mulher casada, por decisão do Tribunal da Relação do Porto. O juiz apenas a pronunciara a ela, visto que só o adultério da mulher era punível. O amante seria apenas punido se fosse apanhado em flagrante delito ou se existissem cartas ou documentos escritos que o denunciassem. Ana Augusta e Camilo nunca foram vistos publicamente, juntos, e existia apenas uma carta dirigida ao tio dela, Serra Pinto, mas o nome dela não era mencionado¹²⁰. Com efeito, esta carta foi anexa ao processo e Serra Pinto foi apresentado como testemunha de acusação (Cabral, 1992b: 496).

O médico Jerónimo António de Faria, que tratara Ana Augusta quando esta se encontrava no Convento da Conceição, foi também testemunha de acusação (Cabral, 1992: 264), assim como Agostinho Francisco Velho, o dono da casa onde Pinheiro Alves colocara a esposa depois de tomar conhecimento da sua relação com Camilo e onde se realizara a reunião para decidir o futuro dela (Cabral, 1992: 651). O amigo do brasileiro, Luís António Pereira da Silva também depôs em tribunal, dizendo que não sabia que Ana Augusta vivesse amancebada com Camilo (Cabral, 1992: 607).

José Pereira Reis, médico assistente de Ana Augusta Plácido e amigo de Manuel Pinheiro Alves foi também testemunha, dizendo que sabia que a acusada tinha saído de casa do marido por se dizer publicamente que tinha uma relação extraconjugal com Camilo Castelo Branco. Contou também que Ana, estando doente, o mandara chamar,

¹¹⁸ Código Penal de 1852, p. 118. Disponível em <https://www.fd.unl.pt/Anexos/Investigacao/1829.pdf> (consultado em 02/05/2022).

¹¹⁹ Formado em Direito, trabalhou em jornalismo, foi orador e advogado, tendo conseguido ilibar Camilo Castelo Branco e Ana Augusta Plácido do crime de adultério (CABRAL, 1992: 396).

¹²⁰ Processos Emblemáticos: Camilo Castelo Branco, O Processo (1859-1861). Disponível em <https://museuvirtual.trp.pt/pt/processos-emblematicos/camilo-castelo-branco> (consultado em 02/05/2022).

tendo-a visto com o romancista a uma janela na Rua da Picaria, onde o casal vivia (Cabral, 1992: 555).

Jacinta Cândida de Jesus, ama do filho de Ana Augusta e sua criada de servir e serviçal em casa de Pinheiro Alves, foi testemunha da ré, apesar de o advogado ter prescindido o seu depoimento (Cabral, 1992: 334).

O amigo de Camilo, José Luciano de Castro Pereira Corte Real, interrogado, disse que nunca ouvira dizer que Camilo fosse adúltero nem que tivesse vivido com Ana Plácido em Lisboa (Cabral, 1992: 167-168).

Outra testemunha foi Rodrigo José de Oliveira Guimarães, editor de “O Purgatório” o jornal que mais injuriou Camilo e Ana Augusta quando o escândalo rebentou (Cabral, 1992: 309).

A sentença foi proferida a 17 de outubro de 1861 e Ana Augusta e Camilo foram absolvidos e libertados¹²¹.

Ana recordaria, mais tarde, o tempo que passou na prisão, afirmando que “só quem passou horas, mezes, a dentro d’aquelles muros tenebrosos, sabe e avalia o que (...) terá soffrido” (Costa, 1930: 163).

Todo o processo e o ano de prisão foi um espaço de julgamento público e privado. Andou nos jornais, foi sendo repetidamente objeto de discussão pública a que Ana Plácido também deu oportunidade. A absolvição do casal parece ter resultado de toda uma preparação da opinião pública, na qual Ana teve um papel fundamental ao ver publicados, em jornais vários textos seus e de amigos do casal. Como sublinha Andreia Alves Monteiro de Castro, “...amantes adúlteros, na verdade, eram mártires do amor ...” o casal que, ao entrar na Cadeia da Relação do Porto, estava praticamente condenado ao degredo pela opinião pública, foi absolvido e liberado, e o marido traído ainda teve que pagar as custas do processo. A campanha, que teve a enorme procura dos textos relacionados ao escândalo como um inesperado, mas afortunado, efeito colateral, continuou mesmo após os incriminados terem sido ilibados do delito. Novas intrigas e

¹²¹ Processos Emblemáticos: Camilo Castelo Branco, O Processo (1859-1861). Disponível em <https://museuvirtual.trp.pt/pt/processos-emblematicos/camilo-castelo-branco> (consultado em 02/05/2022).

novas defesas surgem até a morte de Pinheiro Alves em 13 de julho de 1863, que deixou o caminho livre para que Ana e Camilo pudessem viver juntos e gozar livremente dos bens deixados pelo “capitalista brasileiro” ao seu suposto filho” (Cruz e Castro, 2020: 56).

Capítulo 5: Em liberdade... (re) conquistar a vida (1861-1863)

Neste capítulo, conhecemos a vida de Ana Augusta Plácido depois da sua absolvição. Em apenas dois anos, a escritora refugiou-se em Lisboa, onde deu à luz o seu segundo filho, viu a sua relação com Camilo sofrer algumas instabilidades, e enviuvou do marido, Manuel Pinheiro Alves, o que a levou à casa de S. Miguel de Seide, hoje a Casa Museu de Camilo. Entretanto, para assegurar a sua subsistência, Ana Augusta continuava a escrever, publicando em 1863, a obra *Luz Coada por Ferros*.

5.1. Acusada em liberdade – novamente recolhida – novamente entregue a si própria

Depois da absolvição, Ana Augusta e Camilo foram libertados a 17 de outubro de 1861. Ficaram pouco tempo no Porto, acabando por regressar a Lisboa (Cabral, 1991: 46), onde já antes de tinham refugiado. A sociedade portuense não aceitaria a relação do casal e, com efeito, o “O Purgatório” continuava a injuriá-los, mesmo depois da absolvidos (Cabral, 1992: 309).

Os amigos do brasileiro também continuavam a perseguir Ana Augusta que, em janeiro, confidenciou a Nogueira Soares que, “cansada d’esta longa e penosa romagem procuro a paz ou um d’estes sepulcros que o mundo oferece em vida” (Marco, 1933: 126), desejava entrar num recolhimento. O cunhado, António Bernardo Ferreira, pediu-lhe que entrasse num convento, sugestão que, devido a várias circunstâncias, aceitou. Propôs o Convento das Comendadeiras da Encarnação de Lisboa¹²², no entanto, não sendo possível a sua entrada nessa instituição, o Ferreira sugeriu o Recolhimento de São Cristóvão, onde havia um lugar vago pela saída de uma senhora. Perante a hesitação dessa senhora em abandonar o recolhimento, Ana Augusta pretendeu pedir-lhe que lhe cedesse um ou dois aposentos dos oito que ocupava (Marco, 1933: 127).

Contudo, a 4 de fevereiro, Ana Augusta estava hospedada no Hotel Boa União, no número doze da Rua do Alecrim, em Lisboa, e pediu a Nogueira Soares que a fosse aí

¹²² Foi extinto em 18 de março de 1896. ANTT - PT/TT/MF-DGFP/E/002/00064.

visitar (Marco, 1933: 128). A 11 de abril, Camilo estava hospedado no mesmo hotel (Costa, 1931: 29). A incapacidade de se autossustentarem criou uma dependência do marido, pelo que o casal decidiu voltar a separar-se, temporariamente, e Manuel Pinheiro Alves ou António Bernardo Ferreira continuaram a custear Ana Augusta e o seu filho (Cabral, 1991: 47).

O preço a pagar foi, de novo, o enclausuramento. Enquanto Ana Augusta tratava a sua entrada no Recolhimento de S. Cristóvão, Francisco de Paula da Silva Pereira, amigo do marido, escreveu, ironicamente, a António Bernardo Ferreira: “(...) receio eu de algum novo literato de Lisboa (porque este é o fraco da Senhora) espetacular que procure desviá-la do sossego e boa disposição em que ela se acha presentemente” (Cabral, 1979b: 63). A 5 de março de 1862, Ana Augusta entrou no Recolhimento de São Cristóvão, onde permaneceu até finais de julho ou inícios de agosto de 1862 (Cabral, 1979b: 47), sendo acompanhada pelo filho, Manuel Augusto e por uma criada (possivelmente Jacinta Cândida de Jesus) (Cabral, 1992: 552-553). Em junho, Ana sentia-se doente (Barbosa, 1919: 145) e não tinha esperança de sair do Recolhimento sem consentimento dos amigos de Pinheiro Alves, que a continuavam a perseguir (Barbosa, 1919: 145). No final desse mês, Ana Augusta obteve uma licença para usar as caldas do Arsenal ou do Lino¹²³, e começaria a ir a banhos na semana seguinte (Barbosa, 1919: 145).

O Recolhimento de S. Cristóvão permitiria mais liberdade às suas recolhidas, como era habitual em instituições desta natureza (Lopes, 2021: 99-130). Com efeito, Ana e Camilo continuavam a contactar um com o outro, como comprovam as cartas enviadas pelo romancista aos seus amigos.

Ana Augusta terá abandonado o Recolhimento no início de agosto uma vez que, no dia 8, estaria a viver no Becco de Carvalho a S. Paulo, número 15, 2º andar do lado esquerdo, de onde escreveu a Duarte Gustavo Nogueira Soares (Marco, 1933: 127-128), provavelmente porque “o Ferreira suspendeu-me a mezada. Que eide fazer aqui?” (Marco, 1933: 129-130). A 2 de outubro de 1862, Ana Augusta estava a viver no segundo

¹²³ Termas do Arsenal - fundadas na década de 40-50 do século XIX. Ver Termas Portuguesas – Disponível Termas Portuguesas. Disponível <http://www.arquitecturasdasaude.pt/main/termas.html>.

andar do número 26, na Rua de Santa Isabel, em Lisboa e daí escreveu uma carta a Nogueira Soares, confessando que decidira regressar ao Porto (Marco, 1933: 129-130). Planeava sair de Lisboa na quarta-feira seguinte, pernoitar uma noite em Coimbra e estar no Porto, no sábado, prometendo enviar a morada ao amigo Nogueira Soares (Marco, 1933: 130).

Ana continuava a aparentar a sua condição, mesmo com dificuldades económicas. Preferia sempre os andares superiores, que eram também os mais salubres, por oposição aos andares inferiores, húmidos e com falta de luz e de ar e poucos sadios, e os últimos, devido aos tectos baixos, à humidade e às temperaturas extremas. Com efeito, as classes superiores e médias (profissionais liberais, funcionários públicos e empregados, industriais, negociantes, comerciais e empregados do comércio e proprietários) “alojavam-se (...) no andar nobre (1º), e no andar imediatamente mais cotado (2º)” (Cascão, 2011: 43).

5.2. Produzir (literatura) para viver

Em novembro de 1861, Ana Augusta pretendia fortalecer uma independência de Camilo, que parecia desconsiderar o seu esforço, como escreveu, por entender ser uma tentativa inútil e, embora a deixasse viver na ilusão, tentaria granjear assinaturas para despesas. Se as conseguisse, Ana viveria num engano que lhe tiraria o peso do coração (Barbosa, 1919: 144-145).

Com efeito, ainda em Lisboa, Ana Augusta pretendeu lançar um jornal literário semanal, intitulado “Esperança”, do qual seria redatora e proprietária. Contava com vários colaboradores: Alexandre Braga (1829-1895)¹²⁴(Cabral, 1992: 89-90), Arnaldo Gama (1828-1869)¹²⁵(Cabral, 1992: 289-291), Custódio José Vieira (1822-1879)¹²⁶

¹²⁴ Poeta, jornalista e advogado, foi redator e poeta de *A Lira da Mocidade* e fundou *O Novo Trovador*, em Coimbra e *O Clamor Público*, no Porto. Colaborou com Camilo Castelo Branco e Faustino Xavier de Novais em *O Horizonte* e foi redator da “Gazeta Literária” com o seu irmão Guilherme Braga (Cabral, 1992: 89-90).

¹²⁵ Formado em Direito, foi jornalista e foi redator e/ou colaborador de “A Península” e de “O Nacional”, entre outros. Era amigo de Camilo Castelo Branco (Cabral, 1992: 289-291).

¹²⁶ Amigo dedicado de Camilo até à morte, acompanhando-o no processo de adultério como seu procurador e testemunha de defesa. O romancista refere-se-lhe em *Memórias do Cárcere* (Cabral, 1992: 658-659).

(Cabral, 1992: 658-659), Guilherme Braga (1843-1874)¹²⁷ (Cabral, 1992: 91-92), Joaquim Pinto Ribeiro Júnior, José Cardoso Vieira de Castro (1838-1872), Júlio César Machado (1835-1890)¹²⁸ (Cabral, 1992: 380-381), Leonel de Sampaio, Manuel Bernardes Branco (1832-1900)¹²⁹ e Nicolau de Brito. No entanto, apesar dos elogios da imprensa, o projeto malogrou-se (Cabral, 1991: 47).

Em março de 1862, Francisco de Paula da Silva Pereira explicou a Manuel Pinheiro Alves que o projeto de Ana Augusta tinha o objetivo de permitir que ela tivesse um trabalho através do qual pudesse viver de forma honrada (Cabral, 1991: 47).

Com efeito, Ana Augusta teria o desejo de ter um emprego, com o qual se pudesse sustentar a si própria e ao filho, Manuel Augusto, sem estar dependente do dinheiro de Pinheiro Alves, de António Bernardo Ferreira, dos seus amigos, ou mesmo de Camilo. Desejava ter independência financeira, sem ter de estar sujeita a ninguém.

A partir de 15 de setembro de 1862, tornou-se uma das colaboradoras portuguesas do periódico literário do Rio de Janeiro, intitulado “O Futuro” colaboração que se estendeu até 15 de julho de 1863 (Cabral, 1991: 47). Em outubro, “O Futuro” publicou dois dos seus textos, assinados com o seu nome completo, Ana Augusta Plácido e intitulados *Às Portas da Eternidade* e *A Desgraça da Riqueza* (Cabral, 1991: 47).

5.3. Novamente mãe – o filho Jorge Camilo – viúva e refém de ciúmes

A 28 de junho de 1863, pelas cinco horas da tarde, Ana Augusta deu à luz o seu segundo filho, Jorge Camilo, numa freguesia na cidade de Lisboa¹³⁰. Escreveu Camilo: “Tenho um filhinho, que nasceu hontem (...) Contemplei-o, e disse: «Tu Marcellus eris».

¹²⁷ Poeta e jornalista, fundou a “Gazeta Democrática” com o seu irmão Alexandre Braga. Amigo de Camilo Castelo Branco, estava presente quando este foi visitado pelo imperador do Brasil (Cabral, 1992: 91-92).

¹²⁸ Escritor e jornalista, era amigo de Camilo Castelo Branco desde a publicação do seu primeiro romance, *Anátema*, em 1850. Foi um dos poucos que visitou o romancista na Cadeia da Relação, como este relembra em *Memórias do Cárcere*. Em 1863, Júlio César Machado prefaciou carinhosamente o prefácio *Luz Coada por Ferros*, de Ana Augusta Plácido (Cabral, 1992: 380-381).

¹²⁹ Colaborou em “O Panorama: jornal litterário e instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis” (disponível em http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Indice/IndiceAutores/BRANCO_ManuelBernardes.htm).

¹³⁰ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0024, fl. 7v.

Queria eu dizer na minha remeniscencia romana que elle será rabiscador, e pode ser que ministro também. A D. Anna está em convalescença” (Costa, 1931: 35).

Apesar de Camilo Castelo Branco ser o pai biológico, Manuel Pinheiro Alves continuava a ser o marido legítimo de Ana Augusta, o que significaria que, legalmente, Jorge seria considerado seu filho (Costa, 1930: 178-179), motivo possível para explicar que o menino não fosse batizado imediatamente a seguir ao nascimento (Cabral, 1991: 48-49).

Poucos dias depois, a 15 de julho de 1863, pelas quatro horas da manhã, Manuel Pinheiro Alves faleceu, no Hotel Vilanovense (Pimentel, 1913: 36) ou numa casa do lugar de Campo da Feira, de António Ferreira Guimarães, em Vila Nova de Famalicão. Não recebeu sacramentos pelo inesperado da morte, e o seu corpo foi depositado na Capela de Santo António de Vila Nova de Famalicão, no Campo da Feira. No dia seguinte, teve ofício e missa cantada de corpo presente sendo, depois, conduzido à Igreja da Lapa, na cidade do Porto, em cujo cemitério foi sepultado¹³¹.

Fez testamento¹³², deixando uma fortuna avaliada em 26 855 580 réis, e imóveis, entre os quais a Quinta de São Miguel de Seide (Cabral, 1991: 47). No seu testamento, o brasileiro expressou a vontade em ter um funeral sem pompa e encarregou o seu testamenteiro de comprar um terreno no cemitério da Lapa, para a sua sepultura (Pimentel, 1913: 255). Como testamenteiros nomeou, em primeiro lugar, António de Sousa Barbosa, depois, Agostinho Francisco Velho e, por fim, o cunhado António Bernardo Ferreira (Pimentel, 1913: 255).

Deixou duzentos mil réis em metal a cada um dos cunhados: Plácido José, Eduardo Augusto e Alberto Augusto, o que está de acordo com o facto de, depois da morte dos sogros, Pinheiro Alves ter ficado encarregue da educação dos irmãos mais novos de Ana.

Deixou também dinheiro para missas pelas almas de seus pais e irmãos e parte da sua fortuna a vários dos seus sobrinhos (Pimentel, 1913: 255-256).

¹³¹UM-ADB PT/UM-ADB/PRQ/PVNF48/003/0021, fl. 26/26v.

¹³² UM-ADB PT/UM-ADB/PRQ/PVNF48/003/0021, fl. 26/26v.

Com a leitura do seu testamento, constatamos que nada deixou ao filho ou à viúva, que não são mencionados. Com efeito, apesar de separados, Ana Augusta Plácido era sua viúva e o filho mais velho, Manuel Augusto era, legalmente, filho de Pinheiro Alves.

Ana Augusta, inventariante, porque o filho era menor e, como tal, órfão de pai, representada pelo advogado João Bernardo do Vale Vessadas, pediu que lhe permitissem viver na Quinta de São Miguel de Seide, para assistir ao inventário. Explicou que se encontrava numa hospedaria, fazendo avultadas despesas, uma vez que as casas que tinha com o marido na cidade do Porto se encontravam arrendadas. Pediu também a quantia de 450\$000 réis para as despesas da sua mudança para São Miguel de Seide, a título de adiantamento da herança (Pimentel, 1913: 257-258).

O inventário incluía os autos de juramento do visconde de Lagoaça e do barão da Trovisqueira, quando assumiram, em ocasiões distintas, as funções de tutor de Manuel Augusto, filho de Ana Augusta Plácido (Pimentel, 1913: 258). Além disto, incluía o requerimento de Ana Augusta em ser investida de poder paternal relativamente ao filho, menor, de acordo com o Código Civil da época. Este requerimento foi deferido (Pimentel, 1913: 262).

Destacamos que, ao requerer as partilhas a favor do filho, Ana Augusta assinou o documento como: Ana Augusta Plácido Pinheiro Alves, utilizando, assim o apelido do marido, lembrando que era sua viúva e que o filho era o legítimo herdeiro do finado.

A liberdade matrimonial, como viúva, tornou-a refém de ciúmes de Camilo a propósito do reatar de relações com António Ferreira Quiques, em setembro de 1863 (Cabral, 1991: 48), com quem teria tido uma primeira relação em 1857 (Teles, 2008: 204-205). Camilo queixa-se: “Eu tenho passado malissimamente de corpo e alma (...) O da alma procede do lamentável passo que deu a D. Ana Plácido, reatando relações com o Quiques. Tive o dissabor de surpreendê-los, e deixei-os dignos um do outro” (Cabral, 1991: 48). Com efeito, António Ferreira Quiques, regressara do Brasil a 16 de abril de 1863¹³³ (Cabral, 1979b: 50).

¹³³ Quiques regressara a Portugal, acompanhado pela mulher e dois filhos. Nesta época, Ana Augusta e Camilo vivam em Lisboa. A 28 de abril do mesmo ano, o romancista retira-se para o Porto e, a 24 de julho,

Em novembro, Camilo novamente duvidava da fidelidade da companheira, agora com José Cardoso Vieira de Castro (Cabral, 1992: 165-167), que o desmentia: “(...) *Eu protestei a Camilo a minha innocencia, e a sua*. V^a Ex^a diz isto, mas diz também no principio da sua carta que está desvairada. Mas se isto é verdade, se o Camilo exigiu esse protesto, então (...) esqueçam-me ambos, e deixem-me (...)” (Araújo, 1925: 148-157). Com efeito, alguns biógrafos levantaram a hipótese de ter existido algo mais do que uma amizade entre Ana e Vieira de Castro (Cabral, 1991: 49).

O casal e Duarte Gustavo Nogueira Soares trocaram cartas, entre 19 de novembro e 20 de dezembro de 1863, onde discutem a suposta infidelidade de Ana Augusta. Na primeira carta, Ana acusou Nogueira Soares de ter dito a Camilo “(...) palavras indicativas de eu lhe ter sido infiel na epocha em que V. Ex^a me conheceu mais ou menos ligada a elle no Porto ou em Lisboa. Também conjeturo que V. Ex^a me arguiu de eu ter inventado uma historia offensiva do seu character de amigo e da hypocrisia (...). Imponho-me o dever de lhe atirar à face com a rectificação da historia contada, a ver se por este modo (...) violento mas ainda affrontador, V. Ex^a, se delibera a indicar quem foram os meus amantes” (Marco, 1933: 135-136) e exigiu que explicasse ao romancista as razões para essa acusação, pois era ele “o juiz que tem a julgar entre nós” (Marco, 1933: 135-136).

Nogueira Soares explicou que esta situação remontaria a uma época em que o casal estava em Lisboa, quando Camilo cortara relações com Ana Augusta (Marco, 1933: 137). O romancista não acreditava na inocência de Nogueira Soares, acusando-o de ser “um infame entre outros muitos (...)” (Marco, 1933: 138) e que devia envergonhar-se da sua hipocrisia e deslealdade, por se ter aproveitado da situação de Ana Augusta (Marco, 1933: 138).

O amigo garantiu que, apesar de Ana lhe ter dito que decidira “(...) separar-se para sempre do Camillo, porque a convivência íntima era já insuportável para ambos (...)” (Marco, 1933: 139), sempre a visitou, tanto no hotel em Lisboa, como no convento, na casa de S. Paulo e ao Salitre, quando a sabia acompanhada, asseverando que nunca

Ana Augusta sai de Lisboa com uma ama e os dois filhos, Manuel e Jorge, para defender os seus direitos à herança do falecido Manuel Pinheiro Alves. Quiques voltou ao Brasil (Cabral, 1979: 50).

teve “relações ilícitas com a D. A. e que nunca (...)” traiu Camilo (Marco, 1933: 138-140). Não obstante, disse que, apesar de aconselhar a nunca sair, “Ana podia sair do hotel com uma criada que foi sempre sua confidente e ir onde quizesse”, justificando que “precisava d’isso para bem da sua saúde” (Marco, 1933: 139).

O romancista confessou que, indo a Lisboa, falou com pessoas que viveram com Ana e que, apesar de não terem dado “como evidenciadas as suas relações ilícitas” (Marco, 1933: 140-141) com Nogueira Soares, “(...) suspeitavam-nas” (Marco, 1933: 140-141).

Antes desta troca de correspondência, Ana Augusta escreveu, furiosa a Camilo: “Corja de miseráveis! É bem possível que entre elles esteja algum que levante um altar d’esta quebra de relações entre nós... Estou com vontade de lhe contar uma história” (Marco, 1933: 142), contando que um dos seus amigos se apaixonara por ela, contando-lhe que o romancista pensava em separação, algo que o instigava a fazer. Nessa época, Ana teria confidenciado a esse amigo que, sem a proteção de Camilo, não queria viver em Portugal, planeando viajar para Londres, para junto de Manuel Pinheiro Alves. O amigo do romancista, ter-lhe-á dito que iria ter com ela dentro de pouco tempo e que, apesar de não esperar que ela o recebesse melhor lá, prometia rouba-la de Camilo. Apesar de não revelar a identidade dele, indicou que esse homem seria “(...) um dos que maior mal lhe dirá sobre mim, mas juro-lhe (...)” (Marco, 1933: 141-142).

Depois de Camilo confidenciar isto a Nogueira Soares, este garantiu que Ana Augusta não se referia a si, e acusou-a de injuriar aqueles que a ajudaram (Marco, 1933: 143-145). O romancista acreditou, então, na inocência proclamada por Nogueira Soares que achava que Camilo “vivia num inferno com a D. A.”, acusando-a de se ter separado dele “pelo único modo por que o podia fazer sem lhe ficar pezando na consciência” (Marco, 1933: 146-147).

Esta troca de correspondência é mais do que um sinal de ciúmes. Ou melhor, é o espelho do que se pedia a uma mulher de uma certa condição, ainda por cima sob suspeita. Sair acompanhada, receber acompanhada, silenciar, andar pela sombra. Camilo reproduzia, afinal, o modelo da época e Ana não entendia assim.

5.4. Reivindicar uma identidade – rever uma vida por escrito

A independência de Ana Plácido é inegável e a suspeita lançada sobre o seu passado assemelha-se a uma estratégia, mesmo que inconsciente, e de acordo com os moldes da época, de viuvez recatada, que Ana recusa. Se Pinheiro Alves não é mais um expediente que justificava a prudente gestão dos amores, agora não haveria mais entraves. E, no entanto, as acusações de infidelidade a Camilo sucedem-se. Além do mais, Ana continuava a publicar.

A 24 de junho de 1863, quatro dias antes de dar à luz o filho Jorge, Ana Augusta colaborou com a “Gazeta de Portugal”, tendo publicado, no número 181, o folhetim com o título “Raquel, a santa do amor, dias antes da sua morte...” (Cabral, 1991: 47).

No mesmo ano, publicou também o seu primeiro romance, *Luz Coada por Ferros*, que assinou com o seu nome “Ana Augusta Plácido” (Cabral, 1991: 48). Dedicado à memória de sua irmã Maria José Plácido, com prefácio de Júlio César Machado, *Luz Coada por Ferros* é uma obra de carácter autobiográfico, que inclui textos publicados em revistas e jornais, entre 1859 e 1862, sob a assinatura A. A. Foi editada pela Livraria António Maria Pereira, de Lisboa, numa tiragem de mil exemplares (Cabral, 1991: 48). O romancista terá apoiado a publicação de *Luz Coada por Ferros*. Com efeito, a maioria dos escritos reunidos nessa obra já tinha sido publicada em jornais, talvez devido aos contactos literários de Camilo. Além disto, a Livraria António Maria Pereira também publicava as obras do romancista e o prefácio do livro foi, como vimos, da autoria de Júlio César Machado, amigo de Camilo (Oliveira, 2018: 48). Aliás, *Luz Coada por Ferros* termina com um texto que Ana Augusta Plácido dedicou a Júlio César Machado, “aquela flor graciosa do folhetim, alma juvenil, entusiástica e sincera (...)” (Plácido, 1863: 203-210).

Apesar da multiplicidade de textos de Ana, na época, parecia suspeitar-se da influência de Camilo nos seus textos: “(...) elegante romancista, cuja influência se suspeita nos escritos da Sr^a D. Ana Augusta (...)” (Plácido, 1863: XI-XII).

Capítulo 6: Criar raízes em S. Miguel de Seide – as segundas gerações

Este capítulo é dedicado à vida e crescimento familiar de Ana Augusta Plácido, complementada com o nascimento do filho mais novo, com o casamento deste e com o nascimento da primeira neta. Mas é também dedicado a perdas, à morte do filho mais velho e à morte de uma irmã. Além da família, veremos a consolidação de redes de sociabilidade, conheceremos trabalhos literários de Ana Augusta que demonstram que conhecia línguas estrangeiras e que nos apresentarão os seus pseudónimos, significativamente masculinos - Gastão Vidal de Negreiros e Lopo de Sousa.

Ana é a Senhora de S. Miguel de Seide e senhora da sua vida. Em S. Miguel de Seide, Ana Augusta e Camilo viviam uma digna vida de pobreza e independência, afastando-se da sociedade (Araújo, 1925: 52), mas voltando ao seu seio, onde, afinal, Camilo bebia a sua inspiração.

Viviam “às abas da Serra de Córdova, entre um souto e uma carvalheira” (Costa, 1924: 4-5) e sabiam “todos os dias o preço do feijão fradinho e do milho” (Costa, 1924: 4-5). Ali, Camilo passava “horas tristes e horas resignadas”, mas “não encontrou felicidade ali nem em parte alguma” (Costa, 1924: 4-5).

No campo, Ana passava “mais horas na despensa do que no escritório” (Colaço, 1922: 33) e criava galinhas e canários. Camilo “estava a rusticar no nabal e na horta da couve-galega” e os filhos tocavam zabumba (Costa, 1931: 55). Junto à cama, Camilo tinha um canário e uma gata (Figueiras, 2002: 117-118). Tinha também três cães: o Nero, cão-de-fila amarelo; o Navarro, sem raça, listrado; e o Black, um terra nova de pelo preto, comprido e abundante (Araújo, 1925: 35-37). Na sala de jantar, Nuno tinha um melro (Araújo, 1925: 73). O romancista falou também do “aroma das giestas e do rosmaninho”, do “cantar das abelhas” e da poesia, “quando não chove nem escurece (...)”. Em Seide, tinham o “aroma das boninas e carne assada á lareira; há vinho verde e água da rocha (...)”, comiam quatro vezes por dia e tinham “mil volumes sofríveis, e um óptimo que é o ceo, e outro excelentíssimo que é a terra quando não chove (...)” (Costa, 1924: 98).

No mirante existente na casa de S. Miguel de Seide, Ana Augusta conversava com os aldeões que por aí passavam, recolhendo informações de casos sucedidos na zona em que viviam e que transmitia, depois, a Camilo e que poderiam inspirar a obra deste (Castro, 1995: 32).

Aí recebiam as visitas amigas, sempre bem-vindas. O Dr. Figueiredo Magalhães, Ricardo Jorge e o ator Dias, foram alguns dos visitantes (Araújo, 1925: 71-73).

Seide era um lugar rural, afastada do Porto, e os seus arredores serviriam de inspiração a Camilo, que disse: “Eu vivo há 27 anos numa casa entre Santo Tirso e Famalicão, conhecida por S. Miguel de Seide. Aqui escrevi a maior parte dos meus livros, aqui envelheci completamente afastado do mundo que abandonei no vigor da mocidade” (Silva, 2017: 261). A casa onde vivia, “(...) rodeiam-na pinhais gementes, que sob qualquer lufada desferem suas harpas. Este incessante soído é a linguagem da noite que me fala: parece-me que é a voz de além-mundo, um como burburinho que referve longe às portas da eternidade. Se eu não amasse de preferência o sossego do túmulo, amaria o rumor destas árvores” (Silva, 2017: 262).

6.1. O terceiro filho, Nuno Plácido – uma família completa

Em 1864, Ana Augusta e Camilo terão fixado residência em S. Miguel de Seide, mas mantinham casa no Porto (Cabral, 1991: 48). Esta seria, doravante, a casa mãe, palco do crescimento das próximas gerações.

A casa de S. Miguel de Seide, “(...) uma morada de cazas torres e térreas, tendo unidas terras d'horta e algumas arvores de fructo e rama- das de vinho, tudo tapado por um muro, confrontando donorte e poente com caminhos, do sul com Francisco da Silva, do nascente com os herdeiros de António José Pinheiro, que os louvados viram e acharam poder render annual mente, livre de reparos, a quantia de 35.000 reis, que por vinte annos faz o total de sete centos mil reis” (Pimentel, 1933: 258-259), foi inventariada por 700\$000 réis (Pimentel, 1933: 258-259).

Como vimos, com a morte de Manuel Pinheiro Alves, o pequeno Manuel Augusto, herdara a casa de Seide, para onde a família fora viver.

Nuno Plácido Castelo Branco nasceu no dia 15 de setembro de 1864, pelas duas horas da manhã, na freguesia da Vitória, na cidade do Porto¹³⁴. Ana Augusta tinha 33 anos quando Nuno, o seu terceiro e último filho, nasceu, sendo já mãe de Manuel, de 5 anos e meio e de Jorge, de pouco mais de 1 ano de idade.

A 6 de janeiro de 1865, já depois do nascimento de Nuno e da morte de Pinheiro Alves, os dois irmãos foram batizados numa cerimónia conjunta, na freguesia da Vitória, na cidade do Porto. O padrinho de Jorge foi António de Azevedo Castelo Branco, solteiro e residente em Coimbra, primo do menino. O padrinho de Nuno foi Custódio José Vieira, solteiro e morador na Rua da Conceição, na cidade do Porto e amigo dos pais do batizado. Ambos tiveram Nossa Senhora da Conceição por madrinha, tendo feito o ato com a Coroa o irmão mais velho, Manuel, na altura dando como residência a casa na Rua do Almada¹³⁵. Nessa época, provavelmente entre setembro de 1864 e janeiro de 1865, Camilo Castelo Branco e Ana Augusta Vieira Plácido viveriam na Rua do Almada. Com efeito, Ana Augusta mantinha uma casa nessa rua, a qual decidiu vender em 1882 (Figueiras, 2002: 122).

No final do ano, entre finais de 1865 e inícios de 1866, Ana Augusta esteve doente, com tuberculose (Costa, 1931: 43-48). Camilo manifestava a sua preocupação nas cartas para os amigos, temendo que ela morresse, deixando os filhos órfãos: “Não tenho esperança nenhuma. Abre-se-lhe a sepultura de hora para hora á desgraçada (...). Morreremos da mesma morte. Foi a sombra de P. Alves que nos envolveu com a mesma mortalha (...) pensa no que hás de fazer a estas duas creancinhas. A mãe deixa-lhes uns 5 contos (...)” (Costa, 1931: 43); “(...) D. Anna lá está há cinco dias com febre intermitente (...)” (Costa, 1931: 44); “A D. Anna está a pé (...). Está salva” (Costa, 1931: 48).

¹³⁴ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0024, fl. 8.

¹³⁵ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0024, fl. 7v-8.

6.2. Fortalecimento da rede de relações – visitas memoráveis: António Feliciano de Castilho e o Imperador

Em julho de 1866, o casal encontrava-se em S. Miguel de Seide uma vez que, neste mês, foram aí visitados por António Feliciano de Castilho, pelo seu filho Eugénio Castilho e por Tomás Ribeiro. Por conta desta visita, Ana Augusta mandou erigir, logo de imediato, em 1866, um monumento a homenagear o acontecimento. Trata-se de um obelisco, que pode ser ainda visto na Casa de Camilo, onde foram inscritos os nomes dos visitantes e o de José Cardoso Vieira de Castro, visita frequente do casal. António Feliciano de Castilho tinha uma relação de amizade com Camilo e Ana Augusta, que lhe chamava “mestre” (Costa, 1924: 142-143).

As visitas memoráveis repetem-se a 2 de março de 1872, quando o casal estava novamente no Porto, a morar numa casa da Rua de S. Lázaro. Recebem D. Pedro II, imperador do Brasil, que visitou Camilo Castelo Branco, concedendo-lhe a Comenda da Rosa. Ana Augusta Plácido estava presente nessa visita, assim como José de Azevedo Castelo Branco, sobrinho do romancista, e Guilherme Braga (Silva, 2017: 241). A 21 de dezembro de 1889, D. Pedro II, já exilado, após a implantação da República no Brasil, voltou a visitar o romancista (Silva, 2017: 241).

6.3. Uma família como as outras – a formação dos filhos

Terá sido em 1868 que Ana Augusta se apercebeu que o seu segundo filho Jorge, de cinco anos, sofria de problemas mentais, facto que terá ocultado de Camilo (Cabral, 1991: 50).

Jorge manifestava propensões artísticas no desenho, na escrita e na música, tocando flauta e piano (Cabral, 1992: 150). Em 1877, depois de dois anos a viver numa tristeza doentia e inexplicável, Jorge enlouquecera, não acordando da sua noite cerebral. Quando a família se recolheu em S. Miguel de Seide, Jorge era vigiado pelo pai (Marta, 1918-1923: 94-95).

Também o primeiro filho, Manuel Augusto Plácido, partiu, em julho de 1872, com 14 anos, para Angola, com António José Pereira Coutinho e a esposa, amigos de Camilo

e Ana, que tinham regressado à metrópole depois de acompanharem Vieira de Castro¹³⁶ no seu degredo (Cabral, 1991: 51). Como se viu atrás, Manuel Augusto tivera como tutor, num primeiro momento, o Visconde da Lagoaça, no entanto, entre 1865 e 1866, Ana Augusta e Camilo pediram que o Barão da Trovisqueira o substituísse. Nessa época, ficou “o rapaz sem tutor, e a pobre senhora não sabe o que hade fazer a este garoto que há trez dias lhe anda fugido da aula, e ella sem forças sequer para poder contê-lo (...)” e Camilo “(...) sem auctoridade para castigal-o (...)” (Costa, 1931: 40-43).

Em 1867, o romancista acompanhou Manuel a Coimbra, onde iria frequentar o seminário, depois de ter fugido dez vezes do colégio (Costa, 1931: 205-206). Regressou do seminário no ano seguinte (Figueiras, 2002: 67-68). A saída para Angola seria uma forma de o disciplinar. Em 1875, Ana e Camilo foram viver para Coimbra, para acompanharem a educação de Jorge, de 12 anos, e Nuno, de 11 anos, apesar de ambos terem fracassado nos estudos (Cabral, 1991: 51). Nesta cidade, aposentaram-se aos Arcos de S. Bento (Figueiras, 2002: 53).

Nesse ano, conheceram um colega dos filhos, de nome Manuel de Ascensão Espinho, que perdera o pai. Ao verem as dificuldades financeiras do rapaz, Ana e Camilo acolheram-no e ampararam-no como sendo “afilhado” (Cabral, 1991: 51).

Regressaram a S. Miguel de Seide em 1876, no final do ano letivo, devido ao fraco desempenho dos filhos nos estudos (Figueiras, 2002: 53).

6.4 A morte de entes queridos

Na tarde de 25 de novembro de 1875, na Praça da Trindade, na casa número 17, na cidade do Porto, faleceu Antónia Cândida Plácido, a irmã de Ana Augusta, casada com António Bernardo Ferreira, aos 40 anos, deixando os filhos órfãos de mãe. Recebeu sacramentos e foi sepultada no cemitério da Régua¹³⁷. Não sabemos se Ana Augusta reatara relações com a irmã, nem existe informação acerca do seu impacto na vida de Ana.

¹³⁶ José Cardoso Vieira de Castro foi condenado ao degredo depois de ter assassinado a sua esposa, Claudina Adelaide Guimarães, em 1870, por ter descoberto que a mesma tinha uma relação extraconjugal (CABRAL, 1992: 166).

¹³⁷ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/003/0039, fl. 105.

Certamente que mais profundamente sentida foi a morte do filho Manuel Augusto que, em 1875, já com 17 anos, regressou a Portugal, depois de ter passado três anos em Angola (Cabral, 1991: 51). Aqui, terá levado uma vida boémia (Figueiras, 2002: 67-68), pautada por vícios e demandos (Silva, 2017: 246). Dois anos depois, em setembro de 1877, estando a passar férias na Póvoa de Varzim, Manuel Augusto Plácido adoeceu com meningite (Figueiras, 2002: 65). Faleceu pelas duas horas da manhã, do dia 17 de setembro de 1877, na casa número 47, na Travessa de S. José, na Póvoa de Varzim. Recebeu o sacramento da Penitência e foi sepultado no cemitério público da Póvoa de Varzim¹³⁸. Estava noivo, no entanto, até à data não conseguimos encontrar o nome da noiva (Figueiras, 2002: 68).

Camilo descreve esta morte em *Cenas da Hora Final*: “(...) Eu tinha assistido aos paroxismos de Manuel Plácido (...). A sua doença e ao mesmo tempo agonia durara quatro dias. Cheguei à beira do seu leito (...). Manuel viu sua mãe e cuidou que ela poderia dar-lhe, segunda vez, a existência. Mas ele não acreditava na morte (...). Quem tem dezanove anos (...) não receia que um súbito calafrio, uma dor de cabeça, uma convulsão a espaços, e uma ansiedade febril sejam a vanguarda da moléstia mortal (...). Beijara-me com expansiva ternura, fitara-me com os seus belos olhos negros e brilhantes (...) e pedia-me que o trouxesse para o seu quarto de S. Miguel de Seide (...). Tinha dezanove anos, e via-me vivo (...) e assim me vira sempre, desde criancinha, quando os meus braços o erguiam até aos lábios, e o meu coração lhe chamava filho (...). Pediu-me que chamasse sua mãe. Ela caiu de joelhos diante dele, que (...) a chamava com as meigas palavras da (...) infância, ou retinha a respiração (...) para ouvi-la soluçar (...). Quando ela o transportava, sozinha, nos braços robustecidos (...) pelo amor (...) o moribundo dizia-lhe, sorrindo: «A mamã pode lá com este Hércules!» (...). Houve para mim uma consolação: a certeza (...) de que Manuel não soube que morria (...). Ah!... ver morrer um filho! Meu querido Manuel, acabaste sem saber o que são dores da alma. Não chegaste a ver morrer tua mãe (...). Adeus, Manuel! filho do meu coração” (Castelo Branco, 1878: VII-XIII).

¹³⁸ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPVZ10/003/0011, fl.37.

Ana Augusta perdia assim o seu primogénito, de 19 anos, o menino que a acompanhara sempre, o filho de quem se recusava separar, que nunca abandonou, mas que demonstrou um percurso infeliz, de alguma rebeldia que Ana não conseguiu acalmar.

Camilo descreveu o ambiente familiar depois desta morte: “Esta casa é uma tristeza sem nome nem esperança de alegria. Olho insensivelmente p^a os filhos e não faço senão chamar o outro que nunca mais virá beijar-me a face (...)” (Colaço, 1922: 35). O romancista pensou em tirar Ana Augusta de Seide e leva-la a Lisboa, mas “que faríamos ahi n’um quarto de hotel, sós, em face um do outro, a fallar do nosso Manoel? Aqui, ao menos, ella pode chorar alto, e gastar a dor, se ella se gasta, pela sua mesma violência (...)” (Colaço, 1922: 35). Além disso, desde a morte de Manuel, Ana Augusta ficou “muito mudada, triste, e outra (...)” (Colaço, 1922: 36).

A afeição de Camilo por Manuel Augusto é genuína. Escreveu: “Manuel Plácido expirou esta madrugada á meia hora depois da meia noute. Senti-lhe a última pulsação e vi-lhe a derradeira luz envolta nas névoas da Morte. Mata-me a saudade daquele infeliz q eu amava como filho (...)” (Colaço, 1922: 62). O luto e a saudade de Manuel perduraram durante os anos seguintes, como comprova a correspondência¹³⁹ e o prefácio que lhe dedicou na sua obra *Cenas da Hora Final*¹⁴⁰. No entanto, a questão da paternidade de Manuel Augusto tem sido debatida por vários autores. Legalmente, o pai do primeiro filho de Ana Augusta era Manuel Pinheiro Alves, e isso defendem Vieira de Castro, Alberto Pimentel, António, Cabral e Júlio Dias da Costa (Teles, 2008: 157). O próprio Camilo, nas suas cartas o diz, e nelas refere-se a Manuel como “o filho de D. Ana Plácido” (Cabral, 1992: 503). Autores como Teófilo Braga e Sousa Costa, defendem que Camilo era o progenitor do menino (Teles, 2008: 157-158). Aquilino Ribeiro e Manuel Tavares Teles, no entanto, defendem uma terceira hipótese: António Ferreira Quiques (Teles, 2008: 158). Como se viu atrás, em dezembro de 1857, Camilo mencionou uma relação entre Ana Augusta e António Ferreira Quiques que, nesta época, estava em Portugal

¹³⁹ “Hoje faz dois anos que o Manuel expirou. Vive a saudade eterna do desgraçado (...)”. (FIGUEIRAS, 2002: 66).

¹⁴⁰ Nas horas mais cruéis que a Providência me há dado – quando a saudade de um morto a quem o meu coração chamava filho (...) Adeus, Manuel! Filho do meu coração” (CASTELO BRANCO, 1878: VII-XIII).

(Teles, 2008: 204-205). Mais tarde, em 1863, o romancista expressou o seu desgosto perante o reatar de relações entre Ana Augusta e Quiques.

Como também se viu, Manuel Augusto nasceu em agosto de 1858, depois da mãe e Pinheiro Alves passarem oito anos de um casamento sem filhos. Apesar do escândalo, o brasileiro não colocou em causa a paternidade do menino, mas também não o mencionou no seu testamento (Teles, 2008: 238-240). Se a paternidade de Manuel Augusto não pode ser determinada com a certeza documental, a verdade é que Camilo foi a figura paterna do rapaz¹⁴¹, o filho do seu coração, o “(...) infeliz que eu amava como filho” (Figueiras, 2005: 65).

Um ano depois da tragédia, Ana e Camilo decidiram passar uma temporada na Foz. Estavam em S. Miguel de Seide quando, a 11 de agosto de 1878, o romancista pediu a Alberto Braga¹⁴² que lhes arranjasse dois quartos contíguos no Hotel Mary Castro para onde contava partir dois dias depois, se o preço não da estadia fosse exagerado, e se fosse cómodo. Acompanhavam-nos um criado e um cavalo (Cabral, 1979a: 77).

Não é uma ocasião excecional, nem única. No período estival, o casal também frequentava a praia de Leça da Palmeira (Silva, 2017: 68). Era habitual frequentarem estâncias termais e banhos de mar em zonas como Leça da Palmeira e a Foz, lugares procurados por famílias burguesas do Porto e abastadas das redondezas. Apesar dos preços elevados, a Foz enchia-se de veraneantes que ocupavam as casas de aluguer, hotéis e hospedarias da região, destacando-se aquele Hotel Mary Castro (Pereira, 2017: 75).

6.5. Os amores e a tragédia do filho Nuno – o rapto, o casamento e a morte

Na noite de 4 de maio de 1881, Nuno, de 17 anos, raptou Maria Isabel da Costa Macedo (Cabral, 1991: 53), a “Brilhante Negro”, órfã e herdeira de António Joaquim da

¹⁴¹ “D. Ana está pobre. Diz-me que tem o meu amparo unicamente e eu abro-lhe os braços de pai a ela e ao filhinho” (CABRAL, 1992: 503-504).

¹⁴² Jornalista e contista, foi secretário do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa e adido ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. Terá conhecido Camilo Castelo Branco por volta de 1874, a quem ofereceu o seu conto O Amor do Padre Margarida, incluso em Contos da Minha Lavra. Encontravam-se várias vezes na Foz, onde Alberto Braga passava a época estival (CABRAL, 1992: 89).

Costa Macedo, um brasileiro endinheirado e de Teresa Martins Marques de Macedo¹⁴³. O casal, Ana Augusta e Camilo, terão estado envolvidos no rapto da jovem de 16 anos.

O romancista foi aconselhado a que Nuno não voltasse para S. Miguel de Seide (Camilo estava no Porto com o filho Jorge (Cabral, 1979a: 78-79), devendo esconder-se com Maria Isabel enquanto decorriam os primeiros passos judiciais, pois o pai poderia ser acusado de cumplicidade no rapto, “como receptador da mulher raptada”. Apesar de considerar uma casa para o jovem casal um ato intempestivo, Camilo pediu a Ana Augusta que fosse “(...) pensando onde poderemos arranjar uma casa em que eles se alapardem (...)” (Cabral, 1979a: 78-79). Informou-a também de que tencionava escrever ao sobrinho, António de Azevedo, para que arranjasse um padre que casasse Nuno e Maria Isabel, recordando que “não podemos é desistir, porque estes lances não se repetem na vida (...)” (Cabral, 1979a: 78-79). Certamente que o “lance” se referia ao dote e património que a noiva prometia, tendo em consideração a família de onde vinha.

Entretanto, conseguiram o consentimento da família da noiva para a realização do matrimónio e Nuno teve de se separar de Maria Isabel durante oito dias, devido ao impedimento canónico de coabitação (Marta, 1918-1923: 189). Finalmente, a 2 de junho de 1881, pelas dez horas da manhã, uma quinta-feira, Nuno Plácido Castelo Branco consorciou-se com Maria Isabel da Costa Macedo, na igreja de S. Pedro de Maximinos, em Braga. Os noivos, ambos designados no registo paroquial como proprietários, viviam na Rua Formosa, na freguesia de Santo Adrião, em Vila Nova de Famalicão. A meia-irmã do noivo, Bernardina Amélia Castelo Branco de Carvalho (1848-1931)¹⁴⁴ e o governador-geral Jerónimo da Cunha Pimentel foram os padrinhos do enlace, onde estiveram presentes os pais de Nuno, vários familiares e alguns amigos dedicados¹⁴⁵.

¹⁴³ UM-ADB PT/UM-ADB/PRQ/PBRG24/002/0047, p. 43.

¹⁴⁴ Filha natural de Camilo Castelo Branco e de Patrícia Emília de Barros. Criada no Mosteiro de S. Bento de Avé-Maria, no Porto, pela freira Isabel Cândida Vaz Mourão. Casou em 1865 com António Francisco de Carvalho, abastado capitalista regressado do Brasil. Apesar de se opor ao casamento, Camilo estreitou relações com a filha e o marido ao ver a estabilidade e felicidade do casal. Da união, nasceram Camila Cândida, em 1867 e Camilo, em 1885 (CABRAL, 1992: 27-28).

¹⁴⁵ UM-ADB PT/UM-ADB/PRQ/PBRG24/002/0047, p. 43.

Depois do casamento, seguiram para o Bom Jesus do Monte. Na festa, estariam presentes Tomás Ribeiro¹⁴⁶; os governadores civis de Braga e do Porto; o Dr. João de Mendonça; o conservador de Vila Nova de Famalicão; o Dr. Filémon e a esposa; Pinto Basto e esposa; os abades de Arnoso e de Maximinos; e o pároco de S. Miguel de Seide. Alguns convivas permaneceram no Grande Hotel até mais tarde, enquanto outros de retiraram mais cedo. Durante a tarde, todos desceram do Bom Jesus do Monte (Faria, 1995: 93).

O valor da herança de Maria Isabel, no entanto, revelou-se inferior ao que esperavam (Figueiras, 2002: 105-106), provavelmente acautelado pelas hostilidades da família da noiva. O fruto desta relação sucede-se. A 4 de maio de 1883, em S. Miguel de Seide, à uma hora da noite, nasceu a primeira neta de Ana Augusta Plácido, a pequena Maria Camila, filha de Nuno e de Maria Isabel. Foi batizada a 2 de agosto de 1883, em Santa Cecília de Vilaça, Braga, de onde a mãe era natural¹⁴⁷.

Mas os desgostos cortam as promessas de continuidade, com a morte da nora e da neta. A 30 de agosto de 1884, Maria Isabel faleceu, vitimada pela tuberculose, com apenas dezanove anos (Cabral, 1991: 53). O casamento com Nuno não fora feliz, e a separação do casal parecia inevitável antes da morte (Figueiras, 2002: 114). Ana Augusta recordá-la-ia: “Faz hoje três meses q. morreu a m^a Izabel!” (Branco, 1916: 25).

A pequena Maria Camila começou também a manifestar sintomas da doença. Ana Augusta e Camilo tomaram conta da neta em diversas ocasiões e o romancista temia que a menina morresse nos braços da avó: “A creança vem desfigurada, febril, a meu ver perdida. Bem podia o acaso evitar à avó mais um golpe que é fácil prever” (Figueiras, 2002: 134).

Após dois meses de agonia nos braços de Ana Augusta, a pequena Maria Camila, que abria os olhos sempre que ouvia a avó, faleceu com apenas dezassete meses (Colaço, 1922: 56-57), a 13 de setembro de 1884, às cinco horas e meia da manhã, em

¹⁴⁶ Poeta e deputado, foi ministro em 1878-1878 e 1890-1891. Conheceu Camilo e Ana Augusta em 1863, através de António Feliciano de Castilho. A amizade consolidou-se em 1866, com a sua visita a S. Miguel de Seide (CABRAL, 1992: 565-566).

¹⁴⁷ UM-ADB PT/UM-ADB/PRQ/PBRG60/001/0006, fls. 20v-21.

S. Miguel de Seide, na casa da avó paterna¹⁴⁸. Sobreviveu quinze dias à mãe (Colaço, 1922: 56-57). Foi sepultada no cemitério público de Vila Nova de Famalicão, numa das campas do jazigo que pertencia a seus pais¹⁴⁹.

Em *Boémia do Espírito*, Camilo homenageou a neta com um poema (Figueiras, 2002: 140-141). Ana Augusta chorou muito pela morte da pequena Maria Camila (Colaço, 1922: 56-57), relendo o poema de homenagem que Eugénio de Castro enviara aos avós enlutados e que a escritora guardara nos seus papéis (Castelo Branco, 1925: 18-19) e enviara a Nuno (Castelo Branco, 1925: 20).

6.6. Escrever sempre, mesmo que sob diferentes formas

Em 1865, Ana Augusta colaborou no primeiro número de “A Esperança”¹⁵⁰, um semanário de recreio literário, editado por R. D. César e por A. Pereira da Silva, no qual publicou a poesia *A Uns Anos* e a prosa *Num Álbum* (Cabral, 1991: 49).

Em 1873, colaborou com o “Almanaque da Livraria Internacional”, coordenado por Alberto Pimentel, com edição da Livraria Internacional do Porto, onde publicou *A Promessa*, texto assinado sob o pseudónimo Lopo de Sousa e datado: “Póvoa de Varzim. 18 de agosto de 1873” (Cabral, 1992: 518). Colaborou também sob o pseudónimo Gastão Vidal de Negreiros (Cabral, 1991: 50).

A 29 de junho de 1876, Camilo escreveu a Alexandre da Conceição¹⁵¹, dizendo que Ana Augusta ficara muito honrada com a inscrição que fizera dela. Pedia-lhe, no entanto, que não revelasse a verdadeira identidade de Lopo de Sousa e o romancista avisou Conceição para que não contasse com escritos dela, visto que a via mais vezes na dispensa do que no escritório (Marta, 1918-1923: 33). A vida de casa retirava-lhe tempo.

Mas revela uma outra faceta e capacidade – a de tradutora. Em 1865, Ana Augusta traduziu, sob anonimato uma obra de Alphonse Gratre, *O Mês de Maria da*

¹⁴⁸ PT/UM-ADB/PRQ/PVNF43/003/0012, fls. 27-27v.

¹⁴⁹ UM-ADB PT/UM-ADB/PRQ/PVNF43/003/0012, fls. 27-27v.

¹⁵⁰ Disponível em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AEsperanca/AEsperanca.htm> (consultado em 04/09/2022).

¹⁵¹ Formado em engenharia, desenvolveu atividade literária, colaborando em vários jornais, como “A Grinalda” e “O Primeiro de Janeiro”, entre outros. As relações com Camilo foram cordiais até se instalar uma polémica literária entre ambos (CABRAL, 1992: 195-196).

Imaculada Conceição, editado pela Viúva Moré, do Porto, e prefaciado pelo próprio Camilo Castelo Branco (Costa, 1930: 127-128).

Colaborou também com “O Civilizador” e adaptou o romance *Les Damnés de l’Inde*, de Mery, com o título *Aurora*, um drama em quatro actos, publicado entre os números sete (de 1 de janeiro) e dezoito (15 de julho), que ficou incompleto.

Em 1877, ano em que perdeu o filho mais velho, Ana Augusta traduziu a obra *Pio IX*, de Villefranche, e *A Vida Futura*, do Padre Lescoeur. As traduções foram feitas sob anonimato e as edições portuguesas tiveram prefácio de Camilo Castelo Branco (Cabral, 1991: 52). *A Vida Futura* poderá ter sido traduzido por Camilo e por Ana Augusta, visto que esta auxiliava o romancista nos seus trabalhos e este colaborou na tradução de *Pio IX* (Costa, 1930: 124-125). Em 1879, traduziu também a obra do Padre Constant, *O Papa e a Liberdade*, também prefaciado pelo romancista (Cabral, 1991: 52).

A 29 de novembro de 1867, Camilo e a família foram viver para o Porto (Costa, 1931: 211-212), onde o romancista se encontrava a trabalhar (Marco, 1933: 57-58). Estaria a preparar o lançamento da “Gazeta Literária do Porto”. Com efeito, em janeiro de 1868, Ana Augusta e o romancista viviam no Porto, na Rua do Triunfo, em frente ao Palácio de Cristal. Foi nessa residência que, no dia 6 do mesmo mês e ano, saiu o primeiro número da “Gazeta Literária do Porto”, redigida semanalmente em casa do casal e da qual Camilo era redator (Cabral, 1991: 50).

Ana Augusta colaborou em vários números da “Gazeta Literária do Porto”, assinando os seus textos como Gastão Vidal de Negreiros. Foi com esse pseudónimo que assinou o romance *Regina*, que ficou incompleto devido à curta existência da publicação, e três “Cartas de Gastão Vidal de Negreiros a Camilo Castelo Branco”, onde avaliava livros recentes (como *Sons que Passam*, de Tomás Ribeiro; *Quadros Cambiantes*, de Cândido de Figueiredo; e *Vozes sem Eco*, de Guerra Junqueiro (Cabral, 1991: 50).

Em janeiro de 1868, Castilho enviou agradecimento a Gastão Vidal de Negreiros e Ana sorriu-se, lisonjeada (Costa, 1931: 214-215). A 17 de março do mesmo ano, Camilo Castelo Branco escreveu a Cândido de Figueiredo, contando-lhe que um sujeito que escrevia com o pseudónimo Gastão Vidal de Negreiros para a “Gazeta Literária do

Porto”, lhe enviara uma carta alusiva aos versos que o destinatário da carta escrevera, a qual seria impressa (Marta, 1918-1923: 109). O projecto, no entanto, contou apenas com dezasseis números, publicados entre janeiro e abril (Fonseca, 2016: 189).

Em 1871, Ana Augusta publicou um novo romance, intitulado *Herança de Lágrimas* e assinado com o seu outro pseudónimo Lopo Dias de Sousa, com chancela do “Vimaranense” (Cabral, 1991: 50). Apesar de assinar com um nome masculino, houve uma edição que incluía uma fotografia da escritora. Num exemplar, existente na Casa Museu de Camilo, o romancista escreveu, por baixo da fotografia: “D. Anna Augusta Plácido/Authora deste livro” (Cabral, 1991: 50). Apesar de a própria assinar com um pseudónimo, o próprio Camilo legendou um dos exemplares com o seu verdadeiro nome. O romance está dividido em duas partes, independentes uma da outra, mas indissociáveis uma da outra (Cabral, 1991: 32).

Em 1876, como Lopo de Sousa, publicou a tradução do romance francês Meta Holdenis, de Vítor Cherbuliez, com o título *Feitiços da Mulher Feia* (Cabral, 1991: 50). Nesse mesmo ano trabalhou com Camilo Castelo Branco na tradução do *Dicionário Universal de Educação e Ensino*, de Émile Mathieu Campagne, editado por Ernesto Chardron (Cabral, 1991: 50).

Como editora, Ana Augusta terá sido responsável pela ideia da edição de uma “Biblioteca para Senhoras”, no editor Chardron. A primeira obra da coleção é *Como as Mulheres Se Perdem*, uma tradução do romance *Marcelle*, de Amédée Achard, assinada por Lopo de Sousa, o seu pseudónimo. A esta, junta-se a tradução de outro romance do mesmo autor, *A Vergonha Que Mata* (Cabral, 1991: 51).

Em 1875, Ana Augusta publicou nessa coleção a tradução da obra *Adolphe*, de Benjamin Constant, a que deu o título *Aprender na Desgraça Alheia*, usando também o seu pseudónimo, Lopo de Sousa (Cabral, 1991: 51).

As suas traduções abordam temáticas religiosas e sociais, com um determinado enfoque, a da mulher enquanto vítima de uma sociedade que a despreza e/ou ignora e a condição social feminina (Passos, 1995: 202), temas que lhe eram próximos porque os vivia.

Capítulo 7: Os últimos anos de vida (1884-1895)

Neste capítulo, assistiremos ao casamento de Ana Augusta Plácido com Camilo Castelo Branco, depois de quase trinta anos de vida conjugal. Conheceremos também as preocupações que assaltaram Ana Augusta nos seus últimos anos de vida, revelando a sua faceta de cuidadora. Ao tratar dos problemas mentais de um filho e das atitudes erráticas do outro, ao cuidar das doenças de Camilo, ao tratar da gestão familiar e da casa de S. Miguel de Seide, parece esquecer-se de si própria, da sua própria saúde e mesmo dos seus trabalhos literários. Veremos como o nascimento dos netos iluminou os seus últimos anos de vida, assombrados, no entanto, pelo suicídio de Camilo e pelos anos de uma nova viuvez.

7.1. “Finalmente ...” Viscondessa de Correia Botelho

Em 1885, o rei D. Luís agraciou Camilo Castelo Branco com o título de Visconde de Correia Botelho (Cabral, 1991: 53). A expressão “Finalmente está visconde!”, foi escrita por Ana a Manuel de Ascensão Espinho, depois de Camilo receber o título nobiliárquico, que Ana considerava que iria escurecer o “(...) glorioso nome tão nobremente conquistado”. De alguma forma, Ana desdenhava do atributo. Contudo, o romancista manifestou vontade de casar com a companheira de tantos anos e torná-la Viscondessa, o que não agradou a Ana Augusta, que considerava que, na idade de ambos, o casamento era um passo “ridículo” e recebera a notícia da nobilitação com desgosto que não conseguira esconder. Ao ver, porém, a satisfação de Camilo, fingiu aceder a tudo, esperando dar-lhe razões que o demovessem do casamento (Branco, 1916: 13-17).

O romancista manifestou contentamento em consorciar-se com Ana Augusta (Colaço, 1922: 66) e temia morrer antes de a desposar (Colaço, 1922: 67-68). Se o casal adia o casamento, utilizando o pretexto da idade de ambos (Colaço, 1922: 89), parece ter sido Ana a mais renitente em aceitá-lo.

Ao fim de uma relação de quase de trinta anos, Ana Augusta e Camilo casaram. Viviam uma união consensual, que não diferia, relativamente à vivência quotidiana, dos

casamentos convencionais, ou seja, numa fase avançada da vida em comum, precedida pela experiência conjugal e pela constituição de família (Vaquinhas, 2011: 140).

O enlace realizou-se no dia 9 de março de 1888, pelas dez horas da noite, na Rua de Santa Catarina, em Santo Ildefonso. O noivo tinha sessenta e um anos e a noiva cinquenta e seis. Estiveram presentes figuras ilustres. Ricardo Jorge (1858-1939), lente da Escola Médico-Cirúrgica do Porto¹⁵² e morador na Rua do Almada; o cônego da Sé, António Alves Mendes da Silva Ribeiro (1838-1904)¹⁵³ e o capitalista Joaquim Ferreira Moutinho (1833-1914)¹⁵⁴, ambos de Santo Ildefonso. João António de Freitas Fortuna (1840-1899)¹⁵⁵, morador na Ramada Alta, Cedofeita, foi também uma das testemunhas¹⁵⁶, assim como o filho do casal, Nuno Plácido.

Ana Augusta passava, assim, a ser a Viscondessa de Correia Botelho. Foi como tal que Ana Augusta assinou o texto de homenagem às vítimas do incêndio do Teatro Baquet¹⁵⁷. Considerado o seu último contributo literário, o texto¹⁵⁸ foi publicado no “Jornal Ilustrado”, no número que se destinava a ajudar as vítimas da tragédia (Cabral, 1991: 54).

¹⁵² Médico higienista, influenciou as políticas sanitárias em Portugal. Reitor do Liceu do Porto, professor da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, foi também escritor e jornalista. Terá conhecido Camilo em 1884, com quem formou uma amizade, enquanto seu médico e seu amigo. Em 1886, promoveu a entrada do filho Jorge no Hospital de Alienados do Conde Ferreira (Cabral, 1992: 335-336).

¹⁵³ Formado em Teologia, foi cônego da Sé do Porto e um eloquente orador. Amigo de Camilo, a quem tratava por “mestre” e que lhe dedicou um estudo na sua obra *Boémia do Espírito* (Cabral, 1992: 406).

¹⁵⁴ Emigrante no Brasil, onde exerceu atividade comercial. Regressou a Portugal e foi diretor do Asilo das Raparigas Abandonadas, tendo editado obras de caráter beneficente, nas quais Camilo Castelo Branco, de quem era amigo, participou, como *A Creche*, de 1884, *Óbolo às Crianças*, de 1889 e *Por Bem Fazer*, de 1888. Acompanhou o corpo do romancista ao jazigo de Freitas Fortuna, no cemitério da Lapa (Cabral, 1992: 429-430).

¹⁵⁵ Capitalista portuense e amigo devotado de Camilo, que terá conhecido por volta de 1854. Camilo e Ana Plácido, que tinham por Freitas Fortuna uma amizade fraterna, permaneceram algumas vezes na sua casa da Ramada Alta. Camilo encontra-se sepultado, como pedira, no jazigo de família de Freitas Fortuna (Cabral, 1992: 281-282).

¹⁵⁶ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/002/0064m fl. 26-26v.

¹⁵⁷ Em 1888, um incêndio destruiu o Teatro Baquet, situado na antiga rua de Santo António (atual Rua 31 de janeiro), no Porto, causando muitas vítimas mortais (Cabral, 1992: 624-625).

¹⁵⁸ “Recordar é viver e morrer numa só dor. // O coração da mulher privilegiada é um santuário esplêndido que se não devassa, mas que ela faculta com evangélica caridade, esquecendo a sua própria dor. // A desgraça é tão opulenta em visões e fantasmas medonhos, como a felicidade em idealidades risonhas e fagueiras” (Cabral, 1992: 625).

7.2. Os “seus” doentes e dependentes – os filhos e netos

Jorge, o segundo filho de Ana Augusta, o seu “pobre doidinho” (Costa, 1930: 122), sofria de problemas mentais que pareceram piorar a partir de 1879 (Figueiras, 2002: 268). Acreditava ter talento para tudo e dizia que iria escrever um livro. Apesar dos seus dotes na música e no desenho, desde que enlouquecera, Jorge odiava o piano e a flauta (Figueiras, 2002: 87). Em 1880, eram raros os seus momentos de lucidez (Figueiras, 2002: 625). Em 1882, Camilo e Ana Augusta foram com o filho para Viana (do Lima, hoje Viana do Castelo) para se distrair, uma vez que Jorge começara a falar em suicídio. Em agosto do ano seguinte, vendo que o filho estava inquieto, sem comer nada e a embriagar-se com frequência, Ana e Camilo decidiram ir para a Póvoa (Figueiras, 2002: 285) Estas viagens tinham o propósito de o acalmar.

Em maio de 1884, o estado de Jorge piorava: tinha acessos de ódio e falava em matar. Camilo temia que a primeira vítima fosse Ana Augusta, devido ao amor que tinha pela mãe. Com efeito, Jorge insultou a mãe, pedindo depois para que ela não contasse nada ao “papá”, porque ele estava velho, não sabia o que dizia e descompunha-o. Camilo, porém, diz que nunca lhe ralhou, apenas lhe suplicava que não se embebedasse (Colaço, 1922: 55-56).

Em finais de 1885, “(...) deu-se conflito entre Jorge e Nuno. O pai accudio (...)” (Branco, 1916: 19-21) e Ana “(...) no meio delles tomei um dos sustos maiores (...). Logo ao outro dia, o Jorge foi muito surrateiramente deitar outra vez fogo à nora do Pinheiro (...)” (Branco, 1916: 19-21), pela segunda vez. “Ninguém dera fé da sahida, porqelle tinha-se fechado no quarto (...)”, mas Ana Augusta ficara inquieta e foi “(...) espreitar o q se passava (...)” (Branco, 1916: 19-21) e, ao ouvir os passos do filho no corredor, subiu ao escritório, de cuja janela viu o “começo do incêndio” (Branco, 1916: 19-21). Levantou os criados, mandou chamar a casa do Nuno, tocaram os sinos e todos se dirigiram a apagar o incêndio. Nesta época, tinham em casa Tomás da Brasileira que, vendo Jorge a gritar, “(...) numa grande crize de nervos e vinho (...)” (Branco, 1916: 19-21), lhe deu dois empurrões, que o acalmaram (Branco, 1916: 19-21).

Em 1886, Jorge dedicava-se obsessivamente à religião. Não comia e não falava (Figueiras, 2002: 147). Na mesma época, de faca em punho, ameaçou matar a mãe.

Apesar de os médicos aconselharem os pais a recolhê-lo num hospital, Ana e Camilo diziam preferir morrer às mãos do filho (Castelo Branco, 1930: 160-162), ainda que de temessem os seus ataques de fúria (Colaço, 1922: 74). Nesse ano, Jorge começou também a espancar os criados e os transeuntes Colaço, 1922: 82-83).

Nesse ano, foi internado no Hospital Conde Ferreira, de onde saiu a 27 de outubro do mesmo ano, e onde foi acompanhado por Ricardo Jorge, António Maria de Sena e Júlio de Matos (Cabral, 1991: 54). Foi Ricardo Jorge quem promoveu a entrada do filho do casal naquele hospital (Cabral, 1992: 336). O internamento foi indispensável para evitar ímpetos de fúria, pois Jorge chegara a agredir fisicamente a mãe. Quando sossegou e o Dr. Sena disse que podia voltar a casa, Camilo mandou que o filho mais novo, Nuno o fosse ver e Jorge, ao ver o irmão, enfureceu-se (Colaço, 1922: 83-84). Depois de ter alta, foi residir para uma hospedaria, em Famalicão, onde se fechou no quarto a escrever, beber e fumar (Figueiras, 2002: 86-87). Na verdade, além dos problemas mentais, Jorge tinha também problemas de alcoolismo, o que piorava o seu estado (Colaço, 1922: 82).

Em 1887, Camilo pediu ao seu editor, Eduardo da Costa Santos, que não se esquecesse dos impressos de Jorge, meia dúzia de exemplares que mandara imprimir com trabalhos literários do filho, como forma de suplemento a qualquer jornal (Cabral, 1979a: 81).

No mesmo ano, tentou obter uma pensão do Estado para Jorge, que lhe foi concedida a 23 de maio de 1889, no valor de um conto de réis (Cabral, 1991: 55). Com efeito, apesar de os pais já estarem casados, Jorge era filho adulterino, pois nascera antes da morte do primeiro marido da mãe, não podendo, por isso, herdar nada. Ana Augusta podia apenas deixar-lhe a terça de bens), não como a filho, mas como a estranho. Camilo pediu, por isso, a Tomás Ribeiro, que fizesse doação de uma quantia, a Jorge, pois era a única forma de garantir o seu futuro e pagar um quarto num hospital de alienados (Menezes, 1924-1925: 215).

Camilo, que sentia uma profunda adoração pelo seu querido Jorge (Colaço, 1922: 50), disse que, “Por aqui está tudo morto, envidraçado de gelo; e o meu pobre filho tem na fantasia flores e mariposas. Se houvesse um Deus em comunicação com as suas

desgraçadas criaturas q me permittisse trocar a minha vida consciente pela deste mentecapto, eu não aceitaria a troca para não lezar enormissimamte meu filho” (Colaço, 1922: 51). A preocupação pelo futuro do filho levava o romancista a pedir a Ana Augusta que resistisse e morresse depois da morte de Jorge (Marta, 1918-1923: 64-65). Sem diagnóstico feito, é bem provável um quadro de esquizofrenia.

O terceiro filho de Ana, Nuno, viúvo, era um perdulário. O irmão, Jorge comentava que o irmão mais novo sofria de alienação mental (Figueiras, 2002: 286). Camilo dizia que o filho tinha “na medula dos ossos o marialvismo d’Entre Landim e Seide” (Marta, 1918-1923: 204-205) e a própria Ana Augusta dizia que as suas “tolices (...) são comuns”. Quando tinha dinheiro disponível, comprava terras, cavalos, carros e fazia obras, gastando sem proveito (Costa, 1930: 122-123). Esbanjador, perdulário, mulherengo, batoteiro e conflituoso, Nuno teve uma vida turbulenta e desgovernada, gastando todo o dinheiro, chegando a perder 2200 000 réis. Perante isto, o pai procurou assegurar-lhe o futuro (Cabral, 1992: 154-155).

Camilo acusava o filho de explorar a mãe, cosendo-se aos seus recursos com avareza (Figueiras, 2002: 117) e que a sua enfermidade começava no cérebro. Conhecia duas espécies de demência: a do Jorge e a do Nuno, uma espécie nova que fugia à perspicácia dos especialistas (Figueiras, 2002: 118). Dizia também que se admirava que ele tivesse ainda “(...) um vintém. Aquillo é um desgraçado, sem responsabilidade, muito mais desgraçado que o Jorge (...)” (Figueiras, 2002: 124). Estava, também, muitas vezes doente, facto que o pai atribuía ao estilo de vida desregrado que seguia (Figueiras, 2002: 116).

Depois da morte de Maria Isabel da Costa Macedo e da filha Maria Camila, Nuno herdou a fortuna da esposa tendo-a, no entanto, delapidado pouco depois (Silva, 2017: 170). Chegou a viajar para o Rio de Janeiro¹⁵⁹, depois da morte da esposa, para tratar de negócios relativos à sua herança (Cabral, 1992: 155). Camilo receava que Nuno ficasse paralítico ou morresse (Cabral, 1992: 155). Mesmo assim, devido ao prestígio do pai, Nuno foi agraciado com o título de Barão de S. Miguel de Seide, título que recusou e, mais tarde, foi-lhe concedido o título de Visconde (Silva, 2017: 170).

¹⁵⁹UM-ADB PT/UM-ADB/AC/GCBRG/H-D/026/0005/16020.

Entre 1884 e 1885, iniciou uma relação com Ana Rosa Correia, mãe dos seus futuros sete filhos (Cabral, 1992: 203). A mãe acreditava que Nuno possuía um “santo orgulho que prova certa força de carácter” (Costa, 1930: 168) e, dizendo-se uma “alma forte, afeita a soffrer (...)”, afirmava que o filho herdara parte do seu carácter (Costa, 1930: 170). Não se entende este julgamento, mas Ana protegeu sete netos que se seguiram à falecida pequena Maria Camila, filhos naturais de Nuno e Ana Rosa Correia (filha de José Bento Correia e Ana Maria Correia).

Flora Augusta, a segunda neta, nasceu a 11 de janeiro de 1886, em Landim, Vila Nova de Famalicão, no lugar da Pacelada, de onde a mãe era natural. A menina foi batizada no mês seguinte, na igreja paroquial de Santa Maria de Landim¹⁶⁰. Registada como filha de pai incógnito, foi reconhecida por Nuno Plácido apenas a 20 de agosto de 1898¹⁶¹, enquanto os irmãos mais novos foram reconhecidos assim que nasceram.

A 16 de março de 1888, no mesmo dia em que Camilo Castelo Branco completava 63 anos, nasceu o seu neto, Camilo, que recebeu o nome do avô. O menino veio ao mundo no Porto, no número 458 da Rua de Santa Catarina, na mesma casa onde os avós nasceram. Foi batizado em S. Miguel de Seide, a 5 de maio de 1888, e os avós paternos, o “Excelentíssimo Senhor Camilo Castelo Branco, Visconde de Corrêa Botelho, e (...) a sua cónjuge – a Excelentíssima Senhora Dona Anna Augusta Plácido, Viscondessa de Corrêa Botelho”, foram os padrinhos¹⁶².

No ano seguinte, em 1889, nasceu o quarto neto, Nuno¹⁶³ e a este nascimento seguiu-se Raquel, a 21 de fevereiro de 1890 em S. Miguel de Seide e que foi batizada na semana seguinte ao seu nascimento¹⁶⁴.

Já depois da morte de Camilo, Ana Augusta voltou a ser avó com o nascimento dos seus netos Simão, em 1891, Manuel, em 1893 (Cabral, 1991: 56) e Estela, em 1895, que faleceu no ano seguinte (Cabral, 1991: 56).

¹⁶⁰UM-ADB PT/UM-ADB/PRQ/PVNF21/001/0011, fl. 44v-45.

¹⁶¹UM-ADB PT/UM-ADB/PRQ/PVNF21/001/0012, fl. 66-66v.

¹⁶²UM-ADB PT/UM-ADB/PRQ/PVNF43/001/0004, fl. 77-77v.

¹⁶³UM-ADB PT/UM-ADB/PRQ/PVNF43/001/0004, fl. 83-83v.

¹⁶⁴UM-ADB PT/UM-ADB/PRQ/PVNF43/001/0004, fl. 89-89v.

7.3. Cuidar de Camilo – “sinistra saudade”

Sofrendo de vários problemas de saúde, Camilo Castelo Branco pôde contar com a presença e com o cuidado de Ana Augusta Plácido, que também o acompanhava nas suas constantes deslocações (Castelo Branco, 1930: 179-180). Em 1886, devido às consultas médicas do romancista, Ana Augusta andava “sempre com o Camillo p^a o Porto, 2 dias cá, 2 dias lá!” (Branco, 1916: 24), viajando entre Seide e o Porto. Perante o desespero de Camilo, que temia cegar e que pensava no suicídio, Ana Augusta dizia-lhe que, “se era cegueira (...), pozessemos em ordem as nossas vidas e soubessemos morrer juntos com a coragem com que temos affrontado a desgraça (...)” (Branco, 1916: 24).

Quando Ana não acompanhava Camilo, o romancista escrevia-lhe. Nessas cartas, Camilo tratava-a por “Nininha” (Marta, 1918-1923: 59) e por “meu amor” (Marta, 1918-1923: 59-61). Estando na Foz, dizia que não compreendia viver aí sem a sua “Annica”, e desejava voltar para casa para que pudessem, juntos, passear pela “província” e, despedia-se, beijando-lhe os olhos e o coração. Numa outra ocasião, Camilo, doente e triste, queixava-se de sentir uma “sinistra saudade” de Ana Augusta e o coração pedia-lhe que voltasse para casa. Não a querendo afligir, pedia-lhe que fosse ela a mandá-lo para casa (Marta, 1918-1923: 63), pois temia morrer longe dela (Marta, 1918-1923: 63-64).

Também Ana Augusta sentia pungentes saudades de Camilo quando ele se ausentava: “Como eu pedia a Deus no tempo das alegrias opulentas da mocidade, que me não matasse sem viver contigo; a m^a expiação é traser sempre a alma angustiada por tua causa, é seres tu quer de perto quer de longe o flagello da m^a vida. Eu estava hontem tão magoada com as tuas queixas injustíssimas (...). O que eu desejava, Camillo, era que fosses sincero, q me dissesses, estou aqui e demoro-me porque me sinto bem (...). A m^a primeira idea foi partir hontem p^a ahi. Reflecti porem, q te hia transtornar as tuas alegrias, e passar por graves desgostos. Não vou (...) enterrei-me p^a sempre n’esta suja aldeia (...). Os filhos (...) Abraçam-te assim como a tua esquecida (...)” (Araújo, 1925: 158-159).

Em 1888, os problemas de visão do romancista agravaram-se. Sofria também com problemas de dentes e alimentava-se a custo. Em maio desse ano, Camilo e Ana Augusta foram para Braga, passando uma temporada no Bom Jesus do Monte (Costa,

1930: 16-17). Em setembro, dirigiram-se para a Póvoa, onde Camilo passava as noites a gritar (Costa, 1930: 37-38).

Rumaram a Lisboa à procura de cura. A 22 de novembro do mesmo ano, hospedaram-se no Hotel Universal onde, mais tarde, se situou o edifício dos Armazéns do Chiado (Costa, 1930: 43-44). Joaquim Peito de Carvalho¹⁶⁵ decidiu levá-los para sua casa e, apesar de Ana considerar que isso seria um “constrangimento escusado”, o casal abandonou o hotel no dia 27 de novembro (Costa, 1930: 42-44).

Apesar da dedicação de Peito de Carvalho e da esposa Ana de Vasconcelos, Ana Augusta estava contrariada naquela casa, onde recebiam visitas que, além de ocuparem tempo, fatigavam e pioravam o estado de espírito do casal de escritores. A vida nessa casa era muito diferente dos seus hábitos, e Ana sentia-se “(...) deslocada deste meio e fatigadíssima destas visitas, quando tenho o coração cheio de lágrimas (...)” (Costa, 1930: 44). Tinha saudades do filho Jorge e da solidão de Seide. Desanimada e aflita, não tinha coragem para escrever (Costa, 1930: 43-45).

Desta casa saíram para uma casa de saúde de Entremuros, onde esteve algumas horas, dirigindo-se, depois, ao Hotel Borges (Costa, 1930: 42-43). Em janeiro de 1889, já estavam hospedados no Hotel Durand, situado no largo do Quintana, onde ficaram até fevereiro (Costa, 1930: 47-49). Nesse mês, começaram a procurar uma casa mobilada, pois Camilo não queria ficar no hotel (Costa, 1930: 49). A 8 de fevereiro, já tinham casa própria, localizada no 3º andar, número 26, na Rua Capelo. Aí, no dia do seu aniversário, Camilo foi homenageado por homens de letras e artistas (como João de Deus) e pelos alunos da Escola de Belas Artes (Costa, 1930: 50).

Ana passava noites sem dormir. As visitas constantes, até à meia-noite, a que tinha de assistir com um sorriso nos lábios; “a casa, o Camilo sempre com as suas dores (...)” (Costa, 1930: 51), não a deixavam sossegar. Além disso, enfrentava problemas monetários e preocupava-se com o filho Jorge. Abatida de corpo e alma, temia por Camilo: “Todos os meus esforços, toda a minha energia, tudo de quanto posso dispor, o tenho empregado para minorar os sofrimentos de meu marido” (Costa, 1930: 50-52).

¹⁶⁵ Amigo de Camilo Castelo Branco. Administrador geral das alfândegas, era uma figura de renome no seio da sociedade lisboeta (COSTA, 1930: 40).

Viveram nessa casa até maio e a 1 de junho foram morar para Benfica (Costa, 1930: 50), depois de adiarem a mudança durante alguns dias. A cegueira do romancista agravara-se e, apesar de o médico prometer melhoras, Camilo não acreditava. Nessa época, Nuno viajou para junto dos pais (Costa, 1930: 63).

Em Benfica, o casal tinha a companhia de várias pessoas: uma senhora chamada Leopoldina Roquete, sua filha e, sua irmã, e uma senhora que dava pelo nome de Amélia Barjona (Costa, 1930: 64-62). Barjona também jantava com eles todos os dias (Costa, 1930: 75).

Em agosto de 1889, foram viver para a Quinta do Retrozeiro, no Vale do Pereiro, “(...) uma casa isolada, no meio d’uma quinta inculta (da câmara municipal (...)), tendo de subir uma rampa maior que a da Rua de Santo António” (Costa, 1930: 112), um sítio afastado e pouco conhecido, longe da confusão da cidade e onde não recebiam correio nem jornais. Compraram mobília no valor de 180 000 réis e levaram o pouco que já tinham, e pagaram 50 000 réis de aluguer, até 14 de novembro desse ano. Ana Augusta mandou limpar o casarão e fazer pequenas obras. Depois da mudança, Camilo declarou que não ficaria ali, indo hospedar-se nos Irmãos Unidos, no Rossio. No entanto, quis voltar à casa e Ana teve de voltar a fazer as malas (Costa, 1930: 112-113). Em Lisboa, o romancista foi às duas horas da madrugada para a rua, chamar amigos (Costa, 1930: 55). Camilo não tinha confiança no médico, gritava todo o dia e não deixava ninguém descansar (Costa, 1930: 115). Ana, além de doente, preocupava-se com Jorge (Costa, 1930: 122).

Em setembro, Nuno e a pequena Flora foram a Lisboa passar uma temporada com o casal de escritores. Apesar de feliz com a presença do filho e da neta, Ana Augusta tinha saudades de Jorge e lamentava “(...) as dores infernaes da minha vida não me deixa saborear as pequeninas alegrias que Deus me concede!” (Costa, 1930: 124). Ana concedeu todos os seus momentos ao filho e à neta Flora, que “(...) ão me deixa um instante, e, para não gritar por mim e affligir o avô, não tenho remédio senão atural-a” (Costa, 1930: 128) e, como iam voltar para Seide no dia seguinte, Ana dizia que “(...) dou-lhe todos os momentos que posso” (Costa, 1930: 128).

No dia 27 desse mês, Ana Augusta completou 58 anos. Para Camilo, esse dia foi o aniversário “(...) mais negro dos 31 anos da nossa convivência. O anno passado, n’este dia, ainda eu via as feições d’esta martyr. Hoje nem já tenho o tino preciso para saber onde é que ellaestá quando a ouço” (Costa, 1930: 131).

Na capital, Ana e Camilo caíram num “desalento horroroso”, a ponto de ambos desejarem a morte. O romancista perdera esperança na medicina e temia que a esposa morresse nos seus braços, pois vivia muito amargurada em Lisboa (Costa, 1930: 107), onde adoecera, dormindo e alimentando-se mal (Costa, 1930: 67-68) e “lança o pouco alimento que toma” (Costa, 1930: 88).

Ana e Camilo desejavam regressar a S. Miguel de Seide onde, segundo os próprios escrevem, teriam uma vida tranquila e independente, ao contrário da que tinham em Lisboa (Costa, 1930: 75-77). Camilo foi tratado por Sousa Martins (Costa, 1930: 46-48) e por Rebelo da Silva, que anunciava melhorias na visão de Camilo (Costa, 1930: 83-84) que, no entanto, não se manifestaram e o físico instou para que não saíssem da capital, sustentando, ou fingindo sustentar, confiança na cura. A cegueira, contudo, era completa (Costa, 1930: 104-106). Apesar de desejar morrer em Seide, Camilo temia entrar cego na casa onde viveu vinte e oito anos inundado da luz do céu e da luz da alma (Costa, 1930: 87-88). Em Lisboa, eram “arrastados por essas infinitas horas de angústia que não se encontram descritas em inferno algum” (Costa, 1930: 78-79) e que não havia lance de energia que os pudesse amparar. O romancista pedia a Deus que o libertasse “daquele inferno da vida para que Ana Plácido, aquela pobre mártir, possa ir acabar a Seide, fechando os olhos serenamente no seu pobre leito” (Costa, 1930: 78-79).

O casal regressou a Seide entre finais de 1889 e inícios de 1890 e, assim que chegaram, Camilo sentiu-se melhor (Costa, 1930: 155-156). Ana esperava que a mudança de vida melhorasse a saúde do marido (Costa, 1930: 155-156). Camilo não dava um passo sem que o conduzissem e não conhecia ninguém, mas distinguia vultos ao aproximarem-se. Não extremava a luz artificial do dia e passava as noites numa cadeira, esperando que o transportassem para a cama. Via vultos e, raras vezes, feições. A custo, conseguia ver as horas no relógio (Costa, 1930: 46-48). Ana Augusta acusou os

seus amigos de se afastarem e temia as visitas de desconhecidos (Costa, 1930: 47-48). Sofria com tumores na cara (Costa, 1930: 52) e com problemas nos dentes, que lhe dificultavam a alimentação (Costa, 1930: 154).

O romancista sentia alento quando Ana lhe dizia “espera”, palavra que, para Camilo, era mais promissora do que as do médico: “(...) porque eu não posso deixar de esperar que Deus permita que esta infeliz senhora me veja com os olhos abertos como recompensa do martyrio que a dilacera há três annos (...)” (Costa, 1930: 79). Dizia-se também responsável pela “terrível influência que teve na vida daquela desgraçada” (Costa, 1930: 97) e considerava que a esposa o acompanhava no seu calvário e vergava “ao peso da cruz enorme” (Costa, 1930: 106). Afirmava também que a vida de Ana era uma aflição permanente devido à condenação que os fulminou nos derradeiros anos de vida (Costa, 1930: 158). Quando ditava as suas cartas, o romancista preocupava-se com “(...) os pobres olhos d’Anna Placido (...)”, que enfraqueciam de tanto escrever (Costa, 1930: 149). Camilo não queria que Ana soubesse da sua angústia (Costa, 1930: 47-48).

Em cartas para o amigo João António de Freitas Fortuna, de quem já falamos, Ana Augusta descreveu a vida com Camilo nos últimos anos de vida: “Se chora, se se lamenta, se olho para a cadeira solitária do seu escriptorio e penso nas horas socegadas e alegres d’outrora, despedaça-se-me a alma; se grita, se se queixa de mim, se me tortura com aquellas palavrinhas cortantes que ellesabe, esforço-me debaixo do terror do meu infernal destino. (...) Que vida a nossa (...)!” (Costa, 1930: 163).

Devido à cegueira do marido, Ana ficou responsável pela muita correspondência (Costa, 1930: 163), tratava de assuntos familiares (Costa, 1930: 100), e auxiliava-o no trabalho, recordando-lhe uma poesia que escrevera há mais de vinte anos (Costa, 1930: 75). O marido dizia que ela era a sua secretária (Costa, 1930: 77-78). Camilo ditava-lhe o conteúdo das cartas e, por vezes, era obrigada a escrever textos com os quais não concordava (Costa, 1930: 123). Ana Augusta justificava as atitudes de Camilo, pois era preciso não o conhecer para “(...) não desculpar estas aberrações do seu espírito” (Costa, 1930: 163).

Em caso de morte, o romancista deixava Ana e os filhos como seus representantes no contrato com o editor Costa Santos (Costa, 1930: 104-105) e deixava

a esposa responsável pela publicação póstuma de sonetos que escrevera, se ela assim o entendesse (Costa, 1930: 130-131).

Passaram também por problemas financeiros, que tentaram combater com o leilão dos livros de Camilo, tarefa que Ana teve dificuldade em cumprir (Costa, 1930: 158). Um destes leilões realizou-se em 1871, no número 66 da Rua de Santo Ildefonso, onde Eufrásia Carlota de Sá, de quem já falamos, residia (Costa, 1930: 578). A venda da livraria foi a solução encontrada pelo romancista para o pagamento de dívidas e para não lesar o pecúlio do Jorge, no entanto, confessou ter saudades dos seus livros, e temia que Nuno os vendesse depois da sua morte. Já em Lisboa, Ana Augusta sentira-se afundar com os parques haveres que possuía (Costa, 1930: 52).

Além do seu papel de mãe e de esposa, administrou e geriu o lar e foi enfermeira na doença do romancista, funções que eram esperadas de uma senhora (Vaquinhas, 2011: 215).

Cuidadora de Camilo, tratando de todas as suas doenças, mesmo de uma simples constipação (Branco, 1916: 18), Ana, “a mulher que o salvou de morrer de fome n’um hospital” (Costa, 1930: 171), nunca abandonou Camilo, cuidando dele até ao fim da vida.

7. 5.1. A presença de Ana Augusta Plácido em Camilo

Os passos de Ana também parecem estar incluídos na obra de Camilo, como alguns autores observaram. Eusébio Macário, de 1879, terá sido a única obra literária que Camilo dedicou a Ana Augusta Plácido (Costa, 1930: 69): “Minha querida amiga, perguntaste-me se um velho escriptor de antigas novellas poderia escrever, segundo os processos novos, um romance com todos os «tics» do estylo realista. Respondi temerariamente que sim, e tu apostaste que não. Venho depositar no teu regaço o romance, e na tua mão o beijo da aposta que perdi” (Castelo Branco, 1979).

No entanto, o romancista parece ter-se inspirado em Ana Augusta para escrever algumas das suas obras, criando personagens com histórias de vida semelhantes às da amada.

Em *Anos de Prosa*, de 1863, parece ser representada pela personagem Raquel (Ferraz, 2002: 66), criptónimo que Camilo utilizava para se referir a Ana Augusta na

poesia que lhe dedicava, sem revelar a sua identidade. A primeira poesia terá sido “A ***”, publicada em “O Nacional”, número 116, de 25 de maio de 1858, incluída na coletânea *Ao Anoitecer da Vida*, organizada em 1862 e editada em 1874, com o título “A Raquel”. Haverá mais cinco poesias dedicada a Raquel, mas apenas duas têm data (1858 e 1859). foi utilizado por Camilo, pela última vez, em 1890 em *Nas Trevas*, no soneto VIII (Cabral, 1992: 550).

Foi também com o nome Raquel que a neta do casal de escritores, Raquel Castelo Branco, foi baptizada. Nuno queria homenagear Ana Augusta, baptizando a filha com o seu nome. A avó, no entanto, não o permitiu, argumentando que “a menina não se chamará Ana” pois “são todas muito infelizes”. Nuno sugeriu chamar-lhe Augusta, mas a escritora disse que deveria ser Camilo a escolher o nome da neta. Depois de pensar um pouco, o romancista decidiu que a menina se chamaria Raquel (Castelo Branco, 1930: 17).

Parece ser também representada como Ângela de Noronha Barbosa, de *Os Brilhantes do Brasileiro*, de 1869 (Ferraz, 2002: 121); Ludovina de *O Que Fazem Mulheres*, obra de 1858 (Ferraz, 2002: 519); Teodora/Palmira, de *Amor de Salvação*, de 1864 (Ferraz, 2002: 51); D. Carolina, em *Doze Casamentos Felizes*, de 1861 (Ferraz, 2002: 285-286); Augusta, de *Um Homem de Brios*, de 1856 (Ferraz, 2002: 361); Leonor, de *O Romance d’um Homem Rico*, de 1861 (Ferraz, 2002: 546-547); e, finalmente, Cassilda Arcourt, de *A Mulher Fatal*, obra de 1870 (Ferraz, 2002: 361). Parece também ter sido transfigurada em Mariana, de *Amor de Perdição*, que representa a figura da mulher real e autêntica (Cabral, 1979b: 13-14).

Autores há que pretendem comparar a obra literária de Ana a Camilo, mas não nos parece que seja esse o caminho, nem é esse o nosso propósito. De qualquer forma, regista-se o que alguns consideram: que o pouco espólio literário de Ana Augusta Plácido pode ser explicado pelas preocupações familiares que a assaltaram na última fase da vida. Que a vida incerta com Camilo, doente, nevrótico, impaciente e a cegar lentamente; os problemas mentais do filho Jorge; os desvarios do filho do Nuno; a morte do filho Manuel e o desprezo que a sociedade lhe votara, terão sido determinantes para

a curta obra literária. A isto, juntar-se-ia também a própria grandeza do génio de Camilo e o declínio dos jornais para os quais escrevia (Passos, 1995: 193-194).

Certezas parecem existir: amor, amizade, companheirismo e cuidado parecem ser as palavras que definem a relação de Ana Augusta e Camilo. Foi um relacionamento forte e sólido, capaz de enfrentar as convenções impostas pela sociedade e que sobreviveu a todos os obstáculos, como a prisão, recolhimento, separação, mas também aos ciúmes e conflitos e mal-entendidos. “Se estavam juntos aborreciam-se; se se afastavam apeteçiam-se (...)” (Araújo, 1925: 162). Ana Augusta manteve-se ao lado do romancista, enfrentando doenças, preocupações familiares e problemas económicos.

7.6. Esquecer-se de si própria – a doença física e a perda de Camilo

A década de 1880, como vimos, foi marcada por preocupações familiares, com as quais Ana Augusta lidou enquanto doente. Sofria de problemas de coração (Figueiras, 2002: 146-148), que pioravam por não ter persistência nos remédios (Figueiras, 2002: 110) e por falta de cuidados (Figueiras, 2002: 144). Argumentava que não havia cura e por isso, não queria ser tratada. Preocupado, Camilo pediu a um médico que a fosse ver, sob o pretexto de o consultar a ele, para que ela não suspeitasse, devido ao seu génio (Branco, 1916: 17).

Apesar de se queixar do coração, Ana cuidou de Nuno, Maria Isabel e Maria Camila, quando a família estava doente e cuidava de Camilo, passando noites mal dormidas e dias “torturantes” (Costa, 1930: 36-37).

Ana Augusta sofria também de nevralgias na face e de tormentos, provindos da desgraça do romancista (Costa, 1930: 72-73). Além disso, as más noites e os dias terríveis e a convivência com amigos, perturbavam-lhe o repouso que Ana precisava e que Camilo não lhe permitia, como o próprio afirmava (Costa, 1930: 73-74). Tinha problemas nos rins e sofria, sobretudo, da “nostalgia de Seide” (Costa, 1930: 105-106).

Em 1888, adoeceu e Camilo, que estava no Porto, ao sabê-la doente, voltou para S. Miguel de Seide, onde a encontrou mal (Colaço, 1922: 90). Tinha uma dor hepática e dores nevralgias na cabeça, face e ouvido esquerdo, em consequência de ter passado duas noites a passear até de madrugada (Costa, 1930: 115-116).

Quando estava em Seide e a “dor hepática”¹⁶⁶ a atacava, Ana fugia para o ar livre, deixando-se tomar pelo sol. Isto diminuiu a sua dor, permitindo-lhe ler e escrever (Costa, 1930: 159).

Sofria por Camilo e por ela, pelas contrariedades e pelas visitas que a forçavam a um doloroso sorriso de agradecimento que exprimia as torturas da sua situação (Costa, 1930: 76-77).

O desespero cercava Camilo e arrastava-a. “Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa neste país, durante 40 anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego (...). Há poucas horas ouvi ler no Comércio do Porto o nome de V. Ex^a salvar-me? Se eu pudesse, se uma quase paralisia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procurá-lo Não posso. Mas pode V. Ex^a dizer-me o que devo esperar (...)?” (Costa, 1930: 82). Assim escreveu Camilo na desesperada carta que dirigiu ao médico Edmundo Magalhães Machado, a 21 de maio de 1890.

Por intermédio de Melo Freitas, amigo do romancista, Edmundo Magalhães Machado visitou-o em S. Miguel de Seide, a 1 de junho de 1891. Depois de consultar o doente e vendo a gravidade da situação, o médico aconselhou-o a uma cura de águas no Gerês. Para Camilo, foi o fim de todas as esperanças (Cabral, 1992: 380).

Depois da visita, enquanto Ana Augusta acompanhava o médico à porta, o romancista, sentado na cadeira de baloiço onde passava longas horas, desferiu um tiro de revólver na cabeça, no parietal direito. Eram três horas da tarde. Ana Augusta e o médico, ouvindo o tiro, encontraram Camilo ainda com vida e transportaram-no para o canapé, onde o deitaram. Apesar de manterem a esperança de que sobreviveria, o romancista faleceu às cinco horas da tarde¹⁶⁷.

O suicídio de Camilo foi um ato anunciado. Com efeito, já em 1886, o romancista, sofrendo com problemas de visão e temendo cegar, ameaçou pôr termo à vida (Branco, 1916: 24). Também em 30 de julho de 1889, em carta para Freitas Fortuna, falava em suicídio, para o qual dizia não sentir coragem (Costa, 1930: 97). A 18 de agosto do

¹⁶⁶ Dores no fígado.

¹⁶⁷ UM-ADB PT/UM-ADB/PRQ/PVNF43/003/0012, fl. 36v.

mesmo ano, vivendo num “desalento horroroso”, o romancista voltou a contemplar o suicídio, dizendo que não se podia matar porque Deus não queria que o fizesse (Costa, 1930: 107). Na sua última estadia em Lisboa, terá comprado um revólver, apesar de Ana Augusta o tentar demover. As balas, porém, foram substituídas por outras simuladas, sem o conhecimento do romancista (Araújo, 1925: 85-86). A cegueira, a doença mental de Jorge, as atitudes de Nuno e o temor de ver Ana Augusta morrer antes de si terão contribuído para o suicídio (Araújo, 1925: 83-84).

De acordo com vontade expressa pelo próprio, Camilo foi sepultado no Cemitério da Lapa, na cidade do Porto, no jazigo de família do seu amigo Freitas Fortuna, que acedeu ao pedido do romancista: “Revalido, por esta carta, o que lhe propuz com referencia ao meu cadaver e ao seu jazigo no cemitério da Lapa. Desejo ser ali sepultado e que nenhuma força ou consideração o demova de me consercar as cinzas perpetuamente na sua capella (...)” (Costa, 1930: 13). Ana Augusta e Nuno entregaram o cadáver “de seu amado esposo e pai” a Freitas Fortuna, para que fosse sepultado na sua capela, assinando, para isso, um documento (Araújo, 1925: 98-100).

Mas esta não terá sido sempre a vontade do romancista que, em 1884, num fragmento de carta destinado a Ana Augusta, logo depois da sua morte, escreveu: “Peço à minha querida amiga Anna Augusta Placido que mande enterrar o meu cadáver no adro da igreja de S. Miguel de Seide, sem o mínimo signal de distincção. Se o parocho impugnar a minha inhumação em sagrado, pelo á m^a amiga que me faça enterrar na bouça contigua ao adro, em terreno seu; mas de modo que o mato cresça sobre a minha cova (...)” (Araújo, 1925: 102-104).

7.7. Viuvez e morte ou a “trituração da alma”

Depois do funeral de Camilo, Ana Augusta deixou a Quinta de S. Miguel de Seide e foi viver com Jorge para o Chalé Silva Pinto, a casa de Nuno, quase fronteira à casa onde viveu quase três décadas, que ficou fechada e abandonada (Cabral, 1991: 55).

Apesar de desejar ir ao cemitério da Lapa: “Voltando, porém á minha ida ao Porto: julga que deverei ir á Lapa expor-me aos commentarios aggressivos d’esta gentalha da imprensa?” (Costa, 1930: 166) e de assistir à missa: “(...) ainda assim iria á

missa se não temesse os remoques da nossa ilustrada imprensa(...)” (Costa, 1930: 166), Ana temia os comentários dos jornais.

Em julho, Ana Augusta teve de ir a casa, o que lhe trouxe grande sofrimento. A escritora recordou o marido em carta a Freitas Fortuna: “Vi Camilo a entrar pela primeira vez aquellas portas; e vi-o no esquife da sahida! Vinte e seis annos! A saudade! Só os poetas lhe chamam *delicioso pungir*; eu chamo-lhe a horrível trituração da alma” (Costa, 1930: 171).

Nesta época, foi visitada pelo irmão Eduardo Augusto Plácido e pela sua esposa Petronilha Augusta Correia Teixeira¹⁶⁸ e filho, Eduardo Augusto.¹⁶⁹ Nuno, no entanto, não apareceu, recusando apertar a mão aos inimigos do seu pai. “Respeito este santo orgulho que prova certa força de carater” (Costa, 1930: 168). O irmão e a cunhada insistiram para que fosse para Lisboa, mas Ana recusou, dizendo que nunca mais sairia de Seide (Costa, 1930: 168-169).

Ana e o filho Nuno passavam tardes inteiras no salão, em frente ao retrato de Camilo, enquanto choravam e falavam dele (Costa, 1930: 173-174). Foi-lhe solicitado que fizesse um inventário. Ana Augusta temia que anulassem a pensão de Jorge, que era filho adulterino (Costa, 1930: 171-172) e, por isso, consultou o seu advogado, o Dr. Vessadas, que lhe garantiu que o filho não podia ser perfilhado nem herdar, como espúrio (Costa, 1930: 177).

Desejava ir ao Porto, porém, acabava por continuar em S. Miguel de Seide. As noites mal dormidas e a intensa amargura deixavam-na prostrada, e Nuno temia que a jornada a enfraquecesse (Costa, 1930: 180).

Durante a viuvez, teve problemas com Alberto Pimentel (Costa, 1930: 170-171), em tempos amigo de ambos, que ameaçava anular o seu casamento com Camilo, justificando que “as testemunhas não assignaram” (Costa, 1930: 166) e que escrevera a obra *Romance do Romancista*, que Ana queria embargar por não ter o seu consentimento (Costa, 1930: 183), e com Joaquim de Araújo, que a perseguia, querendo

¹⁶⁸ ADPRT PT-ADPRT-PRQ-PPRT12-002-0049, fl. 14.

¹⁶⁹ Torre do Tombo PT/TT/PRQ/PLSB56/001/B15, fl. 22.

à força obter um exemplar da obra *Horas de Luta*, de Camilo, livro de limitada tiragem (Costa, 1930: 174-175).

A sua principal preocupação era o futuro dos netos, que “vão indo soffrivelmete” (Costa, 1930: 169), e dos filhos: temia que o conselho de família a forçasse a encerrar Jorge no hospital, privando-o da sua liberdade e relativa felicidade (Costa, 1930: 178-179); e estava decidida a arranjar um emprego a Nuno. Para isso, Ana Augusta dirigiu-se a Lisboa pedir a Tomás Ribeiro que nomeasse o filho mais novo como chefe de uma repartição de caminhos-de-ferro do Minho e Douro. Devido à incompetência do candidato e à injustiça dessa nomeação face a outros candidatos, Tomás Ribeiro não lhe concedeu esse cargo (Costa, 1930: 182).

Regressando a S. Miguel de Seide, Ana Augusta escreveu, furiosa, uma carta a Tomás Ribeiro, datada de 8 de dezembro de 1890, acusando-o de não ajudar a família de Camilo, depois da morte deste: “Fui martyr do dever; hoje martyr da honra sigo o exemplo d’aquelle que foi o único pharol da minha vida. Ao soar a hora o meu fraco pulso de mulher não será menos firme. Portanto Anna Placido ergue-se diante de Thomaz Ribeiro com todo o seu sancto e nobre orgulho (...). Escrevo à banca de Camillo. Tenho aqui ao lado a cadeira, o revolver com que ellepôz termo à vida. Morreu limpo de manchas, honrado como nenhum! (...) V. Ex^a está tão morto para a família de Camillo Castello Branco como este está esquecido de V. Ex^a (...) Praza a Deus que V. Ex^a se não veja um dia na situação que levou Camillo ao suicídio (...)” (Araújo, 1925: 171-179).

Tomás Ribeiro, que não lera as palavras de Ana, perguntou-lhe se aceitava um emprego imediato para Nuno (Costa, 1930: 179-180), que seria nomeado subchefe da 5^a Repartição dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro, apesar de não ter qualificações para o cargo (Cabral, 1992: 155). Ana aceitou (Cabral, 1992: 180), mas o filho não tomou posse e foi exonerado em janeiro de 1891 (Cabral, 1992: 155), como mostra a carta emotiva que Ana Augusta escreveu ao filho: “Triste, triste, a tua carta (...). A inacção não serve de nada, filho (...). Deus te ampare e aos meus pobre netinhos. Ás noites, quando o somno me foge, no auge da suprema angustia penso em todos com o coração a estalar (...)” (Araújo, 1925: 171-179).

No primeiro dia de janeiro de 1891, Ana Augusta voltava a escrever a Tomás Ribeiro, dizendo-lhe que lhe restava a herança do marido: a cadeira e o revólver para lhe seguir o exemplo (Branco, 1916: 26). Escrevia que a sua alma vergava cada vez mais ao peso da sua enorme cruz, enquanto era dilacerada pela saudade, pelo arrependimento do desbarato da sua mocidade e pela tortura da lembrança do passado (Costa, 1930: 178). A idade, a amargura e as doenças deixavam-na prostrada, passando o tempo sentada numa cadeira, a recordar o passado, e sem força e energia para escrever (Costa, 1930: 181).

Nas suas cartas a Freitas Fortuna, Ana parecia confessar que esperava a morte, dizendo: “Quantas mais horas passo, mais odeio a vida; e lembra-me com alegria, visto que nem Deus nem o Diabo se apressam a levar-me deste infame mundo, se a epidemia do cólera se aproximará em breve e serei com ela mais feliz!” (Costa, 1930: 175) e “Por aqui irei cumprindo o meu triste fadário, até quando Deus se dignar remir-me do martyrio da vida” (Costa, 1930: 181). Além disso, Ana Augusta confessara também que se afastara do mundo, do qual nada sabia nem queria saber (Costa, 1930: 180).

A memória de Camilo continuava presente em Ana Augusta, que sentia uma pungente saudade do marido: “Estou sempre com o meu Camilo e nem mesmo tento fugir à concentração dolorosa da minha imensa saudade” (Costa, 1930: 183).

Os problemas económicos também deviam pesar assim como a inconstância do filho Nuno. Por isso, no mesmo ano em que Camilo falecera, o seu filho, Nuno, publicou um folheto contra a sua meia-irmã, Bernardina Amélia, que se pensa ter sido inspirado ou escrito pela própria Ana Augusta Plácido, talvez para evitar que a enteada herdasse alguma coisa do pai (Cabral, 1991: 55). Este protesto originou uma querela com a família da enteada (Costa, 1930: 173-175).

Os amigos de Camilo e os seus sobrinhos, António e José de Azevedo Castelo Branco, opuseram-se a esta campanha, uma vez que o romancista sempre afirmara ser o pai de Bernardina Amélia (Costa, 1930: 169). Ana Augusta parece ter tido uma relação cordial com a filha, neta e genro de Camilo. Com efeito, além de ter contado com a ajuda do marido desta na questão da venda da casa da Rua do Almada (Figueiras, 2002: 122), Ana Augusta enviou uma carta à neta de Camilo e filha da sua enteada Bernardina

Amélia, a pequena Camila Cândida: “Minha querida amiguinha. Sinto que esteja encomodada (...). Cure-se depressa p^a voltar aos seus estudos e dar alegria a todos os seus, e aqueles que verdadeiramente a estimam, considerando-me n’este numero. Seu avô cá está metido na cama a ver-me escrever (...) Abrace a sua boa mamã, e faça os meus respeitos a seu excelente papá. Creia sempre na sua Amiga e obrigada (Anna Plácido)” (Figueiras, 2002: 229).

Parece que o filho Nuno terá tido alguma responsabilidade na edição, a 18 de agosto de 1895 do primeiro número de *O Leme*, um semanário publicado em S. Miguel de Seide. Foram treze números, nos quais se fez uma recolha de poesias de Ana Augusta Plácido, incluindo um romance assinado pelo seu pseudónimo Lopo de Sousa, intitulado Núcleo de Agonias, e que fora retirada do romance *Herança de Lágrimas*. A 20 de agosto, o folhetim apresentava a assinatura de Ana Augusta. O semanário extinguiu-se pouco a 17 de novembro de 1895, pouco depois da morte de Ana Augusta Plácido (Cabral, 1991: 55-56).

Na verdade, a sua morte foi inexorável, talvez por ataque cardíaco, dados os problemas de coração de que enfermava. No dia 20 de setembro de 1895, quinta-feira, em S. Miguel de Seide, Ana Augusta faleceu quase repentinamente, na casa do seu filho Nuno, no lugar do Cruzeiro, em S. Miguel de Seide. Não deixou testamento e foi sepultada no jazigo de família no cemitério de Vila Nova de Famalicão (Pimentel, 1913: 267).

Faleceu no leito que fora de Camilo e onde dormia com a sua neta Raquel, uma vez que a casa de Nuno estava em obras. Nessa manhã, Ana Rosa Correia foi buscar a filha para que a avó pudesse descansar (Castelo Branco, 1930: 43). Poucas horas depois, chegou a notícia da morte de Ana Augusta Plácido que, ao levantar-se, sentiu “uma dor aguda sobre o coração, que tanto amara e tanto sofrera” (Araújo, 1925: 186).

Foi sepultada no antigo Cemitério Municipal de Vila Nova de Famalicão, num jazigo em capela, o número três, junto do filho Nuno, da nora Maria Isabel da Costa Macedo e dos pais desta, e de duas netas.

Os filhos sobreviveram-lhe pouco tempo: a 23 de janeiro de 1896, faleceu Nuno Plácido, de 32 anos, e, a 10 de setembro de 1900, faleceu Jorge, de 37 anos, vítima de

uma paralisia geral. Deixou o seu nome ligado a uma árvore, a Acácia do Jorge, ainda existente na Casa-Museu de Camilo. Depois da morte de Nuno, Jorge continuou a viver com a família do irmão (Figueiras, 2002: 86-87).

Na primeira metade do século XX, foi transladada para o novo Cemitério Municipal, ficando sepultada em campa rasa. Em 1994, no âmbito das Comemorações do Centenário da Morte de Ana Augusta Plácido (1895-1995), foram realizados pelo Instituto de Medicina Legal do Porto, a pedido da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, exames de Antropologia Forense, que confirmaram que se tratavam das ossadas de Ana Augusta e dos restantes familiares. Em 2015, após um longo processo de transladação, Ana Augusta Plácido regressou a S. Miguel de Seide, sendo sepultada perpetuamente, junto dos familiares, num jazigo no cemitério local¹⁷⁰.

Em 1995, em comemoração do primeiro centenário do falecimento de Ana Augusta Plácido, a Câmara Municipal de Famalicão reeditou mil exemplares de *Luz Coadá por Ferros e Herança de Lágrimas* (Flores, 2015: 31). Avivar a figura de Ana através dos seus livros apontava, já, para uma valorização da memória que era um valor coletivo, social e não apenas pessoal.

¹⁷⁰Disponível em <https://www.cm-vnfamalicao.pt/ana-placido-e-nuno-castelo-branco-regressam-a-s-miguel-de-seide> (consultado em 19/08/2022).

Capítulo 8 – Seguir e (re) viver os passos

O trabalho de investigação dedicado à vida e obra de Ana Augusta Plácido, apresentado nos capítulos anteriores, permitiu-nos reunir elementos que suportamos reunir o máximo de informação que nos permita organizar uma ou várias iniciativas de mediação patrimonial, porque o património é o que hoje queremos valorizar para o futuro. Com a modéstia de um exercício que deverá ser apurado na prática, seguimos um guião que tanto deve ter em consideração questões logísticas, de gestão e preservação do património, como de diálogo com os públicos. Contar uma história é, sempre, o objetivo de uma exposição.

8.1. Estruturação do projeto

Com efeito, para a construção de uma exposição é necessário realizar uma investigação sobre o tema que pretendemos tratar e dar a conhecer. Essa pesquisa, que será a base da exposição, também é investigar, interpretar, mapear, questionar, documentar e preservar o património (Bordinhão, Valente e Simão, 2017: 23).

A mediação patrimonial é um veículo de comunicação, que deve ser relevante, divertida, estruturada e enquadrar-se no tema que apresenta. Atividade educativa e recreativa na qual a interpretação traz sentido ao património cultural. Com efeito, uma exposição deve ser um instrumento de produção e difusão de conhecimentos, sendo espaços que permitem a circulação de ideias (Bordinhão, Valente e Simão, 2017: 11) e o trabalho de mediação deve ajudar os visitantes a criarem a sua própria interpretação e aprofundarem a sua relação com a exposição.

O título atribuído a este projeto, *“Sair da Sombra... nos passos de Ana Augusta Plácido, (1831-1895)”*, explica que queremos resgatar a figura de Ana Augusta Plácido, colocada à sombra de Camilo Castelo Branco, dando a conhecer a sua vida enquanto mulher e escritora do Portugal Romântico e reconstituindo também as suas facetas de mãe, cuidadora e companheira, mapeando os espaços físicos, sociais e culturais nos quais circulava, através de vestígios materiais e imateriais da sua passagem, que recolhemos. É também uma referência à obra literária de Ana Augusta, da qual

destacamos *Luz Coada por Ferros*. Com efeito, é fundamental que o título apresente o seu conteúdo e que cause curiosidade (Bordinhão, Valente, Simão, 2017: 17).

Pensada para um público com interesse em adquirir novos conhecimentos sobre História, Literatura e Património, o projeto “*Sair da Sombra... nos passos de Ana Plácido, uma Mulher de Letras*” promete levar os seus visitantes numa viagem no tempo, podendo ser adaptada para grupos escolares, mais jovens e que, ao conhecerem a vida desta escritora, expandiriam os seus conhecimentos sobre História e literatura do Portugal Romântico.

Para que possa atingir o maior número de visitantes possível, consideramos fundamental criar uma exposição itinerante, apresentada em locais que fizeram parte da vida de Ana Augusta. Isto é, uma exposição que permanece num lugar durante um determinado período de tempo, seguindo depois para outro local (Bordinhão, Valente, Simão, 2017: 17).

Para organizar uma exposição, é necessário ter em conta vários fatores, entre os quais a viabilidade do espaço escolhido e as suas condições de segurança e acessibilidade (Bordinhão, Valente, Simão, 2017: 33-34), a requisição de autorizações para utilização do local, e estabelecimento de prazos. É também necessário selecionar o acervo (Bordinhão, Valente, Simão, 2017: 17-19) e sua preservação (Bordinhão, Valente, Simão, 2017: 45), estudar o orçamento disponível (Bordinhão, Valente, Simão, 2017: 34) e organizar uma equipa composta por profissionais especializados em diferentes áreas (Bordinhão, Valente, Simão, 2017: 26-27). A isto junta-se a necessidade de garantir suportes expositivos (Bordinhão, Valente, Simão, 2017: 31) e de divulgar a exposição (Bordinhão, Valente, Simão, 2017: 35). Também a montagem e desmontagem (Bordinhão, Valente, Simão, 2017: 38-41) da mesma devem ser organizadas e é preciso ter em atenção a forma como a informação é apresentada ao público através da escolha das cores, da criação de estratégias na exibição de objetos (Bordinhão, Valente, Simão, 2017: 45-49), na iluminação (Bordinhão, Valente, Simão, 2017: 53), na climatização e através do recurso ao som (Bordinhão, Valente, Simão, 2017: 57). A tudo isto, soma-se a escrita de textos que acompanhem a exposição, que devem obedecer a algumas regras (Bordinhão, Valente, Simão, 2017: 61-65). Pode também pensar-se em fazer um

trabalho de ação educativa. Fazer uma avaliação do trabalho desenvolvido e dos conhecimentos adquiridos é fundamental (Bordinhão, Valente, Simão, 2017: 33).

8.2. O(s) local(ais) e os recursos patrimoniais

Na escolha do local para instalação da exposição, é necessário verificar a viabilidade do espaço, itens de segurança, acessibilidade dos visitantes e condições de uso do espaço, informações que facilitam a construção e divulgação do projeto. Além disto, é preciso ter em atenção as autorizações necessárias (Bordinhão, Valente, Simão, 2017: 15).

Por ser itinerante, a exposição seria apresentada em lugares que marcaram a vida de Ana Augusta Plácido. Assim, selecionamos a Casa Museu de Camilo, em S. Miguel de Seide, Famalicão, onde a escritora viveu durante cerca de trinta anos e onde faleceu e o Centro Português de Fotografia, na Invicta, edifício onde funcionou a Cadeia da Relação do Porto, onde esteve presa.

A realização deste projeto é também fundamental para a sustentabilidade e rentabilização da Casa Museu de Camilo e do Centro Português de Fotografia, lançando-lhes uma nova luz, sem apagar a importância óbvia do romancista em Seide e a sua passagem na Cadeia da Relação, mas acrescentando o papel e a presença de Ana Augusta Plácido, pois é tempo de olhar para o seu trabalho e vida. Com efeito, o património “não é um objeto ou um local, mas um processo e um resultado: utiliza objetos e locais como veículos para a transmissão de ideias ao serviço de uma vasta gama de necessidades sociais contemporâneas” (Smith, 2006: 25).

8.2.1. S. Miguel de Seide: Casa Museu

Enquanto núcleo museológico, a Casa Museu conserva e preserva espólio patrimonial, sensibilizando diferentes públicos para a sua valorização e salvaguarda.

A casa de S. Miguel de Seide foi construída por volta de 1830 por Manuel Pinheiro Alves, natural dessa localidade. Diferenciando-se das típicas casas de brasileiros, o edifício que atualmente podemos visitar não é o original, devido à sua destruição por um incêndio, em 1915. O imóvel foi reconstruído e transformado num museu dedicado

a Camilo Castelo Branco. As obras, no entanto, adulteraram a casa, uma vez que a escola primária de Seide foi instalada no rés-do-chão, tornando-se necessário adaptar o edifício à sua nova função¹⁷¹.

Em 1917, uma Comissão de Homenagem adquiriu a casa que abriu ao público em como Museu Camiliano em 1922. Na década de 1940, uma nova intervenção devolveu a traça original ao edifício, inaugurado como Casa-Museu de Camilo em 1958¹⁷².

Os interiores foram arrançados de modo a ficarem muito semelhantes à casa original, recriando o ambiente oitocentista. O visitante pode ver o vestíbulo, a cozinha, os quartos de Camilo, Ana e filhos, bem como as salas, entre as quais uma pequena sala de banho, o escritório onde o romancista trabalhava, a sala de trabalho de Ana Augusta e a sala principal ou de visita. Pode também conhecer o património móvel, do qual faz parte o mobiliário e utensílios de uso pessoal, assim como quadros, fotografias, livros, as botinas, luvas e leque de Ana Augusta, a cadeira de baloiço e o canapé onde faleceu (Chorão, 1979: 69).

Alberga também diversos volumes de bibliografia do escritor, destacando-se obras da sua biblioteca particular, cartas, recortes de imprensa, exemplares de periódicos com os quais colaborou ou foi diretor e peças iconográficas, como fotografias, pinturas e esculturas¹⁷³.

No largo fronteiro à pequena igreja de S. Miguel de Seide, abre-se o portão que dá acesso ao quintal da Casa Museu, dividido por um caminho delimitado por muros baixos, que segue até ao terreiro onde, uma escada de pedra de dois lanços, conduz ao segundo piso da casa. No ângulo dessa escada, situa-se a Acácia do Jorge e junto ao portão, do lado esquerdo, foi erigido o obelisco que Ana Augusta encomendou para comemorar a visita de Castilho. A casa é uma confortável habitação de campo, com muitas janelas. No rés-do-chão, funcionava a adega e as cortes do gado e no interior da

¹⁷¹Casa de Camilo em S. Miguel de Seide. Disponível em <http://www.camilocastelobranco.org/index2.php?co=7&tp=3&cop=0&LG=0&mop=22&it=paginas> (consultado em 01/08/2022).

¹⁷²Casa de Camilo. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/casa-de-camilo/> (consultado em 05/05/2022).

¹⁷³Casa de Camilo. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/casa-de-camilo/> (consultado em 05/05/2022).

casa há vários objetos que pertenceram à família do casal de escritores. Das janelas, é possível avistar várias freguesias e o Monte Córdova (Araújo, 1925: 24-29).

Contexto e memória são palavras-chave em património local, no qual podemos inserir a Casa-museu. O contexto “deve determinar o quê e o para quê (...), o como e o quando (...)” (Prats, 2006: 197), enquanto a memória “constitui o mais constante e relevante dos patrimónios locais (...)” (Prats, 2006: 197), correspondendo aos acontecimentos e interpretações do passado que queremos salvaguardar e solidificada através de monumentos, museus e bibliotecas (Pollak, 1989: 7-9).

A casa de Camilo encontra-se tutelada pelo Município de Vila Nova de Famalicão e o seu diretor é José Manuel Oliveira¹⁷⁴. Junto à casa-museu, foi inaugurado, em 2005, um Centro de Estudos Camilianos, projeto do Arquiteto Álvaro Siza Vieira, que tem como objetivo divulgar a figura e obra de Camilo. Possui auditório, salas de leitura, gabinetes de trabalho e cafeteria e recebe exposições temporárias. Aí existe bibliografia relacionada com o romancista, documentação manuscrita, iconografia e arte plástica¹⁷⁵.

Em 2022, celebram-se 100 anos da abertura do Museu Camiliano e, por isso, faz todo o sentido receber uma exposição que inaugura uma nova era dedicada a resgatar a figura de Ana Augusta da sombra onde se encontra há tanto tempo.

8.1.2. Cadeia da Relação e Centro Português de Fotografia

O Centro Português de Fotografia foi criado em 1997, pelo então Ministério da Cultura. O objectivo era funcionar como serviço público, assegurando uma política nacional para a fotografia. Hoje, é tutelado pela Direcção-geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, e pretende preservar, valorizar, proteger e divulgar o património fotográfico.

Está instalado na antiga Cadeia da Relação, edifício de 1767, apesar de, no século XVII, já existirem nesse local instalações para a Relação e Casa do Porto. Situava-se junto do Mosteiro de S. Bento da Vitória e perto da Porta do Olival.

¹⁷⁴ Casa de Camilo. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/casa-de-camilo/> (consultado em 05/2022).

¹⁷⁵ Centro de Estudos. Disponível em <http://www.camilocastelobranco.org/index2.php?co=39&tp=3&cop=0&LG=0&mop=47&it=paginas> (consultado em 05/05/2022).

Construído em planta trapezoidal, a área do edifício foi dividida entre tribunal e cadeia. As áreas de detenção, com paredes de granito, grades duplas no piso térreo e portas em ferro, distribuíam-se em três pisos: no rés-do-chão, localizavam-se as escuras, húmidas e frias enxovias de Snt^a Teresa, St^o António, S. Vitor, Snt^a Rita, St^a Ana e Senhor de Matosinhos, cujo acesso era feito através de alçapões no piso superior; o segundo piso, albergava a sala das mulheres, os salões de N. Snr^a do Carmo e de S. José e espaços coletivos; e, no último piso, situavam-se as enfermarias e os quartos de Malta, celas individuais para “pessoas de condição”, que apenas se encerravam à noite. A distribuição de prisioneiros pelos diferentes espaços seguia critérios relativos ao crime cometido, ao estatuto social e à capacidade para pagamento de detenção.

Existia uma Casa da Guarda e alojamentos do carcereiro, a sala do chaveiro, um oratório para os presos condenados à morte, uma capela dos presos para celebração de missas e quartos para presos incomunicáveis. Em 1862, foi criado o pátio dos presos e uma das dependências passou a funcionar como prisão de menores que, até aí, eram colocados junto dos presos adultos. A enxovia de Snt^a Teresa e uma saleta do segundo piso foram, desde o início, destinadas às mulheres. A passagem de Ana Augusta Plácido pela Cadeia levou à criação de um novo espaço de detenção. No século XX, foram criados novos espaços, como uma secção fotográfica, oficinas de alfaiataria e sapataria, oficinas para trabalho das mulheres e um parlatório para os presos e suas famílias.

Em abril de 1974, a cadeia foi desativada por razões de segurança. Em 1987 o edifício, cedido pela Direção Geral do Património do Estado ao IPPC, foi intervencionado, devido ao seu estado de degradação, e foi alvo de trabalhos arqueológicos e investigação histórica.

Em 2000, o imóvel passou a funcionar como Centro Português de Fotografia, projeto levado a cabo pelos arquitetos Eduardo Souto Mouta e Humberto Vieira¹⁷⁶.

Atualmente recebe exposições permanentes e temporárias ou itinerantes¹⁷⁷ e possui a “Sala da Memória”, localizada na Sala das Mulheres, dedicada a contar a

¹⁷⁶ Centro Português de Fotografia. Disponível em <https://cpf.pt/visitar/edificio/historia-do-edificio/> (consultado em 05/08/2022).

¹⁷⁷ Centro Português de Fotografia. Disponível em https://cpf.pt/expos_eventos/ (consultado em 05/08/2022).

História da cadeia. Alberga também o Núcleo Museológico António Pedro Vicente, onde pode ser visitada a exposição de Câmaras e Equipamento Fotográfico.

A antiga Cadeia da Relação foi classificada como Monumento Nacional, de acordo com o Decreto n.º 06/2017, DR, 1.ª série, n.º 43 de 1 Março 2017¹⁷⁸.

Em dezembro de 2012, o largo fronteiriço à actual entrada da antiga Cadeia da Relação, foi baptizado de “Largo Amor de Perdição”, em homenagem ao romancista, ao seu famoso romance, e à sua História. Na mesma data, foi também inaugurada neste local uma estátua do escultor Francisco Simões, também baptizada de “Amor de Perdição” e que simboliza as mulheres de Camilo (Silva, 2017: 30).

8.3. Narrativa

Nesta exposição queremos transmitir a história de vida de Ana Augusta Plácido. Com efeito, uma exposição conta uma história (Bordinhão, Valente e Simão, 2017: 25).

Os momentos-chave da vida de Ana Augusta Plácido podem ser comparados, numa linha do tempo, a uma viagem que pode ser mapeada, desde a infância, passando pela juventude e idade adulta, até à velhice.

Assim, com base no trabalho de investigação efetuado, e para facilitar a compreensão dos visitantes, a exposição funcionará como um corredor temporal, seguindo uma ordem cronológica, e será dividida em oito módulos¹⁷⁹, que correspondem, cada um deles, a momentos-chave da vida de Ana Augusta Plácido.

8.3.1. Primeiro módulo - Os Primeiros Anos (1831-1850)

A exposição inicia-se com o primeiro módulo, que abrange o período de tempo compreendido entre o nascimento e o primeiro casamento de Ana Augusta Plácido, e que explica as suas origens, núcleo familiar e redes de convivialidade.

¹⁷⁸ Antiga Cadeia e Tribunal da Relação. Disponível em http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5460 (consultado em 01/08/2022).

¹⁷⁹ O recurso a módulos permite uma mais fácil organização e uma divisão do tema no espaço (Bordinhão, Valente e Simão, 2017, p. 30).

Começa por apresentar um painel com a data e local de nascimento e filiação de Ana Augusta Plácido. Será acompanhado pelo seu registo de batismo, salvaguardado no Arquivo Distrital do Porto. Dependendo do seu estado de conservação, de uma possível parceria e de conveniência (o registo de batismo faz parte de um livro paroquial que inclui diversos registos), é necessário decidir se será exposto o original ou uma reprodução do mesmo, física ou digital. De destacar que este registo se encontra digitalizado, o que pode facilitar a sua exposição sem ser necessário recorrer ao original. Em todo o caso, o registo de batismo deve ser acompanhado por uma transcrição paleográfica de modo a facilitar a sua leitura e interpretação por parte dos visitantes.

Para uma melhor compreensão do núcleo familiar ao qual Ana Augusta pertencia, é importante a exibição de um painel que apresente o esquema genealógico da família Plácido, assim como a inscrição de breves textos biográficos sobre os seus parentes.

Dedicado também às primeiras moradas de Ana Augusta Plácido e sendo o Porto o lugar onde nasceu e cresceu, é importante incluir uma maquete ou um mapa que apresente a Cidade Invicta nas décadas de 1830-1850, ou seja, o Porto como a escritora o conheceu. Seria também acompanhado por fotografias antigas e atuais dos lugares mais significativos, como a extinta Praça Nova e a Rua do Almada e fotografias do interior e do exterior da Igreja de Santo Ildefonso, onde foi batizada.

Assinalar os lugares por onde passou e viveu, é fundamental. Quanto às redes de sociabilidade, seriam apresentadas através de um esquema e uma breve apresentação dos nomes que nos foi possível encontrar, fotografias sempre que possível.

Relativamente à educação que recebeu, será explicada a formação das meninas da burguesia oitocentista portuense que, como vimos, poderia incluir a música, a costura e a aprendizagem da língua francesa. Uma possível indicação de instituições de ensino e conventos na cidade abriam a possibilidade de alertar para as oportunidades de “colocação” destas jovens. A exposição pode também ser acompanhada pelo som de música oitocentista tocada ao piano, instrumento que Ana Augusta aprendera, como vimos.

8.3.2. Segundo módulo - *“Vejo-me vestida de branco, envolvida no véu da desposada”*: um casamento de conveniência (1850-1858)

“Vejo-me vestida de branco, envolvida no véu da desposada, a grinalda de laranjeiras adornando-me a fronte acurvada ao peso destes atavios e estremecendo horrorizada como Ifigénia caminhava conduzida por seu pai ao sacrifício. Preferível era por certo o dela ao que me estava destinado!” (Plácido, 1863: 86).

“(…) a obediência é a primeira das virtudes. Trespagam-te a um homem repulsivo, quando mal conheces a magnitude do sacrifício e o valor da mercancia. Quando te é dado compreender a melancólica existência, a que te condena a cobiça previdente de um pai cuidadoso em demasia no porvir de seus filhos, é já tarde (...)”
(Plácido, 1863: 65).

Inscritas num painel preparado para a exposição, ambas as frases, da autoria de Ana Augusta Plácido, irão ilustrar o segundo módulo da exposição, dedicado a apresentar a figura do casamento infeliz.

Este módulo terá expostos alguns retratos de Manuel Pinheiro Alves e o seu registo de batismo, existente no Arquivo Distrital de Braga, e transcrição paleográfica do mesmo. A sua exposição dependerá dos mesmos fatores já apresentados relativamente à apresentação do registo de batismo de Ana Augusta Plácido.

O contexto da figura do mundo dos negócios e do papel dos brasileiros é fundamental como enquadramento. A agitação comercial, as estruturas existentes, são o contexto que não é exclusivo do “caso” do casamento infeliz.

Sobre o enlace entre os dois, os visitantes poderão ver o registo da escritura de dote e o registo de casamento, ambos guardados no Arquivo Distrital do Porto, ou reprodução (digital ou manuscrita) dos mesmos. A sua presença nesta exposição, contudo, irá depender dos referidos fatores. Serão também incluídas fotografias da Quinta de Villar d’Álen, onde casaram.

“Que sublimidade não tem o amor maternal! (...)” (Castelo Branco, 1930: 62).

Este módulo falará também sobre o nascimento do primeiro filho de Ana Augusta, Manuel Augusto, através da exposição de um retrato seu em tenra idade, existente na Casa Museu de Camilo, e do seu registo de batismo e transcrição do mesmo, salvaguardado no Arquivo Distrital do Porto, cuja exposição depende dos já referidos fatores. Fotografias do interior e exterior da igreja da Vitória no Porto, onde o menino foi batizado, devem ser incluídas na exposição.

“(...) rodeada de família, opulenta de carinhos e afagos, achei-me de improviso nas trevas escuras da orfandade e do desalento” (Plácido, 1863: 142).

“Meu pai! Minha mãe! E tu, minha filha do coração, Maria, vem responder aos meus prantos!” (Plácido, 1863: 88).

“Escuta-me tu, filha adotiva do meu coração, sombra querida do meu éden, anjo que eu busco sempre nas horas aflitivas (...) Ó Maria! Voltemos ao passado, queres? Conversemos daqui. Tu no teu leito de mármore, eu no pedestal da minha cruz (...)” (Plácido, 1863: 104-107).

Também os desastres na família Plácido, ocorridos na década de 1850, serão abordados, como a morte dos pais e das irmãs, recorrendo-se às frases de Ana Augusta.

Os lugares que frequentou depois do casamento serão mostrados através de um mapa ou de uma maquete, à semelhança do que foi feito para as primeiras moradas, e os círculos de sociabilidade que passou a frequentar serão apresentados com recurso a um esquema e retratos das pessoas envolvidas.

Um retrato de Ana Augusta Plácido deve incluir este módulo. Embora, até à data, não nos fosse possível determinar a datação dos retratos que recolhemos, um trabalho de pesquisa e organização deveria ser efetuado para uma exposição mais completa.

8.3.3. Terceiro módulo – *A felicidade não é uma só palavra*: Camilo Castelo Branco (1858-1859)

“Em uma sala de baile, no meio do esplendor das luzes e do aroma rescendente de mil vasos entumecidos de flores, uns olhos disseram-me ao coração «vive» - um sorriso fez-me estremecer todas as fibras que estavam intactas” (Plácido, 1863: 88).

Esta é a frase que irá iniciar o módulo dedicado a Camilo Castelo Branco. Inscrita num painel, será acompanhada por um retrato do romancista, um breve texto biográfico e o seu registo de batismo e de primeiro casamento e transcrição, cuja exibição, como vimos, dependerá dos fatores já mencionados. Num painel, serão explicadas as teorias do primeiro encontro de Camilo e Ana Augusta Plácido e serão apresentados, cronologicamente, momentos-chave da relação entre ambos, com o auxílio da exposição de correspondência, desde cartas até telegramas. Caso essa correspondência ainda exista, e dependendo do seu estado de conservação e propriedade, pode pensar-se em mostrar a documentação original. Sendo manuscrita, é importante que esteja acompanhada de uma transcrição paleográfica, como vimos para os registos paroquiais e notariais. Se não for possível apresentar a correspondência original, será exposta a documentação impressa e publicada, tendo-se em atenção autorizações para o uso da mesma.

Como vimos no trabalho de pesquisa, depois de Pinheiro Alves ter tomado conhecimento da relação entre Ana Augusta e Camilo passaram por diferentes lugares, um percurso que pode ser exibido através de um mapa que mostre essa rota e que inclua fotografias dos lugares por onde passaram, com destaque para a rua de Cedofeita, no Porto, e o Convento da Conceição, em Braga.

“Privar-me da companhia do meu filho é dar um golpe nos meus desígnios; não me separo, não me suicido assim, por que é por amor d’elle que todos os sacrifícios se me afiguram toleráveis” (Marco, 1933: 96).

“Não tenho dentro deste convento a quem dar satisfações, e se me não consentem inteira liberdade e o meu filho saio imeditamente daqui. Se me não

arranjarem a licença procuro ocasião em que esteja a porta aberta – o que (...) acontece muitas vezes – e fujo. Digo-lhe isto com a firmeza de caracter que deve ter-me conhecido (...)” (Marco, 1933: 96).

“Um dia, cheguei à portaria d’um convento quasi em ruinas. Aberta essa porta, que ia roubar uma joia inestimável ao meu thesoiro d’affectos, arrancaram-me o meu filho de sobre o coração, sôfrego d’aquelle bem; apartaram-me braços desconhecidos onde caí sem alento, soltando um gemido abafado como em resposta ao chorar do anjo que me estendia os bracinhos atravez das grades” (Plácido, 1863: 162).

Sobre a relação com Camilo, Ana Augusta escreveu: “Camillo Castello Branco. Dedicar-te os últimos gritos da m^a alma despedaçada é um dever am^o único. Aqui não encontras uma só folha verde, está tudo seco e arido pelo tufão da desgraça” (Castelo Branco, 1930: 105).

O módulo encerra-se com duas frases: “Há momentos na vida que assolam uma existência inteira”, de Ana Augusta (Castelo Branco, 1930: 67) e “A felicidade não é uma só palavra”, utilizada nos telegramas entre esta e o romancista (Cabral, 1979b: 83-84).

8.3.4. Quarto módulo: Mudas são estas paredes, mudos os ferros: a Cadeia da Relação

“Mudas são estas paredes, mudos os ferros que me represam aqui. No silêncio da noite só harmonizam com os meus gemidos estas gotas de água filtradas das abóbadas que me vêm molhar a face, já lenta do suor febril” (Plácido, 1863: 98).

A frase, de autoria de Ana Augusta Plácido, estará patente no quarto módulo da exposição, dedicado à sua detenção na Cadeia da Relação. Aqui, será explicado o processo de adultério, através da exposição do mesmo, que se encontra salvaguardado no Museu Judicial do Porto. A sua presença nesta exposição depende do seu estado de conservação e de parceria com o referido museu.

Notícias de jornais e cartas datadas da época da prisão de Ana Augusta deveriam também ser expostos, assim como os registos da sua detenção e da prisão de Camilo Castelo Branco.

Para uma melhor compreensão, consideramos fundamental incluir uma maqueta do edifício da Cadeia da Relação na década de 1860, isto é, a prisão como Ana Augusta Plácido a conheceu. Além disto, é importante acrescentar fotografias antigas e atuais dos edifícios da Cadeia da Relação e do Tribunal da Relação, onde foram julgados.

“O inverno frigidissimo, quasi incomportável aqui, tem-me causado grave mal; e ultimamente a doença de Camillo exasperou-me o soffrimento, crescendo o desejo de sahir d’esta situação tormentosa” (Marco, 1933: 122) é uma das frases que ilustram este módulo e que estarão expostas em painéis.

A relação com o exterior terá que ser sublinhado – as publicações de Ana, exemplares das notícias nos jornais e o processo de julgamento, são elementos que justificam a liberdade – “de amantes adúlteros a mártires do amor”

8.3.5. Quinto módulo: Em liberdade... (re) conquistar a vida (1861-1863)

O quinto módulo da exposição é dedicado à vida de Ana Augusta Plácido depois da absolvição. Como vimos, após a libertação, a vida de Ana Augusta sofreu algumas alterações. A passagem por Lisboa, levou-a ao Recolhimento de S. Cristóvão e, para uma melhor compreensão do público, a exposição explicará este momento através do recurso a cartas produzidas na época do seu recolhimento e a fotografias desse local.

O nascimento do seu segundo filho, Jorge Camilo, será também abordado neste módulo. Uma reprodução do retrato do menino em tenra idade, presente na Casa de Camilo, e a exposição do seu registo de batismo (original ou reprodução, de acordo com os fatores já referidos) acompanham este tópico.

Também a morte de Manuel Pinheiro Alves será inserida neste núcleo, com exposição do seu registo de óbito e com reprodução de passagens do seu testamento e inventário, que dependerão dos já mencionados fatores de estado de conservação e conveniência. Para encerrar, um retrato do brasileiro e uma fotografia da sua sepultura no cemitério da Lapa, no Porto.

Numa época em que a relação com Camilo era colocada à prova devido aos ciúmes por parte deste, consideramos que a frase *“Corja de miseráveis! É bem possível que entre elles esteja algum que levante um altar d’esta quebra de relações entre nós... Estou com vontade de lhe contar uma história”* (Marco, 1933: 142), que mostra o carácter firme de Ana Augusta Plácido, deva estar presente na exposição.

Julgada pela sociedade, Ana Augusta Plácido escreveu: *“A sociedade é tão irónica, tão impiedosa e vingativa que eu mesmo, quando a defino, tenho medo que caia sobre mim um anathema não menos implacável e amargo que o meu cálix de peçonha”* (Castelo Branco, 1930: 71).

8.3.6. Sexto módulo – Criar raízes em S. Miguel de Seide

Para iniciar este módulo, e funcionando como uma ligação entre este e o anterior, consideramos fundamental incluir uma maquete da Casa Museu de Camilo, assim como um painel com frases que descrevem esse lugar.

O nascimento de Nuno Plácido, que veio completar a família, será também abordado, com exposição da reprodução de um retrato deste enquanto criança, existente na Casa Museu, em S. Miguel de Seide, o seu registo de batismo (cuja exposição está dependente dos já mencionados fatores), fotografias da igreja da Vitória, onde foi batizado, juntamente com o seu irmão Jorge, e um breve texto biográfico.

A passagem da família por Coimbra será brevemente abordada através da apresentação de uma reprodução de um retrato que mostra Ana Augusta rodeada pelos três filhos, trajados com vestes de estudante.

A morte do filho mais velho de Ana Augusta, Manuel Augusto, tem lugar neste módulo. Será descrita com base nos escritos de Camilo Castelo Branco e será acompanhada de retratos de Manuel, cartas que falam sobre o seu falecimento, notícias de jornal e o seu registo de óbito, original ou reprodução, dependendo dos fatores referidos.

Neste módulo serão também apresentadas Maria Isabel da Costa Macedo e Maria Camila, nora e neta de Ana Augusta Plácido. O rapto da jovem, o seu casamento com Nuno Plácido, o nascimento da pequena e a doença e morte de ambas serão transmitidos aos visitantes através de retratos de Nuno e Maria Isabel, do registo de

casamento, dos registos de nascimento e óbito de Maria Isabel e de Maria Camila, dependendo dos referidos fatores e cartas que descrevam estes episódios.

8.3.7. Sétimo módulo: Últimos Anos

Este módulo será dedicado ao matrimónio de Ana Augusta Plácido com Camilo Castelo Branco, através da exposição de retratos dos noivos, de uma fotografia da casa onde casaram, de cartas que falam sobre este enlace e do registo de casamento. Como vimos, a sua presença na exposição dependerá dos fatores já indicados.

Também aí se falará do seu filho Jorge que, como vimos, sofria de problemas mentais. A acompanhar esta parte da exposição, estará um retrato de Jorge, bem como uma flauta que lhe pertencia e os desenhos que fazia, bens que se encontram salvaguardados na Casa de S. Miguel de Seide. A isto, juntar-se-ão cartas que incluam a narrativa de episódios protagonizados põe Jorge e a exposição de poemas escritos por si.

Nuno terá uma parte da exposição dedicada a si, ilustrada com retratos seus. Falar-se-á sobre o casamento do filho mais novo de Ana Augusta com Maria Isabel da Costa Macedo, através do retrato e dos registos de nascimento, casamento e óbito e do nascimento da neta Maria Camila, incluindo-se os registos de baptismo e morte da menina. Também se falará da relação Ana Rosa Correia e do nascimento dos sete netos mais novos, através de retratos e de registos de nascimento. A exposição dos registos irá depender das condições de preservação e de conveniência.

Tendo sido o único filho com descendência, consideramos importante elaborar, num painel, um esquema genealógico que mostre a família que Ana Augusta Plácido construiu através dos seus casamentos e que apresente já os seus netos.

Destacando-se como cuidadora de Camilo Castelo Branco, a exposição dedicará parte deste núcleo à relação entre o casal nos últimos anos de vida de ambos. Momentos da relação serão ilustrados através de excertos de cartas e as muitas deslocações que fizeram nesta época, como vimos, serão explicadas através da elaboração de um mapa que mostra a rota traçada, como a passagem e os diferentes locais que habitaram em Lisboa.

“Como eu pedia a Deus no tempo das alegrias opulentas da mocidade, que me não matasse sem viver contigo; a m^a expiação é trazer sempre a alma angustiada por tua causa, é seres tu quer de perto quer de longe o flagello da m^a vida. Eu estava hontem tão magoada com as tuas queixas injustíssimas (...). O que eu desejava, Camillo, era que fosses sincero, q me dissesses, estou aqui e demoro-me porque me sinto bem (...). A m^a primeira idea foi partir hontem p^a ahi. Reflecti porem, q te hia transtornar as tuas alegrias, e passar por graves desgostos. Não vou (...) enterrei-me p^a sempre n’esta suja aldeia (...)” (Araújo, 1925: 158-159).

“Todos os meus esforços, toda a minha energia, tudo de quanto posso dispor, o tenho empregado para minorar os soffrimentos de meu marido” (Costa, 1930: 50-52).

“Se chora, se se lamenta, se olho para a cadeira solitária do seu escriptorio e penso nas horas socegadas e alegres d’outrora, despedaça-se-me a alma; se grita, se se queixa de mim, se me tortura com aquellas palavrinhas cortantes que ellesabe, esforço-me debaixo do terror do meu infernal destino. (...) Que vida a nossa (...)!”
(Costa, 1930: 163).

São textos que ilustram a relação de Ana Augusta e Camilo nos últimos anos de vida.

As doenças de Ana Augusta não serão esquecidas e serão explicadas com recurso a excertos de correspondências que serão inscritas num painel.

Este módulo encerra-se com o suicídio de Camilo. As cartas que o romancista escreveu, uma fotografia do seu jazigo no Cemitério da Lapa, no Porto, e uma fotografia da sala da Casa de S. Miguel de Seide ilustrarão este tema. Seria também importante mostrar aos visitantes o revólver com que Camilo desferiu um tiro fatal, arma que se encontra salvaguardada na Ordem da Lapa, na cidade do Porto.

8.3.8. Oitavo módulo: *Imensa saudade*

O oitavo é dedicado à viuvez e ao seu falecimento. Excertos de cartas que exprimam aquilo que Ana Augusta sentia depois da morte de Camilo, acompanharão a última parte

desta exposição, assim como excertos de correspondência que exemplifiquem preocupações e episódios vivenciados pela escritora nos seus anos de viuvez.

“Voltando, porém á minha ida ao Porto: julga que deverei ir á Lapa expor-me aos commentarios aggressivos d’esta gentalha da imprensa?” (Costa, 1930: 166).

“Vi Camilo a entrar pela primeira vez aquellas portas; e vi-o no esquife da sahida! Vinte e seis annos! A saudade! Só os poetas lhe chamam delicioso pungir; eu chamo-lhe a horrível trituração da alma” (Costa, 1930: 171).

“Fui martyr do dever; hoje martyr da honra sigo o exemplo d’aquelle que foi o único pharol da minha vida. Ao soar a hora o meu fraco pulso de mulher não será menos firme. Portanto Anna Placido ergue-se diante de Thomaz Ribeiro com todo o seu sancto e nobre orgulho (...). Escrevo à banca de Camillo. Tenho aqui ao lado a cadeira, o revolver com que ellepôz termo à vida. Morreu limpo de manchas, honrado como nenhum! (...) V. Ex^a está tão morto para a família de Camillo Castello Branco como este está esquecido de V. Ex^a (...) Praza a Deus que V. Ex^a se não veja um dia na situação que levou Camillo ao suicídio (...)” (Araújo, 1925: 171-179).

“Quantas mais horas passo, mais odeio a vida; e lembra-me com alegria, visto que nem Deus nem o Diabo se apressam a levar-me deste infame mundo, se a epidemia do cólera se aproximará em breve e serei com ela mais feliz!” (Araújo, 1925: 175).

“Por aqui irei cumprindo o meu triste fadário, até quando Deus se dignar remir-me do martyrio da vida” (Costa, 1930: 181).

“Estou sempre com o meu Camilo e nem mesmo tento fugir à concentração dolorosa da minha immensa saudade” (Costa, 1930: 183).

Textos de Ana Augusta Plácido que devem estar presentes na exposição, destacados num painel. Mostram a força de alma desta mulher e o amor que dedicou sempre a Camilo Castelo Branco.

Também a polémica com a sua enteada Bernardina Amélia, de que falamos, será abordada neste módulo.

A encerrar, a morte de Ana Augusta Plácido. É importante a presença do seu registo de óbito, dependendo do seu estado de conservação e da possibilidade de ser exibido. Também uma fotografia do seu antigo jazigo no cemitério de Vila Nova de Famalicão e do jazigo atual em S. Miguel de Seide devem ilustrar o módulo.

8.3.9. Nono módulo: epílogo ou fim de uma exposição

Finalmente, no último módulo da exposição, os visitantes vão poder conhecer os percursos de vida de Ana Augusta a partir do momento em que Camilo Castelo Branco entrou na sua vida: os locais que percorreu, que serão identificados num mapa e os amigos com quem conviveu, apresentados através de um esquema impresso num painel, de retratos e de textos que Ana Augusta sobre eles escreveu. Com efeito, neste círculo de relações, destacam-se várias figuras de renome, já destacadas ao longo do nosso trabalho. Entre estes, incluíam-se o médico Ricardo Jorge, o romancista António Feliciano de Castilho, o político Tomás Ribeiro, e muitas outras personalidades que se destacaram na sociedade do teu tempo: Freitas Fortuna, Júlio César Machado, José Vieira de Castro, José Barbosa e Silva... entre muitos outros que serão lembrados neste último módulo.

Também aqui se falará da sua presença na obra literária de Camilo: um esquema cronológico irá indicar o título da obra, o ano da sua publicação e a personagem que o romancista parece ter criado com inspiração em Ana Augusta Plácido.

Ao longo da nossa pesquisa, falamos da obra literária de Ana Augusta Plácido de forma cronológica. No entanto, na exposição, de modo a facilitar a compreensão dos visitantes, decidimos falar do seu património literário neste módulo final, dedicado ao legado da escritora. Assim, num painel, as suas obras literárias serão enumeradas por ordem cronológica e será feita uma breve explicação dos textos. É importante a exibição

de alguns exemplares das suas obras, que serão protegidos através de vitrinas. Para que os visitantes possam adquirir o gosto pela leitura, será instalado um livro que possam folhear e conhecer algumas passagens da obra literária de Ana Augusta Plácido. Ser-lhes-á também pedido que leiam alguns textos breves.

Consideramos fundamental que a exposição se encerre com a exibição de bens que pertenceram a Ana Augusta Plácido, pois os “(...) objetos que permanecem no tempo transmitem diretamente aos indivíduos, notícias e sensações a indivíduos que vêm do passado (...)” (Ballart, 1997: 29) e, através deles, “(...) o passado aproxima-se do presente; com os objetos, o passado viaja ao presente e com eles a cultura flui (...)” (Ballart, 1997: 17). A Casa Museu de S. Miguel de Seide alberga um espólio material significativo. Assim, salvaguardados em vitrinas próprias, os visitantes poderiam ver a sombrinha, as botinas, o tinteiro e as luvas e respetiva caixa e o álbum de fotografias familiares que pertenceram a Ana Augusta Plácido.

Considerações Finais

O nosso estudo tinha como principal objetivo resgatar Ana Augusta Plácido da sombra onde se encontrava, refém de uma ligação a Camilo Castelo Branco. Um trabalho de pesquisa permitiria conhecer a vida desta mulher (mãe, filha, irmã, esposa, escritora), que viveu no Portugal do século XIX. Foi este o motor do percurso seguido que pretendia reunir informação em diversos suportes documentais geradora de uma ou mais exposições que dessem a conhecer uma figura multifacetada, representante de si própria e, eventualmente, de um universo contextual, de outras mulheres que se identificam com um modo de vida desajustado do espartilho que a família e a sociedade lhes tinham talhado. Muito concretamente, definimos um projeto de mediação patrimonial, uma exposição itinerante a realizar em locais de relevo para a sua história de vida: a Casa Museu de S. Miguel de Seide e o Centro Português de Fotografia, no Porto.

Para isso, recorreremos, não só a bibliografia, mas também a documentação preservada em arquivos, a correspondência (um total de oitocentas e dezassete cartas), e aos escritos autobiográficos que nos legou na sua *Luz Coada por Ferros*, fontes que nos permitiram seguir o seu percurso pessoal, familiar, profissional e social.

Ana Augusta Plácido pertencia a uma família da pequena burguesia do Porto de Oitocentos. O seu primeiro casamento foi consequência da vontade paterna, e terá sido aceite devido ao sentimento de obediência que nutria pelos pais. A relação extraconjugal com Camilo escandalizou a sociedade da época, defensora de juízos morais que Ana Augusta enfrentou. O relacionamento durou cerca de três décadas e Ana Augusta manteve-se ao lado do romancista até ao fim da sua vida, cuidando das suas dores físicas e morais. Juntos, enfrentaram a demência do filho Jorge e os desvarios do filho Nuno, choraram a morte do filho Manuel e as dificuldades da vida.

De personalidade forte, Ana Augusta era uma mulher orgulhosa e segura de si, como o comprovam os episódios da fuga e da prisão, e de que são exemplo as muitas cartas que escreveu ao longo da vida. Devemos destacar a ousadia com que assumiu a relação extraconjugal e abandonou a casa do marido, a determinação em não deixar

Camilo e o arrojo de ir viver com ele, a coragem de abandonar a reclusão num convento, a dignidade e mesmo estratégia com que enfrentou a prisão, fumando o seu charuto, gosto que repetiu noutros momentos, mas sobretudo as publicações que fez sair para fora das grades, transformando-se em vítima de um amor incontornável. No fundo, o destemor com que enfrentou a sociedade da sua época.

Dedicada e paciente, demonstrou também um forte instinto maternal na forma como cuidou dos irmãos, dirigindo-se à irmã Maria José como filha do seu coração e nutrindo pelo irmão Alberto uma afeição da mãe, sentimento que mostrou mais tarde por Manuel de Ascensão Espinho, que acolheu no seio da sua família. Também a forma como recusou separar-se do filho mais velho Manuel, cujo amor a ajudava a enfrentar qualquer obstáculo e a forma como se preocupava com o futuro do seu pobre Jorge, de Nuno e dos netos, manifestam esse espírito cuidador. Tomou conta de Nuno, da nora, a sua Maria Isabel, e da neta Maria Camila, quando a família adoeceu. E esteve sempre ao lado de Camilo, de quem foi enfermeira, tratando-o na doença, auxiliando-o na escrita e sendo presença constante.

Ao longo da vida, Ana Augusta alargou os seus círculos de convívio e influência, as suas redes de sociabilidade. Não prescindia e cultivava-as, aspeto que nem sempre Camilo consentia. Depois do escândalo de 1859, Ana Augusta afastou-se da família e os amigos de Manuel Pinheiro Alves, com quem convivera durante o primeiro casamento, tornaram-se seus inimigos depois da perseguição que moveram contra si. Os amigos de Camilo Castelo Branco, que ajudaram o casal, passaram a fazer parte do seu círculo de relações. Entre estes, incluíam-se médicos, como Ricardo Jorge, escritores, como António Feliciano de Castilho, políticos como Tomás Ribeiro e outras figuras de renome e influência no seio da sociedade portuguesa oitocentista e que terão tentado ajudar o casal a ultrapassar momentos de maiores provações. Mas outros geraram ciúmes em Camilo. Afinal, este era, igualmente, um homem da sua geração e tinha uma imagem do que seriam os deveres e obrigações de uma mulher – se num espaço público, que não o quarto, então sempre acompanhada, mais não seja por uma criada.

A obra literária que legou, embora curta, contém textos de caráter autobiográfico que espelham a sua visão de acontecimentos que marcaram a sua vida. São raras as mulheres, suas contemporâneas, que conseguiram publicar os seus escritos.

Concebemos, assim, uma exposição na qual, através de uma organização cronológica, em torno de eixos temáticos. Procurámos utilizar as suas próprias expressões, dar voz a excertos que transmitem etapas da sua vida, sempre em contextos específicos.

A exposição estabelece relações de diferente nível. Em primeiro lugar as da sua família, pelo que a reconstituição da árvore genealógica foi um esforço conseguido e de visualização rápida, podendo ser sublinhada sempre que um dos personagens é evocado. Depois relações com tantas figuras da sociedade local, que a condenou ou a absolveu, a ela e a Camilo.

Os materiais foram igualmente reunidos e alguns deles seguem em apêndices e anexos: fotografias, documentos e objetos pessoais, textos seus e publicados em revistas da sua responsabilidade, permitirão releituras de alguns objetos já conhecidos e expostos noutras exposições. Com a inscrição de frases em painéis colocados ao longo do percurso, pretendemos criar uma experiência imersiva e didática que permita aos visitantes uma viagem no tempo e a aquisição de novos conhecimentos, mergulhando na vida de Ana Augusta Plácido e da sociedade contemporânea.

Tentamos responder às questões colocadas no início do nosso trabalho. Ana Augusta Plácido lutou contra a sociedade da época em que viveu? Sim, as suas ações assim o demonstram. Seria uma mulher fora do seu tempo? Teve, sem dúvida, um percurso de vida singular, mas achamos que seria uma mulher fruto da época em que viveu, mas que não se conformou com as normas estabelecidas, procurando seguir o seu próprio caminho. Qual o papel que desempenhou na vida de Camilo? Esteve sempre ao seu lado: foi companheira, esposa e cuidadora, amiga e amparo, e presença constante na sua vida, enfrentando juntos, as adversidades. Casou quando entendeu casar e ficou por amor, mesmo quando os ciúmes, uma constante, atacavam a relação, que resistiu.

Que vida teve para lá da relação com o romancista? Foi mãe, escritora e mulher, que não temeu enfrentar as convenções sociais da sua época. Que património legou? Para além do património literário, legou-nos a Casa Museu de S. Miguel de Seide, de cuja gestão tratou e que, como vimos, chegou a Camilo através dela e que alberga objetos que lhe pertenceram, testemunhos da sua presença.

De que forma podemos dar a conhecer a sua vida? Através de uma pesquisa exaustiva que nos permitiu descobrir mais sobre a sua vida, recorrendo à leitura das suas cartas e dos textos que escreveu e publicou, e que tornou possível a realização de um projeto de mediação patrimonial. Uma exposição que pretende tirar Ana Augusta Plácido da sombra onde se encontra. Senhora da sua vida, numa época em que a sociedade ditava os destinos das mulheres – espaços privados, familiares, ou nos conventos, fechadas a resgatarem-se dos desvios.

Referências Bibliográficas

Fontes de Informação

Arquivo Distrital do Porto

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia de Cedofeita, Registos de batismo, 1852 – 1859, PT/ADPRT/PRQ/PPRT04/001/0019.

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia de Cedofeita, Registos de casamento, 1845 – 1857, PT/ADPRT/PRQ/PPRT04/002/0027.

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia de Santo Ildefonso, Registos de batismo, 1830 – 1836, PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040.

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia de Santo Ildefonso, Registos de batismo, 1836 – 1841, PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0041.

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia de Santo Ildefonso, Registos de batismo, 1841 – 1847, PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0042.

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia de Santo Ildefonso, Registos de casamento, 1888, PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/002/0064.

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia de Santo Ildefonso, Registos de óbito, 1875, PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/003/0039.

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia da Vitória, Registos de batismo, 1842-1846, PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0016.

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia da Vitória, Registos de batismo, 1846-1856, PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0017.

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia da Vitória, Registos de batismo, 1856-1859, PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0018.

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia da Vitória, Registos de batismo, 1865, PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0024.

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia da Vitória, Registos de casamento, 1849-1858, PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/002/0029.

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia da Vitória, Registos de óbito, 1843-1855, PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/003/0081.

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia da Vitória, Registos de óbito, 1855-1859, PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/003/0082.

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia de Campanhã, Registos de casamento, 1850 – 1859, PT/ADPRT/PRQ/PPRT/002/001/0013.

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia da Vitória, Registos de óbito, 1843-1855, PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/003/0081.

Arquivo Distrital do Porto, Paroquial, Paróquia de Póvoa de Varzim, Registo de óbito, 1877-1879, PT/ADPRT/PRQ/PPVZ10/003/0011.

Arquivo Distrital do Porto, Notarial, 1º Cartório Notarial do Porto, Notas para escrituras diversas, 1850-1851, PT/ADPRT/NOT/CNPRT01/001/0467.

Arquivo Distrital do Porto, Notarial, 4º Cartório Notarial do Porto, Notas para escrituras diversas, 1855-1856, PT/ADPRT/NOT/CNPRT04/001/4688.

Arquivo Municipal do Porto-Casa do Infante (AMP-CI) 1839/02/20 Licença de obra nº 221/1839.

Arquivo Municipal do Porto – Casa do Infante (AMP-CI) 1850/07/25 Licença de obra n.º: 178/1850.

Arquivo Distrital de Braga

Arquivo Distrital de Braga, Paroquial, Paróquia de Landim, Registos de batismo, 1882-1893, PT/UM-ADB/PRQ/PVNF21/001/0011.

Arquivo Distrital de Braga, Paroquial, Paróquia de Landim, Registos de batismo, 1894-1906, PT/UM-ADB/PRQ/PVNF21/001/0012.

Arquivo Distrital de Braga, Paroquial, Paróquia de S. João do Souto, Registos de óbito, 1856-1877, PT/UM-ADB/PRQ/PBRG41/003/0100.

Arquivo Distrital de Braga, Paroquial, Paróquia de S. Miguel de Seide, Registos de batismo, 1866-1891, PT/UM-ADB/PRQ/PVNF43/001/0002.

Arquivo Distrital de Braga, Paroquial, Paróquia de S. Miguel de Seide, Registos de batismo, 1866-1891, PT/UM-ADB/PRQ/PVNF43/003/0004.

Arquivo Distrital de Braga, Paroquial, Paróquia de S. Miguel de Seide, Registos de óbito, 1867-1890, PT/UM-ADB/PRQ/PVNF43/003/0012.

Arquivo Distrital de Braga, Paroquial, Paróquia da Sé, Registos de batismo, 1821-1836, PT/UM-ADB/PRQ/PBRG52/001/0015.

Arquivo Distrital de Braga, Paroquial, Paróquia de Maximinos, Registos de casamento, 1880-1880, PT/UM-ADB/PRQ/PBRG24/002/0047.

Arquivo Distrital de Braga, Paroquial, Paróquia de Vilaça, Registos de batismo, 1872-1892, PT/UM-ADB/PRQ/PBRG60/001/0006.

Arquivo Distrital de Braga, Governo Civil de Braga, Registo de passaportes, Registo de passaporte de Nuno Plácido Castelo Branco, 1887, PT/UM-ADB/AC/GCBRG/H-D/026/0005/16020.

Arquivo Distrital de Braga, Paroquial, Paróquia de Vila Nova de Famalicão, Registos de óbito, 1852-1874, PT/UM-ADB/PRQ/PVNF48/003/0021.

Arquivo e Biblioteca da Madeira

Arquivo e Biblioteca da Madeira, Paroquial, Paróquia da Sé, Registos de óbito, 1860, PT/ABM/PFUN10/003/00025.

Páginas WEB

Casa de Camilo. Disponível em <http://www.camilocastelobranco.org/index2.php?co=7&tp=3&cop=0&LG=0&mop=22&it=paginas> (consultado em 01/08/2022).

Centro Português de Fotografia. História do edifício. Disponível em <https://cpf.pt/visitar/edificio/historia-do-edificio/> (consultado em 02/05/2022).

Código Penal de 1852. Disponível em <https://www.fd.unl.pt/Anexos/Investigacao/1829.pdf> (consultado em 02/05/2022).

Famalicão Câmara Municipal. Cultura e Turismo. Disponível em <https://www.cm-vnfamalicao.pt/ana-placido-e-nuno-castelo-branco-regressam-a-s-miguel-de-seide> (consultado em 10/08/2022).

Tribunal da Relação do Porto. Processos Emblemáticos: Camilo Castelo Branco, o processo (1859-1861). Disponível em <https://museuvirtual.trp.pt/pt/processos-emblematicos/camilo-castelo-branco> (consultado em 02/05/2022).

Casa de Camilo. Centro de Estudos. Disponível em <http://www.camilocastelobranco.org/index2.php?co=39&tp=3&cop=0&LG=0&mop=47&it=paginas> (consultado em 05/08/2022).

Bibliografia

- ARAÚJO, Veloso de – *Camilo em San-Miguel-de-Seide*. Braga: Livraria Cruz, 1925.
- AYRES, A. – *A M. Plácida* in *Harpa do Mondego: collecção de poesias contemporâneas redigida por uma sociedade d'académicos* – Coimbra: Imprensa da Universidade, 1855.
- BALLART, Josep – *El Patrimonio Historico y Arqueologico: Valor y Uso*. Barcelona, 1997: Ariel Patrimonio Histórico.
- BARBOSA, Luís Xavier (coord)– *Cem Cartas de Camilo*. Lisboa: Portugal Brasil, 1919.
- BARRIGAS, Ana Patrícia Paiva – *De Recolhimento a Colégio de Nossa Senhora da Esperança – Dar vida a espaços históricos: contributos para a criação de um núcleo museológico*. Porto: 2017. Dissertação de mestrado.
- BORDINHÃO, Katia; VALENTE, Lúcia; SIMÃO, Maristela dos Santos - Caminhos da memória: para fazer uma exposição / pesquisa e elaboração In *Série Caminhos da Memória*, 1. Brasília: IBRAM, 2017. ISBN: 978-85-63078-55-1.
- BRANCO, Afonso de Azevedo Nunes - *Camillo Cartas Inéditas da Segunda Mulher de Camilo Castelo Branco*. Livraria de J. Rodrigues & Cª, Lisboa: 1916.
- BUESCU, Helena Carvalhão – *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Caminho, 1997. ISBN 972-21-1101-9.
- CABRAL, Alexandre – *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Caminho, 1992. ISBN 972-21-0403-9.
- CABRAL, Alexandre – *Escritos diversos de Camilo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1979a.
- CABRAL, Alexandre - *Via Dolorosa (1859-1860)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1979b.
- CABRAL, António – *Cartas Inéditas de Camillo*. In *Camilo de Perfil*. Livrarias Aillaud-Bertrand, 1922, p. 125-157.
- CABRAL, Fernanda Damas – *Ana Plácido: estudo, cronologia e antologia. A autobiografia como processo genealógico de escrita (narrativa)*. Lisboa: Caminho, 1991. ISBN 972-21-0567-1.

- CABRAL, Fernanda Damas – Plácido, Ana Augusta. In BUESCU, Helena Carvalhão - *Dicionário do Romantismo Português*, Lisboa: Caminho, 1997. ISBN 972-21-1101-9, p. 422.
- CASCÃO, Rui – Modos de habitar. In VAQUINHAS, Irene – História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011. ISBN 978-989-644-149-4, p. 22-55
- CASCÃO, Rui – Em casa: o quotidiano familiar. In VAQUINHAS, Irene – *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011. ISBN 978-989-644-149-4, p. 222-252.
- CASTELO BRANCO, Camilo – *Ao Anoitecer da Vida*. Lisboa: P. Plantier, 1874.
- CASTELO BRANCO, Camilo – *No Bom Jesus do Monte*. Porto: Livraria Moré, 1864.
- CASTELO BRANCO, Camilo – O Tormento da Memória. *Cenas Inocentes da Comédia Humana*. Lisboa: A. M. Pereira, 1873, p. 183-194.
- CASTELO BRANCO, Camilo; CASTRO, José Vieira - *Correspondência epistolar entre José Cardoso Vieira de Castro e Camilo Castelo Branco*. Porto: Livraria Portuguesa e Estrangeira, 1874.
- CASTELO BRANCO, Maria do Carmo - *Sedução e poder argumentativo (a propósito de algumas cartas de Ana Plácido)*. A mulher na vida e obra de Camilo/actas do colóquio promovido pelo Centro de Estudos Camilianos, 19 a 21 de outubro de 1995.
- CASTELO BRANCO, Raquel – *Trinta Anos em Seide*. Lisboa: Sociedade Editorial A B C L^{da}, 1925.
- CASTRO, Aníbal Pinto de – Ana Plácido, a heroína de Camilo. A mulher na vida e obra de Camilo/actas do colóquio promovido pelo Centro de Estudos Camilianos, 19 a 21 de outubro de 1995.
- CHORÃO, João Bigotte – A Casa de S. Miguel de Ceide ou Os Limites do Camilianismo. In *Camilo: a obra e o homem*. Lisboa: Arcádia, 1979, p. 67-70.

- COLAÇO, Branca de Gonta – *Cartas de Camilo Castelo Branco a Tomás Ribeiro*. Lisboa: Portugália, 1922.
- CORREIA, Lívio - O vapor «Porto» desde a sua entrada festiva na barra do Douro no ano de 1836 até ao seu dramático naufrágio em 1852. Actas do I Congresso O PORTO ROMÂNTICO, Volume II, Porto, 2012.
- COSTA, João - *Camilo e Castilho: Correspondência trocada entre os dois escritores*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924.
- COSTA, Júlio Dias da – *Cartas de Camilo a Vieira de Castro (anteriores às publicadas na «Correspondência Epistolar»)*, Lisboa: Livraria Editora Guimarães & Cª, 1931.
- COSTA, Júlio Dias da – *Dois Anos de Agonia. Cartas de Camilo e de Ana Plácido a Freitas Fortuna*, Lisboa: Livraria Editora Guimarães & Cª, 1930.
- CRUZ, Eduardo da; CASTRO, Andreia Alves Monteiro de – Revistas literárias do romantismo português: leituras além do cânone. *Literartes*, nº 13, 2020, p. 248-255.
- CRUZ, Maria Antonieta – Casamento. Estruturas pré-nupciais. Casamento e morte: momentos privilegiados de afirmação da diferença. In *Os Burgueses do Porto na Segunda Metade do Século XIX*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1999. ISBN 972-8386-23-0.
- FARIA, Maria Nadalete – Ana Plácido e Braga. FORUM (Jul. 1995), p. 89-104.
- FERRAZ, Maria de Lourdes – *Dicionário de Personagens da Novela Camiliana*. Lisboa: Caminho, 2002. ISBN 972-21-1520-0.
- FERREIRA, Wladimiro – Entre almas. In *A mulher na vida e obra de Camilo*/actas do colóquio promovido pelo Centro de Estudos Camilianos, 19 a 21 de outubro de 1995.
- FIGUEIRAS, Paulo de Passos – A paternidade de Manuel Plácido. *Camilo e Ana Plácido: alguns factos inéditos da sua vida*. Cadernos Vianenses. Tomo 44 (2010), p. 243-255.

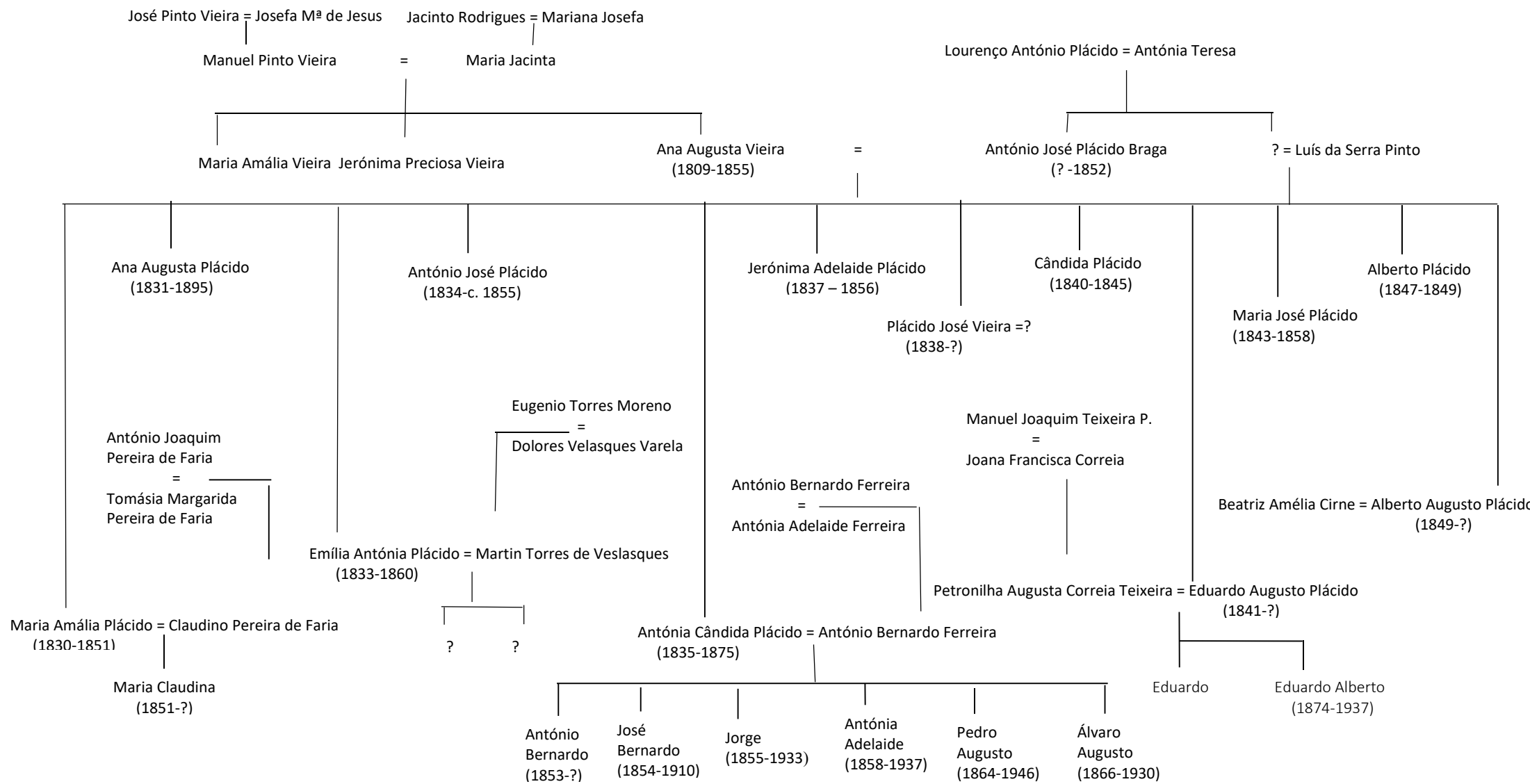
- FIGUEIRAS, Paulo de Passos – *Cartas Inéditas de Camilo Castelo Branco à filha de Bernardina Amélia, ao genro e à neta*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2002. ISBN 972-8184-84-0.
- FLORES, Conceição – Ana Plácido: uma mulher à frente do seu tempo. Revista Artémis, Vol. XIX. ISSN 1807-8214. Nº 1 (Jan/Jun. 2015), pp. 26-32.
- FONSECA, Daniela Esperança Monteiro da – Camilo e crónica de costumes: o caso específico da rubrica de moda na Gazeta Litterária do Porto. In *Camilo: o Homem, o Génio e o Tempo*, 2016. 189-198.
- LOPES, Maria Antónia – As grandes datas da existência: momentos privados e rituais públicos. In VAQUINHAS, Irene – *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011. ISBN 978-989-644-149-4, p. 152-193.
- LOPES, Maria Antónia - “Dominando corpos e consciências em recolhimentos portugueses (séculos XVIII-XIX)” in Laureano Rubio Pérez (coord.), *Instituciones y centros de reclusión colectiva. Formas y claves de una respuesta social (siglos XVI-XX)*, León, Universidad de León, 2012, pp. 99-130.
- MARCO, Visconde do – *Cartas Inéditas de Camilo e de D. Ana Plácido*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1933.
- MARTA, Cardoso – *Cartas de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: H. Antunes, 1918-1923.
- MENESES, Ludovico de, Camilo, (documentos e factos novos), 3 vols., Lisboa, 1924-5.
- OLIVEIRA, Paulo Motta – Uma Ana pouco plácida. In SOBREIRA, Moizeis; SILVA, Fabio Mario da; SILVA, Ezilda Maciel da (coord.)-*Narrativas de Mulheres em Língua Portuguesa*. Lisboa: CLEPUL, 2018, p.45-55.
- PASSOS, Teresa Ferrer – Ana Plácido – A Escritora. Breves Notas Biográficas. In *A mulher na vida e obra de Camilo*/actas do colóquio promovido pelo Centro de Estudos Camilianos, 19 a 21 de outubro de 1995, p. 193-221.

- PERALTA, Elsa e ANICO, Marta – *Património e Identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta 2006. ISBN 972-774-233-5.
- PEREIRA, Gaspar Martins – “No Porto Romântico, com Camilo”. In *Camilo, o Porto e o Douro*. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 2017. ISBN 978-989-8012-47-0, p. 15-94.
- PIMENTEL, Alberto – *Memórias do Tempo de Camilo*. A. A. Porto: Magalhães & Moniz, 1913.
- PLÁCIDO, Ana Augusta – *Luz Coada por Ferros*. Lisboa: Livraria de A. M. Pereira, 1863.
- PINTO, Silva – *Cartas de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1895.
- POLLAK, Michael – Memória, Esquecimento, Silêncio. In Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.
- PRATS, Llorenç – Ativações Turístico-patrimoniais de carácter local. In PERALTA, Elsa; ANICO, Marta – *Património e Identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta 2006. ISBN 972-774-233-5.
- RAMOS, Rui (coord) – *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros. ISBN 978-989-626-366-9.
- SANTANA, Maria Helena; LOURENÇO, António Apolinário – No leito. Comportamentos sexuais e erotismo. In VAQUINHAS, Irene – *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011. ISBN 978-989-644-149-4, p. 254-289.
- SMITH, Laurajane - *Uses of Heritage*. Oxon: Routledge, 2006.
- SILVA, César Santos – *Na Rota de Camilo no Porto*. Porto: Cordão de Leitura, 2017. ISBN 978-989-8574-41-1.
- SILVA, Susana Serpa – Sonhos privados/sonhos globais. In VAQUINHAS, Irene – *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011. ISBN 978-989-644-149-4, p. 382-426.

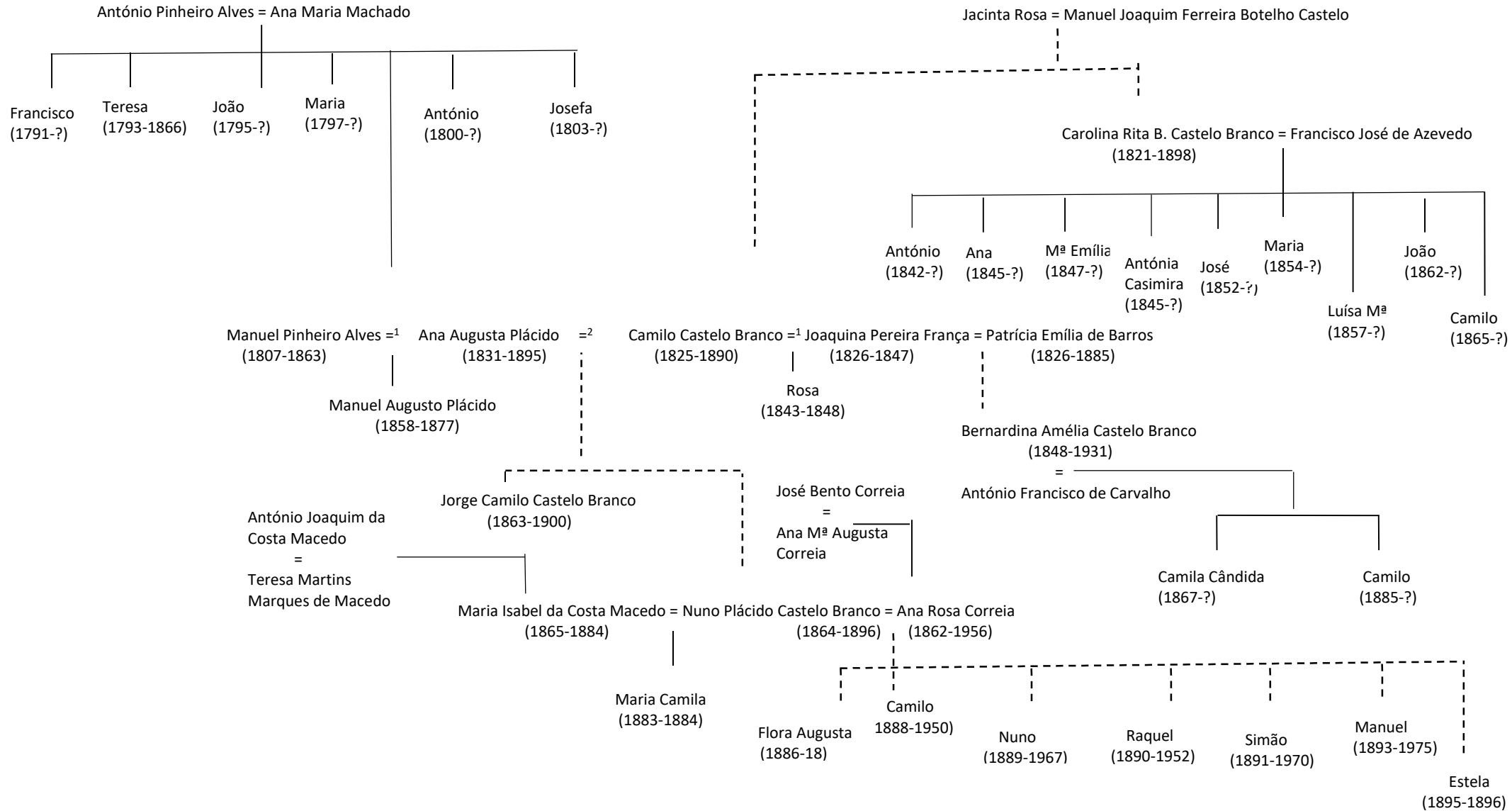
- TELES, Manuel Tavares – Camilo e Ana Plácido: episódios ignorados da célebre paixão romântica. Porto: Caixotim, 2008. ISBN 978-989-8100-17-7.
- VARELA, Ana Lúcia; SILVA, Fabio Mario da; FARRA, Mara Lúcia - *O Feminino e o Moderno*, Lisboa: 2017. ISBN 978-989-8814-58-6.
- VAQUINHAS, Irene – A família, essa «pátria em miniatura». In VAQUINHAS, Irene – *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011. ISBN 978-989-644-149-4, p. 118-151.
- VAQUINHAS, Irene; GUIMARÃES, Maria Alice Pinto – Economia doméstica e governo do lar. Os saberes domésticos e as funções da dona de casa. In VAQUINHAS, Irene – *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011. ISBN 978-989-644-149-4, p. 194-221.
- VAQUINHAS, Irene – Paixões funestas e prazeres proibidos. In VAQUINHAS, Irene – *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011. ISBN 978-989-644-149-4.
- VAQUINHAS, Irene – *Senhoras e mulheres na sociedade portuguesa do século XIX*. Lisboa: Colibri, 2000. ISBN 972-772-112-5.

Anexos

Anexo 1: Ascendentes



Anexo 2: Descendentes



Legenda

= relação

- descendência legítima

- - - descendência ilegítima

=¹ primeiro casamento

=² segundo casamento

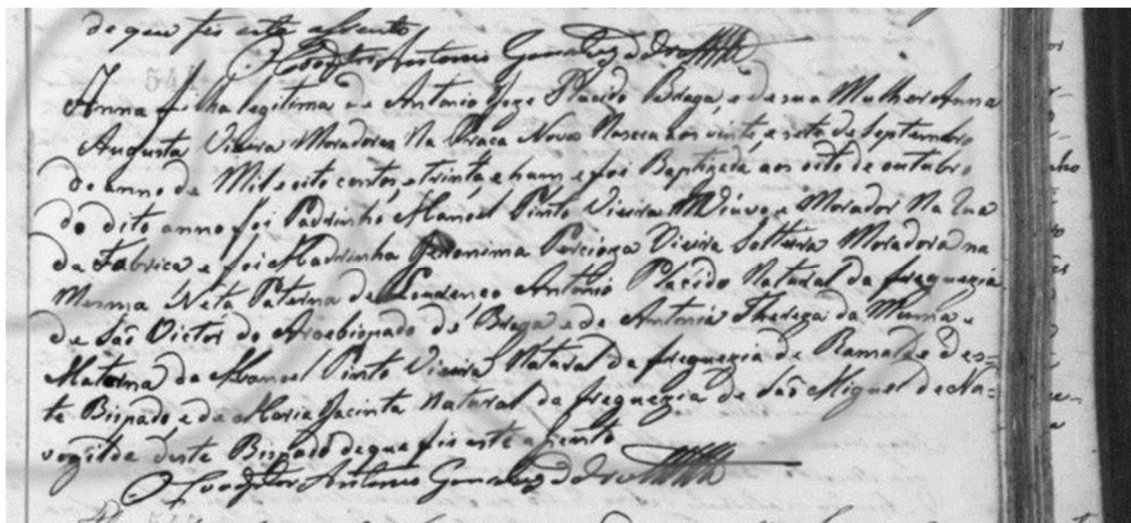
Imagens

Figura 1 – Ana Augusta Plácido, sem data; retrato existente na Casa de Camilo



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 2 – Registo de batismo de Ana Augusta Plácido



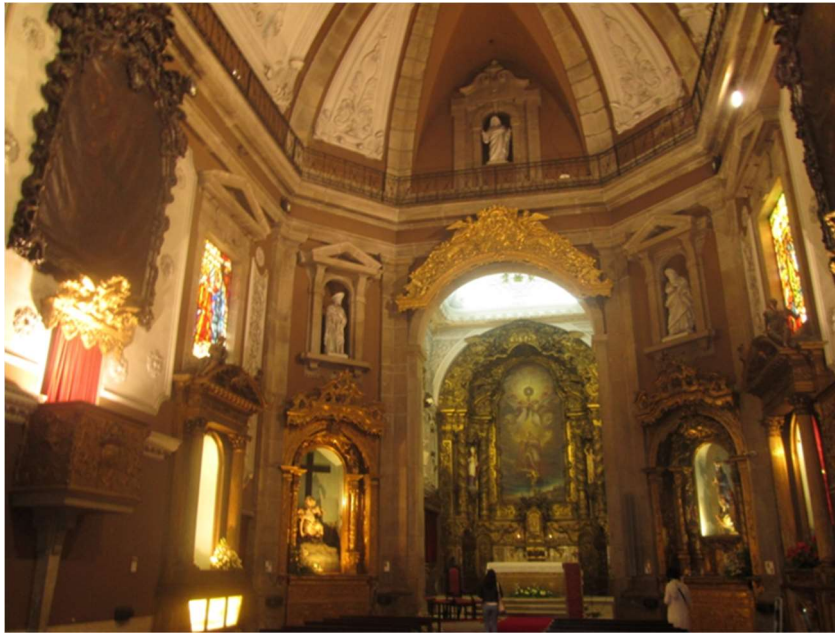
Fonte: Arquivo Distrital do Porto. ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001/0040.

Figura 3 – Igreja de Santo Ildefonso



Fonte: Paróquia de Santo Ildefonso. Disponível em <https://santoildefonso.org/> (consultado em 23/08/2022).

Figura 4 – Interior da Igreja de Santo Ildefonso



Fonte: @ Mariana Silva, 2019

Figura 5 – Praça Nova; sem data



Fonte: (Silva, 2017: 54)

Figura 6 – Rua do Almada, Porto (atualmente)



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 7 – Manuel Pinheiro Alves



Fonte: (Silva, 2017: 152)

Figura 8 – Quinta de Villar d' Allen



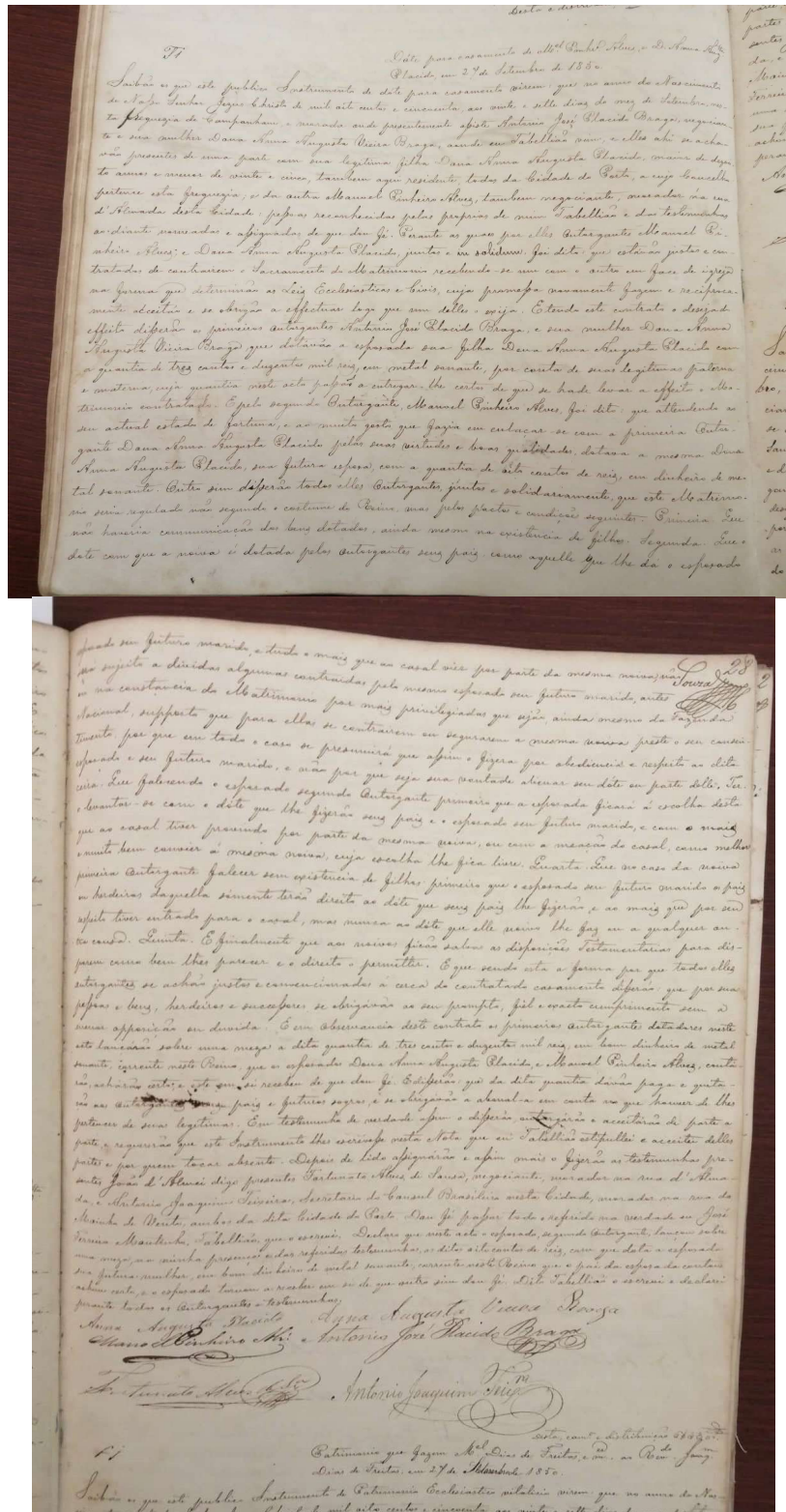
Fonte: Quinta de Villar D'Allen. Disponível em <https://www.portosecretspots.com/pt-quinta-de-villar-d-allen> (consult. em 23/08/2022).

Figura 9 – Registo de casamento de Ana Augusta Plácido e Manuel Pinheiro Alves

Manuel e Oros Vinte e oito de Setembro de mil
 Senh^{as} Off^{as} ante v^{ras} e Cincoenta na Capella da
 eus com Quinta de Villar de Allen, desta fre-
 de Dama queza de Santa Maria de Compa-
 cinquenta mil, em minha presença. As tes-
 tificando tem unhy abaixo assignadas, Com Po-
 taria de Excellentissimos e Reser-
 vissime Senhores Bispo desta Diocesa
 e Bispo dos Prailanay, constante
 de outra Partida, depois de feitas
 or dinary as Competente Prioste dos Con-
 trahentes, sem impedimento algum, po-
 los cinco e meia horas de tarde, em favor
 e concessão com feitores de presente da

[illegible]

Figura 10 – Escritura de dote



Fonte: Arquivo Distrital do Porto ADPRT PT/ADPRT/NOT/CNPRT01/001/0467, fls. 27v-

28.

169

Figura 11 – Registo de batismo de Manuel Augusto

Manoel filho legítimo de *Manoel Pinheiro Alves*, e de *Dona Anna Augusta Plácido Pinheiro Alves*, moradores na rua de *Alameda* desta freguesia da *Victoria*, neto paterno de *Antonio Pinheiro Alves*, e de *Dona Anna Maria Machado*, naturais da freguesia de *São Miguel de Seide*. Arcbisado de *Braga*, e materno de *Antonio Jose Plácido Braga*, natural de *Braga*, e de *Dona Anna Augusta Vieira Plácido*, natural desta cidade do *Porto*, NR 300, no dia onze de *Agosto* de mil oitocentas e cinquenta e oito, foi solemnemente baptizado, nesta Igreja da *Victoria*, por mim a baixo assignado no dia seis de *Outubro* do mesmo anno, foram padrinhos *Plácido Jose Vieira*, e *procurador*, por seu bastante *Procurador*, neste acto o *Excm. Sr. Antonio Bernardo Ferrim*, e *madrinha* *Dona Maria Jose Plácido Thier* maternos do baptizado, residentes nesta *Cidade* do *Porto*. E para constar mandei fazer este *aposto* que com as testemunhas assignei. Era ut *Vizera*.

Rita filha legítima de *João Carlos de Mello e Silva*, e de *Dona Rita*

Fonte: Arquivo Distrital do Porto. ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0018, fl. 86v.

Figura 12 – Jazigo da família Plácido, no cemitério da Lapa



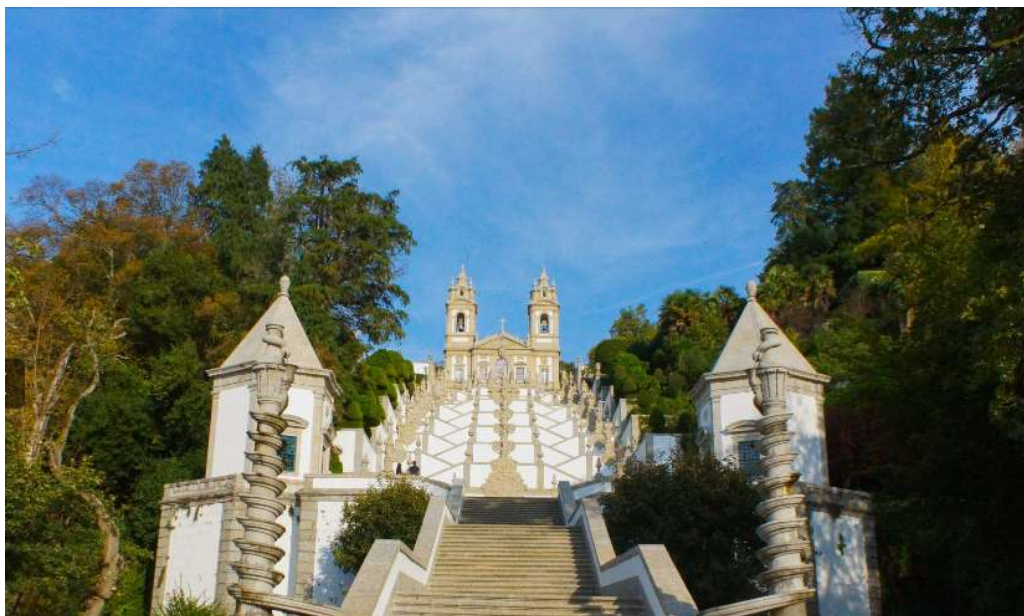
Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 13 – Camilo Castelo Branco



Fonte: (Silva, 2017: 267)

Figura 14 – Bom Jesus do Monte



Fonte: Confraria do Bom Jesus do Monte. Disponível em <https://bomjesus.pt/> (consultado em 23/08/2022).

Figura 15 – Cadeia da Relação



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 16 – Interior do Centro Português de Fotografia (antiga Cadeia da Relação)



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 17 – Cella de Camilo Castelo Branco, na Cadeia da Relação





Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 18 – Antigo Tribunal da Relação, atualmente



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 19 – Processo



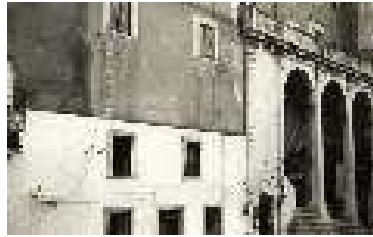
Fonte: Tribunal da Relação do Porto. Disponível em
<https://museuvirtual.trp.pt/pt/processos-emblematicos/camilo-castelo-branco>

Figura 20 – Ana Plácido, Camilo Castelo Branco e o filho, Manuel Augusto Plácido



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 21 – Recolhimento de S. Cristóvão, Lisboa



Fonte: Sistema de Informação para o Património Arquitetónico. Recolhimento de São Cristóvão. Disponível em

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=17549

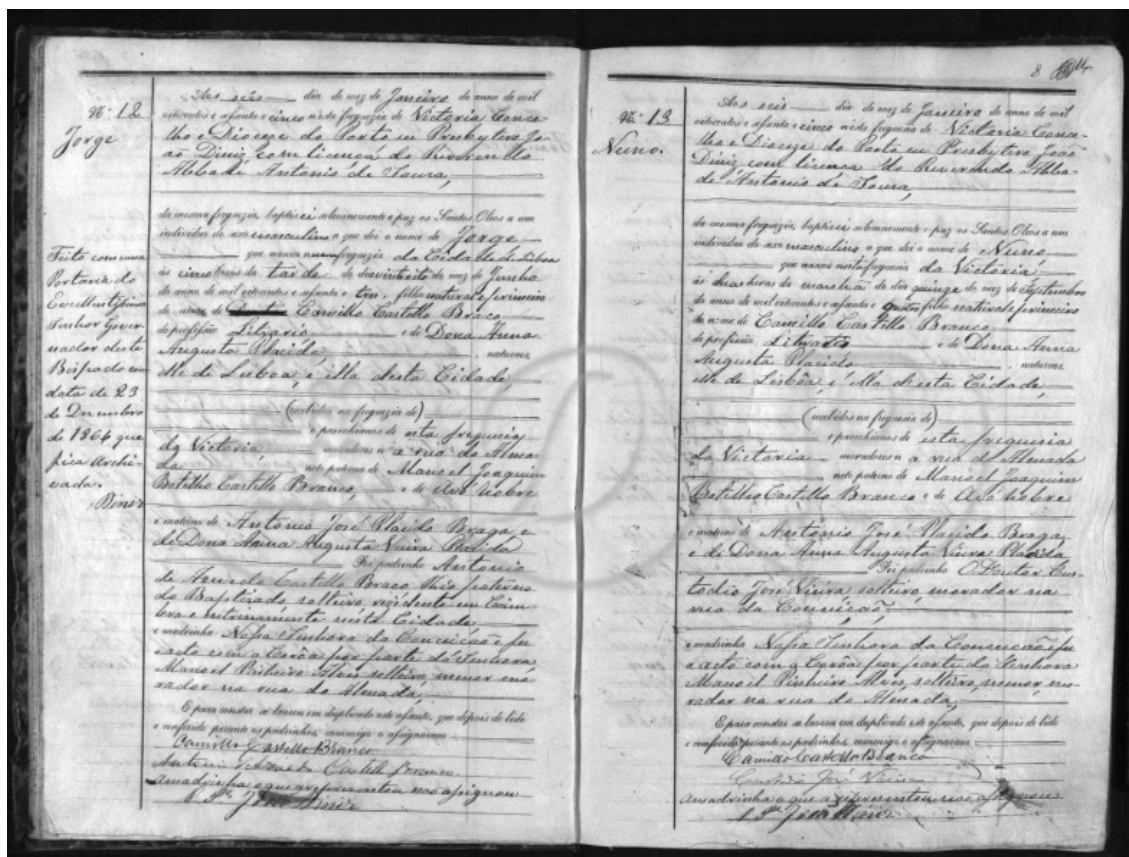
(consultado em 24/08/2022).

Figura 22 – Sepultura de Manuel Pinheiro Alves



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 23 – Registos de batismo de Jorge e Nuno



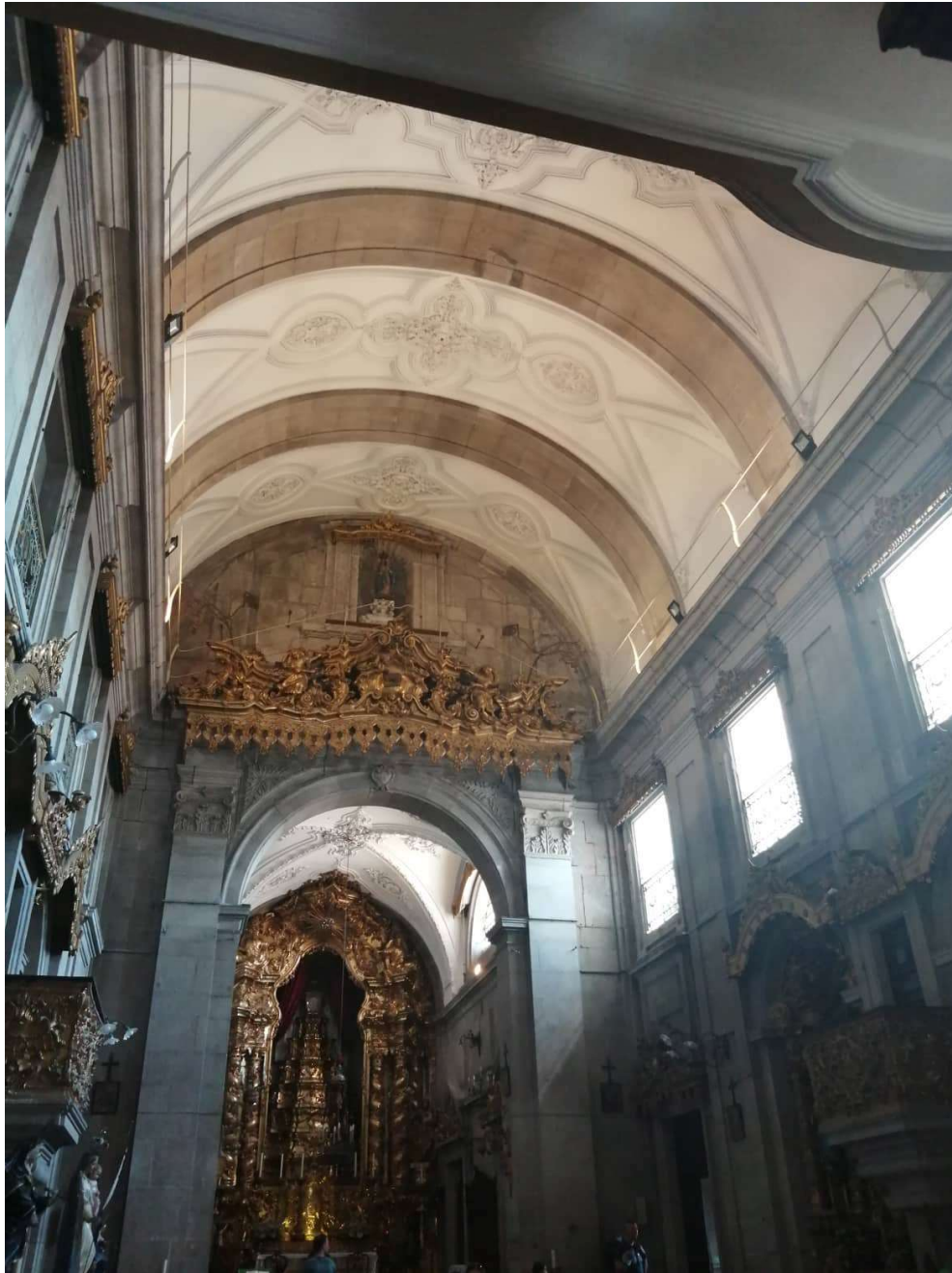
Fonte: Arquivo Distrital do Porto ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0024, fl. 7v-8.

Figura 24 – Igreja da Vitória



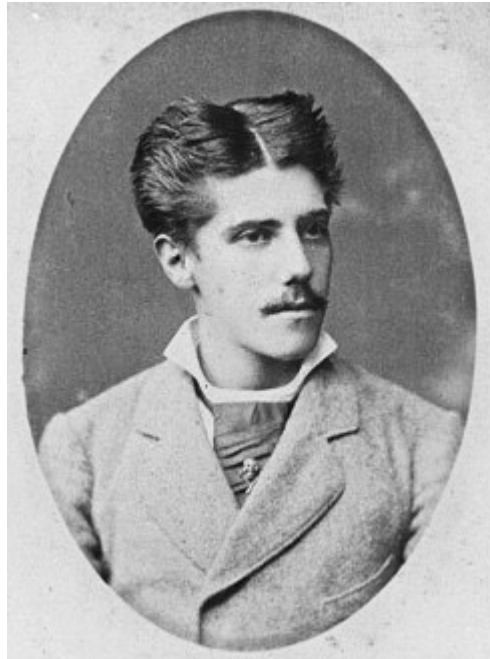
Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 25 – Interior da Igreja da Vitória



Fonte: @ Mariana Silva (2022)

Figura 26 – Manuel Augusto Plácido



Fonte: (Silva, 2017: 245)

Figura 27 — Hotel Mary & Castro



Fonte: (Silva, 1992: 48)

Figura 28 – Jorge Camilo Castelo Branco, retrato existente na Casa Museu de Camilo



Figura 29 – Nuno Plácido Castelo Branco, retrato existente na Casa Museu de Camilo



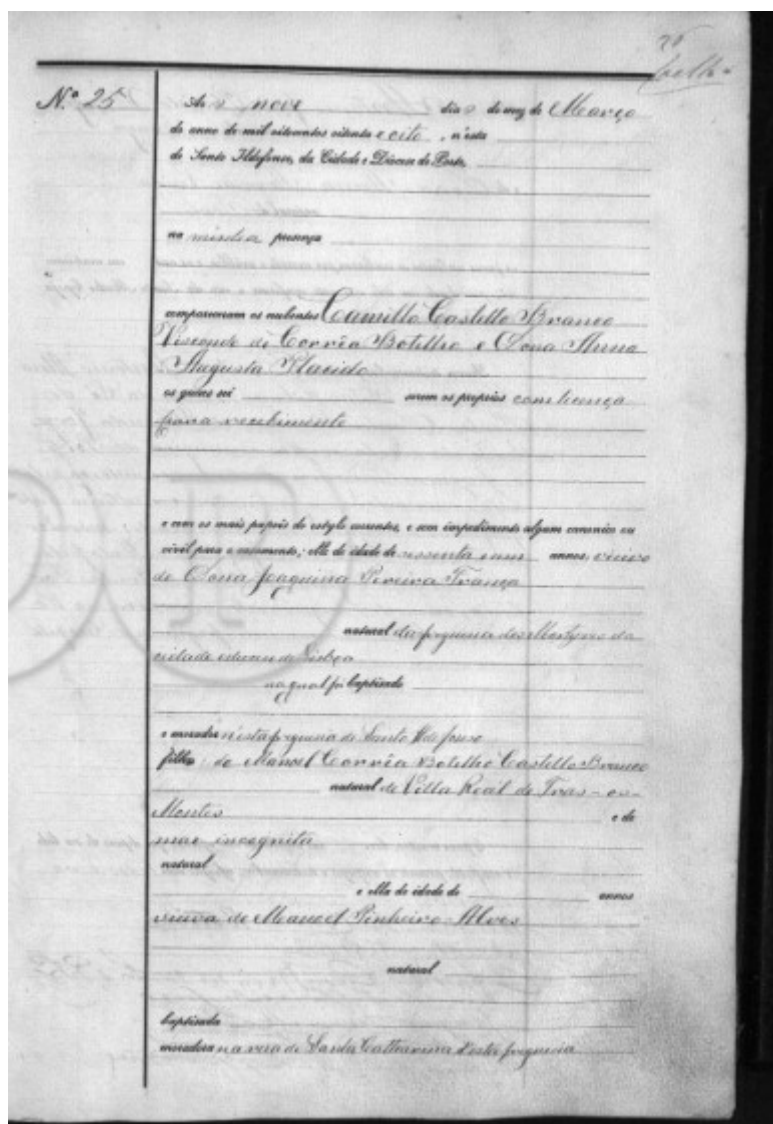
Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 30 – Ana Augusta e os três filhos



Fonte: (Silva, 2017: 245)

Figura 31 – Registo de casamento de Ana Augusta Plácido e Camilo Castelo Branco¹⁸⁰



¹⁸⁰ ADPRT PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/002/0064, fl. 26-26v.

de Zona Anna Augusta Vieira
natural de Porto

os graves males do arcebispado por marido e malher, e os seus em malher-
m, providendo em todo este auto conformar a vida da Santa Madre Igreja
Catholica Apostolica Romana

Acum achivându-se prezintă: Conton Antonio Mano
 e Mendes da Silva Ribeiro, coruja da Vê de
 Portas, Conton Ricardo de Almeida Jorge,
 lente da escola medico cirurgica de Porto
 e Joaquim Bernardino Fontinha, casado, sa pita
 desta, moradores a freguesia e a ultima desta
 freguesia, e e segundo tambem casado, morador
 na rua de Almeida, freguesia de Cado fute
 desta cidade, e Jaco Antonio da Trindade For
 tuna, casado, negociante, morador na Be
 rrada Alta, da mesma freguesia de Cado fute

E para constar, lousa e com duplicado este afonso, que depois de ser lido e confiado perante os conjuges e testemunhas, assigno com todos. Era
ut supra

Visconde de Coman Botelho

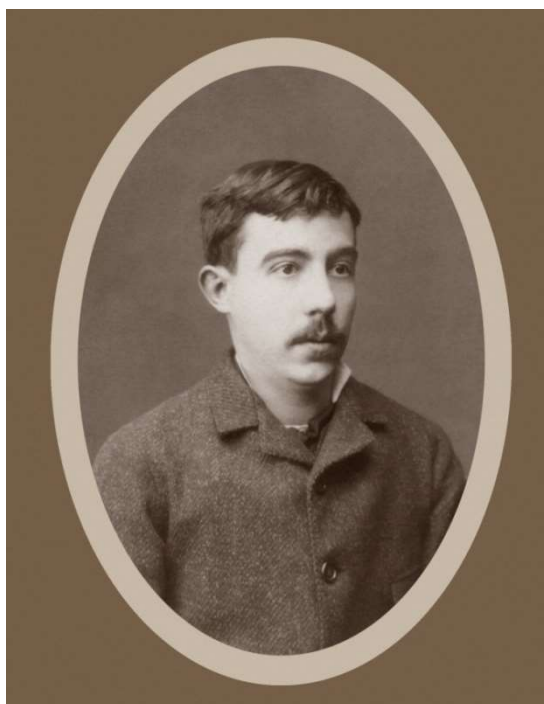
Anna Augusta Klaido
Antonia Geronima de la Paz
María Antonia de la Paz
Joaquín Torres Montañés
José de la Cruz Torres
Antonio de la Cruz Torres

Figura 32 – Casa onde Ana Augusta Plácido e Camilo casaram



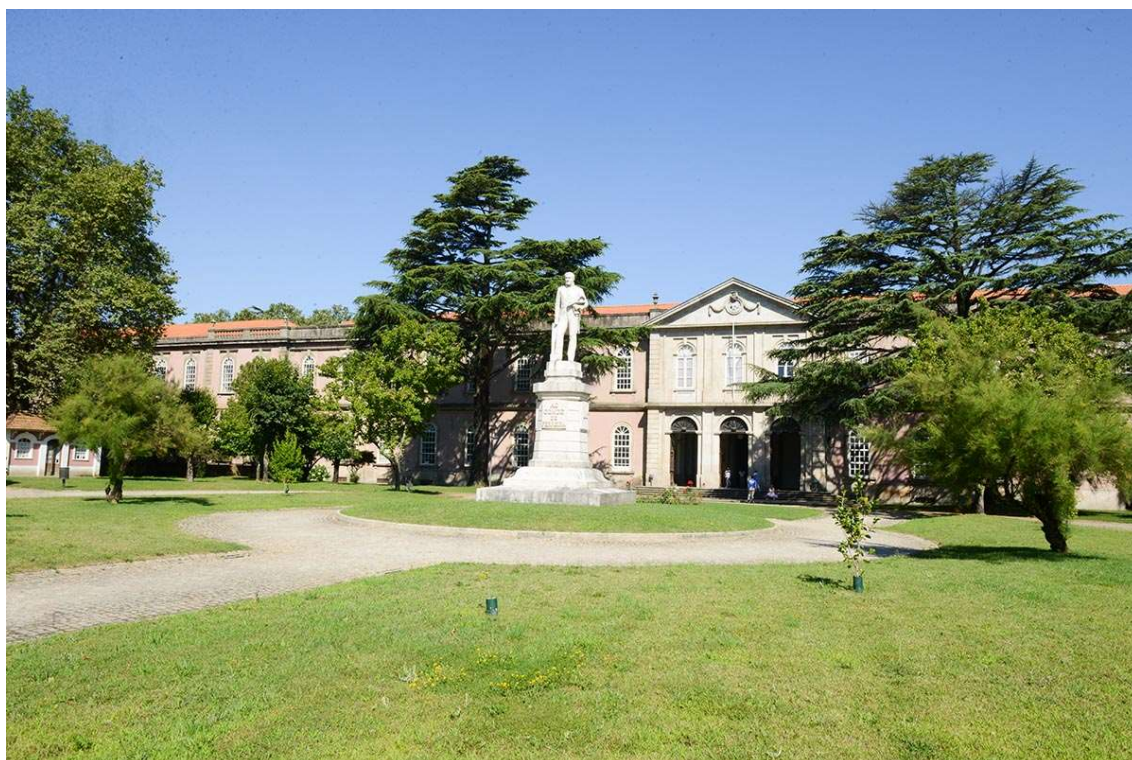
Fonte: *Blog Casa de Camilo.* Disponível em <https://casadecamilo.wordpress.com/2018/03/07/130-anos/casa-2/>.

Figura 33 – Jorge Castelo Branco



Fonte: *Blog* Casa de Camilo. Disponível em
<https://casadecamilo.wordpress.com/tag/jorge-castelo-branco/> (consultado em
24/08/2022)

Figura 34 – Hospital de Conde Ferreira



Fonte: Open House Porto. Disponível em <https://2018.openhouseporto.com/places/hospital-conde-ferreira/>

Figura 35 – Nuno Plácido Castelo Branco

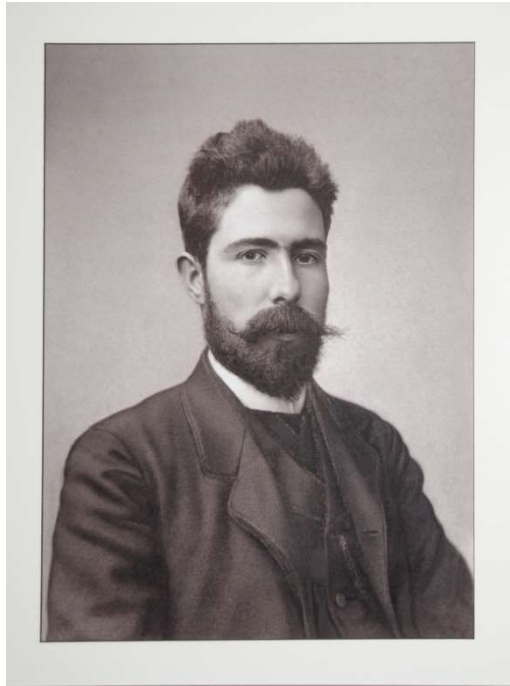


Figura 36 – Maria Isabel da Costa Macedo, retrato existnde na Casa Museu de S.
Miguel de Seide



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 37 – Ana Rosa Correia



Fonte: (Cabral, 1992: 203)

Figura 38 – Flora Augusta Castelo Branco



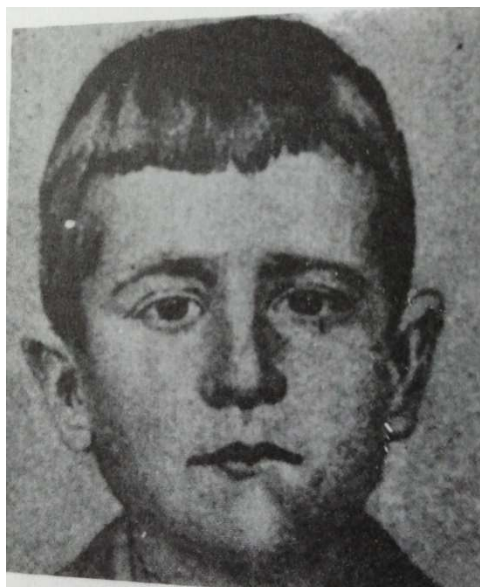
Fonte: (Cabral, 1992: 149)

Figura 39 – Raquel Castelo Branco



Fonte: (Cabral, 1992: 156)

Figura 40 – Manuel Correia Botelho Castelo Branco, neto de Ana Plácido e Camilo



Fonte: (Cabral, 1992: 156)

Figura 41 – Nuno Castelo Branco, neto de Ana Plácido e Camilo Castelo Branco



Fonte: (Cabral, 1992: 156)

Figura 42 – Sepultura de Camilo Castelo Branco, no Cemitério da Lapa



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 43 – Bernardina Amélia



Fonte: *Blog Casa de Camilo*. Disponível em <https://casadecamilo.wordpress.com/tag/bernardina-amelia/> (consultado em 24/08/2022).

Figura 44 – Ana Augusta Plácido



Fonte: (Silva, 2017: 127)

Figura 45 – Ana Augusta Plácido



Fonte: (Cabral, 1991)

Figura 46 – Camilo e Ana Augusta Plácido



Fonte: Tribunal da Relação do Porto. Processos Emblemáticos: Camilo Castelo Branco.
Disponível em <https://museuvirtual.trp.pt/pt/processos-emblematicos/camilo-castelo-branco> (consultado em 24/08/2022).

Figura 47 – Jazigo de família de Ana Augusta Plácido, no cemitério de S. Miguel de Seide



Fonte: @Mariana Silva, 2022

Figura 48 – Casa-Museu de Camilo, em S. Miguel de Seide



Fonte: @Mariana Silva, 2022

Figura 49 – Obelisco em homenagem à visita de António Feliciano de Castilho, S.
Miguel de Seide



Fonte: @Mariana Silva, 2022

Figura 50 – Sala de trabalho de Ana Plácido, na Casa de S. Miguel de Seide



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 51 – Sala de trabalho de Ana Plácido, na Casa de S. Miguel de Seide



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 52 – Estante na sala de trabalho de Ana Plácido, S. Miguel de Seide



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 53 – Retrato de George Sand, na sala de trabalho de Ana Plácido



Fonte: @Mariana Silva, 2022

Figura 54 – Quarto de Ana Plácido e Camilo; cama de Ana Plácido, em S. Miguel de Seide



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 55 – Quarto de Ana Plácido, em S. Miguel de Seide



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 56 – Quarto de Ana Plácido, em S. Miguel de Seide



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 57 – Quarto de Ana Plácido, em S. Miguel de Seide



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 58 – Retratos no quarto de Ana Plácido (seriam os pais?)



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 59 – Escritório em S. Miguel de Seide. A secretária é dupla, permitindo que duas pessoas (Camilo e Ana Plácido) trabalhem em simultâneo)



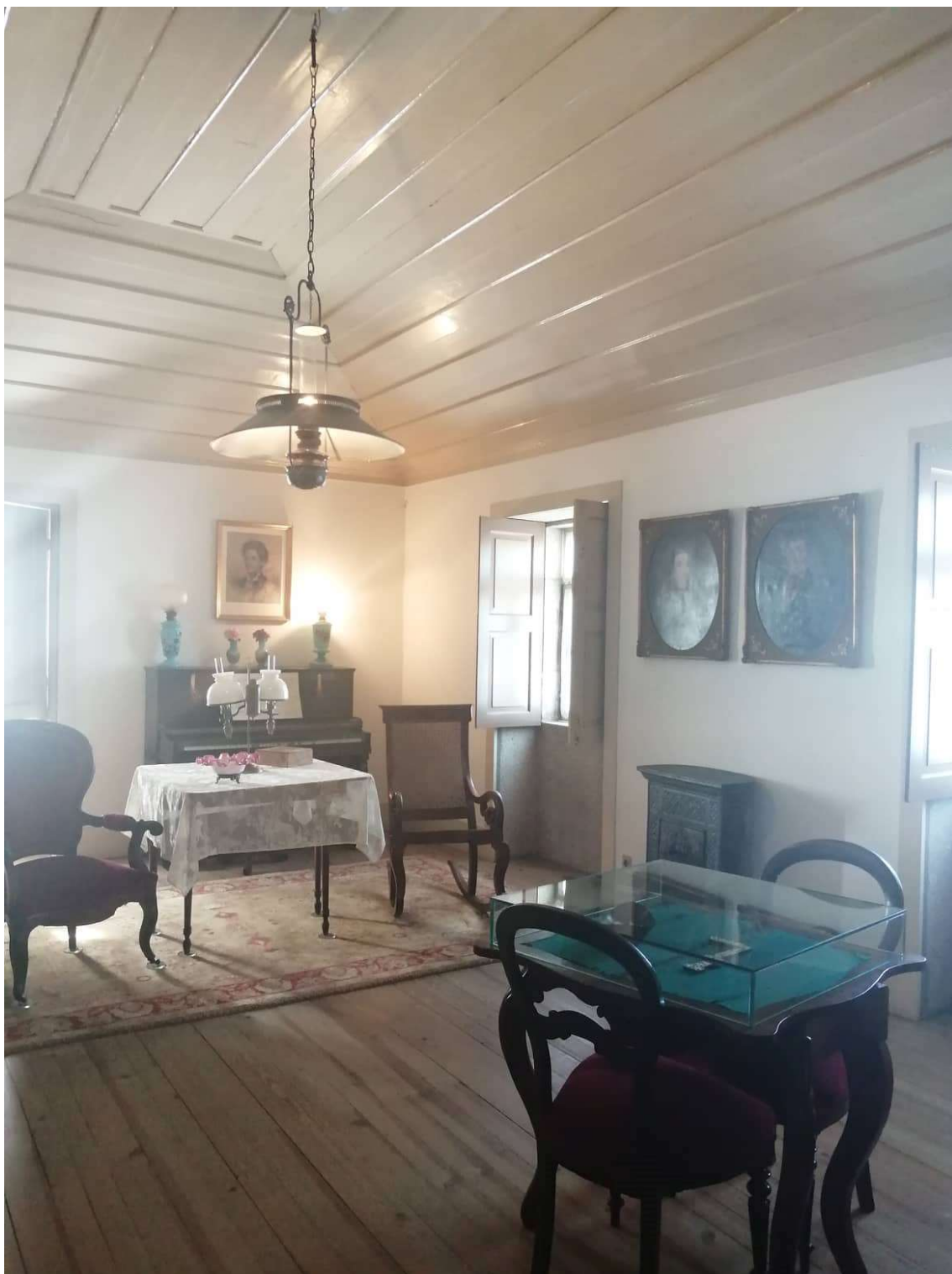
Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 60 – Quarto de Ana Plácido e Camilo; cama de Camilo, em S. Miguel de Seide



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 61 – Sala de visitas onde Camilo se suicidou, em S. Miguel de Seide; nas paredes, os retratos dos três filhos Manuel, Jorge e Nuno



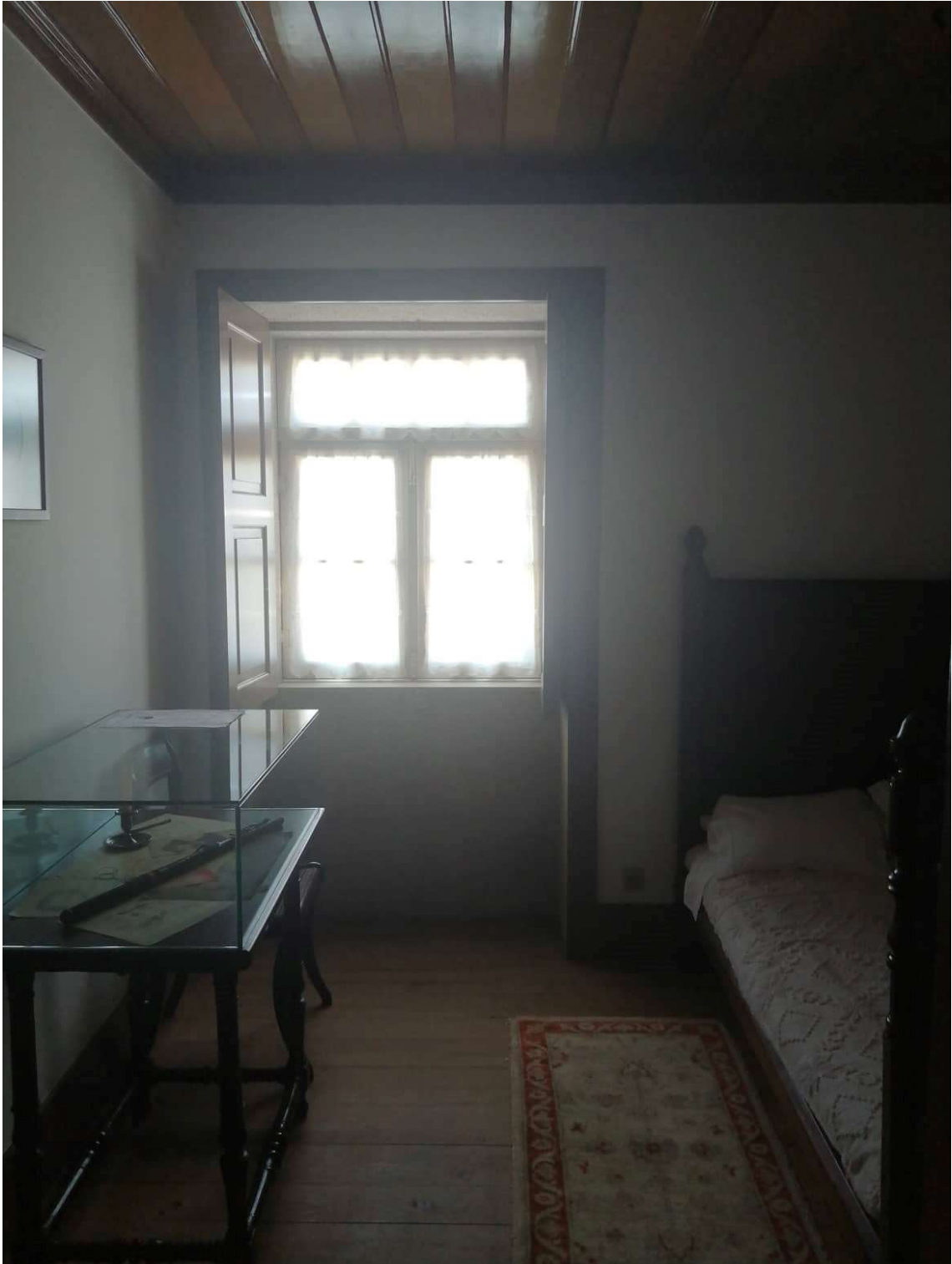
Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 62 – Piano de Ana Plácido, na sala de visitas. Retrato de Manuel Augusto Plácido



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 63 – Quarto de Jorge, em S. Miguel de Seide



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 64 – Flauta e desenhos do Jorge



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 65 – Quarto do Nuno



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 66 – Cozinha na Casa de S. Miguel de Seide



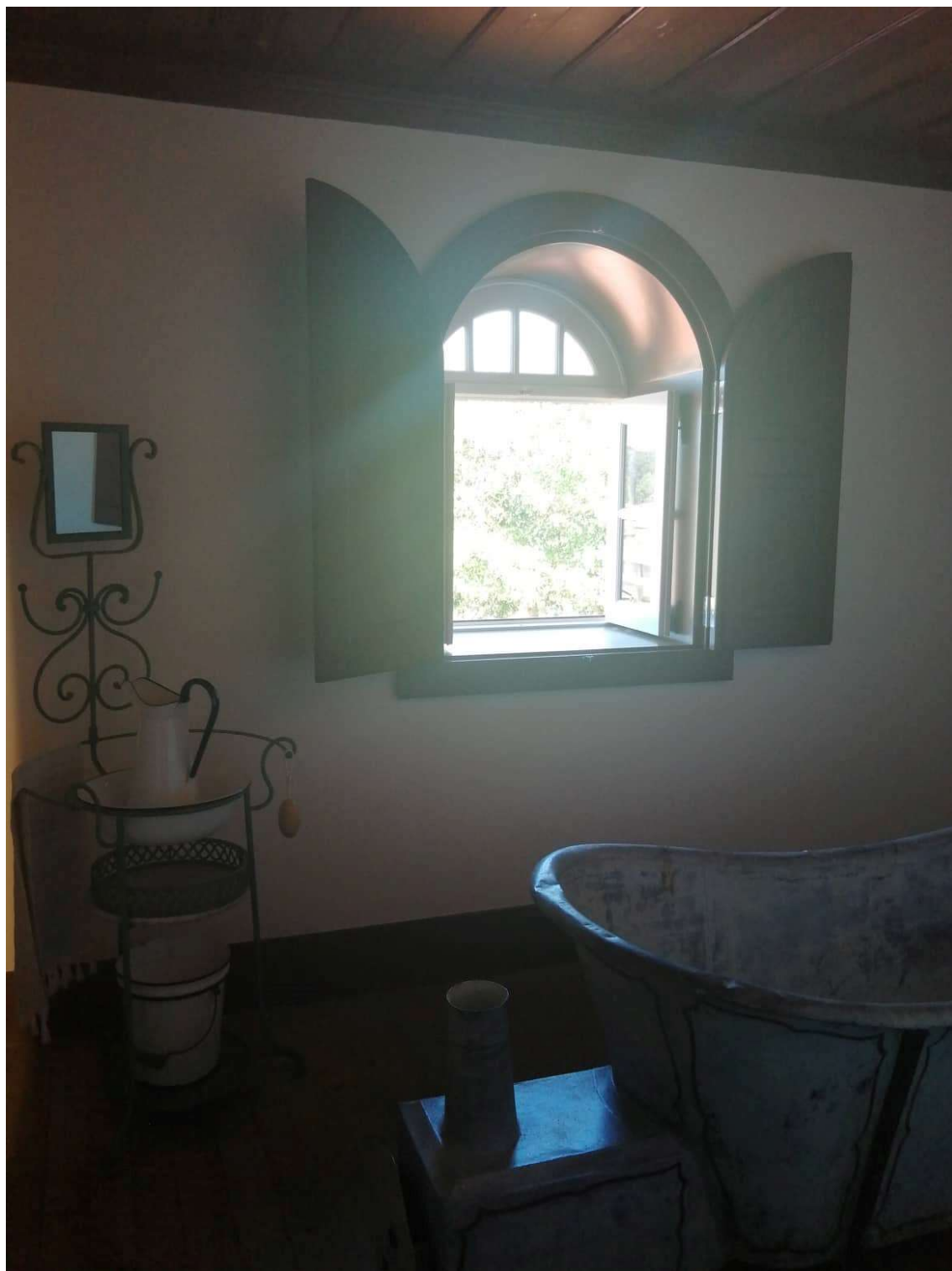
Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 67 – Sala de jantar na Casa de S. Miguel de Seide



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 68 – Sala de banho, em S. Miguel de Seide



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 69 – Mirante de Ana Plácido, em S. Miguel de Seide



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 70 – Mirante de Ana Plácido, em S. Miguel de Seide



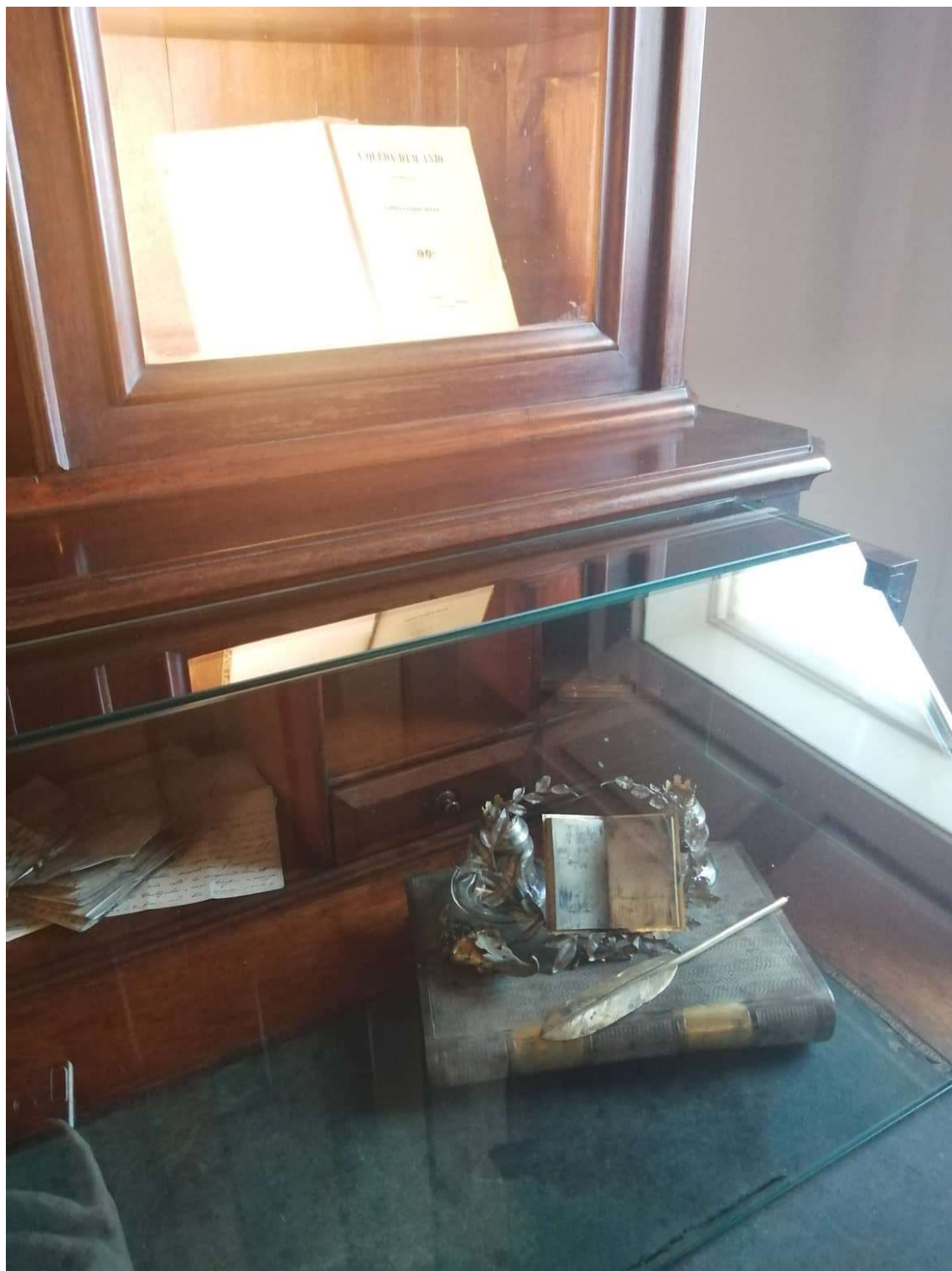
Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 71 – Acácia do Jorge



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 72 – Tinteiro de Ana Plácido



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 73 – Retrato dos filhos na sala de trabalho de Ana Plácido



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 74 – Luvas que pertenceram a Ana Plácido



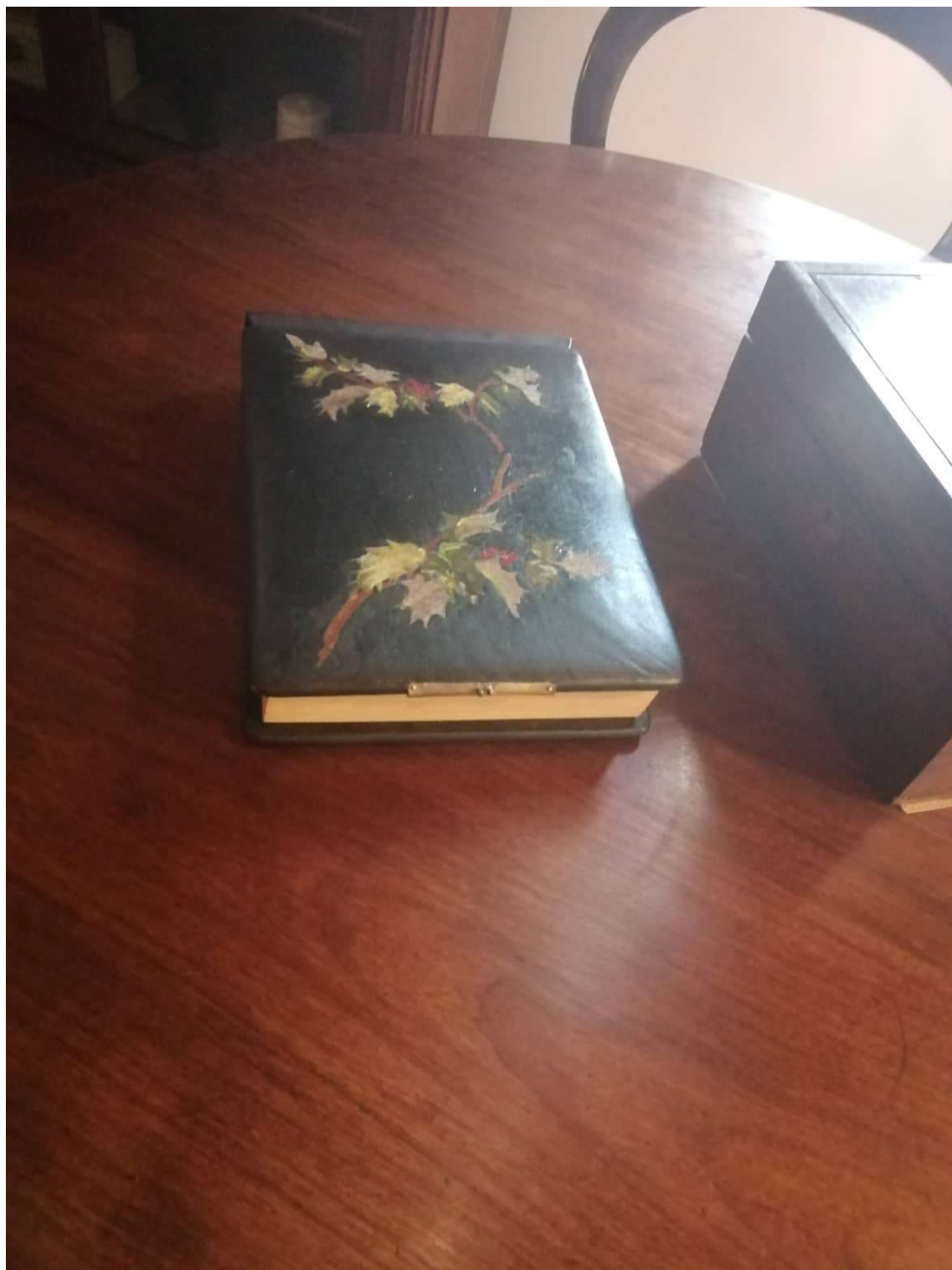
Fonte: @ Mariana Silva, 2020

Figura 75 – Botinas e sombrinha de Ana Plácido



Fonte: @ Mariana Silva, 2020

Figura 76 – Reprodução do álbum de família de Ana Plácido



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 77 – Nuno Plácido Castelo Branco com um dos filhos



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 78 – Retratos de Manuel Plácido e Jorge Castelo Branco



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 79 – Retratos de Manuel Plácido e Jorge Castelo Branco



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 80 – Retratos de Manuel Augusto Plácido, Jorge Castelo Branco, Ana Augusta Plácido e Camilo Castelo Branco



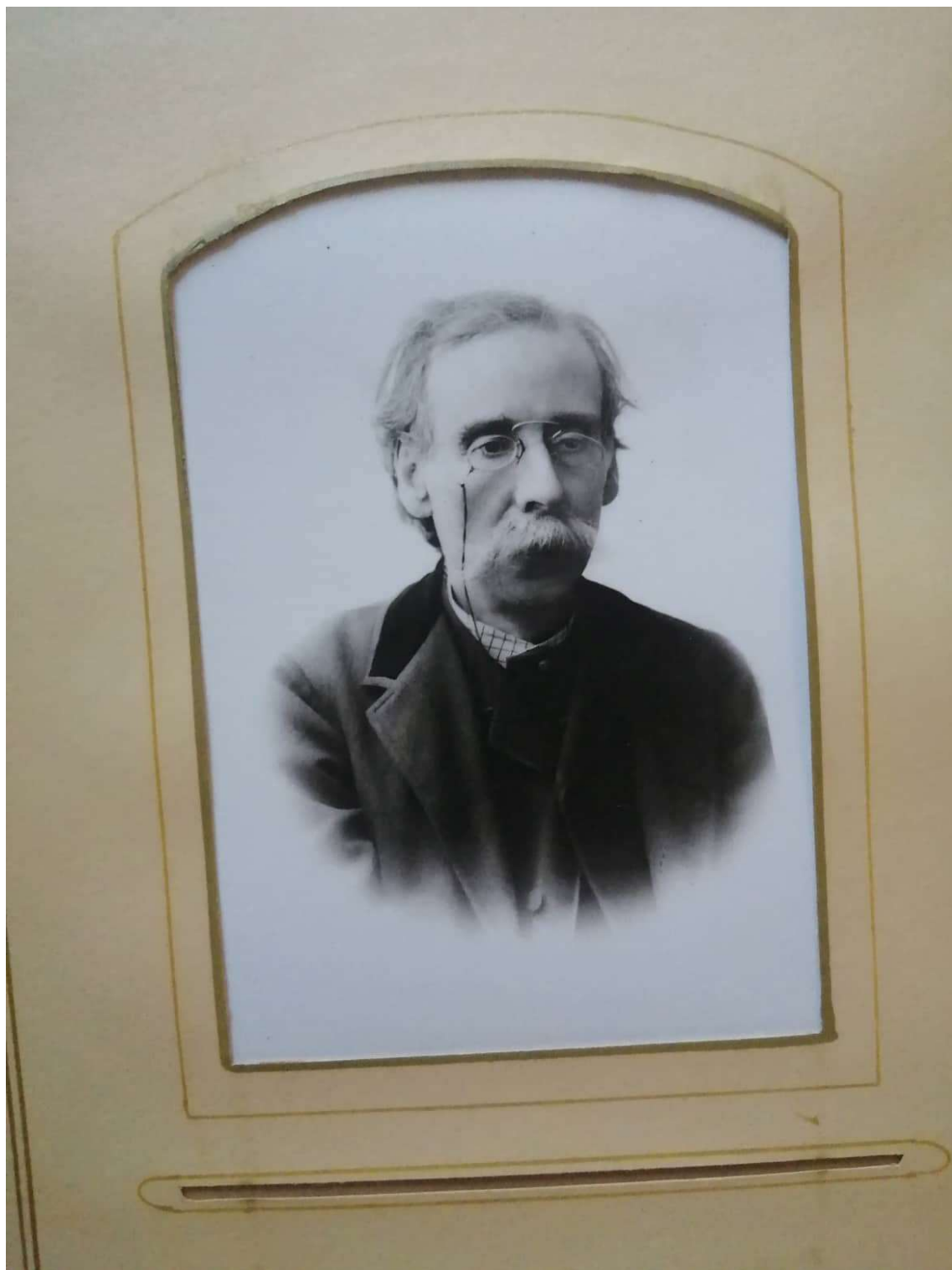
Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 81 – Jorge Castello Branco



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 82 – Camilo Castelo Branco



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 83 – Retratos dos três filhos de Ana Plácido, em crianças



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 84 – Camilo Castelo Branco



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 85 – Manuel Augusto com amigos da família, cuja identidade não conseguimos definir

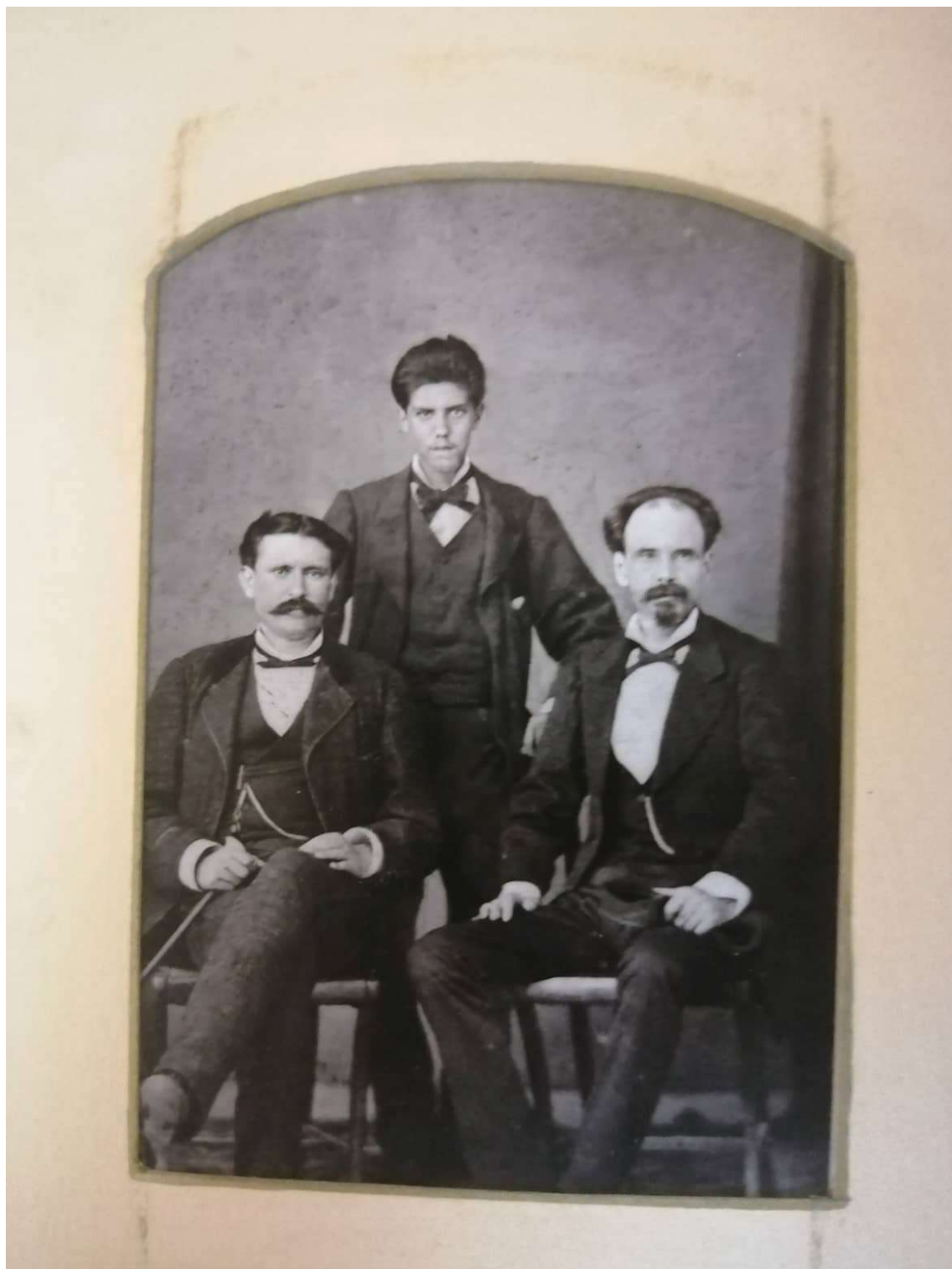
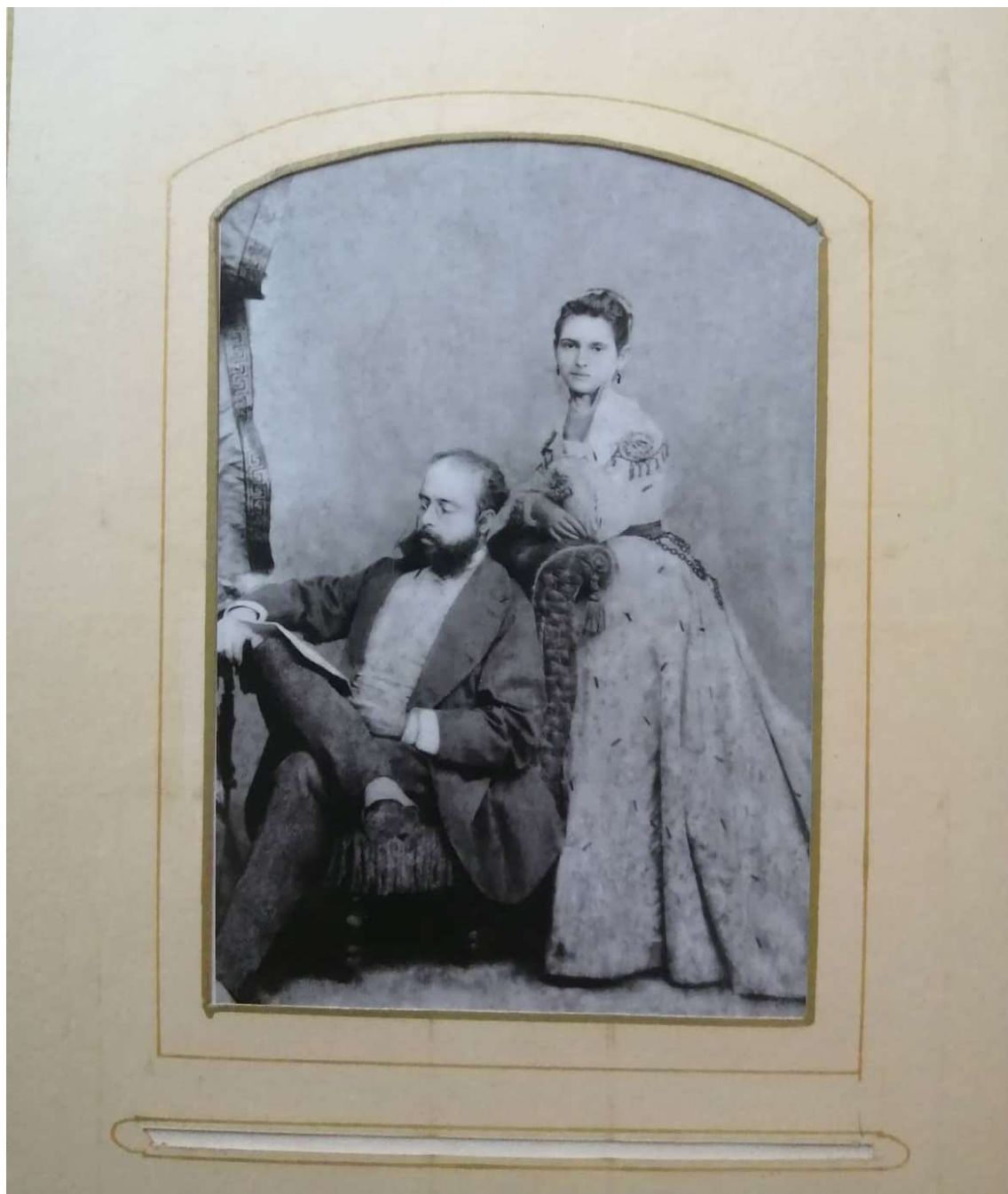


Figura 86 – José Cardoso Vieira de Castro e a esposa



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 87 – Retratos de Ana Plácido na Casa de Camilo



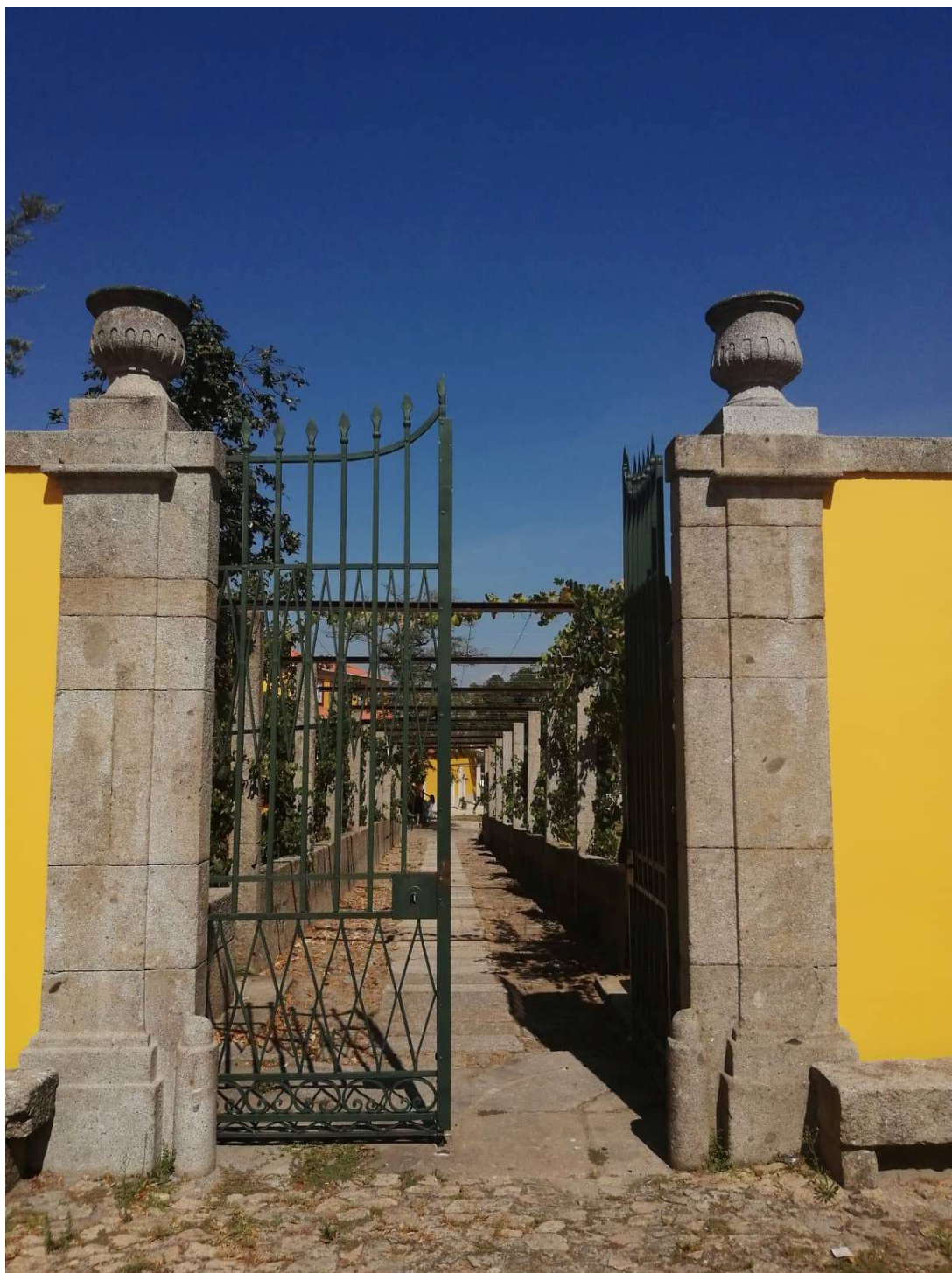
Fonte: @ Mariana Silva

Figura 88 – Paisagem da janela do quarto de Ana Plácido



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 89 – Entrada da Casa de S. Miguel de Seide



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 90 – Traseiras da casa de S. Miguel de Seide



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 91 – Jardim da Casa de S. Miguel de Seide



Fonte: @ Mariana Silva, 2022

Figura 92 – António Bernardo Ferreira



Fonte: (Cabral, 1992: 267)

Figura 93 – António Azevedo Castelo Branco, sobrinho de Camilo Castelo Branco



Fonte: (Cabral, 1992: 146)

Figura 94 – António Feliciano de Castilho



Fonte: (Cabral, 1992: 159)

Figura 95 – António Ferreira de Macedo Pinto, amigo de Pinheiro Alves



Fonte: (Cabral, 1992: 493)

Figura 96 – Custódio José Vieira, padrinho de Nuno Plácido Castelo Branco



Fonte: (Cabral, 1992: 658)

Figura 97 – Evaristo Basto, amigo de Camilo Castelo Branco



Fonte: (Cabral, 1992: 58)

Figura 98 – Francisco de Paula da Silva Pereira, intermediário entre Pinheiro Alves, Ana Plácido e Camilo



Fonte: (Cabral, 1992: 484)

Figura 99 – Freitas Fortuna, amigo de Camilo e Ana Plácido



Fonte: (Cabral, 1992: 281)

Figura 100 – José Barbosa e Silva, amigo de Camilo e Ana Plácido



Fonte: (Cabral, 1992: 52)

Figura 101 – José Luciano de Castro, testemunha no processo de Camilo e Ana Plácido



Fonte: (Cabral, 1992: 168)

Figura 102 – José Pereira Reis, amigo de Pinheiro Alves



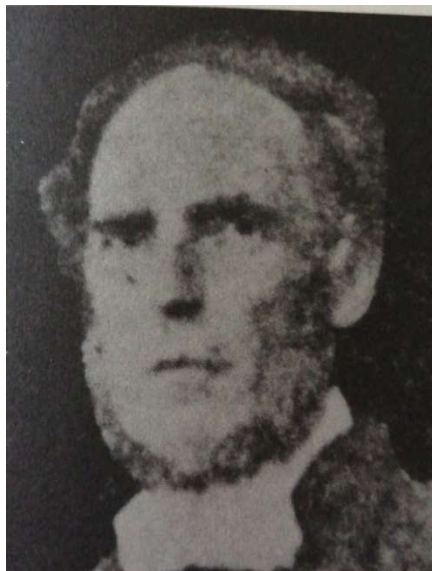
Fonte: (Cabral, 1992: 555)

Figura 103 – Júlio César Machado, amigo de Camilo e autor do prefácio de Luz Coadá por Ferros, de Ana Plácido



Fonte: (Cabral, 1992: 381)

Figura 104 – Luís António Pereira da Silva, amigo de Pinheiro Alves



Fonte: (Cabral, 1992: 609)

Figura 105 – Ricardo Jorge



Fonte: Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Disponível em <https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul-artigo/108/ricardo-jorge-pioneiro-da-saude-publica-em-portugal>

Figura 106 – Tomás Ribeiro



Fonte: (Cabral, 1992: 566)

Figura 107 – Retratos que fazem parte do álbum, mas cuja identidade não conseguimos definir



